

**RUBENS COLAÇO: PAIXÃO E VIDA**  
A TRAJETÓRIA DE UM LÍDER SINDICAL

GERALDO DE MAJELLA



GERALDO DE MAJELLA

**RUBENS COLAÇO: PAIXÃO E VIDA**  
**A TRAJETÓRIA DE UM LÍDER SINDICAL**

2010

### Um tecelão da história

Geraldo de Majella vem realizando um trabalho historiográfico que constitui uma inestimável contribuição à memória das lutas políticas nas Alagoas, especialmente no tocante à militância do Partido Comunista Brasileiro. Seu trabalho nos revela um intelectual e militante que se sente encarregado de uma missão: a missão de evitar o silêncio e o vazio da memória. Majella, como é chamado pelos próximos e amigos, tem reunido uma documentação de primeiro plano, que sem sua dedicação muito provavelmente se perderia para todo o sempre, o que nos privaria de um referencial único para conhecermos os trajetos pessoais e coletivos que foram a tessitura de um passado de lutas inscrito na trama essencial da nossa história. E este trabalho ele o faz não como guardião egoísta de um tesouro, mas partilhando-o com seu povo e sua gente.

Este seu novo livro, *Rubens Colaço. Paixão e vida. A trajetória de um líder sindical* é mais uma prova da obra que vem construindo nesta tarefa de *tecelão da história*. Diante, muitas vezes, da ausência de registros documentais, ele se propôs preencher esta falta com o recurso da memória de muitos que participaram das lutas políticas da esquerda em Alagoas, recorrendo ao recurso da história oral, provocando e suscitando depoimentos que, repita-se, sem seu trabalho não existiriam.

No caso do presente livro, uma longa reconstituição da história política brasileira a partir do depoimento de um militante comunista alagoano, Rubens Colaço, são tantas suas qualidades que é difícil dizê-las todas no espaço de uma orelha. Este não é um livro que fica circunscrito à historiografia partidária. As singularidades da especial trajetória de Rubens Colaço, a enorme riqueza do seu depoimento, ultrapassam tal limite. Este é um livro já obrigatório na historiografia política brasileira, em especial dos anos 50 ao golpe de 1964 e seus desdobramentos.

No mundo político e cultural das Alagoas, dominado pela esmagadora presença do latifúndio açucareiro e pecuário, pela quase total *privatização* do Estado em benefício dos interesses dos donos da terra, este livro traz o registro de outra história. Outra história da qual tomamos conhecimento através da trajetória de vida de Rubens Colaço, homem de origem camponesa, e da sua luta por outro projeto de sociabilidade política e cultural representado pela militância no Partido Comunista Brasileiro.

Há duas tramas indissociáveis neste rico relato de uma vida. A primeira representada pela trajetória pessoal do próprio Rubens Colaço. Sua formação

intelectual e política, originada no seio de uma confissão evangélica e que tomou outros rumos com sua filiação ao Partido. Contudo, há mais, muito mais. E este mais consiste na inserção de *paixão* e *vida* em um projeto político inserido em um movimento de dimensão universal. Pois este era o horizonte que moveu homens e mulheres em todo o mundo a dedicarem suas vidas a uma militância que possuía um aspecto de religião, como lembrou Gildo Marçal Brandão em uma bela entrevista pouco antes de sua morte. Assim, há neste livro uma apaixonante dialética entre memória e história, entre vida individual e ação coletiva. Vale, ainda, assinalar que o livro se complementa por anexos com escritos do próprio Rubens Colaço, com registros sobre as repercussões de sua morte e por notas biográficas valiosas.

Impossível não dizer: este é um belo e precioso livro. Seus leitores serão gratos ao seu autor. É impossível lê-lo sem sermos tomados por um sentimento de emoção e de reconhecimento pela reconstituição de uma história que mesmo os que não a viveram passarão, com este livro, a tê-la como sua.

Denis Bernardes. Historiador. Professor da Universidade Federal de Pernambuco.

## Prefácio

Ler o livro de Geraldo Majella para escrever este texto obrigou-me a voltar no tempo e repassar na memória os anos que vivi em Maceió na década de 80.

Vinha de uma militância juvenil entusiasmada no Partido Comunista Português, no meu país, que eu mal conhecia, mas que tive a sorte de ver de repente se transformar em abril de 74.

É intransferível e intransmissível a experiência de viver e participar de um processo revolucionário. Esta mudou para sempre minha vida porque eu vivi a realidade de que outro mundo é possível. Foi efêmera, de fato, mas conquistas perduram e impedem negar o que aconteceu, e quem viveu não pode esquecer que foi possível.

Rubens Colaço não teve a sorte que eu tive. Lutou toda a vida, olhos postos numa utopia de um mundo de igualdade que nunca viu materializar-se. Acreditou, como milhões, numa experiência de poder operário lá no fim da Europa, e quando ela ruiu, aquele horizonte utópico se esvaiu. Então olhou para mais perto, para os trabalhadores agrícolas da zona da mata alagoana, e reinventou seu horizonte.

Mas, voltando aos anos 80 em Maceió. Era um tempo de abertura política no Brasil, era tempo da luta pela anistia ampla, geral e irrestrita para os que estavam ausentes, no exílio ou encarcerados. Foi nesse movimento que tentei iniciar uma nova militância política de resistência à opressão e luta por uma sociedade mais justa. A aproximação ao Partido Comunista Brasileiro, o PCB, foi um passo natural, que me levou a participar do período de reconstrução de um partido dizimado pelo regime militar.

Dois grupos distintos protagonizaram esse processo em Alagoas: os velhos militantes, de origem operária e marcados pelas vicissitudes de sua condição econômica e da repressão política que haviam sofrido; e os jovens idealistas, a quem a abertura do regime dava asas para expressar sua rebeldia numa militância consequente.

Rubens Colaço foi uma reconhecida liderança do primeiro grupo no início da reconstrução. Formado nas tradições stalinistas do Partido, havia se incumbido da missão de ensinar a esses jovens estudantes com pretensões intelectuais, de origem burguesa e cidadina, para quem ele olhava de soslaio com certa desconfiança, o que era ser um operário comunista. As aprendizagens mútuas ocorriam no cotidiano, e os embates também.

Na borracharia onde ele trabalhava, ou na vidraçaria, na alfaiataria, na fábrica têxtil ou na barbearia onde trabalhavam os outros, encontrávamo-nos para ouvir sobre o passado os relatos de coragem, as histórias que agora podiam ser contadas sem medo. Para os jovens militantes aqueles relatos soavam à apropriação de um patrimônio que de alguma forma lhes pertencia, ainda que nunca o houvessem vivido. Para os velhos militantes operários, as dificuldades de compreensão e adaptação às novas exigências para a construção de um partido num regime democrático eram matizadas pela admiração que percebiam nos seus jovens ouvintes. Uns detinham a glória pelas coragens do passado; os outros, a vontade de construção do futuro. Os dois grupos, ao tempo que se complementavam, aliando experiência do passado e perspectiva no futuro, para a reconstrução do PCB naquele momento, bordavam, lentamente, seu mútuo afastamento. O relato que Geraldo Majella oferece neste livro deixa entrever este lento processo de transformação do fazer político que nos atingiu a todos naqueles anos.

Relembrando o período, tomo consciência do sofrimento pelo qual terá passado Rubens Colaço ao perceber seu descompasso com as exigências de um partido de novo tipo, numa sociedade democrática, com sucessivos processos eleitorais. Contudo, aquela foi uma época de transformação que havia de ser vivida. Coube a estas pessoas, em Alagoas, passar por ela.

Certos ou errados, com passados, presentes ou futuros comandando nossas compreensões do momento histórico que vivíamos, queríamos todos um país mais justo, e livre da opressão.

Este relato é um material de pesquisa para os jovens historiadores interessados na recente história política do Brasil, cuja importância está em nos obrigar a ir buscar, nas lutas e histórias de vida passadas, as origens de nossas conquistas de hoje.

Cristina Carvalho

Baía da Guanabara, 14 de julho de 2009

## Introdução

### **Resgatando a história dos velhos militantes e das lutas sociais em Alagoas**

O livro *Rubens Colaço: paixão e vida – a trajetória de um líder sindical* nasce na década de 1980, fruto da influência da então estudante de economia, Cristina Amélia Pereira, hoje uma conceituada professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cristina e eu iniciamos as gravações com depoimentos de velhos militantes comunistas, e o primeiro deles foi o ex-dirigente sindical Rubens Colaço Rodrigues.

A metodologia que utilizamos tem como base a história oral. O nosso objetivo não era senão a coleta de depoimentos em que a memória e as recordações dos militantes fossem valorizadas e também déssemos início à organização do arquivo do PCB em Alagoas.

A história de vida de Rubens Colaço era o pontapé inicial do que nós desejaríamos, principalmente por ser um militante bastante conhecido, e isso possibilitaria abrir os caminhos para que realizássemos outras entrevistas. Havíamos, Cristina e eu, solicitado entrevistas a outros antigos comunistas e não fomos bem-sucedidos.

As nossas limitações técnicas e metodológicas são hoje perfeitamente percebidas; mesmo assim, resolvi deixá-las de lado e, numa demonstração pública do que pretendíamos realizar, e em certa medida realizamos, conseguimos gravar alguns depoimentos. Isso foi possível, mas infelizmente sem nenhum tipo de orientação acadêmica.

Hoje, parodiando o cineasta baiano Glauber Rocha, andávamos alegremente com uma ideia na cabeça e um gravador nas mãos, em busca de reconstituir a história do PCB nas Alagoas.

Pode-se dizer, com certo exagero da minha parte, que os comunistas alagoanos se aproximam de algumas sociedades ágrafas – por existirem há tantas décadas e não terem deixado nada de substancial escrito: memórias, relatos, depoimentos ou textos de outros gêneros literários. Exceções feitas a Graciliano Ramos, que nos legou uma obra monumental, *Memórias do Cárcere*, em dois volumes, e Aylton Quintiliano, que escreveu um livro de memórias romanceadas, *A Grande Muralha*.

O camponês pilarense José Pureza da Silva contou com a colaboração de Eliane Cantarino O’Dwyer na organização do seu livro *Memória Camponesa*, obra que relata a intensa luta que os trabalhadores rurais do norte fluminense desenvolveram tendo à frente esse bravo alagoano, ainda desconhecido, mas que faz parte da história das lutas sociais no campo brasileiro.

Diante das dificuldades, jogamo-nos de corpo e alma no trabalho para documentar o nosso passado. Digo nosso porque o Partido Comunista era, para além da instituição a que pertencíamos, uma das poucas organizações sociais que transformavam jovens, estudantes e trabalhadores em cidadãos “incluídos”, numa sociedade excludente por essência, que não admitia a existência dos comunistas enquanto atores políticos.

Passamos anos a fio vivendo à procura de fontes para construirmos, a partir da história oral, a história do PCB em Alagoas. A gravação dos depoimentos foi a alternativa que encontramos diante da escassez de fontes documentais escritas. A história oral passou a merecer a nossa total, mas não exclusiva, atenção. O que poderia ser entendido como um problema, para nós acabou se transformando em um recurso.

Rubens Colaço era a figura mais conhecida do PCB em Alagoas: boêmio, bom orador e declamador de poesias. Foi o primeiro a ser selecionado por nós, por esses e tantos outros atributos. Por muitos anos ele viveu distanciado da estrutura formal do Partido; isso aconteceu não por ato voluntário, mas porque a seção alagoana dos comunistas, desde o início da década dos anos setenta, perdeu por completo as ligações com a direção nacional. Por esse motivo, os comunistas de Alagoas ficaram sem comunicação entre si e aos poucos foram se distanciando uns dos outros. Essa situação perdurou por quase uma década.

Enquanto isso, a representação formal do PCB era “atribuição” que o velho agitador de massas, Rubens Colaço, chamava para si, como se fosse o capitão de um time de futebol. Na falta de uma estrutura coletiva, e consequentemente, de estrutura organizativa, restava apenas a sua voz. Nessas circunstâncias, Colaço era a voz, os ouvidos e a alma do PCB, em movimento pela cidade de Maceió, com base no bucólico bairro do Poço.

Alguns velhos militantes foram contatados, mas não aceitaram, no primeiro momento. Porém, depois que souberam que o Rubens Colaço havia gravado um longo depoimento, as resistências cessaram. O comerciante e antigo militante do PCB, Mozart Verçosa Damasceno, preparou um almoço em sua residência, na cidade de Murici, e gravou o segundo depoimento.

O antigo padeiro José Rosa de Oliveira, ex-membro do diretório estadual do PCB, destacado sindicalista e líder dos padeiros em Maceió na década de 1950, quando gravou o seu depoimento já não era mais militante do Partido nem padeiro. Na ocasião, era tão só um pequeno comerciante do ramo de vidraçaria e prestou um depoimento muito emocionante.

Ainda conseguimos, nesse período, gravar um pequeno depoimento com a viúva do ex-dirigente Júlio de Almeida Braga, Alice Braga. Obtivemos de muitos militantes e de familiares, fotografias, recortes de jornais, originais



de livros, cartas e exemplares esparsos do semanário *A Voz do Povo*, pequenas referências que contribuíram para formar um acervo sobre o PCB.

Os anos de trabalho, ainda que não ininterruptos, têm este primeiro resultado: *Rubens Colaço: paixão e vida – a trajetória de um líder sindical*. A vida política dessa figura que entrou para a história do movimento operário de Alagoas, talvez, se não fosse esta iniciativa, não seria registrada de forma tão autêntica, sincera e aberta.

O registro deixado por Rubens Colaço a respeito das lutas sociais nas Alagoas, da segunda metade da década de 1950 até o golpe militar em 1º de abril de 1964, merece ser aprofundado, sobretudo por ter ele participação direta na organização de sindicatos rurais e urbanos. No caso dos urbanos, o Sindicato dos Rodoviários teve nesse período um papel importante na reaglutinação do movimento sindical progressista, que resultou na constituição do Comando Geral dos Trabalhadores – CGT.

Este longo depoimento é certamente o primeiro a ser publicado em Alagoas, em que um trabalhador aborda questões tão complexas e variadas da vida política do estado, do país e internacionais. Há de se considerar o tanto de “ousadia intelectual” – expressão que Colaço usava com frequência – ao dissertar sobre assuntos que o mundo acadêmico trata à luz de categorias sociológicas e econômicas.

A formação intelectual desse operário versátil, como bem foi descrita por ele próprio, ocorreu, a princípio, entre aulas dominicais junto aos batistas e a sua imersão por completo no Partido Comunista Brasileiro, sendo, pois, autodidata, visto que conseguiu estudar por conta própria e sem nenhuma orientação ou mesmo método acadêmico.

A contribuição de Rubens Colaço para a história do movimento sindical alagoano, antes da edição do livro, era uma referência para os que conviveram com ele e com ele partilharam aqueles anos de agitações políticas e de efervescentes lutas sociais. As gerações que nasceram depois de 1964 e apenas ouviram falar vagamente dessa figura e de tantas outras, terão agora a oportunidade de conhecê-lo por dentro, com esse histórico depoimento.

Muitas vezes as suas opiniões chocarão os leitores, creio, pela forma incisiva com que Colaço aborda as pessoas e os fatos históricos, mas essa era a forma como ele se relacionava e uma das suas características pessoais.

O livro traz um longo trecho em que a vida de Colaço esteve por um fio. Isso se deu quando os discípulos do delegado Rubens Quintela o torturaram implacavelmente. Esse relato é um dos pontos mais significativos da história recente de Alagoas, pois constitui um capítulo que ainda não foi escrito. O que motivou as torturas foi uma possível denúncia, extraída também através de suplícios, que envolveria o então vice-governador de Alagoas, Teotônio

Vilela, o usineiro Mauricio Gondim e o advogado José Moura Rocha. Essa trama diabólica foi engendrada pelo coronel João Mendes de Mendonça, figura obscura e temida, oriunda dos porões lacerdistas do Rio de Janeiro.

A cassação do mandato do vice-governador Teotônio Vilela era uma possibilidade aventada naquele período. Mesmo sendo favorável à deposição, através do golpe militar, do presidente João Goulart, Teotônio teve o seu nome incluído numa lista de prováveis cassados, sendo preservado pelo comandante do golpe em Alagoas, o governador Luiz Cavalcante. Isso hoje é um fato de conhecimento público, pelo menos para os que se detêm a estudar a história recente de Alagoas.

As relações intelectuais, políticas e de boemia do velho Teotônio com figuras reconhecidamente comunistas ou da esquerda em Alagoas eram também um dos motivos da luta interna nos bastidores palacianos por parte de segmentos golpistas. E o fato de Teotônio integrar a Associação dos Amigos de Cuba só fez crescer a “mancha” em seu currículo político naqueles tempos.

E o que tem a ver o operário e boêmio Rubens Colaço com isso? Os leitores terão a oportunidade de ler e entender o relacionamento dele com estas três personalidades: Teotônio Vilela, Mauricio Gondim e José Moura Rocha. Nunca ele poderia imaginar que fosse colocado como pivô de uma trama urdida por militares golpistas. Restou a Colaço a única opção: resistir e, inteligentemente, criar uma situação inusitada no cárcere: realizar uma greve de fome.

Este capítulo da história recente de Alagoas começa a ser escrito com a confissão do seu torturador, o delegado Rubens Quintela, que vinte e quatro anos após esses bárbaros acontecimentos, calmamente assumiu, numa entrevista dada à revista semanal *Última Palavra*<sup>1</sup>, que havia torturado o líder sindical Rubens Colaço, até mesmo detalhando os motivos.

Rubens Colaço não representa apenas uma geração de quadros políticos formados pelo PCB, mas uma herança histórica vinculada ao movimento operário.

É possível encontrar as influências de vários desses antigos e heroicos militantes operários, oriundos das lutas das primeiras décadas do século XX, tanto em suas falas como nos modelos que se seguiram – entre tantos, o de Júlio de Almeida Braga, o mestre Júlio Galego.

Quem rompeu com a vida sofrida no sertão e por risco e conta própria se tornou músico, pregador batista e depois militante do Partido Comunista Brasileiro, merece de todos nós respeito. Aprendeu em cada uma das escolas que frequentou, na igreja, no PCB e com a música, a viver e a lutar por justiça,

---

<sup>1</sup> *Última Palavra*, Maceió, edição de 23 de setembro de 1988, p. 5.

por igualdade e pelo socialismo, mesmo quando viveu sob a orientação stalinista.

Já Colaço conseguiu encontrar um outro universo fora da rigidez política. E que não deixou de ser uma espécie de religião.

O esforço empreendido para escrever e publicar os seus textos foi enorme. Conseguiu que fosse publicado um conto de sua autoria na *Coletânea Caeté do Conto Alagoano*, livro editado pela Secretaria Estadual de Cultura. Mais uma vez a ousadia e o destemor do velho Colaço se destacam, ao escrever um curto comentário para o livro *Por Amor ao Nosso Pai*, sobre o cabo da Polícia Militar José Henrique da Silva<sup>2</sup>, quando ninguém ousaria chegar perto deste. Recuperamos esse texto e agora estamos republicando-o como anexo nesta edição. Esse texto é hoje uma raridade bibliográfica.

Conseguimos, com amigos comuns, a exemplo de Dário e Lídia Bernardes, assim como Ezir Colaço, uma de suas irmãs, alguns contos e um poema. Com esta última também tivemos acesso a algumas informações valiosas sobre a família.

O retrato que traço do sindicalista e militante comunista Rubens Colaço Rodrigues é, antes de qualquer coisa, um tributo a sua dedicação e bravura, mas é também o reconhecimento da importância do indivíduo e de suas causas: a luta sindical, no primeiro momento, e o Partido, como dirigente de lutas sociais e educador de massas, real papel de um partido comunista.

Colaço é produto de uma época histórica em que o desprendimento e a dedicação integral à causa – a construção do socialismo – eram a força motriz do PCB e de todos os PCs em volta do mundo.

A História de Alagoas tem sido reescrita, e nesse processo as lutas sociais, que foram ocultadas durante anos, agora ocupam espaços merecidos pela sua relevância e significação. A descoberta dos indivíduos nesse processo é igualmente reveladora de sua importância na sociedade, sejam operários ou intelectuais, homens ou mulheres. É nesse contexto que a figura do operário Rubens Colaço aparece com brilho.

---

<sup>2</sup> **José Henrique da Silva**, escritor e cabo da Polícia Militar de Alagoas, publicou *Por Amor ao Nosso Pai*, edição do autor, 1981, 243 p. Escreveu o livro quando ainda estava preso no Quartel-Geral da PM, em Maceió. A tragédia se abateu sobre a família Omena quando o pai do autor, Silvino Henrique da Silva, administrador de fazendas da usina Terra Nova, foi assassinado por Ernesto Calheiros, em 21 de dezembro de 1978; outras três pessoas foram também assassinadas, inclusive uma criança de 12 anos. Esses bárbaros crimes tiveram a complacência da cúpula da Segurança Pública de Alagoas naquela época. Em razão desse crime uma batalha sangrenta foi travada, e tanto os Omenas como os Calheiros sofreram baixas. A família Omena perdeu, além de Silvino, pai de José Henrique, Evanildo, Antonio, Arnaldo e Ailton. Da família Calheiros, morreram Ernesto, Ernestinho e Paulo.

## **Algumas explicações que julgo necessárias**

O depoimento prestado por Rubens Colaço foi realizado em 1983, em duas seções, e as transcrições foram feitas ainda na década de 1980. Esse material ficou depositado no meu arquivo particular. Quando resolvi publicá-lo, foi necessário um trabalho de edição, o que implicou a organização do texto e sua divisão em capítulos, o que certamente conferirá maior clareza ao texto e facilitará a leitura, sem que haja perda alguma de conteúdo.

No processo de edição, percebi a necessidade de inserir dezenas de notas de rodapé, para melhor identificar as personagens e entidades citadas por Colaço. As notas são resultados, ainda parciais, de pesquisas que venho desenvolvendo ao longo dos anos sobre a história do PCB em Alagoas.

## 1º Capítulo

### Família, religião e música

#### **Rubens, qual é a sua origem e como foi a sua infância?**

Minha origem é camponesa, sou sertanejo de Pernambuco. Meu pai, José Colaço Lagos<sup>3</sup>, é do alto sertão; já minha mãe, Maria Colaço Rodrigues, é de uma região chamada Mata de Pernambuco. Dessa união foram gerados 18 filhos, sendo eu, Rubens, o caçula, o único a nascer em Poço Fundo, povoado de Santa Cruz do Capibaribe. Naquela época nossa situação era difícilíssima, pois o ano em que nasci foi o último em que choveu na região e, por essa razão, em 1932 meus pais tiveram que sair de lá.

#### **Você nasceu em que dia, mês e ano?**

Nasci no dia 4 de abril de 1930. Dois anos após meu nascimento, fomos morar primeiro em Quipapá, cidade do interior de Pernambuco, na divisa com Alagoas, e em seguida nos fixamos na cidade de União dos Palmares, em Alagoas. Em face da situação que tinha sofrido no sertão – em Poço Fundo não tinha água – minha mãe se negou a voltar para lá. Em 1933 ou em 1934, eu fiz a primeira viagem de volta com o meu pai. O velho não podia ver uma nuvem mais pesada que já dizia que ia chover no sertão, arrumava os malotes e partia. Essa vida nós tangemos até 1942, sofrendo miséria, fome e essas coisas que o sertanejo sabe de cor e salteado. Mas eu nunca deixei de acompanhar o velho; somente em 1945, quando eu já pretendia fazer alguma coisa da minha vida e o sertão não oferecia perspectiva nenhuma, é que eu me dispus a ir embora do sertão.

#### **O que você pretendia fazer com sua vida aos 15 anos?**

Naquela época eu já estava aprendendo algumas profissões, tais como ajudante de mecânico, lavador de ferrugem em oficina do interior; e também estudava música.

---

<sup>3</sup> **José Colaço Lagos** [1872-1949] e **Maria Colaço Rodrigues** [1885-1975] casaram-se e constituíram uma família de quinze filhos: **Josefina** [1904-1981], **Manuel** [1905- ?], **Abdias** [1908-1947], **Siloé** [1909-1937], **Moysés** [1910-1989], **Nathanael** [1911-1921], **Aminadab** [1911-1921], **Nathanael** [1913-1979], **Talita** [1914- ?], **Manassés** [1916-1980], **Josina** [1917-1926], **Elizabeth** [1926- ?] **Ezir** [1927], **Rubens** [1930-1991] e **Josete** [1940-1991].

**Enquanto a sua família vivia em União dos Palmares, seu pai fazia o quê? Era camponês mesmo ou trabalhava na cidade?**

Meu pai era um misto de carpinteiro e camponês. Ele confeccionava tamancos nas cidades. Entre um dia e o outro, ele já tinha produto para vender, e todos ajudavam no negócio. Lembro que papai pegava duas tábuas velhas, colocava umas correias e a gente saía, a fim de comercializar o seu trabalho. Em meio a tanta dificuldade, minha mãe se destacava. Ela tinha uma disposição para o trabalho e sacrifício inigualável. Ela era uma mulher para toda prova.

**Vocês não tinham terra?**

Nós tínhamos terra no sertão, mas lá só dava mesmo cascavel, rato, macambira e xiquexique de alastrado.

**Onde era localizada a propriedade de vocês?**

Nossa terra era em Poço Fundo, nas minhas origens. Mas meu pai era uma pessoa que não parava em canto nenhum. No primeiro aborrecimento, ele mudava de cidade. Nós fomos criados como ciganos, especialmente eu e ele. Quando chovia, ele ia pro sertão. Minha mãe radicou-se em União dos Palmares e ficou. Daí ter conseguido dar pelo menos o curso primário a minha irmã e ao outro, que era imediatamente mais velho do que ela. Em 45, fui para a música e consegui assimilar, razoavelmente, a profissão. Eu era tão pequeno que o primeiro fardamento que a prefeitura fez para mim ficou perdido. Eu cresci, e o fardamento não deu mais, teve que fazer outro. Mas dentro dessa vida já extrapolada, insegura – do jeito que aprendi com o meu pai –, eu também não fiquei parado em canto nenhum. Fiquei batendo com a cabeça pelos paus, até que trabalhei como músico em Alagoinhas, na Bahia; em Maroim, em Sergipe; em Propriá; em Neópolis e em Penedo. Também exerci a profissão em União dos Palmares, e saí por aí. Mas dentro de toda essa insegurança...

**Nesse tempo, além de músico você também era aprendiz de mecânico?**

Era ajudante de mecânico e músico. Facilitava muito as coisas. Eu chegava nas sedes de música e nas prefeituras e me apresentava como músico. Ficava a cargo do maestro me arranjar emprego. E isso ele fazia na mesma semana, para não perder o instrumentista. Meu instrumento é trompete, um instrumento muito pouco disputado. Mas mesmo assim, durante todo esse período ligado à religião, não tinha sido batizado ainda. Até que numa dessas fugas, eu saí para Recife. Em Recife não deu para manter uma segurança maior e fui para

Campina Grande. Lá me aproximei da Igreja Batista e me batizei com o pastor Silas Falcão. Inclusive, ele foi diretor do Colégio Batista aqui em Maceió e foi pastor da igreja do Farol também, no encerramento da carreira dele.

### **Como você entrou para a Igreja? Alguma coisa aconteceu de especial?**

Não. Meus pais eram crentes. Então, nós, domingueiramente, estávamos na igreja, cumprindo as obrigações. Nascido e criado dentro da religião protestante crente batista, somente quando cheguei em Campina Grande é que me entreguei totalmente à religião e me batizei, desenvolvendo os meus ideais religiosos. Eu era muito dedicado, membro do coral e músico participante efetivo.

### **O que determinou a sua entrada na igreja? A sua convicção religiosa ou o fato de ser músico também?**

Foi a convicção religiosa de infância, o fato da ligação familiar com a religião desde cedo. Eu era um jovem que não sabia viver fora daquilo, porque foi ali que eu me criei. Nesse ínterim, surge um problema que definiu minha posição religiosa, em torno de uma crítica feita a uma irmã. Eu achava o comportamento dela muito semelhante ao das moças não evangélicas. Essa crítica foi interpretada como abrangendo também a esposa do pastor, a D. Elza, que se trajava bem. O erro era meu, do meu sectarismo, da minha dedicação à religião, à Bíblia Sagrada. Para mim, tudo que havia dentro da Igreja era sagrado, sacrossanto, não podia ser subestimado nem adulterado. Então a crítica que eu fiz à minha irmã Ruth atingiu também a esposa do pastor, a D. Elza Batista. Parece-me que era Silas Batista o esposo dela, pastor Silas. Pois bem, em decorrência disso fui colocado sob crítica perante a Igreja. Eu tinha que pedir perdão. Não eram desculpas, era pedir perdão à D. Elza por tê-la ofendido. E como a página bíblica referia-se diretamente a essa questão, eu só me submeteria – foi o que eu afirmei perante o corpo de diáconos – a pedir perdão à D. Elza se rasgasse aquela página da Bíblia. Aquilo se tornou um escândalo; eu era jovem, tinha entre 16 e 17 anos de idade.

### **Isso foi na Paraíba?**

Isso na Paraíba, em Campina Grande. No mesmo período, ocorreu um fato político. Foi aí que eu tive, pela primeira vez, contato com a política. Dentro da Igreja, tínhamos um militante do Partido Comunista Brasileiro que havia participado intensamente da campanha de 1945. Quando veio a repressão contra o partido, esse cidadão foi preso, e depois solto. A Igreja o criticou porque ele era uma pessoa muito convicta das suas posições políticas, não abriu mão dos seus direitos de participar de um partido operário, que era o

Partido Comunista. E eu, dentro do meu espírito de catequista convicto, fui conversar com o irmão João da Mata: “Olha, irmãozinho”, ele disse, “não é porque sou político não, pois também tem o irmão Natanael, que é político da UDN, foi eleito deputado e a Igreja não diz nada. Tem outro irmão pastor, em João Pessoa, que foi eleito deputado e a Igreja não diz nada. Só que ele é do PSD, um partido da burguesia, o outro é do partido dos grandes fazendeiros, etc. Agora, como sou militante político de um partido operário, do partido da classe operária, estão me submetendo a essas críticas. Acho que estou sendo discriminado. Nem abro mão do direito de ser crente, nem abro mão do direito de ser comunista”. Daí, despertei para um outro tipo de conceito social. Para mim, o homem tinha que trabalhar, ser honesto, justo, crescer, multiplicar, encher a terra de filhos e servir a Deus.

### **Dócil completamente ao...**

Dócil à Igreja, completamente. Dócil aos ensinamentos da Igreja.

### **Entre esses dois fatos, o de ter conhecido João da Mata e o problema com a irmã Elza, o que pesou mais para você sair da Igreja?**

A briga com D. Elza. Não foi o problema do irmão João da Mata. Na verdade, depois de ser eliminado da Igreja, surgiu a oportunidade de ser músico da Banda Municipal, o que ajudava na sobrevivência e me dava um rendimento de 200 mil réis<sup>4</sup> por mês. Fui levado para a Orquestra 13, e na orquestra, uma cervejinha, uma conversa e mais um livro diferente daqueles que eu era habituado a ler. Na realidade, todos ligados à religião ou livros sem maior significação, do ponto de vista político. Então, pelo gosto e tempo que eu empregava na literatura religiosa, passei a ler poesias, cordéis. Do cordel, passei para as poesias parnasianas. Augusto dos Anjos<sup>5</sup> fazia muito o meu gênero. O estilo Castro Alves<sup>6</sup>, o poeta português Guerra Junqueiro<sup>7</sup>, também faziam muito o meu gênero. E eu tinha facilidade de decorar, tinha voz relativamente boa em face da experiência da tribuna religiosa. Eu era um

---

<sup>4</sup> A moeda oficial do país nessa época era o Cruzeiro, que substituiu a antiga moeda, o Réis, em 1942. Colaço continuou chamando a moeda em vigor pelo nome da antiga como podemos observar em sua fala.

<sup>5</sup> **Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos** [1884-1914] nasceu em Cruz do Espírito Santo, PB; bacharel em direito, poeta, autor de *Eu e outras poesias*.

<sup>6</sup> **Antonio Frederico de Castro Alves** [1847-1871] nasceu em Curalinho, hoje cidade de Castro Alves, Bahia, e morreu em Salvador. Poeta e dramaturgo, autor de *Espumas Flutuantes*, *Navios Negreiros*, *Os escravos*, *Cachoeira de Paulo Afonso*, *Tragédia no Mar*. Ficou conhecido como o poeta que combateu a escravidão. Foi líder abolicionista ao lado de Tobias Barreto.

<sup>7</sup> **Abílio Manuel Guerra Junqueiro** [1850-1923], bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, foi deputado, jornalista, funcionário público e poeta; autor de vasta obra literária, como *Vozes sem Eco*, *Batismo de Amor*, *Lira dos Catorze Anos* e *O Crime*, entre outras.



pregador voluntário, então tinha facilidade de declamar. Resolvi criar um fã-clube em torno da poesia, dentro da minha profissão, do nível operário. Nessas andanças, fui transferido para Maceió. Eu trabalhava em Campina Grande, na época, e fui transferido para Maceió. Eu já era mais ou menos um operário qualificado. Aqui, em Maceió, em conversas de boates, numa mesa de poesia, um cidadão bem mais velho do que nós – nossa turma estava na faixa de 20 a 25 anos – se aproximou da nossa mesa e pediu para participar da conversa e das récitas. Numa dessas, esse cidadão me perguntou se eu era materialista. Bati nos peitos com muito orgulho e afirmei que era. Ele perguntou que tipo de materialismo eu cultivava, que literatura materialista eu tinha lido, e eu lhe respondi que era um materialista bíblico, não tinha lido nada fora disso. Partindo daí, esse cidadão achou que eu estava com a cabeça muito confusa e que precisava ser mais lapidado, ser orientado. Ele não tinha qualificação para isso, mas conhecia um amigo que poderia me ajudar e me encaminhou para este cidadão, que depois se tornou meu amigo. Isaac Mendes,<sup>8</sup> na época, era guarda-mor na alfândega, e por intermédio desse cidadão comecei a ler o *Jornal de Debates*, que era um jornal nacionalista. Tinha uma revista, essa bem mais política, que tratava dos problemas da paz e do socialismo. Tinha um jornal dos comunistas, *Voz Operária*<sup>9</sup>. Por intermédio da *Voz*, fui fazendo perguntas ao Isaac. Perguntava, e ele, às vezes, ou não queria responder ou não sabia como responder. Até que ele cansou e disse: “Olha, para mim já chega.

---

<sup>8</sup> **Ezequiel de Oliveira Mendes** [1904 -1990], conhecido por Isaac Mendes, nasceu em Maceió. Funcionário concursado da Alfândega, empresário do ramo de móveis e de artesanato, foi também proprietário do bar Tartaruga, estabelecimento localizado no bairro portuário de Jaraguá. Em sociedade com o irmão, Reinaldo Mendes, montou a Fábrica Rei, indústria de móveis de ferro e esquadrias. Os brinquedos e as peças de artesanatos eram fabricados à base de ossos de tartaruga. Autodidata, falava fluentemente o inglês. Em 1935, foi preso pela primeira vez, em razão da sua atividade política; na década de 1950, voltou a ser preso, nessa oportunidade, por assinar O Manifesto pela Paz, documento lançado contra a guerra da Coreia e a bomba atômica. Apoiou a campanha em defesa do monopólio estatal do petróleo, que ficou conhecida como O Petróleo é Nosso. Foi militante do PCB.

<sup>9</sup> **Voz Operária**. Órgão oficial do Comitê Central do PCB, funcionou clandestinamente de 1949-1959, sendo substituído pelo jornal *Novos Rumos*, semanário de circulação nacional que, durante o governo Juscelino Kubitschek, funcionou com sede e redação abertas, sem que houvesse qualquer impedimento ou perseguição política. Foi fechado no dia 1º de abril de 1964 pelos militares golpistas. Alguns meses depois do golpe o PCB se reorganiza e relança o jornal *Voz Operária*; desta vez, claro, a circulação ocorria clandestinamente. Mas na década de 1970, com o endurecimento do regime militar e o cerco montado em torno do PCB, parte da direção nacional deixa o país e segue para o exílio, para vários países da Europa. O secretário-geral Luiz Carlos Prestes foi morar na antiga URSS. O jornal, como órgão da direção nacional, passou a ser editado na Europa. Impresso na Europa, era enviado ao Brasil e clandestinamente era distribuído nas bases do partido em todos os estados, pelo menos onde havia núcleos de comunistas atuando. As orientações emanadas da direção nacional eram recebidas e transformadas em ações políticas.

Vou lhe encaminhar para onde você deve ir mesmo, que é para a companhia de pessoas ligadas ao Partido Comunista. Assim, você vai melhorar”.

## 2º Capítulo

### **As primeiras leituras, vida clandestina e militância sindical**

**Foi nesse período que você iniciou sua leitura marxista através do jornal do Partido, além de manter o hábito de ler poesias de Castro Alves e Guerra Junqueiro?**

Sim. Já que eu tive a oportunidade de frequentar a escola e aprender a ler, o que tivesse letras e caísse em minhas mãos; podia ser da Bíblia Sagrada a notas de venda, eu saía lendo. Mas, depois que conheci Isaac Mendes, passei a ler os trabalhos de Marx, Engels, Lênin, bem como Stalin, e a fazer perguntas, cada vez mais perguntas. Até que Isaac se cansou e disse que eu deveria ir para o Partido, porque lá eu encontraria as respostas para as minhas perguntas. Para se engajar na militância comunista não era fácil. O meu contato foi um colega de profissão. Na época, eu trabalhava com pneus e ele, Severino, também. Isso em 1951, aproximadamente. A ligação com Severino me levou a fazer outras tarefas, como vender o jornal, distribuir boletins do Partido... Pichação, não, porque eu não sabia ainda, mas esquentava o piche, carregava a lata... Eu ia aprendendo. Então, em 1951, eu já sabia como era a vida da militância política comunista.

**Você já se reunia em célula<sup>10</sup> nessa época?**

As reuniões começaram para mim em 1951, na casa do Luiz Luna<sup>11</sup>. Era uma organização de base no bairro do Poço, nas imediações da Praça da Maravilha. Éramos cinco companheiros, todos homens simples: eram dois alfaiates, um ferreiro – que era eu –, um borracheiro e um estivador.

**Isso caracterizava a organização de base do Partido?**

Sim, caracterizava o Partido como um todo em Alagoas. A composição social do Partido era de alfaiates, artesãos, estivadores; era, essencialmente, de operários. Nas bases por onde eu militei, como na base da Unidos do Poço, Bebedouro, Ponta Grossa, predominavam padeiros, pedreiros, carpinteiros, estivadores, ferroviários e assim sucessivamente. Nesses lugares, o Partido se caracterizava pela militância operária. Tínhamos intelectuais também. Em 1953, nós participamos da primeira campanha eleitoral com um dos

---

<sup>10</sup> O militante comunista ao se filiar ao Partido Comunista deve iniciar a sua trajetória numa Célula, que é o organismo de base, o núcleo por onde todos devem passar.

<sup>11</sup> **Luiz Luna** [ ? ], militante do PCB e proprietário de uma alfaiataria no bairro do Poço, durante muitos anos foi uma referência dos comunistas na organização do Partido naquele bairro. Foi preso várias vezes; em algumas sofreu torturas.

tradicionais militantes do Partido, um herói, que foi o doutor Sebastião da Hora<sup>12</sup>, médico e candidato a prefeito em Maceió. Assim como Sebastião da Hora, outros intelectuais também participavam, como os irmãos Costa, Joaquim<sup>13</sup> e José de Oliveira Costa<sup>14</sup>, Manuel Barnabé<sup>15</sup> e outros tantos. Essas pessoas já se organizavam em torno dos Comitês Municipal e Estadual. No começo da minha militância, não tínhamos acesso a essas pessoas, que não eram da classe operária. Tinha ainda os mais velhos: Sílvio Macário<sup>16</sup>, Júlio Galego Braga<sup>17</sup>, Benedito Gororoba<sup>18</sup>, Tibúrcio Tenório<sup>19</sup>. Esses, eu só conhecia de nome ou de convivência rápida. Eram os camaradas da direção.

---

<sup>12</sup> **Sebastião da Hora** [1902-1959], médico, entrou para a militância comunista na década de 1930; foi em 1935 um dos fundadores e membro da direção da Aliança Nacional Libertadora – ANL em Alagoas. Polemizou através da imprensa alagoana com Leôncio Basbaum, médico e ativista comunista, sobre a eficácia da homeopatia. O Exército efetua a sua prisão em Maceió; em seguida é levado para Recife e depois para presídios no Rio de Janeiro. O motivo alegado para a prisão foi sua atuação política na ANL e um possível apoio à Insurreição Armada de 1935, dirigida pelo PCB. Foi candidato a prefeito de Maceió em 1953; durante a campanha eleitoral foi recebido por Juscelino Kubitschek.

<sup>13</sup> **Joaquim de Oliveira Costa** [ ? ], relojoeiro, pequeno comerciante estabelecido na Av. Moreira Lima, 148. As anotações da Delegacia de Ordem Política, Social e Econômica – DOPSE indicam que se filiou ao PCB em 1944. Era membro da célula Octavio Brandão, no bairro da Ponta Grossa, em Maceió e dirigente estadual do PCB. Foi preso em 1951. Pertenceu à Aliança dos Retalhistas de Alagoas.

<sup>14</sup> **José de Oliveira Costa** [1911 - ?] nasceu em Marechal Deodoro. Alfaiate, comerciante estabelecido na Av. Moreira Lima, 241. Membro do PCB desde a juventude, fazia parte de um grupo de pequenos comerciantes que financiavam o PCB; entre eles estão: Péricles de Araújo Neves, Maria Augusta Miranda (Marinete), Manoel Barnabé, Mozart Verçosa Damasceno, Napoleão Moreira, Antonio Moreira, Ernani Maia Lopes, entre outros. Foi preso em abril de 1964.

<sup>15</sup> **Manuel Barnabé** [ ? ], comerciante do ramo de calçados, membro da direção estadual do PCB, foi preso em vários momentos, todas as vezes com a mesma acusação: pertencer ao PCB.

<sup>16</sup> **Sílvio Macário** [?], histórico militante do movimento operário de Alagoas nas primeiras décadas do século XX, foi dirigente do PCB.

<sup>17</sup> **Júlio de Almeida Braga** [1896-1978], nascido em Viçosa, mecânico e autodidata, pertenceu à primeira geração de comunistas alagoanos. Em 1946, foi candidato a deputado estadual pelo PCB, ficando na suplência. Foi por muitas décadas, dirigente do Partido: na legalidade, de 1945 a 1947, e durante os longos anos de clandestinidade. Foi preso em várias ocasiões: nas décadas de 1930, 1950 e no golpe militar de 1964. Faleceu em Maceió, em 1978.

<sup>18</sup> **Benedito Gororoba** [?], militante da primeira geração de comunistas que se filiou ao PCB em Alagoas. Foi dirigente do PCB em Alagoas na década de 1930. Os operários da fábrica têxtil Alexandria em Maceió entram em greve e recebem a solidariedade dos comunistas e do jornal *Vanguarda Operária*, que tinha Alberto Passos Guimarães entre os seus redatores. Benedito Gororoba e Alberto Passos são presos e deportados de Maceió. Almeida, Luiz Sávio. *Chronicas Alagoanas – Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas* – volume II, Maceió, Edufal, 2006, p. 144.

<sup>19</sup> **Tibúrcio Tenório da Neves** [1904-2000] nasceu em Maceió. De origem operária, foi também comerciante, e há um registro na sua carteira profissional como ator. Foi dirigente estadual do PCB durante décadas. Em razão das suas atividades políticas públicas como comunista, foi preso várias

## **E da direção de fundadores do Partido em Alagoas, de 1924, você conheceu alguém?**

De 24, não conheci ninguém.

### **Júlio Galego era da direção nessa época.**

O ingresso de Júlio Galego deve ter sido em 1924, porque tanto o Júlio como o Jonas Moreira<sup>20</sup> e o Olympio Santana<sup>21</sup> tiveram uma participação inicial de política operária. Todos baseados no anarcossindicalismo e,

---

vezes; em todas as prisões resistiu bravamente. Na década de 1950, foi preso em Maceió, ficando cerca de três anos encarcerado, sem processo formado. O semanário comunista *A Voz do Povo* lançou uma campanha pela sua libertação. O seu filho, Agilberto Calaça, fala carinhosamente a respeito do pai: “Não sei o que ou quem abriu a sua mente para as ideias comunistas, mas foi algo a que se entregou completamente. Eu diria mesmo que a causa vinha em primeiro lugar em sua vida. A família e tudo mais eram secundários. Interessante notar que foi um *self made man*: não teve estudos regulares, muito menos cursou universidades; não era um conhecedor profundo da filosofia marxista, mas compreendia com uma pertinência impressionante o espírito desta. Assumiu em toda a sua grandeza e com todos os riscos a tarefa de construir um novo mundo, livre das desigualdades e das injustiças sociais. Tudo o que o comunismo prometia!”

<sup>20</sup> **Jonas Moreira** [ ? ], mecânico, militante anarquista em Alagoas, nas primeiras décadas do século XX foi ativista sindical, mas desde a juventude se ligou aos comunistas. À medida que o tempo ia passando, a sua vinculação com os comunistas e principalmente com os de sua geração se estreitava. Manteve-se fiel aos princípios do anarquismo durante toda a vida. Em 1984 o histórico militante do anarquismo alagoano esteve na sede do PCB, na Av. Moreira Lima, 18, Centro, Maceió, e entregou um exemplar de um dos seus livros de cordel, mimeografado, com apresentação do estudante de direito, à época, Cássio Araújo, hoje procurador federal do Trabalho.

<sup>21</sup> **Olympio Santana** [ ? ], alfaiate, foi dirigente sindical durante as duas primeiras décadas do século XX, quando o movimento sindical era dirigido pelos anarquistas. Em 1904 ingressa na União Operária Alagoana e, no ano seguinte, 1905, vai morar no Rio de Janeiro, onde continua a sua militância sindical. Em 1924, na companhia de outros trabalhadores, funda a seção alagoana do PCB. A mudança de orientação ideológica o manteve em ascensão na atividade política. Foi um dos coordenadores do I Congresso Operário de Alagoas, como candidato a deputado estadual, numa tentativa de obter um mandato parlamentar para, da tribuna da Assembleia Legislativa, representar os trabalhadores, mas não conseguiu se eleger. Em 7 de maio de 1935, Olympio Santana participa da fundação da Aliança Nacional Libertadora – ANL e integra a direção local da ANL. Juntamente com Alberto Passos Guimarães, Humberto Bastos, Jacques de Azevedo, Odilon Mascarenhas, Rui Palmeira e Zeferino Lavenère Machado, participavam também Sebastião da Hora, André Papini Góes e Amaro Carvalho. O escritor Octavio Brandão, um de seus companheiros na militância anarquista em Alagoas, ao se referir a Olympio Santana, no seu livro de memórias *Combates e Batalhas*, descreve-o como: “alfaiate-assalariado, homem de cor, fiel à causa socialista até a morte”. Quando o PCB foi legalizado em 1945, a sua residência se transformou em uma escola de alfabetização de trabalhadores; a sua filha Zenir era a professora. Os seus dois outros filhos, Júlio e Clodoveu Santana, foram militantes do PCB. Júlio, na década de 1980, era funcionário da Delegacia Regional do Trabalho - DRT, mas ao tomar conhecimento da legalização do Partidão, se refiliou, pela segunda vez, fato ocorrido em 1985.

consequentemente, só bem depois, quando o Partido começou a se fortalecer nacionalmente, é que eles passaram para a militância comunista. Em torno disso, houve até cisões do ponto de vista leninista, do ponto de vista marxista-leninista, com o camarada Astrojildo [Pereira]<sup>22</sup>, muito feliz na condução dos pensamentos do marxismo. Os anarcossindicalistas eram tidos como uma fraqueza; eles eram muito mais ostensivos, mais ousados, mais atirados, mais radicais. Não se preocupavam em analisar a situação política objetiva. Subjetivavam demais e tentavam resolver as questões heroicamente, mesmo que estivessem dando uma interpretação errônea para o tempo, para o espaço em que se tinha que discutir as questões.

**Em 1922, o Partido tinha 73 militantes no Brasil, quando fez o primeiro congresso, o de fundação, nos dias 25, 26 e 27 de março. Em Alagoas, o Partido foi fundado em 1924?**

Por aí... A informação que eu tinha a respeito era de Júlio de Almeida Braga, o Júlio Galego.

**Cristiano Cordeiro foi um dos fundadores do PCB em 1922 e representou o núcleo comunista de Pernambuco. Você tem informações de quem foi o representante do Partido em Alagoas?**

Pois é. E não me consta que tenha havido representação de Alagoas no primeiro congresso. A verdade é que o Partido começou a se estruturar quando começou a tomar volume. Isso segundo as histórias que me contava Júlio Galego, o próprio Jonas Moreira e Sílvio Macário. Em Alagoas, o Partido começou a se formar por volta de 1924, por aí...

**Qual era a profissão de Jonas Moreira?**

Era mecânico. Não havia participação de intelectuais no início. Tanto que houve decisões fortes, mas foi criado impasse em torno das formulações feitas por Astrojildo, as colocações da direção do Partido e as formas de luta dos

---

<sup>22</sup> **Astrojildo Pereira Duarte Silva** [1890 -1965], jornalista, escritor, crítico literário, político, nasceu em Rio Bonito, estado do Rio de Janeiro. Em 1922 fundou o PCB e como secretário-geral viajou para a União Soviética em 1924, onde manteve contatos políticos com os comunistas soviéticos. Junto com Octavio Brandão criou em 1925 *A Classe Operária*, jornal oficial do PCB. Viajou a Bolívia para se encontrar com o líder dos tenentes Luiz Carlos Prestes, com o objetivo de aproximar o militar do marxismo. Foi membro da III Internacional e passou a morar em Moscou durante os anos de 1929 e 1930. Notabilizou-se como um dos importantes estudiosos da obra do escritor carioca Machado de Assis. Desligou-se do PCB em meados da década de 1930; ao voltar da URSS, retornou ao partido em 1945, quando este foi legalizado, sendo preso em 1964, nos primeiros dias do golpe militar, quando já tinha setenta e quatro anos de idade e se encontrava adoentado. Morreu em 1965.

anarcossindicalistas. Outro ponto de impasse foi a fundação legal dos sindicatos. A política sindicalista do Partido se orientava de um jeito e a dos anarcossindicalistas de outro, que era a violência contra as máquinas, bem do feitio do anarcossindicalismo. E assim, chegamos à experiência que se viveu a partir de 1950.

**Se o Partido começou a se estruturar em Alagoas entre 1924 e 1928, o Estado participou ativamente da insurreição em novembro de 1935?**

Sim, participou ativamente da insurreição e houve um verdadeiro massacre. Faço muitas restrições por causa do inoportuno, da fragilidade, da inexperiência, dos desencontros de ação naquela época. Júlio foi um dos massacrados, ao lado de Benedito Gororoba, Olímpio Santana e tantos outros camaradas.

**O Júlio nessa época ainda trabalhava como mecânico?**

Continuava como mecânico; era a profissão da vida dele.

**Nessa época ele já estava servindo ao Exército?**

Não. Ele já tinha dado baixa. Ele serviu ao Exército em 1930. Em 1932 era sargento mecânico e dava assistência às tropas que se deslocavam de Alagoas para São Paulo.

**Você conhece pessoas que militaram em 35 e tentaram fazer a insurreição em Alagoas?**

Tem o cabo. Esse cidadão ainda está vivo. Há muito tempo que ele já não leva uma vida ativa de partido. Ele foi mais aliancista do que comunista. Na época, tornou-se até um nome famoso. É fácil contatá-lo hoje.

**Como era ser militante comunista no período stalinista<sup>23</sup>?**

No início, o Partido se caracterizava pela grande participação operária. Essa maioria era ainda muito impregnada do anarcossindicalismo, daquela rigidez, daquela dureza. Isso tinha apavorado os militantes de origem pequeno-

---

<sup>23</sup> **Stalinismo** é a designação da teoria política, do sistema político e econômico implantado na antiga União Soviética por Josef Stalin, ex-secretário-geral do PCUS, e que passou a ser um método disseminado por todos ou quase todos os partidos comunistas a partir da ascensão de Stálin ao poder, na década de 1920, até a sua morte, em 1953. Durante o regime stalinista reinaram a burocratização do Estado, a centralização do poder nas mãos de poucos e os expurgos dos críticos aos métodos autoritários implantados no país e no interior do PCUS. A derrocada desse sistema se deu com a chegada ao poder de Nikita Kruschov e a revelação, no XX Congresso do PCUS, desses crimes, fato que ficou conhecido como o Relatório Kruschov.

burguesa, com condições de vida muito diferentes da classe operária. A rigidez do Partido, do purismo, do sectarismo não era fácil mesmo. Após o golpe, quando o Partido foi massacrado em 1947, aqui em Alagoas a organização ainda era muito rígida para concepções não habituadas ao sofrimento, à rigidez da classe operária. Até 1950, predominava a disciplina stalinista, disciplina férrea, a exigência das tarefas, que não podiam ser feitas pela metade. O camarada, para se manter íntegro, inteiro, precisava ser rígido, precisava ser duro na queda, porque fazer autocrítica naquela época era pegar um balde de piche e ir pintar a delegacia, era coisa dessa natureza.

**É verdade que havia um grupo de simpatizantes do Partido que pertencia às Forças Armadas, formado pelo pessoal que fazia a retaguarda, como o médico, o dono da farmácia, o engenheiro, o advogado, que trabalhavam no Socorro Vermelho e arrumavam contribuições para o Partido, davam algum apoio logístico?**

Temos uma pessoa que pode falar sobre isso com mais segurança: é o Rui, o Rui Câmara<sup>24</sup>.

### **O Rui da farmácia, do Socorro Vermelho?**

Ele mesmo. O Rui continuou sendo por muito tempo do Socorro Vermelho e pode dar essas informações com bastante segurança. Eu não vivi essa experiência. O Socorro Vermelho funcionou na Aliança Nacional Libertadora<sup>25</sup>, então nós temos fontes onde poderemos adquirir essas informações com minúcias. Com referência à maneira dura como o Partido tratava os seus militantes, eu vivi uma experiência que, para mim, foi terrível, pois eu tinha apenas uns três ou quatro anos de militância e era recém-casado. Na época, eu era chofer de ônibus. Nós tínhamos um curso a fazer numa fazenda do interior, mais especificamente em Murici. O Partido me deu a tarefa de apanhar um carro, em Rio Largo, às oito horas da manhã, num

---

<sup>24</sup> **Rui Câmara** [ ? ], comerciante, proprietário da Farmácia Popular, situada nas imediações do Mercado Público de Maceió, pertenceu ao Socorro Vermelho, grupo que ajudava as famílias dos perseguidos políticos. Nem sempre eram militantes do PCB; em geral eram aliados.

<sup>25</sup> **Aliança Nacional Libertadora** – ANL, organização política criada em 30 de março de 1935, no Rio de Janeiro, mantinha vínculos com o PCB, mas se pretendia uma organização de massas de caráter antivarguista. Era uma frente ampla contra a expansão integralista. A composição social da ANL abrigava intelectuais, militares, trabalhadores, estudantes, profissionais liberais, comunistas, socialistas. O capitão dirigente do PCB, Luís Carlos Prestes, foi aclamado presidente de honra por sugestão do então estudante Carlos Lacerda. Em novembro de 1935, com a insurreição armada dirigida pelos comunistas, a repressão é desencadeada pelo governo de Getúlio Vargas, colocando os comunistas, os socialistas e demais oposicionistas na cadeia; os que não foram presos, mas eram identificados como partidários da ANL e do PCB, foram viver na clandestinidade ou no exílio. A ANL foi fechada por força do decreto federal nº 229, de 11 de junho de 1935.



domingo, e dirigir até Murici. Na estação da cidade, eu pegaria o primeiro grupo de pessoas e levaria para a tal fazenda. No dia seguinte, pegaria o outro grupo de pessoas, que vinha de Pernambuco, no trem, e conduziria também para a fazenda.

### **Isso, na mais absoluta clandestinidade.**

Isso, na absoluta e rígida clandestinidade. O cidadão que tinha que me entregar o carro era o Sr. Nelson. Nelson não era o nome dele, mas era pessoa conhecida do Partido. Eu sempre fui muito cauteloso com as tarefas, nunca deixei de realizar nenhuma. Cheguei às sete horas, e o Sr. Nelson já tinha estado na feira e ido para a fazenda. “Onde fica essa fazenda?”, perguntei a um informante. “Em Sete Irmãos”, ele respondeu. “Onde fica isso?”, eu disse, e ele: “Fica já perto da fábrica de Saúde, mas vai pelo Tabuleiro”. Fretei um carro e me dirigi para a fazenda de um amigo, uma pedreira, no Tabuleiro. Consegui um cavalo e me dirigi num galope louco até Sete Irmãos. Lá, peguei o carro do Sr. Nelson, uma porcaria de uma *Stutbaker* velha. Mesmo assim, consegui chegar na hora acertada em Murici para a realização da tarefa. Fiz a condução do primeiro pessoal. Quando foi à noite, o carro arriou um pneu e eu já fiquei preocupado em como iria buscar a segunda remessa do pessoal. Felizmente estava equipado de ferramentas. Desmontei o pneu e consertei. Botei um forro de peito de palito e ajeitei. Trabalhei a noite toda, mas quando foi na hora marcada, estava pronto. Trouxe a segunda remessa e fomos tomar café.

### **Essa era a época do famoso curso Stalin?**

Sim, do famoso curso Stalin. Tomamos café e eu fui tirado para lavar a louça em que 28 pessoas tinham feito a refeição. Só que eu tenho uma maneira meio rebelde na condução das coisas. Eu disse: “Olha, gente, eu estou há 24 horas no ar, trabalhei direto e não considero justo. Até aqui só quem trabalhou fui eu. Não é justo que, agora, antes de acender meu cigarro, eu tenha que sair para lavar 28 pratos e 28 canecos”.

### **Isso depois de uma rodada de discussão?**

Não, isso quando recebi a tarefa. Depois de ter realizado todas as tarefas do dia anterior. Eu estava em ação desde as sete horas da manhã de domingo e quando isso aconteceu era a manhã de segunda-feira. Eu não tinha parado um minuto sequer e ia lavar 28 pratos e 28 canecos. Eu disse: “Olha, isso é uma injustiça”. “Vá andando”, diziam, e eu: “Não vou”. “Isso é uma tarefa de partido, você está se negando”, argumentavam. “Mas essa aí eu não faço nem a pau”. Os companheiros me coagiram e eu falava que não fazia nem sob

coação nem sem coação. “Pois para que você se discipline, se torne um bom comunista, você vai fazer o curso também.” Seriam mais 30 dias que eu ia ficar lá, quando eu tinha saído de casa, deixando um companheiro para tirar o meu serviço no domingo e deixando a minha esposa recém-parida, sem saber onde eu andava. Ficar foi uma coisa muito séria. “Olha, os companheiros estão armados, então vão ter que me matar, porque nessa eu não fico, ou atiram em mim ou eu vou embora. Até logo e passem bem”. Uns 10 anos depois encontrei um dos professores, o camarada Barreto<sup>26</sup>, dentro do Partido, numa reunião no Rio de Janeiro.

### **O Barreto era do Comitê Central?**

Era. Ele disse logo: “Você por aqui, e dentro do Partido?”. Eu falei: “Dentro do Partido, meu canto é aqui”. Ele continuou: “Eu pensei que você ia dar qualquer tipo de marginal, nunca um comunista”. E eu respondi: “Pois eu, não sou tão comunista como você, nunca abri do Partido”. Mas a verdade é que o Partido mandou uma pessoa fiscalizar o meu comportamento em Maceió, como se eu não fosse um comunista de nascença. Era a maneira do Partido tratar naquela época.

### **Mas Rubens, o objetivo do curso Stalin era qual? Preparação ideológica?**

Eu acho que era de preparação ideológica. Era preparar o camarada para ser humilde, simples, serviçal. Era transformar o Partido numa organização militar, onde os de baixo não tinham o direito nem de pestanejar para os de cima. Eu acho que o curso Stalin estragou muito o Partido.

### **Vocês discutiam o quê? Documentos tirados aqui no Brasil?**

Discutíamos, aprendíamos, líamos muito.

### **Mas vocês discutiam problemas só teóricos, discutiam documentos tirados aqui no Brasil ou discutiam documentos tirados no PCUS<sup>27</sup>?**

---

<sup>26</sup> **Barreto** [ ? ] é o codinome desse militante que veio a Alagoas, clandestinamente, ministrar o curso Stalin e que certamente era membro do Comitê Central ou da Comissão de Educação do Comitê Central.

<sup>27</sup> **O Partido Comunista da União Soviética** – PCUS teve origem no antigo Partido Operário Social-Democrata da Rússia – POSDR. O congresso de fundação aconteceu em 1898, na cidade de Minsk. O II Congresso, realizado em 1903, cinco anos após a fundação, foi marcado pela luta política entre as duas tendências que disputavam a hegemonia no Partido, os mencheviques (minoridade, em russo) e os bolcheviques (maioria); a tendência vencedora foi liderada pelo teórico da Revolução Russa, V. I. Lênin (1870-1924). Mas em 1917 o nome do partido mudou e passou a ser Partido Operário Social-Democrata da Rússia (bolchevista). Depois da Revolução Russa, ocorrida em outubro de 1917, foi realizado o XIV Congresso em 1925. Os delegados mudaram o nome, desta vez para Partido

Aquilo era um encadeamento. Quando a orientação vinha da 3ª Internacional, então cada partido cumpria o que era determinado por ela.

### **E vinha gente de fora orientar as reuniões, companheiros do Sul?**

Sim, do Comitê Central, vinham ministrar as aulas. Não sei precisar de onde eles viriam. Os militantes de fora se juntavam com pessoas da região, como Renalvo Siqueira<sup>28</sup>, Tibúrcio Tenório, que faziam parte da direção Estadual. Jayme Miranda<sup>29</sup> nessa época estava preso.

### **Rubens, o material usado no curso Stalin eram textos basicamente escritos pelo Stalin, ou textos vindos da direção nacional?**

O livro que me competia estudar foi *Questões do Leninismo*, de Josef Stalin. O material eram as formulações stalinistas, o comportamento político

---

Comunista de Toda a União (bolchevista), e finalmente em 1951 os delegados ao XIX Congresso mudaram mais uma vez o nome, para Partido Comunista da União Soviética. A sigla passou a ser PCUS, perdurando até o final da União Soviética, em 1991.

<sup>28</sup> **Renalvo Siqueira dos Santos** [ ? ], sapateiro, muito jovem ingressou no PCB, sendo um destacado dirigente do PCB durante a década de 1950. Aprendeu o ofício de repórter na redação do jornal *A Voz do Povo*, órgão oficial do PCB em Alagoas. Nas eleições de 1958 foi escolhido pelo Partido para ser o candidato a vereador em Maceió. Foi eleito vereador e destacou-se como representante dos comunistas na Câmara Municipal da capital. Em razão das suas atividades políticas foi várias vezes preso e torturado. A sua dedicação era tanta que morou durante muitos anos num sótão, na sede do jornal. Pertencia aos quadros profissionais, como se definia, naquela época, do PCB. No início da década de 1960 desliga-se do PCB e se candidata à reeleição, mas não consegue se eleger. Mesmo sem mais estar militando, continuou vinculado ao PCB, na condição de aliado e, em 1964, quando eclodiu o golpe militar, foi preso pela mesma acusação: ser comunista.

<sup>29</sup> **Jayme Amorim de Miranda [1926-1975]**, jornalista, advogado, nasceu em Maceió, prestou concurso para a escola de sargento do Exército, servindo em Minas Gerais. Trabalhou na Cooperativa dos Usineiros de Alagoas e depois como revisor do antigo *Jornal de Alagoas*. Enquanto estudava Direito, foi secretário-geral do PCB em Alagoas, diretor do semanário comunista *A Voz do Povo*. Foi preso em Recife e transferido para Maceió, onde ficou mais de um ano encarcerado. Isso ocorreu durante o governo Arnon de Mello. No dia da posse deste governador, por causa de um discurso feito em praça pública, foi detido pelo Exército, sendo solto depois pelo coronel Mário Lima, seu padrinho de batismo e comandante da Guarnição federal em Alagoas. Representou os comunistas alagoanos, em 1960, no V Congresso do PCB, sendo eleito para a direção nacional. Nas eleições de 1961 foi candidato a deputado estadual, ficando na primeira suplência. Participou das comemorações do primeiro aniversário da Revolução Cubana, em Havana. Esteve em companhia de Mozart Damasceno, Edler Lins e Napoleão Moreira, no final de década de 1950, num Festival Mundial da Juventude, realizado em Moscou; depois do evento, viajaram pelos países do Leste Europeu. No dia 1º de abril de 1964, o jornal *A Voz do Povo* foi destruído, seus bens foram furtados, seus colaboradores foram presos, inclusive o diretor-geral, Jayme Miranda. Ao sair da prisão, não demorou muito tempo em Maceió; entrou na clandestinidade, indo morar no Rio de Janeiro com a família. Realizou algumas viagens internacionais como dirigente nacional do PCB, mas em 1975 foi sequestrado pelos órgãos de repressão. Nunca mais foi visto. Faz parte da relação dos desaparecidos políticos do Brasil. Nessa época integrava a Comissão Executiva do Comitê Central do PCB.

internacional etc. Mais diretamente, o pensamento de Stalin. Pelo menos, foi isso que passou na minha mão como material para o curso.

**Visto que o curso Stalin teve como sua essência no Brasil o *Manifesto de Agosto*<sup>30</sup>, esse período do curso foi muito traumatizante?**

Foi. Ele estava inserido dentro do *Manifesto de Agosto*.

**O *Manifesto de Agosto* visava à tomada do poder com a formação de uma ampla frente democrática de libertação nacional, com um governo democrático e popular. Era pela paz e contra a guerra imperialista, pela entrega da terra a quem nela trabalha, pela imediata libertação do Brasil do jugo imperialista, pelo desenvolvimento independente da economia nacional, pelas liberdades democráticas para o povo, pelo imediato melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras, instruções e cultura para o povo, por um exército popular de libertação nacional. Então, era um programa devido à fragilidade que existia no Partido, para um trabalho nacional?**

Essas bandeiras sempre foram, e por justas razões, as bandeiras do Partido. Lutar contra a miséria do povo, pela melhoria da classe operária. Mas como era feito isso? Levava o Renalvo Siqueira e mais dois ou três gatos pingados para um banco de praça na frente do palácio ou na frente da Prefeitura ou na Praça Deodoro, e ia pregar pela derrubada da violência imediata do governo. Ninguém foi mais vítima disso do que o Renalvo Siqueira, do que Tibúrcio, que eram oradores. Foram homens arrebatados pela polícia, porque tinham palavras de ordem absurdas para levar para o povo. O próprio povo corria, quando dizia: “Olha, um comunista está falando”. Corria porque já sabia que a polícia vinha imediatamente e massacrava quem estivesse por perto, onde estivesse um aglomerado popular, um grupo de pessoas etc. A classe operária, os intelectuais se apavoravam com este tipo de comportamento. Os camaradas, os amigos do Partido, só os muito fiéis é que ainda pegavam um e escondiam. Mas isso foi apavorando e esvaziando completamente a luta do Partido.

---

<sup>30</sup> **O Manifesto de Agosto.** Em 1950, em agosto, o PCB publica um manifesto que se caracteriza pelo rompimento das relações políticas que até aquele momento o Partido vinha tecendo com as forças políticas progressistas. O marco do documento é a formação de uma Frente Democrática de Libertação Nacional, passo importante, na visão dos comunistas, naquela época, para se realizar a revolução socialista. O resultado político d'O Manifesto de Agosto foi o total isolamento em que o Partido se colocou diante das massas trabalhadoras e das suas lutas mais concretas. Essa tática política sectária e eivada de profundo voluntarismo conduziu os comunistas que atuavam no movimento sindical a criar sindicatos paralelos aos existentes, que eram subordinados ao Estado brasileiro. Essa orientação fez com que em muitos locais os comunistas realizassem greves sem que a categoria desejasse ou estivesse mobilizada para tal.

## **O Partido, que tinha mais de 200 mil militantes no Brasil, foi reduzido para quantos?**

Pra dois mil militantes ou um pouco mais. Muitos camaradas caíam nas mãos da polícia, se arrebatavam e fraquejavam, porque não era fácil. Então o Partido foi se esvaziando, até quando achou que devia corrigir aquele comportamento.

## **No *Manifesto de Agosto* você já era militante sindical?**

Militante sindical eu já era, mas não era um ativista. Eu participava de outros sindicatos, depois formei o sindicato da minha profissão, que era o dos rodoviários. Na verdade, ele já existia desde 1937, mas era dirigido pelos carroceiros.

O Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários de Maceió foi fundado pelos carroceiros por causa dos poucos veículos motorizados que havia. Então eles, os carroceiros, formavam o maior número de rodoviários na época. O carroceiro é considerado um condutor de veículo rodoviário de tração animal. Mas foi aumentando o número de veículos motorizados e desaparecendo os carroceiros, especialmente o carroceiro empregado, que era o caso dos carroceiros da fábrica Alexandria, da fábrica de coco João de Atháide, os carroceiros de algumas indústrias canavieiras.

Então, vieram os profissionais do volante. Nós éramos membros da associação beneficente dos motoristas de Alagoas, e eu era motorista da Auto-Viação Estrela do Norte. Em face de uma greve mal conduzida em 1954, começamos a trabalhar para melhorar o salário e algumas questões referentes às empresas e ao policiamento de trânsito.

O presidente da Associação dos Motoristas era Lourenço de Moraes Belo<sup>31</sup>. Lourenço foi solidário no início, mas depois das primeiras notícias dos jornais, começou a repressão, e o Lourenço puxou o tapete e nos deixou. Éramos uns 100 profissionais, todos associados da beneficente. Ele nos deixou conversando sozinhos, especialmente eu, que estava na liderança. O movimento grevista foi um troço desastroso, mas conseguimos algumas conquistas.

Depois, parti com o grupo mais ativo, que participou do processo grevista comigo, para fundar o Sindicato dos Rodoviários. Mas a vaga já estava ocupada. Nós tínhamos que tomar o sindicato das mãos dos carroceiros e foi isso que fizemos. A diretoria era restrita aos empregados da fábrica

---

<sup>31</sup> **Lourenço de Moraes Belo** [ ? ], motorista de praça, foi durante décadas presidente da Associação dos Motoristas e depois do Sindicato dos Rodoviários de Alagoas. A presença de Rubens Colaço, Antonio Omena e José Maurício nas diretorias do sindicato foi fruto de negociações políticas.

Alexandria. A gente se filiou na Delegacia do Trabalho, porque eles não queriam dar entrada na nossa filiação. Na primeira eleição tomamos a direção deles. Nesse período, em 1956, eu já estava na Petrobras e achei por bem ficar na vice-presidência. Era muito novo, tinha uns 26 anos. A maioria era de profissionais mais velhos do que eu, mais conhecidos na cidade. Coloquei Lourenço de Moraes Belo na presidência – digo que coloquei porque realmente quem liderava de fato era eu – e fiquei como vice. Eu trabalhava no campo, então minhas vindas a Maceió eram esporádicas.

O pessoal se queixava: “Rapaz, como é a situação?”. Eu dizia: “É, rapaz, vamos apertar o Lourenço”. Só que a primeira coisa que ele fez foi arranjar uma vaga como chofer na Delegacia do Trabalho.

### **Virou funcionário público?**

Num único ato. Em 1960, eu já tinha deixado a Petrobras e as eleições sindicais estavam próximas. Existia um camarada que, embora me tratasse bem, era muito rígido na direção. Mas com ele eu tive orgulho de militar. Era o velho camarada Sílvio Lira<sup>32</sup>. Ele teve que fazer uma viagem e disse: “Olha, você conversa demais, eu só acredito que você é líder dos motoristas se, quando eu voltar, você for o presidente do sindicato”. Quando ele voltou da viagem, eu já era o presidente do sindicato. Tinha sido vice-presidente durante dois períodos, de 56 a 58 e de 58 a 60, e em 60 tomamos a presidência do sindicato. Foi a partir daí que eu passei, realmente, a ser um ativista.

### **Até onde você conhece, o Partido se resumia a quê?**

Era um grupo aguerrido de militantes sindicais que atuavam nas fábricas de tecidos, na orla portuária de Maceió, na ferrovia e em vários bairros da capital. Tinha o jornal *A Voz do Povo*<sup>33</sup> funcionando, ora clandestino ora semilegal.

---

<sup>32</sup> **Sílvio da Rocha Lira** [1924-1991], operário têxtil da fábrica Carmem de Fernão Velho, dirigente do PCB em Alagoas, foi durante muitos anos secretário de organização do comitê estadual e administrador do semanário *A Voz do Povo*. Em 1958 foi candidato a vereador em Maceió, mas não obteve êxito. Quando ocorreu o golpe militar em 1º de abril de 1964, a polícia não o localizou, e por isso não foi preso. Daí em diante passou a viver na clandestinidade, em Maceió; em seguida foi morar em Pernambuco e em 1972 foi para Salvador. Depois de viver em Salvador foi atuar em São Paulo, foi preso em 1976 com outros comunistas, militares de variadas patentes, vinculados ao PCB. Ficou preso no presídio do Hipódromo, sendo libertado em 1977, com a saúde fragilizada. O dirigente do PCB Marco Antonio Coelho, com quem dividiu a cela, diz que Sílvio Lira foi acometido por “distúrbio de fundo nervoso, perdeu os cabelos em ritmo acelerado e manchas brancas cobriram seu corpo. Em menos de três meses, em razão desses males, sua alteração fisionômica foi tão vertiginosa que chegou ao ponto de seu advogado, que ficou cinco meses sem vê-lo, não o reconhecer”. Coelho, Marco Antonio Tavares, *Herança de Um Sonho – as memórias de um comunista*, Record, 2000, p.442.

<sup>33</sup> *A Voz do Povo*, semanário do PCB criado em 1º de maio de 1946 e que teve como seu primeiro diretor o jornalista penedense André Papini de Góes. O jornal dos comunistas integrou a rede nacional da Imprensa Popular. O jornal funcionou sempre em condições adversas. Durante os governos Silvestre Péricles de Góis Monteiro e Arnon de Mello foi duramente reprimido e empastelado várias vezes por ordem desses

Tínhamos forte atuação junto aos sindicatos dos padeiros. O camarada José Rosas<sup>34</sup> era um dirigente sindical respeitado e foi arrebetado nesse processo. Como dirigente sindical e comunista foi inúmeras vezes preso. Então, sempre tinha algum presidente de sindicato que prometia ajudar, mas, no fundo, todos eram funcionários públicos, originários da Delegacia do Trabalho.

### **Então, além da organização na orla marítima, quais eram os sindicatos em que o PCB tinha presença?**

A partir de 58, 60, tinha também o sindicato dos radialistas, que era dirigido pelo Nilson Miranda. A nossa influência na orla marítima era de tal porte, que naquela época nós tínhamos os institutos de previdência. Eles funcionavam por categorias profissionais. Tinha o instituto dos comerciários, dos ferroviários, dos trabalhadores de transporte de carga, entre outros. Para os institutos, contribuía motoristas, estivadores, arrumadores, conferentes, petroleiros etc. O nosso voto era minoritário porque eles sempre faziam rodízio. A eleição era feita por um colegiado. Nós tínhamos um vogal, como a classe patronal também tinha, e mais um representante do governo, no caso, o delegado do Trabalho. Ganhamos a eleição na orla marítima, mesmo sendo minoria, porque o sindicato dos rodoviários, de que eu fazia parte, era isolado da orla. Tinha o petróleo, uma potência econômica, e nós ganhamos as eleições, ganhamos deles. E isso foi determinante na influência do Partido.

### **No campo, em Alagoas, o partido teve influência, começou a realizar algum trabalho?**

Tentou, pelo menos, mas o sindicato que predominava no interior era o sindicato dos trabalhadores das usinas de açúcar. Nós lutamos anos seguidos e nunca conseguimos fazer uma diretoria, o João...

### **O João Moura?**

---

governadores. No governo democrático de Sebastião Marinho Muniz Falcão, *A Voz do Povo* funcionou sem que a polícia o houvesse molestado. Mas com o golpe militar de 1º de abril de 1964, o jornal foi totalmente destruído, e suas máquinas e documentos foram furtados. Os autores desse ato de vandalismo político são Luiz Cavalcante, governador que autorizou o ato, e os executores: Rubens Quintela e Albérico Barros, este conhecido pela alcunha de Barrinhos.

<sup>34</sup> **José Rosa de Oliveira** [ ? ], padeiro, dirigente estadual do PCB na década de 1950, foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Padaria. Em 1958, compôs a chapa de candidatos nacionalistas disputando uma cadeira para a Câmara Municipal de Maceió. Depois de 1964 deixou a militância comunista, ingressou em outra atividade profissional, a de vidraceiro, mas permaneceu convivendo com o círculo de pequenos comerciantes do Centro de Maceió, que eram vinculados ao PCB.

O João Moura<sup>35</sup> era ponta de lança; José Gomes<sup>36</sup> fez um bom trabalho, José Graciano trabalhou muito; Ricardo<sup>37</sup> fez tentativas mil para ver se conseguíamos fazer uma chapa, mais o velho meu sogro...

### **O Sales?**

É. Ele fez uma força terrível, mas a verdade é que nunca conseguíamos ganhar uma eleição, como até hoje ainda não ganhamos uma eleição no sindicato do açúcar.

### **O Partido participou também de movimentos que não se deram somente no Brasil, mas no mundo inteiro, como o Apelo de Estocolmo. Qual foi a sua participação neste tipo de trabalho?**

Cheguei a trabalhar coletando assinaturas para o Apelo de Estocolmo, que era uma atividade tipicamente internacional, mas os comunistas brasileiros e nós aqui em Alagoas também coletamos assinaturas. Isso fazia parte da sua concepção internacionalista. Esse movimento era contra a Guerra da Coreia e era contra as armas atômicas.

### **Era um movimento internacional pela proibição das armas atômicas?**

Havia uma espécie de chamamento internacional. Nós tínhamos que coletar assinaturas. Dentro disso, eu conheço dois episódios: um atentado a Jayme Miranda, ocorrido em Fernão Velho, e outro ao alfaiate Luiz Luna, que teve as mãos quebradas de palmatória em Rio Largo.

### **Os dois atentados ocorreram no mesmo dia?**

No mesmo dia. Eu coletei assinaturas, mas de amigos, gente da família. Eu estava ligado à produção intensiva e tinha pessoas amigas com quem eu podia

---

<sup>35</sup> **João Moura** [ ? ], operário de usina de açúcar, morador de Utinga, distrito de Rio Largo, foi dirigente estadual do PCB em decorrência das suas atividades como dirigente político e líder sindical. Foi ameaçado de morte, chegou a sofrer um atentado a bala e por pouco não foi morto. Era portador de uma deficiência física: não tinha um dos braços. Pertenceu à comissão de trabalho de campo da direção estadual do PCB. Em 1964 foi preso e levado para a penitenciária de Maceió. Ao ser solto foi morar no interior de São Paulo. As notícias mais recentes sobre ele datam do início da década de 1990.

<sup>36</sup> **José Gomes da Silva** [ ? ], ex-operário da fábrica de tecido Carmem, de Fernão Velho. Era dirigente estadual do PCB e membro da comissão de campo, que tinha a função de organizar sindicatos de trabalhadores rurais em Alagoas. Entrou na Rede Ferroviária Federal, sendo dirigente do sindicato da categoria. Preso em abril de 1964, cumpriu pena e ao voltar ao trabalho continuou na militância sindical e partidária. Voltou a ser preso no final da década de 1960. Foi demitido da Rede Ferroviária. Passou a trabalhar como pedreiro. Na década de 1980 foi eleito dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil. Foi anistiado e aposentado. Foi um dos fundadores da associação dos aposentados da Rede Ferroviária Federal em Alagoas. É um dos fundadores e ex-presidentes do PT de Alagoas.

<sup>37</sup> **Ricardo** [ ? ], operário tecelão, dirigente do PCB em Rio Largo, integrou com João Moura e José Gomes da Silva a comissão de trabalho de campo do PCB em Alagoas. Perseguido pelo patrão, foi demitido. Na década de 1970 abriu um bar em Rio Largo, e tempos depois, foi assassinado em meio a uma briga.



conversar e convencer. Foi um trabalho pesado. O Partido sofreu uma brutal repressão devido à coleta. Os dois episódios são os que eu conheço de repressão mais violenta. Luiz Luna teve as duas mãos quebradas de palmatória, e Jayme foi vítima de um atentado, sendo atingido por um guarda da fábrica de tecido de Fernão Velho, por causa desse trabalho.

### **Mas o atentado ao Jayme Miranda foi uma tentativa de morte?**

Eu apenas tomei conhecimento, não sei das minúcias. Eu vivia mais perto do Luna. O Zeferino<sup>38</sup> foi quem prestou os primeiros socorros e denunciou a situação física do Luiz Luna. O Zife tinha conseguido fugir, e o Luna caiu. A coleta de assinaturas foi um trabalho cheio de riscos e constrangimentos, mas cumprimos a tarefa. Aqui em Alagoas o Partido correspondeu ao apelo.

**Em outubro de 1950 houve a eleição presidencial. Vargas concorreu com o brigadeiro Eduardo Gomes<sup>39</sup>, Cristiano Machado<sup>40</sup> e João Mangabeira<sup>41</sup>. Os três candidatos não conseguiram sequer ter a metade dos votos de Vargas. Vargas teve 49% dos votos do Brasil. Qual foi a posição do Partido?**

Apoiou Vargas, mas, ao mesmo tempo, fez um “antivarguismo”, afinal de contas, tínhamos a experiência de Vargas no Estado Novo. Nós o apoiamos em 45. Em 50 apoiamos Vargas e passamos a ficar contra ele no dia seguinte, porque o populismo de Vargas ainda hoje está nas páginas, nas manchetes. Ninguém tem coragem de negar que Vargas era uma figura simpática à classe operária, e nós não nos sensibilizamos para isso. Em luta contra Getúlio, nos levantamos contra a classe operária também. Então, entre os adeptos de Getúlio não tínhamos condição de trabalhar, porque era a força popular, a classe operária em peso.

**Em Alagoas, que deputados estaduais e federais o Partido apoiou em 1950?**

Para ser franco, não me lembro.

---

<sup>38</sup> **Zeferino da Silva** [ ? ], alfaiate, membro da célula do PCB no bairro do Poço. Trabalhava na alfaiataria do também militante comunista Luiz Luna.

<sup>39</sup> **Eduardo Gomes** [1896-1981] nasceu em Petrópolis; brigadeiro, aviador e patrono da Força Aérea Brasileira. Foi por duas vezes ministro da Aeronáutica e candidato a presidente do Brasil. Destacado integrante da União Democrática Nacional – UDN.

<sup>40</sup> **Cristiano Machado** [1893-1953] nasceu em Sabará, foi prefeito de Belo Horizonte e em 1950 se lançou candidato à presidência da República, mas retirou a candidatura e apoiou Getúlio Vargas.

<sup>41</sup> **João Mangabeira** [1880-1964] nasceu em Salvador. Jurista, escritor, foi deputado estadual, federal e constituinte em 1946; fundador do Partido Socialista Brasileiro - PSB e um dos principais teóricos dos socialistas. Durante a ditadura Vargas, ficou preso por quinze meses. Foi ministro das Minas e Energia e da Justiça e Negócios Interiores.

**Três anos depois ocorreu a eleição para prefeito e o partido disputou com um candidato próprio, que foi Sebastião da Hora.**

Exatamente.

**Você participou dessa campanha?**

Participei. Inclusive foi a primeira vez que subi em palanque político.

**Como foi feita a campanha dele?**

O Partido deu a carga que podia dar. O jornal *A Voz do Povo*, em plena atividade, contribuindo também; todos os militantes empenhados na campanha. Mas nós estávamos saindo ainda de uma confusão. Sebastião da Hora era um homem identificado como comunista, respeitado, um comuna da cepa. A burguesia se encarregou de sacanear contra ele, embora fosse estimadíssimo. Uma coisa era o médico, o homem de propósitos. Outra coisa era o comunista. Então foi fácil, era só atirar pedras contra o Sebastião da Hora.

**Na campanha, que tipo de trabalho foi desenvolvido pelo Partido? Era só pichação, distribuição de panfletos?**

Não. Havia os comícios em todos os locais, dois, três por dia. Fizemos uma bonita campanha, do Trapiche da Barra, Pontal, até Bebedouro.

**Sebastião da Hora era de qual partido?**

Era do PSP.

**Partido Social Progressista. Quais eram os outros concorrentes?**

Um deles era coronel, genro do Rubens Quintela<sup>42</sup>.

**Lucena<sup>43</sup>?**

---

<sup>42</sup> **Rubens Quintela** [1930], nascido em Maceió, advogado, delegado de polícia, ex-secretário de Segurança Pública de Alagoas e Roraima. Foi um dos mais ativos membros da repressão em Alagoas. Formou dupla com Albérico Barros para invadir e destruir o jornal *A Voz do Povo*, além de prender inúmeros militantes e dirigentes. Tem se notabilizado no mundo do crime como exímio conhecedor dos seus meandros. Em 1964 ficou mais conhecido ainda pelas torturas que praticou e comandou contra o dirigente comunista Rubens Colaço. Esse ato abominável foi relatado em entrevista exclusiva dada à revista *Última Palavra*, em 2 de setembro de 1988, p. 5: “O coronel João Mendes de Mendonça me chamou e pediu que investigasse um telegrama do Cenimar, dando conta de que Colaço possuía 150 metralhadoras fabricadas na Tchecoslováquia. Prendi-o com minha equipe e levei o Colaço para o Catolé, onde o submeti à tortura de mergulhos. Ele falou não ser da linha chinesa, mas da linha de Moscou. Eu não entendia nada disso”.

<sup>43</sup> **José Lucena de Albuquerque Maranhão** [1890 - ?], coronel da Polícia Militar de Alagoas, foi eleito prefeito de Maceió para o mandato de 1953 a 1955.

Isso mesmo. Coronel Lucena Maranhão. Parece que ele foi eleito. Teve outro candidato que já não me lembro quem foi. Foi o segundo mais votado. Sebastião foi o terceiro.

**O ano de 53 teve o episódio salutar de o Partido disputar uma candidatura para prefeito com um militante como o Sebastião da Hora, que era conhecido. Teve também o fato marcante para o movimento comunista internacional, que foi a morte do Stalin. Qual foi a repercussão da morte de Stalin em Alagoas?**

Um desastre. É como se o Padre Eterno tivesse mergulhado de cabeça no inferno. Sem o grande paizinho da humanidade, o que a humanidade iria fazer? O sentimento dos que estavam dentro do Partido era de quem havia perdido o dirigente máximo da humanidade. Estávamos educados para isso a ferro e fogo.

**E quando assumiu o Khrushchov<sup>44</sup>, qual foi a reação?**

Nesse período de insegurança, com a subida do Malenkov<sup>45</sup>, Molotov<sup>46</sup> e Beria<sup>47</sup>, o triunvirato que substituiu Stalin, o Partido ficou completamente desorientado. Foi um período de desorientação total. Ninguém sabia quem era quem, a quem deveria obedecer, que teoria continuou prevalecendo. A subida de Khrushchov deu no que deu. Vieram os que começaram a aceitar e os que repudiavam. Então começou a haver cisão.

**Isso criou algum tipo de insegurança?**

Insegurança absoluta. Foi o XX Congresso do PCUS que trouxe uma nova orientação. Partido de estilo novo. Houve modificações no comportamento de aplicação da linha, um começo de democratização da vida interna do Partido. Uns aceitaram, outros não. Alguns se revoltaram e ficaram por aí, como Grabois, Pomar, Amazonas e tantos outros.

---

<sup>44</sup> **Nikita Khrushchov** [1894-1971], secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética – PCUS, assumiu o posto de mandatário da URSS logo após a morte de Josef Stalin. Durante o XX Congresso do PCUS leu o relatório onde denuncia os crimes praticados na era stalinista.

<sup>45</sup> **Gueórgui Maximiliánovitch Malenkov** [1902 -1988]. Membro do Comitê Central do PCUS e ex-premier da União Soviética de 1953-1955.

<sup>46</sup> **Viatcheslav Mikhalovitch Molotov** [1890-1961], membro do CC do PCUS e um dos principais colaboradores de Stalin, foi em duas oportunidades ministro das Relações Exteriores da URSS, de 1939-1949 e de 1953-1956.

<sup>47</sup> **Laurentiy Paulovch Beria** [1899-1953] foi o chefe da NKVD, poderosa polícia secreta do regime stalinista na Geórgia, e nessa condição foi o principal executor do grande expurgo ordenado por Stalin na década de 1930, e também o comandante do massacre da Katyn, onde mais de 22 mil oficiais e intelectuais poloneses foram assassinados. Em dezembro de 1953 foi executado, depois de julgado.

**Com a morte de Stalin e a realização do XX Congresso da União Soviética, do PCUS, em 56, a delegação brasileira, composta de Amazonas<sup>48</sup>, Arruda<sup>49</sup>, parece-me também que de Agildo Barata<sup>50</sup>, compareceu em Moscou e se recusou terminantemente a discutir o relatório Khrushov. Inclusive, esse material já tinha sido divulgado por toda a imprensa mundial, só que o PCB (Partido Comunista Brasileiro) não tinha publicado nem uma linha sequer do relatório Khrushov. Além disso, acusava a publicação mundial de provocar a reação do imperialismo. Como é que isso repercutia aqui, em Alagoas?**

Aqui não repercutia nada, só se obedecia. Quando a orientação começou a entrar nas reuniões do Partido, os camaradas da direção que davam assistência em Alagoas já estavam convictos do acerto da linha Khrushov. Não houve reação imediata. As cisões tiveram início depois da cisão da China, que começou a estimular os jovens. A primeira cisão começou mesmo com o Rui Sales<sup>51</sup> e o Manoel Lisboa de Moura<sup>52</sup>, em 1962, mais ou menos.

**Na década de 50 foi fundada a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil - Ultab<sup>53</sup>, quando ocorreu a declaração da campanha**

---

<sup>48</sup> **João Amazonas de Souza Pedroso** [1912-2002] nasceu em Belém do Pará e morreu em São Paulo. Foi deputado federal pelo PCB, eleito para a Assembleia Nacional Constituinte de 1946. Em 1962 funda o PCdoB, depois de romper com o PCB. Na década de 1970 é o principal dirigente do PCdoB e da guerrilha do Araguaia.

<sup>49</sup> **Diógenes Arruda Câmara** [1912-1979], agrônomo, foi durante décadas um destacado dirigente do PCB. Ao divergir da linha política do PCB, rompe e vai para o PCdoB, onde se reencontra e passa a atuar com seu antigo companheiro, João Amazonas.

<sup>50</sup> **Agildo da Gama Barata Ribeiro** [1905-1968] foi um dos tenentes do Exército que participaram da revolução de 1930, liderada por Juarez Távora. Em janeiro de 1947 foi eleito pelo PCB vereador no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. O Partido, no entanto, teria seu registro cancelado em maio seguinte. Em janeiro de 1948 seria a vez dos parlamentares comunistas, que tiveram seus mandatos cassados. Com o anúncio dos crimes da era stalinista feito por Khrushov em 1956, iniciou a defesa de mudanças nas estruturas do Partido. Não foi bem entendido e em 1957 abandonou o PCB.

<sup>51</sup> **Rui Sales Costa** [1938-1986] nasceu em Viçosa, Alagoas, e morreu em Maceió. Advogado, procurador da prefeitura municipal de Maceió. Foi militante do PCB. Intelectual e boêmio, quando estudante secundarista em Viçosa, sua terra natal, foi redator do jornal *A Voz de Viçosa*.

<sup>52</sup> **Manoel Lisboa de Moura** [1944-1973] nasceu em Maceió. Foi assassinado pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, em 1973, em São Paulo. Fundou em dezembro de 1966 o Partido Comunista Revolucionário – PCR, com Amaro Luís de Carvalho, o Capivara, Ricardo Zarattini Filho, Selma Bandeira, Valmir Costa e outros companheiros.

<sup>53</sup> **Ultab, União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil**, organização camponesa fundada em 1954, claramente sob influência do PCB, trabalho que culminou na criação da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag. O dirigente comunista Lindolfo Silva foi um dos líderes dos camponeses no Rio de Janeiro e também um dos organizadores da Ultab na década de 1950, juntamente com o alagoano José Pureza, sendo eleito o primeiro presidente da Contag em 1963. Mas no dia 1º de abril de 1964, com o golpe militar, entrou na clandestinidade, e em seguida foi para o exílio na Tchecoslováquia, onde viveu até 1979, quando voltou ao Brasil.

**nacional pela reforma agrária. Houve algum movimento em Alagoas pela reforma agrária nessa época, ou só a partir de 60?**

Não houve nenhum movimento. O trabalho de campo era feito com a finalidade de ganhar um sindicato: o da indústria. O sindicato do açúcar era a representação da maior indústria de Alagoas. No campo, quem conduzia os trabalhos era o José Gomes, José Graciano, Ricardo e o João Moura, que também se voltaram para organizar os sindicatos de trabalhadores rurais.

**Quem é Ricardo? Ele está vivo?**

Esse, coitado, na queda de 64 desmantelou-se e terminou botando bodega depois, cabaré. Acabou morrendo na ponta de uma faca. Era um camarada de grande valor.

**E João Moura? Ainda vive? A última notícia que eu tenho de João Moura foi dada por um amigo do Graciano, em Rio Largo. Ele está naquela região de Piracicaba, em São Paulo.**

Ele não sabe?

**Não, o Graciano não está sabendo. Em 58, o Partido saiu do isolamento do *Manifesto de Agosto* para formar uma ampla frente democrática e nacionalista. O Partido participa de corpo inteiro nas propostas nacionalistas e nas reformas de base. Volta aos sindicatos e consegue trabalhar realmente com os trabalhadores.**

Com os trabalhadores, com as pessoas de esquerda, dos partidos populares... Somente aqui, em Alagoas, nós conseguimos. Eu também não sei até onde ia o nosso radicalismo junto a Aurélio Viana<sup>54</sup>.

**Aurélio Viana foi o único deputado estadual eleito pelo partido socialista, em 45?**

Exatamente, e depois eleito senador na Guanabara, em 1962. Aurélio Viana foi o homem que teve coragem de protestar dentro da Escola Superior de Guerra e pedir a anulação da sua inscrição, por não aceitar participar de um organismo espúrio como aquele. Foi o único que eu conheço. Ele teve um comportamento honroso.

---

<sup>54</sup> **Aurélio Viana da Cunha Lima** [1914 -2003] nasceu em Pilar; professor, advogado, funcionário público do IAPI, ex-deputado estadual pela UDN, eleito em 1947, em 1950 funda em Alagoas o Partido Socialista Brasileiro – PSB, pelo qual se reelege deputado. Foi também eleito deputado federal e senador da República pela Guanabara, derrotando o todo-poderoso e favorito Juracy Magalhães, da UDN. Quando, em 1966, os militares extinguiram os partidos políticos e deixaram apenas dois, a Arena e o MDB, Aurélio se filiou ao MDB da Guanabara, onde exerceu a liderança do partido no Congresso Nacional.

**Tem uma coisa que é flagrante. Para mim, foi pouco o trabalho que o Partido desenvolveu com as mulheres. Surgiu a Federação das Mulheres do Brasil em maio de 49 e Alagoas não participou ativamente dela. Por quê?**

A participação de mulheres dentro do Partido era ínfima, resumia-se a duas ou três, mais amigas de Marinete<sup>55</sup> do que militantes. Nunca se desenvolveu um trabalho em cima disso. O que era feito não passava de uma nota no jornal no dia 8 de março. Tentamos mudar isso quando a Anilda Leão<sup>56</sup> foi para a União Soviética. Mas ela voltou mais reacionária do que quando foi. Esperávamos que, por intermédio dela, um trabalho começasse com as mulheres. Mas a verdade é que ela foi para a União Soviética e voltou inimiga do Partido.

**Mas existiam células de base feminina?**

Não. Mas nós tínhamos condições de criar. Poderíamos ter feito um bom trabalho, porque havia uma penetração do Partido muito grande nos sindicatos de Saúde, de Fernão Velho e Rio Largo.

**Onde era predominante a mulher.**

Pois é, bases predominantemente femininas. Tinham as tecelãs, as fiandeiras e outras. A verdade é que houve subestimação e o trabalho com as mulheres nunca foi feito.

**Quais eram as mulheres que trabalharam no Partido, além de Marinete?**

---

<sup>55</sup> **Maria Augusta Neves de Miranda** (1918 - ?), conhecida como Marinete, foi dirigente do PCB durante duas décadas. Presa na década de 1950, durante o governo Arnon de Mello, era a proprietária do imóvel onde funcionou por 18 anos o semanário comunista *A Voz do Povo*, na Rua do Comércio, 606. Marinete era irmã do também dirigente comunista e seu sócio na loja A Preferida, situada na rua Moreira Lima, em 1º de abril de 1964. Os dois foram presos e levados para a Penitenciária de Maceió.

<sup>56</sup> **Anilda Leão** [1923] nasceu em Maceió. Poeta, contista, cronista, militante feminista e atriz, filha do ex-deputado e ex-prefeito de Maceió, Joaquim Leão; formada em Contabilidade pela Escola Técnica de Comércio de Alagoas. Precoce, publicou o seu primeiro poema aos 13 anos. Colaborou com várias publicações, entre elas as revistas *Caetés* e *Mocidade* e os jornais *Gazeta de Alagoas* e *Jornal de Alagoas*. Participou ativamente da Federação Alagoana para o Progresso Feminino – FAPF desde a década de 1950, presidindo a entidade desde 1990. Em 1963 foi indicada pela FAPF para ir ao Congresso Mundial de Mulheres, em Moscou. Ao chegar do Congresso e expressar suas opiniões na imprensa acerca da vida na antiga URSS, desencadeou uma polêmica em Alagoas, quando a direita e a esquerda a criticaram veementemente. O seu livro de poemas *Chão de Pedras* é publicado em 1961. Em 1973 ganha o prêmio Graciliano Ramos da Academia Alagoana de Letras com o livro de contos *Riacho Seco*. Pertence à Academia Alagoana de Letras e participou dos filmes *Lampião* e *Maria Bonita, Órfãos da Terra, Bye Bye, Brasil, Memórias do Cárcere* e *Deus é Brasileiro*; ainda integrou os elencos das peças teatrais *Bossa Nordeste* e *Onde Canta o Sabiá*.

Tem mais duas ou três companheiras de que não lembro o nome. Elas eram membros do partido municipal, da organização de base. Nós tínhamos massa de mulheres nos sindicatos, como o de camponeses. Hoje, a gente vê que poderia ter feito um trabalho com as mulheres, mas não fez.

### **Com os estudantes, que trabalhos foram realizados?**

Entre os jovens estudantes, a organização foi feita muito inabilmente, no calor próprio da juventude. Os melhores do Partido radicalizaram. Foi o caso do Rui, que enlouqueceu; do Moura, do Odijas<sup>57</sup>, que perderam a vida. Tivemos, entre 50 e 60, se não me engano, um trabalho muito bem-feito junto ao operário e ao camponês. Fizemos um congresso que mobilizou muita gente, todas as escolas. A de Serviço Social participou intensamente, e por pouco a juventude do Partido não estraga o encerramento do congresso, por causa da inabilidade, da falta de orientação, do comportamento comunista, do sectarismo. A composição do seminário operário – estudantil – camponês englobava muitas áreas.

---

<sup>57</sup> **Odijas Carvalho de Souza** [1945-1971] nasceu em Atalaia, Alagoas. Estudante de agronomia da Universidade Rural de Pernambuco, militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário – PCBR, morreu em 1971, após sessões de torturas aplicadas no Dops do Recife. “Há inúmeros depoimentos detalhando as brutais torturas a que Odijas foi submetido na Delegacia de Segurança Social de Recife, praticadas por cerca de 10 policiais, denunciadas mais tarde, nome por nome, por outros presos políticos, destacando-se entre seus algozes o investigador Miranda, notório torturador que foi apontado como um dos assassinos do Padre Henrique em 1969.” *Direito à Memória e à Verdade – Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos políticos*, Brasília, 2007, p.146

## 3º Capítulo

### A luta para fundar os sindicatos rurais e o CGT<sup>58</sup>

#### Quem organizou o congresso?

Fomos nós, do CGT, junto com os sindicatos operários, camponeses, e com as células estudantis.

#### A Igreja participou?

Participou. Para você ter uma ideia, o médico José Rocha<sup>59</sup> redigiu uma tese sobre o comportamento brasileiro em face da situação cubana. Na comissão onde eu estava trabalhando, a composição de seminaristas, freiras, não tava no gibi. Era a comissão de Assistência Social, e a tese do José Rocha passou inteirinha como estava redigida. Mas quando chegou à sessão de encerramento, juntou Valter Pedrosa<sup>60</sup>, Nô<sup>61</sup>, Dalmo Lins<sup>62</sup> – um coitado, não tinha nada na cabeça, muito fraco –, aí pronto, se empolgaram e quase deram

---

<sup>58</sup> **Comando Geral dos Trabalhadores** – CGT, entidade intersindical criada em São Paulo em 1962, no IV Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores. O objetivo do CGT era coordenar o movimento sindical brasileiro, urbano e rural. Funcionou sem que o Ministério do Trabalho o reconhecesse como uma entidade representativa dos sindicatos, federações e confederações a ela filiados até o dia 1º de abril de 1964, quando foi fechado e seus dirigentes foram presos e tiveram de se exilar.

<sup>59</sup> **José Albuquerque Rocha** [ ? - 2006] nasceu em Palmeira dos Índios. Médico, ex-dirigente do PCB em Alagoas, em 1964 foi preso; quando saiu da prisão, continuou a militância no PCB. Participou da fuga do dirigente da Ação Popular – AP Aldo Arantes, que se encontrava preso numa delegacia de polícia em Maceió, em 1969. Na década de 1970 foi morar em São Paulo, onde permaneceu vinculado ao Partido até a década de 1980. Deixou o PCB e se filiou ao PDT. Morreu em 2007, em Maceió.

<sup>60</sup> **Valter Pedrosa de Amorim** [1935-2008] nasceu em Murici. Engenheiro sanitário, ex-telegrafista, aposentado em abril de 1964. Iniciou a sua colaboração ao jornal *A Voz do Povo* quando ainda era estudante. Escritor com vasta obra, iniciou a atividade intelectual como redator do semanário *A Voz do povo*, onde publicou os seus primeiros trabalhos literários. Morreu em 2008, em Brasília, onde residia com a família.

<sup>61</sup> **Valfrido Pedrosa de Amorim, Nô Pedrosa** [1940], como é conhecido, nasceu em Santa Luzia do Norte; bacharel em Letras pela UFAL. Iniciou a sua militância política quando ainda era estudante secundarista, se filiando à União da Juventude Comunista – UJC do PCB. Destacou-se como ativo militante do movimento estudantil secundarista; preso em 1964, nos primeiros dias do golpe militar. No final da década de 1960, rompe com o Partido e se liga às organizações esquerdistas que defendiam a luta armada. Passado o tempo, Nô Pedrosa se transforma num militante anarquista. É o mais celebrado militante da causa anarquista nas Alagoas.

<sup>62</sup> **José Dalmo Guimarães Lins** [1937-1971] nasceu em Maceió. Desde muito jovem entrou para o PCB em Maceió. Foi membro da Executiva Estadual do PCB, atuou como jornalista do semanário *A Voz do Povo*, entre 1962 e 1963, esteve em Cuba e na União Soviética. Preso em 1964, pela primeira vez, mais tarde em 1967 foi morar no Rio de Janeiro com a sua companheira Maria Luiza Araújo, médica, recém-formada. É preso pela segunda vez em 1970. O apartamento do casal foi invadido pelos agentes do DOI-CODI, sendo presos, Dalmo por seis meses e Maria Luiza por um ano. Em 1971, fruto das sequelas psicológicas deixadas pelas torturas, suicida-se, pulando do 6º andar do apartamento onde residiam, no Leblon.



com os burros n'água, porque as outras correntes participantes ameaçaram abandonar o congresso.

### **Pensaram que era um congresso de comunistas?**

Por defender essas teses e a unidade para chegarmos ao fim do seminário hegemonicamente como partido, fui chamado de gigolô de freira. Isso porque eu tinha compreensão do processo, eu trabalhava no campo, com padres, com freiras, com assistentes sociais, e sabia dos sentimentos deles. Eu sempre dizia e continuo dizendo: vamos ter que respeitar a Igreja por muitos e muitos anos. Não podemos subestimar o papel dela nos exercícios revolucionários.

### **Esse seminário foi em que ano?**

Em 60, se não me engano.

### **O Jayme Miranda já estava trabalhando na direção do Partido em Alagoas?**

Já. Era um secretariado de quinta categoria, naquela época. Sílvio Lira era o homem do trabalho ilegal, tinha que se apoiar nas informações que nós trazíamos. Eu trabalhava intensamente no campo, passava dois dias aqui e o resto da semana no campo. E foi graças a esse trabalho que nós conseguimos realizar a tarefa, quando eles mandaram jogar gasolina e tocar fogo no padre do distrito de Saúde – padre reacionário da peste, não parecia nem padre, parecia mais um franciscano.

### **Quem mandou?**

Dalmo, Valter, Manoel Lisboa... Eles mandaram jogar gasolina e tocar fogo no padre. O general Nabuco Lopes<sup>63</sup>, reacionário pra danar, era o orientador–mor, era o mentor do Soral<sup>64</sup> e me procurou pessoalmente: “É, rapaz, orienta esses jovens aí, não é por aí que se chega lá, não é por esse caminho etc.” Nunca pensei que aquele sacana depois se tornaria reacionário. Ele me procurou pessoalmente, me botou dentro do carro dele para conversarmos a esse respeito: “Olha, diga a esses meninos para não entrarem por esse caminho, porque fica difícil para nós defendermos junto ao Estado a composição que estamos fazendo. Começamos com ela frágil, mas agora já está forte”. E os meninos chegaram a ser presos por causa dessas provocações.

---

<sup>63</sup> Nabuco Lopes [ ? ], general, foi reitor da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>64</sup> Soral, Serviço de Orientação Rural de Alagoas, entidade vinculada à Igreja Católica, tinha como objetivo a organização dos trabalhadores rurais em sindicatos e cooperativas. Contava em sua estrutura com assistentes sociais, professores, religiosos e estudantes.

### **Você começou a se engajar no trabalho de sindicalização e de formação dos sindicatos efetivamente a partir de quando? Antes de 60?**

Comecei a me engajar fortemente depois do 4º Encontro Sindical Nacional, com a formação do CGT.

### **O 4º Encontro Sindical Nacional foi em 62, em Belo Horizonte?**

Foi. A partir daí, foi criado, de fato, o CGT e, em Alagoas, como ficou determinado pelo próprio 4º Encontro, deviam ser criadas comissões de campo para dar assistência à fundação de sindicatos camponeses. Já tínhamos uma experiência, que tinha sido a fundação do Sindicato dos Rodoviários de Penedo. Apoiado nele, foi fundado também o Ultab. Isso deve ter sido em 60. Foi muito gratificante para nós. Já chegamos no 4º Encontro Sindical Nacional com experiência. Quando nós fundamos o sindicato de Penedo em nome da Ultab, ainda não havia sindicalismo camponês por aqui.

### **Quer dizer que você começou por Penedo? Você morou lá, não foi?**

Sim, tínhamos experiência. Fundamos a delegacia do Sindicato dos Arrumadores junto com o Mário Correia<sup>65</sup>. Tínhamos duas fontes sindicais onde poderíamos nos apoiar em Penedo. Os mais esclarecidos, como os bancários do Banco do Brasil, começaram a ajudar. Eu me fiz amigo do pessoal do círculo operário, então tivemos condições de envolver todo o mundo nesse trabalho. Os primeiros contatos com a Igreja também foram por intermédio desse sindicato. Uma experiência bem gratificante. Começamos em desacordo com o padre Hildebrando Guimarães<sup>66</sup>, que era cônego da cidade e pároco do município de Penedo. Sempre que eu chegava, a rádio entrava no ar: “Acaba de chegar o comunista agente da Rússia que vai levar todos os camponeses pra Rússia. O navio chega no mês que entra etc.”

### **Sempre quando você ia a Penedo?**

Eu chegava a Penedo, na casa do meu irmão, e já ouvia no rádio. O padre não acreditava que nós conseguíssemos. Ele subestimou o trabalho. Aí, ele partiu também para fundar um sindicato. Mas nós fizemos o nosso trabalho

---

<sup>65</sup> **Mário Correia da Silva** [ ? ], arrumador, ex-presidente do Sindicato dos Arrumadores de Alagoas, dirigente do Pacto de Unidade e Ação – PUA, organização que congregava os sindicatos da orla marítima e do Comando Geral dos Trabalhadores – CGT. Em abril de 1964, foi preso e destituído da presidência do Sindicato dos Arrumadores e do Trabalho. Participou da reorganização do PCB em Alagoas em 1980, após a Anistia. Morreu vítima de acidente automobilístico, em Maceió, na década de 1980.

<sup>66</sup> **Hildebrando Veríssimo Guimarães** [ ? ], padre, pároco de Penedo, contribuiu na organização de alguns sindicatos rurais e no processo de consolidação da Colônia Pindorama em Coruripe, região Sul de Alagoas. Foi professor da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

dentro das lagoas, com um cidadão muito prestigiado e um camponês inteligente, que era o João Grosso. Nós nos apoiamos nele e mais em alguns camponeses amigos dele e tocamos por dentro das lagoas. Quando chegou o padre tentando sabotar da forma que era possível, ele teve que se dobrar. A partir daí, nos primeiros contatos pessoais que nós tivemos, ele começou a ver e a sentir que nós não éramos “a besta-fera” que ele pregava. Daí em diante, fundamos o sindicato de Piaçabuçu com ajuda do padre Hidelbrando, que participou conosco dos primeiros encontros que fizemos em Igreja Nova. Mas foi aí que veio o glorioso 64 e destruiu tudo o que fizemos. Quer dizer, pelo menos parte do que fizemos. O fator predominante na luta, na organização dos sindicatos camponeses, foi a decisão do CGT.

### **No 4º Encontro Nacional?**

Isso. Depois do 4º Encontro Nacional, tivemos oportunidade de travar lutas. A família Gomes de Barros<sup>67</sup> sempre teve interesse em desalojar os camponeses da cidade, que agora é hortigranjeira. Os camponeses eram centenários na região. Era coisa de pai para filho, avô. Então, Antonio Gomes de Barros<sup>68</sup>, secretário de Agricultura na época, quis tirá-los de lá.

### **No governo Luiz Cavalcante<sup>69</sup>?**

Sim. Quis tirar os camponeses na marra e não conseguiu. A verdade é que eles ficaram até agora. Quem desalojou foi essa tal cidade hortigranjeira<sup>70</sup>, há dois, três anos. Tem um fato interessante da fazenda Feliz. Os camponeses vieram aqui em comissão. Era a comissão de campo da CGT. Tratando conosco, fizeram denúncias do que estava sendo planejado para vitimá-los, inclusive na retirada e na desocupação das terras. Eu achei meio dura a maneira como um deles estava colocando os fatos e o desafiei a repetir na

---

<sup>67</sup> A família Gomes de Barros tem bases políticas em União dos Palmares e em vários municípios da Mata Norte de Alagoas.

<sup>68</sup> **Antonio Gomes de Barros** [ ? ], pecuarista, ex-deputado estadual, ex-prefeito de União dos Palmares, vice-governador de Alagoas, indicado juntamente com Divaldo Suruagy, em 1975, em plena vigência da ditadura militar. Foi um dos líderes do golpe militar em Alagoas. Participou da mobilização dos usineiros, fazendeiros e comerciantes que se armaram para enfrentar os trabalhadores que realizariam o comício em defesa das reformas de bases na Praça Dom Pedro II, no dia 29 de março de 1964, e contaria com as presenças de Leonel Brizola e Miguel Arraes, que por precaução não vieram.

<sup>69</sup> **Luiz de Souza Cavalcante** [1913-1990], general, ex-governador e ex-senador da República por Alagoas. Foi um ativo conspirador no golpe de 1º de abril de 1964. Udenista, vinculado ao governador Carlos Lacerda, contribuiu para que em Alagoas fosse organizada uma milícia com cerca de 10 mil homens, com armas, munição e combustível para resistir, se fosse necessário, caso houvesse reação ao golpe militar em Pernambuco.

<sup>70</sup> **Cidade Hortigranjeira** era a denominação do projeto de assentamento de agricultores familiares do município de União dos Palmares. A coordenação do projeto era da Secretaria de Agricultura do estado de Alagoas, mas nunca foi concretizado, e as terras públicas foram distribuídas (griladas) entre políticos locais.

frente de Antonio Gomes o que ele acabava de me dizer. Ele disse: “Eu repito”, e eu: “Então, volte para os filhos, fique de quarentena, não bote a cara na rua, que de certa maneira eles estão sabendo que você esteve por aqui, e nos aguarde que no domingo iremos até lá”. Preparamos uma comissão de cinco presidentes dos sindicatos dos rodoviários, bancários, radialistas, jornalistas, para irmos até lá.

### **Quem foi representando os sindicatos?**

Eu, Nilson Miranda<sup>71</sup>, Roland Benamor<sup>72</sup>, Teófilo Lins<sup>73</sup> e Alan Brandão<sup>74</sup>, do petróleo.

### **Todos membros do CGT?**

Todos. Eram 25 sindicatos membros do CGT aqui em Alagoas, sindicatos industriais e de operários. Só tinha chegado eu e Alan. Então eu disse: “Vamos assim mesmo, vamos embora que os camponeses estão lá esperando”. Quando chegamos à estação ferroviária em União, estava lá o pessoal do Gomes de Barros e queriam nos dar carona. A gente disse: “Não, muito obrigado, nós vamos por aqui mesmo”. Mas a verdade é que, quando chegamos lá na tal

---

<sup>71</sup> **Nilson Amorim de Miranda [1933]** nasceu em Maceió. Jornalista e radialista, ex-editor do semanário *A Voz do Povo*, ex-vereador de Maceió pela legenda do Partido Social Progressista – PSP. No final da década de 1950 trabalhou para fundar o Sindicato dos Radialistas de Alagoas e foi o seu primeiro presidente. Quando eclodiu o golpe militar em abril de 1964, entrou na clandestinidade, tendo de evadir-se de Alagoas, pois passou a ser procurado pela polícia. Sua cabeça foi posta a prêmio. Viveu clandestino por muitos anos no Brasil; em meados da década de 1970 exilou-se na Europa, vivendo nas cidades de Moscou, Paris e Lisboa. Desembarcou em Alagoas, meses antes da Anistia, que ocorreu em 1979. Foi reintegrado as suas atividades como jornalista e radialista. Não demorou, foi eleito dirigente do Sindicato dos Jornalistas e Radialistas, e em seguida foi eleito tesoureiro da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Comunicação e Propaganda – Contcop. Integrou a redação do jornal *Correio Sindical* de São Paulo, órgão dos comunistas voltado para o movimento sindical. Trabalhou, ainda, como repórter nos jornais *Tribuna de Alagoas* e *Correio Brasiliense*. Foi candidato a deputado estadual por duas vezes, mas não conseguiu se eleger. Com a legalidade do PCB, em 1985, candidatou-se a prefeito de Maceió. Fez uma campanha de afirmação da sigla; obteve pouco mais de mil votos.

<sup>72</sup> **Roland Bitar Benamor [1933]**, bancário, radialista, ex-diretor-geral da Rádio Difusora de Alagoas, presidente do Comando Geral dos Trabalhadores – CGT. Preso em abril de 1964, foi um dos últimos a serem libertados. Depois do golpe foi morar no Rio de Janeiro, onde viveu por mais de três décadas. Anistiado, hoje reside em Maceió.

<sup>73</sup> **Teófilo Alves Lins [ ? ]**, jornalista, fundador e dirigente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Alagoas, foi preso político em 1964. Quando da fundação do Comando Geral dos Trabalhadores – CGT, foi eleito dirigente. Antes e depois de 1964 foi sempre um aliado do PCB.

<sup>74</sup> **Alan Rodrigues Brandão [1931]**, funcionário da Petrobras, foi um dos fundadores do Sindicato dos Petroleiros e membro da direção do CGT. Em 1964, foi preso, afastado do emprego, respondendo a Inquérito Policial Militar – IPM em razão das suas atividades sindicais. Foi candidato a deputado estadual em 1978, pelo MDB; não se elegeu, mas participou do processo de redemocratização e da campanha da Anistia em Alagoas. Em companhia de outros sindicalistas em 1980 ajudou a criar o Partido dos Trabalhadores em Alagoas. Ao ser anistiado, retorna ao trabalho como petroleiro, sendo eleito novamente dirigente do Sindicato dos Petroleiros de Sergipe e Alagoas, e anos depois, ao se aposentar, tornou-se dirigente da Associação dos Petroleiros Aposentados.

fazenda, eles já estavam. Fizemos a exposição do motivo da nossa presença, e Antonio Gomes saiu pela tangente – ou pretendeu sair –, e eu disse: “Olha, doutor, nós temos uma pessoa aqui que vai repetir o que nós estamos dizendo. Chama o homem!” Logo em seguida chegou o cidadão e dois vigias com cacete de embira de oito quinas, octogonal. Mesmo assim o camponês não se amedrontou e disse tudo. Aí Antonio Gomes disse: “Isso não é possível, não dá para continuar assim. Nós mandamos aqui. A minha família manda aqui há cem anos”. Depois Alan, numa das poucas vezes em que foi feliz numa intervenção, disse: “Pois bem, doutor, acho que já está bom deixar de mandar”.

### **Qual foi a reação do Antonio Gomes de Barros quando você e Alan estiveram na fazenda Feliz?**

A reação foi a que a gente já esperava. Ele usou todos os dispositivos que tinha para que os camponeses se retirassem, mas o CGT, imediatamente, se comunicou com o presidente da Superintendência da Política Agrária (Supra), João Pinheiro Neto<sup>75</sup>, que informou a situação para a Secretaria da Agricultura e desmobilizou as pretensões dos Gomes de Barros de desalojar os camponeses. Só que, depois da “gloriosa” invenção imoral que foi a tal cidade hortigranjeira – que de hortigranjeira não tem coisa nenhuma –, os camponeses foram despejados.

Agora, nem alhos nem bugalhos. A fazenda Feliz está à disposição para o que eles quiserem explorar. Tenho certeza de que há interesse da família Gomes de Barros de se apropriar daquelas terras. Discutia-se, inclusive, que a fazenda era própria para criar gado, mas nós defendemos que a preferência seria do homem e não do boi, e que o Sr. Antonio fosse criar boi em outras áreas, porque ali já havia famílias radicadas há mais de cem anos e não podiam ser removidas do seu local de trabalho, do seu ramo específico, que era a cebola – eles eram chamados de ceboleiros da fazenda Feliz –, para dar lugar à criação de gado. Naquela etapa, nós ganhamos, vencemos. Mas, voltando para a questão anterior, dos problemas do sectarismo e da maneira como o Partido intervinha na vida do militante. Eu sempre fui arredio ao casamento e, inclusive, achava que um bom dirigente comunista não podia ser

---

<sup>75</sup> **João Pinheiro da Silva Neto** [1928] nasceu em Roma - Itália. Advogado e jornalista, integrou o gabinete do então governador de Minas Gerais Juscelino Kubistchek, em 1956. Com a posse de JK na presidência da República é nomeado oficial do Gabinete Civil. No governo parlamentarista de João Goulart foi nomeado ministro do Trabalho, num curto período. Em 1963 foi nomeado presidente da Superintendência da Política Agrária (Supra), responsável pela reforma agrária. Com o golpe militar foi demitido, preso e processado. Respondeu a três Inquéritos Policiais Militares –IPM. Trabalhou como jornalista na seção econômica do jornal *Última Hora* de 1968 a 1971 e foi também redator da revista *Manchete* e do jornal *Correio da Manhã*. Foi anistiado em 1979, filiou-se ao novo PTB e em 1982 se candidatou ao Senado pelo Rio de Janeiro, mas não conseguiu se eleger.

comprometido com família. Mas o Partido defendia a posição oposta, de que um dirigente não casado, que não chefiava família, não teria o respeito necessário.

### **Respeito das bases?**

Sim. Especialmente dos operários, porque um homem solteiro não conhece as dificuldades de um homem casado, com família, não tem experiência. Então, nós éramos empurrados para o casamento, e entre 1954, 1955, me casei. Como eu tinha muito cuidado com a maneira de me comportar, afinal de contas ser comuna não é para qualquer um, pensei que o ideal seria uma moça de origem comunista, que pelo menos conheça o problema, e me casei com a filha de Francisco Sales Batista, militante comunista antigo, dos primórdios. Eu já o conhecia porque ele tinha sido candidato a vereador pelo Partido Comunista em União do Palmares, em 1945. Eu tinha certeza de que por ali eu me sairia bem. E nada tenho a me queixar. Isso me deu oportunidade de conhecer uma história muito interessante de uma luta grevista aqui no Nordeste.

Foi uma greve pesada, dirigida pelo meu sogro. Ele era secretário do Sindicato dos Ferroviários, cuja sede era em Palmares. Naquela época, nas usinas, o meio de transporte da cana eram os pequenos trens, as pequenas locomotivas. Então, dentro das usinas, no caso das usinas Catende, Santa Terezinha, Estreliana, tinha muitos ferroviários ligados ao Sindicato dos Ferroviários. Mestre Sales<sup>76</sup>, em face da influência política e do bom papo dele, foi conduzido a secretário do Sindicato dos Ferroviários, embora trabalhasse na usina Santa Terezinha. Essa greve se originou entre os anos 1926 e 1928 – eu não tenho segurança, porque na época em que ele me contava essas histórias eu não tinha pretensão de documentar, e também a minha fragilidade política fez com que eu não levasse em conta a experiência que aquilo poderia transmitir para o futuro. Mas a reivindicação primordial era o cumprimento das oito horas do trabalho, que não eram cumpridas nem mesmo pela Great Western. O sujeito trabalhava o turno que tivesse a cargo dele, mas só recebia mesmo oito horas de trabalho, não se pagava hora extra. O movimento cresceu dentro da Great Western, hoje Rede Ferroviária Federal, e de Recife tomou-se a decisão da greve. Como os operários da Trans, que era a Companhia de Força e Luz de Recife, se sentiam prejudicados também, entraram solidários na greve. A verdade é que na Great Western a greve foi sólida, teve sustentação, mas na Trans, em face da repressão e da má

---

<sup>76</sup> **Francisco Sales Batista** [ ? ], operário especializado em mecânica de usina de açúcar, militante de base do PCB, se tornou sogro de Rubens Colaço, pai de Célia Sales Colaço. Pelo que Rubens Colaço fala no depoimento, mestre Sales também havia sido ferroviário.

organização dos próprios operários, houve “fura-greves” e manteve-se especialmente a casa de força funcionando e fornecendo energia para a cidade, e como os últimos a parar foram os trens de passageiros, então o Exército obrigou que saísse de Alagoas para Pernambuco um trem, Maceió-Recife, coagido à ponta de baioneta, e outro de Recife para Maceió. Quando o pessoal de Catende soube que tinha partido um trem de Maceió, arrancaram os trilhos até Palmares, e quando o trem chegou, o Exército prendeu todo o mundo que estava por ali, ferroviário ou não, e botou para assentar os trilhos. Era o pessoal assentando os trilhos, e o trem acompanhando. Chegou em Palmares, o trem ficou da mesma maneira. A repressão foi terrível, os ferroviários foram presos, massacrados. Um detalhe interessante foi o fornecimento da energia no Recife. Segundo mestre Sales, eles fizeram um machado de tamanho descomunal que correspondesse ao tamanho de um pretão, um homem descomunal. Botaram um cabo da mesma maneira no machado, grande demais. Só o preto podia fazer esse trabalho. Ele cortou com uma machadada só o cabo de transmissão que passava, parece que debaixo da ponte de Boa Vista. Foi um tiro que espantou meio mundo, e a cidade ficou sem iluminação. Falar da repressão que houve em torno disso é até exorbitância, é até desnecessário, é o óbvio.

Mestre Sales teve que correr, mas a repressão foi tamanha que ele andou com a máquina de datilografia do Sindicato durante dois anos. Ninguém em Palmares queria ficar com a máquina, tal o estado de apavoramento. Esse movimento teve uma influência muito grande da formação anarcossindicalista no Nordeste, a que me referi antes. Essa formação se reflete muito bem nesse ato do corte do cabo. Já que não houve adesão total à greve, então a intervenção foi pela força, com o corte do cabo. Isso também eu só consegui porque eu me casei com a filha de um comunista. Mestre Sales morreu, mas morreu sem uma participação ativa, porque já era um homem velho, mas sempre fiel à causa durante toda a sua existência.

### **Ele morreu em que ano?**

Em 62.

### **Voltando à discussão de como foi o processo de formação dos sindicatos em toda Alagoas. Houve a participação decisiva e marcante nos sindicatos rurais, do Partido?**

Houve também uma participação marcante do Partido na formação dos sindicatos operários. Fazia sindicato naquela época, como se fazia a repressão contra os sindicalistas. Era a mesma repressão que surgia contra os comunistas, e os comunistas eram os mais insistentes, pois tinham mais

conhecimento da necessidade do sindicato e também eram os camaradas mais velhos.

**Isso causou dentro do Partido certa discussão. Por exemplo, o trabalho efetivo e leal do Partido junto à Igreja. Era impossível conciliar essas duas frentes de trabalho?**

Esse trabalho ocorreu em 60. Foi possível em Maceió, mas não foi possível no Recife. O camarada Gregório Bezerra<sup>77</sup> era quem agilizava essa frente de sindicalismo rural em Pernambuco. Em face dos desencontros, do comportamento anticomunista boçal do padre Melo<sup>78</sup>, não foi possível se fazer uma frente em Pernambuco como se fez aqui. A condutora–mor da orientação sindical da igreja era a doutora Mirtes Santa Cruz<sup>79</sup>. No primeiro contato, quando ela convocou camponeses para uma reunião aqui em Maceió, nós participamos, nós marcamos presença. Ela tentou até me expulsar do recinto. Eu disse: “Olha, a senhora pode ser assistente social, pode ser uma moça formada, pode ter os títulos que quiser, mas nesse ramo a senhora não pode me expulsar. Primeiro, porque eu sou um sindicalista, sou presidente de sindicato; segundo, porque estou aqui em nome de uma frente sindical operária e não aceito esse tipo de discriminação. Outra coisa: os problemas dos camponeses são nossos também. Além de sindicalistas, somos na maioria originários do campo, como é o meu caso”.

“Então, acho que podemos trabalhar, não estou aqui para interferir na sua concepção, mas nós podemos fazer um trabalho que compense para os camponeses, não é para nós, não é para chofer, não é para estivador, nem para assistente social, nem funcionário do Instituto Nacional de Previdência. Eu acho que nós estamos fazendo isso para eles. Nós queremos ajudar e devemos ajudar sem disputas pessoais.” E esse trabalho foi tão compensador que, em poucas reuniões, nos conhecemos melhor e a doutora Mirtes Santa Cruz se

---

<sup>77</sup> **Gregório Lourenço Bezerra** [1900–1983] nasceu em Panelas de Miranda, PE. Ex-dirigente do PCB em Pernambuco e ex-deputado constituinte de 1946 pela legenda do PCB/PE, membro do Comitê Central do PCB, foi um dos mais importantes militantes do movimento camponês no Brasil. Ajudou a organizar sindicatos de trabalhadores rurais em Pernambuco e em outros estados. Foi várias vezes preso e torturado. Em 1º de abril de 1964 foi preso e barbaramente arrastado pelo pescoço pelas ruas da cidade do Recife. Ficou preso até ser libertado na troca de presos políticos pelo embaixador norte-americano sequestrado por guerrilheiros brasileiros em 1969. Esteve preso por 22 anos, em diversas ocasiões. Viveu no exílio em Cuba e na URSS.

<sup>78</sup> **Padre Antonio Melo** [ ? ], vigário do Cabo de Santo Agostinho – PE, esteve a serviço do IBAD e da CIA, recebeu recursos financeiros para dividir o movimento camponês, através do Serviço de Orientação Rural de Pernambuco – Sorpe, organizando cooperativas católicas na tentativa de evitar a possível revolução socialista a partir de Pernambuco.

<sup>79</sup> **Mirtes Santa Cruz** [ ? ], assistente social, católica, funcionária do IAPI, foi uma ativista do movimento que criou vários sindicatos de trabalhadores rurais em Alagoas na década de 1960, antes do golpe militar. Trabalhou no Soral e politicamente realizou, na prática, aliança com os comunistas alagoanos na organização dos sindicatos de trabalhadores rurais.



orgulhava de trabalhar conosco. Todo o pessoal do Soral que esteve preso conosco se comportou honradamente na cadeia, como foram os casos do Péricles<sup>80</sup> e da Lucinha<sup>81</sup>.

### **Lúcia Ferreira?**

Lúcia Ferreira, de Anadia. Eram todos originários da Escola de Serviço Social. Esses companheiros se comportaram com bravura, com dignidade. Nós trabalhávamos e ninguém sabia quem era quem, porque, em muitas questões, as palavras de ordem desse grupo, do Soral, iam à frente das nossas palavras de ordem, em face da própria inexperiência deles. Mas, na maioria, jovens, naquele afã de correr, de chegar depressa, levantaram palavras de ordem muito além das nossas, a ponto de certa feita eu ter almoçado na Escola de Serviço Social no meio das freiras, porque toda direção era só de freiras. Foi por aí que eu terminei ganhando o famoso apelido de “gigolô de freiras”.

Eu trabalhava muito bem com as irmãs e com o padre. E de frente para uma estátua de Jesus Cristo, que tinha no refeitório, eu fiquei meio encabulado, olhando para a estátua, e a irmã superior disse: “Seu Colaço, pode ficar à vontade. Nós achamos que Cristo deve ter convivido com comunista, porque comunista sempre houve na face da terra”. Era um pessoal muito bom.

O sindicalismo em Alagoas, o sindicalismo camponês avançou muito em face dessa frente única de trabalho, dos comunistas, da comissão do campo do CGT e do Soral. É inegável a participação do Soral. No dia 29 de março de 1964, fomos entregar a carta sindical. Era entregue por intermédio do CGT, que era a quem o Ministério do Trabalho reconhecia como órgão representativo. Então vinha do INRA para a nossa mão e nós entregávamos nos sindicatos. Era nos sindicatos onde se dava predominantemente o trabalho do Soral. As cartas eram entregues por intermédio nosso. E foi isso que ocorreu em Palmeira dos Índios.

Nós tínhamos um comício convocado para o dia 29, e esse comício estava gerando uma agitação muito grande. Tínhamos convidado o Brizola e o

---

<sup>80</sup> **Luiz Péricles Rodrigues** [1933], funcionário da Previdência Social, trabalhou no Soral. Com o cerco repressivo teve de sair de Alagoas, indo morar no Rio de Janeiro.

<sup>81</sup> **Maria Lúcia de Souza** [1942] nasceu em Anadia. Assistente social formada pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, iniciou a sua atividade política quando era estudante. Em 1966 foi presa pela primeira vez; na época, ainda era estudante e participava do Congresso de Estudantes de Serviço Social em Salvador, Bahia. Foi militante de Ação Popular, organização política de inspiração católica. Presa pela segunda vez em Alagoas, em 1968, ao ser liberada através de *habeas corpus*, imediatamente entrou na clandestinidade e teve de sair de Alagoas. Viveu nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia; só retornou ao convívio da família em 1979, com a Anistia aos presos e perseguidos políticos. Filiou-se ao Partido Comunista do Brasil, após a fusão da APML com o PCdoB, na década de 1970, e atualmente reside em Salvador. Retomou os estudos na década de 1980. Fez mestrado em Administração Estratégica e é professora universitária.

Miguel Arraes, mas a coisa estava fervendo dentro dos quartéis. Nem sei direito o que estava havendo. Tínhamos também, em nossa convocação, a participação dos sindicatos camponeses, sindicatos fortes da Saúde, de Pilar, Rio Largo, Atalaia, Anadia e outros. Nós nem analisávamos que fosse isso que estivesse ocorrendo. A verdade é que havia um policiamento ostensivo na saída dessas cidades, para barrar a saída dos camponeses para o comício do dia 29.

A doutora Mirtes dizia: “Ah, Colaço, hoje vou receber meu banho de fogo, porque nós vamos terminar sendo presos e eu nunca fui presa”. Eu disse: “Olha, doutora, isso não é material com que se brinque. A senhora não tomou cadeia política ainda e não é coisa muito boa, depois vai se arrepender”. Ela falou: “Não, mas eu tenho que, mais cedo ou mais tarde, tomar o meu banho de fogo, prefiro estar com você”. Então eu disse: “Tudo bem, é opção sua”.

Em Palmeira dos Índios os trabalhos foram dirigidos por dom Otávio Aguiar<sup>82</sup>, bispo da cidade, e na entrega da carta – claro que eu tinha que vender meu peixe dentro daquela programação, que é do nosso feitio, não é? –, quando eu terminei, dom Otávio perguntou: “Rapaz, senta perto de mim”. Eu sentei. “Diga-me uma coisa: você é comunista?”. Eu disse: “Sou, com muita honra”. Dom Otávio continuou: “E a palavra de ordem do partido de vocês é essa?”. Eu disse: “É essa, sim”. E ele: “Pois bem, eu digo com sinceridade, nunca tinha pego na mão de um comunista, nem sabia como era, pensava que deitava fogo pelas ventas. Você vai almoçar onde? Porque me sinto honrado em tê-lo à minha mesa”. Nós tínhamos uma forma de penetração, de lidar com o medo deles.

Muita gente que pensava que comunismo fosse aquilo apregoado pela reação ao passado, quando começa a se relacionar com um comunista vê que é um cidadão que apenas quer o bem da pátria, quer o bem do povo, que está a serviço dos menos favorecidos. Então fica fácil o trabalho.

O que não ocorreu em Penedo, porque há uma diferença muito grande entre dom Otávio Aguiar, um cidadão a serviço da religião, dele e dom José III<sup>83</sup>, de Penedo, um reacionário convicto a serviço do fascismo, com aquele criatório

---

<sup>82</sup> **Dom Otávio Aguiar** [ ? ], bispo de Palmeira dos Índios. Em 1985, na condição de arcebispo metropolitano de Maceió, substituto, recebeu na residência oficial da arquidiocese a direção estadual do PCB, que havia sido legalizado, tendo à frente o ex-sindicalista Rubens Colaço, com quem Dom Otávio manteve contatos nos primeiros anos da década de 1960.

<sup>83</sup> **Dom José III** [ ? ], bispo de Penedo, militante anticomunista e um dos dois bispos de Alagoas. Na época referida por Rubens Colaço, só existiam duas dioceses no estado, Maceió e Penedo; depois é que foi criada a diocese de Palmeira dos Índios.

de fascistas que ele tinha na Colônia Pindorama. Por lá andaram Josef Mengele<sup>84</sup>, Martin Bormann<sup>85</sup> e outros que eu não conhecia<sup>86</sup>.

Martin Bormann e Joseph Mengele eram frequentadores assíduos dessa fazenda, tanto que o *Diário de Alagoas* publicou uma denúncia a respeito disso. Botaram na rua o jornal, e no outro dia eles viajaram. Eu estive em Pindorama; o apelido do Joseph Mengele na reunião era o Barão, muito conhecido. Ainda hoje pode perguntar aos camponeses mais velhos de Pindorama pelo Barão, eles descrevem Mengele. O outro, o Martin Bormann, os camponeses chamavam de Atarracado. Ele era parrudo, de média estatura e forte.

**Rubens, tem um fato que precisa de mais detalhes. É o fato de você ter conhecido uma figura que até hoje é um mistério, pelo menos para a grande maioria da população: é o caso do Renée Bertholet.**

Olha, o caso do Renée Bertholet<sup>87</sup> era um mistério vivo e, depois de morto, o mistério dobrou, porque nunca foi possível identificar a sua origem. Nunca

---

<sup>84</sup> **Josef Mengele** [1911-1979], oficial médico, chefe da principal enfermaria do campo de Birkenau, que fazia parte do complexo Auschwitz-Birkenau. Ficou conhecido como “o anjo da morte”. Viveu na Argentina até que Adolf Eichmann foi capturado por agentes do Mossad, serviço secreto israelense. Mengele decidiu fugir para o Paraguai e em seguida para o Brasil, onde teria vivido em Serra Negra, Mogi das Cruzes e Bertioga, no estado de São Paulo, até a sua morte, em 1979. Em 1992 ficou confirmado que o corpo encontrado no cemitério de Rosário, em Embu das Artes, São Paulo, depois de exames de DNA, era o de Mengele. Não há evidência que o médico nazista tenha vivido em Alagoas. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Josef\\_Mengele](http://pt.wikipedia.org/wiki/Josef_Mengele).

<sup>85</sup> **Martin Bormann** [1900-1945], oficial nazista e um dos mais importantes colaboradores de Adolf Hitler, membro da cúpula do III Reich, secretário pessoal de Hitler. O destino de Bormann foi, durante décadas, cercado de mistério. Havia quem dissesse que ele teria se refugiado na América do Sul, mas em 1973 um corpo foi encontrado durante escavações em Berlim. Novamente a dúvida apareceu. Em 1998 foram realizados exames de DNA e foi confirmado que o corpo encontrado nos escombros era o do oficial nazista, o que evidencia que a Colônia Pindorama não havia abrigado tal figura. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Martin\\_Bormann](http://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Bormann).

<sup>86</sup> O advogado **José Moura Rocha** insinua que: “os que conhecem a área da Cooperativa desconfiam que algumas de suas construções residenciais, até hoje, são ocupadas por estranhos visitantes estrangeiros”, em *Os ricos não tigem e os pobres não mitem*, Brasília, Edições Dédalo, 2003, p. 89.

<sup>87</sup> **René Bertholet** [ ? ], técnico agrícola, suíço, chegou ao Brasil no pós-guerra, em 1949; trabalhou no Instituto Nacional de Imigração e Colonização – INIC e na Colônia de Guarapuava, Paraná. Em 1953 transferiu-se para o estado de Alagoas e veio trabalhar na Companhia Progresso Rural. Experiente no trabalho de formação de cooperativas, tornou-se um importante interlocutor entre os colonos e os órgãos financiadores. Da condição de técnico agrícola aos poucos assume a liderança do processo em que ocorre a transformação de Cooperativa de Consumo a Cooperativa de Colonização Agrícola Pindorama Ltda., localizada no município de Coruripe, em Alagoas. Bertholet, de 1958 em diante, assume efetivamente o papel de líder dos colonos, inclusive enfrentando as adversidades políticas. O ex-deputado Luiz Coutinho torna-se seu inimigo e patrocina uma campanha de difamação através da imprensa alagoana. René procurou se articular politicamente para se defender das ações violentas comandadas por Coutinho. O ex-dirigente do PCB, Laudo Braga, é testemunha de alguns encontros realizados entre Bertholet e o principal dirigente comunista de Alagoas, o jornalista Jayme Amorim de Miranda. Fontes: Carvalho, Cícero. *Pindorama: a cooperativa como alternativa ou As razões que fizeram possível a inserção competitiva de ação de pequenos produtores numa*

foi possível saber a serviço de que ou de quem ele estava aqui. Mas era uma figura carismática, uma figura que marcou muito, um administrador exímio, muito responsável.

### **Você conversava sempre com ele?**

Sempre que havia oportunidade. Ele era um homem de atividade muito intensa. Quando se afastava de Pindorama era para tratar de negócios, era sempre muito apressado. Lá na casa-grande da colônia é que nós conversávamos e discutíamos certas questões. A meu ver, o Bertholet era um foragido, isso é uma conclusão minha.

### **Mas ele era alemão, suíço?**

Ninguém sabe. Pelo menos a mim ele não dizia. Ele nunca se disse alemão, ele se dizia suíço, se dizia belga, mas alemão, nunca. Uma coisa é verdade: a colônia Pindorama era financiada com marcos, os financiadores da colônia eram alemães.

### **Mas esse dinheiro entrava no País de forma legal?**

Acho que sim. Temos uma figura aqui que deve saber muito a respeito disso, mas, infelizmente, não temos acesso a ele. É o cônego Hildebrando Veríssimo Guimarães, que hoje está na reitoria. Ele, na época, era pároco em Penedo e sabe de tudo a respeito, porque um dos elementos de proa era o bispo D. José III, da paróquia de Penedo, Piaçabuçu, daquela região. A ligação do bispo com a colônia era muito grande, intensa. E lá era também um refúgio de nazistas. Por mais de uma vez, até bem pouco tempo atrás, ainda estava aí Joseph Mengele e, pelo que me consta, também o Martin Bormann. Ou faziam veraneio, ou viviam sempre por aqui, entre Pindorama, Paraguai, Argentina. A imprensa alagoana denunciou isso, e tão logo o jornal botou a cara na rua, o Barão foi embora. O Barão era Joseph Mengele, e o Atarracado era o Martin Bormann. Todo mundo sabe disso, constou de denúncias do próprio Luiz Coutinho<sup>88</sup>, deputado de Coruripe na época. Eles fugiram.

### **Para a região de São Miguel dos Campos?**

---

*região dominada pelo latifúndio, monocultura e trabalho servil*, Maceió, Edufal, 2005, p.14. Depoimento de Laudo Braga a Geraldo de Majella em 25 de junho de 2010.

<sup>88</sup> **Luiz Gonzaga Moreira Coutinho** [1913 - ?], pecuarista, plantador de cana-de-açúcar e fornecedor de cana para a usina Coruripe. Boêmio conhecido em Alagoas, foi deputado estadual em várias legislaturas. Tinha a sua base eleitoral na região de Coruripe; tornou-se inimigo figadal de René Bertholet. Teve os seus direitos políticos cassados em 1969. Na ocasião, já não mais exercia mandato parlamentar. Era Conselheiro do Tribunal de Contas de Alagoas.

É. Eles fugiram de Pindorama, nessa época. Então, havia razões para a denúncia de Luiz Coutinho. O jornal *Diário de Alagoas*, se não me engano, denunciou numa matéria do jornalista Teófilo Lins.

**Nem sempre as pessoas que assumiam a direção desses sindicatos eram camponesas naquele momento. Por exemplo, em Anadia, o presidente do sindicato rural tinha sido camponês, toda a família dele era camponesa, mas, na época, ele já trabalhava com prótese e tinha uma bodega, já estava desvinculado do campo. No entanto, foi criado o sindicato.**

O homem interiorano, seja dono de mercearia ou de bodega, não está absolutamente desvinculado da vida do campo. Quando nós escolhemos um dirigente sindical, nós nos baseamos na vivência que ele tem com o camponês, nas condições de transmitir, mesmo com dificuldades, as mensagens do sindicato para os seus companheiros. Não significa que, obrigatoriamente, tenha que ser um camponês de mãos calejadas.

Em Penedo foi possível isso porque João Grosso<sup>89</sup> era um homem de enxada na mão. Em Atalaia tinha um companheiro – esqueci o nome dele agora – já velho, que vivia mais de vender cordéis do que da própria enxada, mas ele era um homem de interior, um homem de fazenda, gostava muito de recitar poesia matuta e era um camponês legítimo, conhecia minuciosamente os problemas.

Essa era a qualidade exigida para um dirigente sindical do campo. Até porque 90% ou mais dos camponeses eram analfabetos. Então, era difícil encontrar um que soubesse ler uma nota de jornal. Às vezes não tinha condições de transmitir as ideias e era preciso fazer como aquela história de Moisés e Aarão. Moisés pensava e Aarão era quem fazia os discursos, porque ele era gago, não dava para discursar.

Nos sindicatos, a comissão de campo primava muito por botar um camponês autêntico, mas dava um trabalho terrível de achar, de compor uma diretoria, porque também tinham as representações nacionais. Tinha que se mandar um companheiro de Alagoas, ou um de cada município, para participar das reuniões nacionais, e eles tinham que chegar lá e saber transmitir, expor as suas dificuldades. E era pesado para homem inibido do campo se desenvolver nesses termos, mesmo assessorado. Mas eu não nego a qualidade de um homem de campo pelo simples fato de ele ter uma bodeguzinha, de vender farinha, vender feijão, ter uma barraca na feira. Ele não deixa de conhecer os problemas, de ser camponês.

---

<sup>89</sup> João Grosso [ ? ], camponês, militante comunista na cidade de Penedo, foi preso em abril de 1964. Na década de 1970 passou a trabalhar no hospital da cidade, como vigilante.

**Em torno de 25 sindicatos foram criados a partir de 60 até 64. Veio o 4º Encontro Sindical Nacional, em 62, e antes disso aí, como era feito o trabalho de campo?**

Antes disso, Francisco Julião<sup>90</sup> tentou fundar Ligas Camponesas, mas não conseguiu. Houve uma tentativa em Viçosa, parece-me que em Quebrangulo. O nosso trabalho de sindicalismo estava bem intenso e em pouco difere das reivindicações das Ligas Camponesas, que tinham má organização. Então o camponês se sentia mais seguro em participar do sindicato. Vai ver que em Pernambuco não houve essa intensidade. Nós fundávamos um sindicato por semana. Se não fosse o golpe de 64, em pouco tempo nós faríamos todos os sindicatos, em todos os municípios de Alagoas, porque tínhamos boa aceitação perante os camponeses.

**Quem começou a organizar a comunidade indígena Wassu-Cocal?**

Foi o Partido mesmo, em Joaquim Gomes.

**Você participou desse trabalho?**

Não, quem participou desse trabalho foi José Graciano<sup>91</sup>; parece-me, aquele rapaz a que eu me referi antes, que foi assassinado em Rio Largo, o Ricardo, e Dalmo Lins.

**Depois passaram por lá Antonio Soares<sup>92</sup> e Dirceu Lindoso<sup>93</sup>?**

Sim, mas os pioneiros nesse trabalho foram João Moura, Ricardo e José Graciano dos Santos.

**Era o pessoal que já vinha trabalhando mais?**

---

<sup>90</sup> **Francisco Julião Arruda de Paula** [1915-1999] nasceu em Bom Jardim. Advogado, escritor, foi deputado estadual e federal, fundador das Ligas Camponesas. Preso em abril de 1964, processado, teve seus direitos políticos cassados; exilou-se no México, onde viveu até a anistia em 1979. Retornou ao Brasil, filiando-se ao PDT. Aliado de Leonel Brizola e Miguel Arraes; candidatou-se a deputado federal em 1986, mas não conseguiu se eleger. Retornou ao México, onde escreveu suas memórias, morrendo em seguida naquele país.

<sup>91</sup> **José Graciano dos Santos** [1910], operário têxtil, morador de Rio Largo, dirigente local e estadual do PCB. Preso em 1964, ao sair da prisão continuou a militância no Partido. Em 1980, foi um dos reorganizadores do PCB. Na década de 1990, com sérios problemas de saúde, foi morar com uma de suas filhas no Rio de Janeiro.

<sup>92</sup> **Antonio Soares Cotrim** [1941], sertanista, desde a juventude se ligou à questão indígena. Depois do golpe militar foi trabalhar no Serviço Nacional de Proteção ao Índio e na Funai. Foi demitido na década de 1970, por questões políticas. Foi anistiado e hoje está aposentado, morando em Maceió.

<sup>93</sup> **Dirceu Acioly Lindoso** [1932] nasceu em Maragogi. Advogado e etno-historiador, tradutor, foi dirigente estadual do PCB, colaborador do semanário *A Voz do Povo*. Preso em 1964, foi um dos últimos a sair. Quando se encontrava preso foi demitido por ato do governador Luiz Cavalcante. Era funcionário do Departamento de Assistência ao Cooperativismo. Logo após sair da prisão em Maceió, foi morar no Rio de Janeiro, onde trabalhou como jornalista, revisor, tradutor e diretor do Museu Imperial de Petrópolis. Pertenceu à Direção Nacional do PCB.

Era o pessoal que vinha fazendo contatos com os trabalhadores das usinas, com a intenção de ganhar os sindicatos da região. Eles já tinham experiência na área e conhecimento com os camponeses. Os índios também participavam. Eles se apoiaram diretamente no Partido, no *A Voz do Povo*.

**Antonio Soares e Augusto Canuto<sup>94</sup> contam que a partir do momento que os caras passaram a frequentar o Cocal, quando voltavam para Maceió, o pau comia. A polícia ia lá e baixava o cacete nos índios por causa da terra.**

Era sempre assim, foi muito dura a luta naquela área.

**Entre os anos 60 e 64, não tenho exatidão da data, parece-me que os deputados na época, Cláudio Albuquerque<sup>95</sup> e Betinho<sup>96</sup> – que estavam assumindo o lugar do Pedro Timóteo<sup>97</sup> –, denunciaram a chacina de camponeses que houve no Norte do Estado, não sei se em Matriz ou São Luiz do Quitunde. Onde esse fato aconteceu?**

Foi na usina Estreliana.

**Não, Estreliana era em Pernambuco. Inclusive, o pessoal de lá veio para o plenário da Assembleia. O Albérico Barros<sup>98</sup>, que era o delegado de polícia, durão, tentou invadir a Assembleia e acabou expulso. Barrinhos foi considerado *persona non grata* pelo presidente da Assembleia Legislativa, Lamenha Filho<sup>99</sup>. Você lembra disso?**

Tenho alguma lembrança desse fato, mas parece que eu estava no Rio. Tinha ido a uma reunião de cúpula no Rio, mas eu me lembro desse fato. E com relação ao Albérico, não adianta nem comentar que foi o delegado mais truculento que houve aqui em Alagoas. Assim como eu fui preso, não estou aqui cantando loas ao Rubens Quintela, mas embora tenha sido ameaçado, se tivesse sido preso pelo Barrinhos, eu tinha sido morto. Os camponeses que

---

<sup>94</sup> **Augusto Canuto** [ ? ], policial rodoviário militar, foi militante da juventude do PCB na década de 1960.

<sup>95</sup> **Cláudio Albuquerque Lima** [1940-1978], proprietário rural, comerciante, foi deputado estadual. Aliado do PCB, tinha base eleitoral na cidade de Arapiraca. Com o golpe militar, foi preso logo nos primeiros dias de abril de 1964. Processado, teve o mandato parlamentar cassado, e com o Ato Institucional nº 1 teve os seus direitos políticos suspensos por dez anos.

<sup>96</sup> **Sebastião Barbosa de Araújo** [1933-1980] nasceu em Anadia. Advogado, ex-deputado estadual, preso em abril de 1964, teve os seus direitos políticos cassados. Morreu de parada cardíaca em Arapiraca, quando defendia um cliente no tribunal do júri. Era membro da Comissão de Reorganização do PCB em Alagoas.

<sup>97</sup> **Pedro Timóteo** [ ? ], ex-deputado estadual, tinha base eleitoral em Murici.

<sup>98</sup> **Albérico Barros** [ ? ], o Barrinhos, delegado de polícia, ficou conhecido em Alagoas por suas violências e arbitrariedades. Formou, durante anos, dupla com o delegado Rubens Quintela. Foi um dos invasores do semanário comunista *A Voz do Povo* em 1º de abril de 1964.

<sup>99</sup> **Antonio Simeão Lamenha Filho** [ ? ], Proprietário rural, nasceu em São Luiz de Quitunde – Alagoas. Ex-deputado estadual, presidiu a Assembleia Legislativa e governou o estado de Alagoas entre 1966 e 1971.

foram presos por ele, em União dos Palmares, chegaram aqui todos com costela quebrada, arrebentados mesmo; homens simples, pessoas que não sabiam nem onde era Maceió. A verdade é que em truculência ninguém foi mais do Albérico Barros. Daí todos esses fatos que você narrou.

### **Qual era a situação do PUA aqui em Alagoas?**

O PUA foi o primeiro caminho para a intersindical. Era Pacto de Unidade e Ação da classe operária, da orla marítima etc. Foi uma grande experiência. No Pacto de Unidade e Ação da orla marítima se reuniam todos os sindicatos da orla, inclusive com a participação de marítimos. Então, o PUA cresceu, inchou. Foi o PUA que, praticamente, convocou o 4º Encontro Sindical Nacional, com os ferroviários, que formaram a sustentação maior. O sucesso do 4º Encontro deve-se à experiência vivida pelo PUA como organismo de cúpula nacional do sindicalismo. O 4º Encontro foi o acontecimento sindical de maior abrangência no Brasil, e por muitos anos não faremos outro.

### **Mais de 1.200 delegados, não é isso?**

Foram 2.400 delegados com credencial na mão, com crachá na lapela. Tivemos delegações das duas federações francesas, da União Soviética, da China, de Cuba. Daí você ter a ideia do que foi o 4º Encontro Sindical Nacional, onde se deu um fato interessante que eu não posso deixar de narrar. É sobre a situação do sindicalismo operário em Alagoas na época. Nós tínhamos o pessoal do Palácio dos Trabalhadores, que acumulava a grande maioria dos sindicatos e a Federação. Mas o pessoal todo, indiscriminadamente, ligado ao serviço público. Eles tinham afinidades com os patrões e estavam presos diretamente à delegacia do Trabalho, em face dos compromissos protecionistas. Nós tínhamos aqui duas representações comunistas, mas o camarada Nilson Miranda, que era o presidente do Sindicato dos Radialistas, não participou do 4º Encontro, apenas superficialmente. O camarada Mário Correia, presidente nessa época do Sindicato dos Arrumadores, era o que se afinava mais conosco e que se propunha a trabalhar junto. O Sindicato de Estiva era comandado, na época, por Antônio Primo da Silva<sup>100</sup>, um preto muito direito, muito honrado no seu comportamento de dirigente sindical.

### **Que não era comunista.**

---

<sup>100</sup> **Antonio Primo da Silva** [ ? ], estivador, foi presidente do Sindicato dos Estivadores de Alagoas. Em abril de 1964 foi preso e em seguida foi afastado da direção do sindicato por determinação do Delegado Regional do Trabalho, José de Barros Sarmento.



Que não era comunista, mas também não nos discriminava. O Sindicato dos Bancários era conduzido por quem havia de mais reacionário, pessoas ligadas diretamente ao Palácio, inclusive o presidente era secretário do governador Luiz Cavalcante, e o vice-presidente, que era Roland Bitar Benamor, era diretor da Rádio Difusora. Eram pessoas com quem nós não contávamos em absoluto. Tem um deles, eu esqueço o nome, pessoa muito conhecida, que está até pirado da cuca. Mas o Roland era quem comandava, de fato, o sindicato, e lá nem se aproximou da nossa delegação.

### **Onde? Em Belo Horizonte?**

Não, em São Paulo. Ele nem se aproximou da nossa delegação. Assim como os outros, ficaram distantes da pessoa de Rubens Colaço, comunista “escrachado”. Ocorreu que para a assembléia de instalação dos trabalhos, convocada para as duas horas da tarde, deu duas, duas e meia, três, três e meia, quatro horas e não apareceu uma pessoa. Era um amontoado de pessoas pra cima e pra baixo, sem saber a quem se dirigir. Fui ao microfone do plenário e tinha som. Dei um bruto dum esporro na direção nacional do sindicato, para que nos respeitassem, que éramos do interior, que estávamos ali sem saber pra quê. Já aquela hora, e ninguém dava satisfação. A segurança do Encontro estava a cargo do Sindicato dos Estivadores de Santos. Repare só! Partiram para cima de mim como umas feras. Eu tinha levado uma pasta, com uma camisa, uma cueca, uma calça para trocar. Saltei da tribunazinha do plenário, me encostei numa mureta, abri a pasta e disse: “Olha, eu vim de Alagoas, não vim dar colher de chá, não”. Enquanto isso, aquele aquieta, arreda, e daí a pouco me chega Pacheco.

### **Oswaldo Pacheco<sup>101</sup>?**

Ele mesmo. Foi uma “tribuzana” dos infernos. “Você, camarada”, ele falou comigo. E eu: “Não, é isso mesmo, Pacheco, vocês...”. Ele respondia: “Não, mas é que nós estávamos preparando a ordem do dia”. Eu disse: “A ordem do dia era para estar pronta já na semana passada”. Pacheco continuava: “Rapaz, isso é uma falta de respeito”. Eu falava: “Tenha calma, que tudo aqui está em casa”. E ele: “Você não toma jeito mesmo”. Em face disso, marquei presença perante o plenário, e como comuna que se preza é tudo, menos besta, então eu fui. Isso agitou a delegação de Alagoas, porque estava um negócio meio

---

<sup>101</sup> **Oswaldo Pacheco da Silva** [1918-1993], estivador do porto de Santos, sergipano de nascimento, ex-deputado federal pelo PCB em 1946. Dirigente sindical dos portuários durante décadas e membro da Comissão Executiva do PCB, foi preso na década de 1970, cumpriu pena nos presídios paulistas, sendo barbaramente torturado. Anistiado em 1979, voltou ao porto de Santos, onde permaneceu atuando até os últimos dias de vida.

pesado. Aí me chamaram. Só dava alagoano em praticamente todo o auditório. Foi o plenário que me empurrou. Tornou-se impossível para a delegação de Alagoas não me indicar como representante de plenário.

### **Devido a esse ato?**

Devido a esse ato, em razão dessa “castanhada”. A verdade é que foi positivo. O Joel<sup>102</sup>, que era o presidente da delegação dos sindicatos da Indústria, depois de conversar com ele, me chamou.

### **Joel de quê? Presidente da escola de samba?**

Não sei o sobrenome dele. Ele é presidente da escola de samba. Joel me chamou e disse: “Olha, Colaço, nós decidimos lhe dar a representação do plenário, que a barra está pesada mesmo. Você aceita?”. Aí, na primeira intervenção, eu ressaltai aquilo que era mais sentido no sindicalismo do Norte - Nordeste, o que não ocorre nos sindicatos do Sul, que era o serviço previdenciário e o salário.

Eu fiz somente um chamamento, e no desenvolver dos trabalhos, passei a colocar as condições do camponês do arroz do Baixo São Francisco, as condições do camponês canavieiro, do camponês do feijão na área de Santana do Ipanema, Anadia, Olho d’Água das Flores. Fui colocando a questão dos camponeses e esgotou o tempo.

Comecei a tratar do problema do camponês do babaçu, da castanha-do-pará etc. Esgotava o tempo, então se levantava uma delegação, Maranhão, por exemplo, e dizia: “Companheiro, use o tempo do Maranhão para terminar seu discurso”. Teve intervenção minha que era de 5 minutos e eu passava 25 minutos na tribuna. Fui ganhando os camponeses, as delegações que tinham representantes por lá.

Como convidados, eles não tinham voz, nem voto. Mas tinha delegações enormes, como Pará, Goiás, com dirigentes camponeses famosos, que fizeram até guerrilha. Pois bem, no discurso de encerramento, eram apenas três oradores: um pelo Norte-Nordeste, que seria Rubens Colaço; pelo Centro-Sul, que seria Rafael Martineli<sup>103</sup>; e outro pelo Sul, que não lembro quem. Então, a

---

<sup>102</sup> **Joel** [ ? ], operário, foi eleito presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Óleos Vegetais de Alagoas e também presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Óleos Vegetais de Alagoas. Era filiado ao PTB; no movimento sindical compunha com os comunistas. Em 1964 foi preso, em abril, e afastado do sindicato pelo Delegado do Trabalho, José Sarmento. Na década de 1980 foi presidente da Escola de Samba Unidos do Poço.

<sup>103</sup> **Rafael Martineli** [ ? ], ferroviário, foi um dos fundadores do CGT em 1962 e dirigente nacional. Presidiu a Federação Nacional dos Ferroviários; foi um dos cem líderes do país a serem cassados nos primeiros dias após o golpe militar de 1º de abril de 1964. Esteve na resistência à ditadura militar. Entrou para a Aliança Libertadora Nacional – ALN, participando ativamente do processo que criou a CUT; foi um dos dirigentes da

direção nacional da CGT, composta de Rafael Martineli, Osvaldo Pacheco, Dante Pelacani<sup>104</sup>, Clovis Mariani<sup>105</sup>, disse: “Olha, companheiro, nós temos aqui delegações do mundo inteiro, e por que dividir o Brasil em três pedaços, em três áreas? Ficaria muito mais coerente se um sindicalismo somente falasse por todo o Brasil”. E essa proposta foi aceita e, se não me engano, o orador terminou sendo o Roberto Morena<sup>106</sup>. Foi ponto pacífico, todo o plenário aceitou. Foi interessante.

Nesse momento, veio um companheiro do Mato Grosso com uma flâmula vermelha enorme e botou na minha lapela. Eu deixei o diabo da flâmula e eu até disse: “Olha, companheiro, em nome do sindicalismo camponês de Alagoas, o mais velho vai receber essa flâmula. Essa flâmula só vai sair daqui lá pro estandezinho do sindicato de Penedo”.

Conversamos muito a respeito dos problemas de cada região, e eu me tornei muito fácil pra conversa. “Companheiro, por que você conhece tanto os problemas de Alagoas?”, perguntava. “Porque sou meio andejo, conheço esses problemas na palma da mão, e conheço do problema do plantador, do fibrador de ágada da Paraíba ao tirador de coco-babaçu, e aqui, então, fica fácil da gente lidar com essas coisas”, eu disse.

Deixei o diabo da flâmula na lapela, peguei o avião na ponte aérea, pra pegar outro para o norte no Rio de Janeiro, e a lapela com aquele bordado bonito. Cheguei ao Santos Dumont, fiquei pra cima e pra baixo, tomando cafezinho, olhando banca de revista. Um casal começou a me acompanhar, e eu vendo aquela coisa bem estranha. Eu sentava, eles sentavam perto. Eu saía, eles saíam; mas eu me aguentei e eles terminaram por me chamar: “Companheiro, você vem de onde?”. Eu disse: “Eu estou vindo do 4º Encontro Nacional de São Paulo”. Eles perguntaram: “Foi bom o trabalho?”. Respondi que foi ótimo. “Mas tire essa flâmula, por que isso aí?”, disseram. “É que fiz uma promessa em São Paulo, aos camponeses do Mato Grosso, de que ela só sairia daqui para o estande do sindicato de Penedo, e eu não vou tirar, estaria desonrando minha palavra”. Eles continuaram: “Mas é melhor você desonrar

---

entidade em São Paulo. Em 1979 foi anistiado e retornou ao trabalho como ferroviário e às atividades sindicais, fazendo parte da Oposição Ferroviária.

<sup>104</sup> **Dante Pelacani** [1923 – 1981] nasceu em São Paulo. Gráfico linotipista, iniciou a sua militância sindical e política em 1948, sendo eleito vice-presidente do Sindicato dos Gráficos, e em 1950, eleito vereador pelo PTN. Teve o mandato cassado pelo TRE, sob a alegação de ser comunista. Foi presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Gráficos (FNTG) e um dos fundadores do Conselho Sindical dos Trabalhadores de São Paulo – (CST). Em 1958 se afasta do PCB; em 1962 participa da fundação do CGT e é eleito presidente.

<sup>105</sup> **Clovis Mariani** [ ? ], presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria – CNTI.

<sup>106</sup> **Roberto Morena** [1902 – 1978] nasceu no Rio de Janeiro; foi dirigente sindical, deputado federal, membro do Comitê Central do PCB, dirigente do CGT. Morreu em Praga, capital da antiga Tchecoslováquia, no exílio. Trabalhava na Federação Sindical Mundial.

sua palavra do que você desonrar sua vida. Você está na Guanabara, na Alemanha de Carlos Lacerda<sup>107</sup>”.

Eu teimava: “Pois eu não tiro. Eles que tirem, se eles quiserem, venham tirar, eu mesmo não tiro não”, “Rapaz, não faça isso”, “Não tem argumento, camarada”. Aí eu perguntei: “Por que o cuidado?”, “É porque nota-se que você tem alguns compromissos políticos mais profundos”. Eu disse: “E como tenho!”. Eles fizeram um grupozinho maior, ficaram dando guarda, pelo menos para denunciar se alguma coisa viesse a ocorrer. Mas, na verdade, não ocorreu nada e eu terminei indo a Penedo só para tirar a flâmula da lapela e botar lá no sindicato, não sei se ela ainda existe.

**O CGT, logo na sua criação, declarou-se a favor da manutenção do regime parlamentarista, e o congresso de fundação foi marcado por uma greve geral.**

É verdade, houve um movimento de greve.

**Em Alagoas, como foi trabalhada a determinação do CGT?**

Nós cumprimos a determinação. Inclusive, houve uma greve muito mal conduzida, foi um desastre mesmo.

**Por quê?**

Porque a CGT nacional decretou a paralisação numa sexta-feira à tarde, em São Paulo. A orla marítima parou toda, a Central do Brasil também parou na sexta. Mas quando nós recebemos a palavra de ordem, já era sábado. A greve já tinha sido decretada e estava acontecendo no Rio e São Paulo, mas mesmo assim nós fizemos. Não foi uma greve decretada pela cúpula; nós saímos de sindicato em sindicato, os mais importantes, para decretar a greve. Trabalhamos o sábado o dia todo, tirando assembleia na Saúde, em Fernão Velho, na orla marítima, com os rodoviários. Foi uma comissão a Delmiro Gouveia e assim por diante. Trabalho intenso. Quando foi no domingo, a Rede já estava parada aqui.

**Os petroleiros pararam?**

Só na segunda-feira os trabalhadores da Petrobras parariam também. Às sete horas da noite, aproximadamente uns 800 a 1.000 operários se reuniram; no

---

<sup>107</sup> **Carlos Frederico Werneck de Lacerda** [1914 -1977] nasceu no Rio de Janeiro. Jornalista, escritor, ex-deputado e ex-governador da Guanabara, proprietário do jornal *Tribuna da Imprensa* e da editora Nova Fronteira. Foi um dos principais líderes civis do golpe militar de 1964. Na juventude foi militante comunista, mas rompeu com o PCB e passou a fazer-lhe sistemática oposição. Grande orador, foi inegavelmente um dos maiores líderes da direita brasileira. É um dos fundadores da UDN, União Democrática Nacional.

sindicato dos têxteis de Rio Largo, não cabia mais gente. A frente do sindicato estava cheia. A greve foi aprovada por unanimidade; foi uma ovação absoluta pela paralisação. Nós estávamos ainda na tribuna, quando chega um telegrama da Western<sup>108</sup> suspendendo a greve.

Nisso, nós já tínhamos gente presa, companheiros espancados, já tinha havido aborrecimentos porque o pessoal da orla não aceitou a não paralisação imediata dos ônibus. Houve um quebra-pau da peste, arrumador brigando com estivador e estivador brigando com chofer. Foi aquela desgraça, porque na realidade nós só tiramos a greve no nosso sindicato no domingo. A diretoria não pode dizer “é greve”, especialmente em cima de categorias que só fazem greves econômicas. Há de se compreender que a greve reivindicativa, a greve econômica, é uma luta de sobrevivência. O operário vai à greve econômica por quê? Porque quer salário, quer melhores condições de trabalho, quer assistência social, uma razão qualquer que ele sente na pele, imediatamente, está doendo nele.

Mas a greve política não é assim. Especialmente em categorias como a da construção civil em Maceió, que nunca fizeram uma greve econômica. E como chamar essa categoria profissional para uma greve política? Ela não vem. Então, nós temos que entender.

A greve é uma forma de luta, e a greve econômica pode ser facilmente entendida pela categoria profissional. Agora, na greve política é preciso que o operário esteja nivelado politicamente para atender, para compreender o chamamento daquela palavra de ordem. A greve política, você tem que esclarecer em assembleias. As direções sindicais têm obrigação de esclarecer à categoria o motivo da greve econômica, o motivo da greve política, que é um passo insurrecional.

A greve política é o primeiro instrumento de um movimento insurrecional, e a classe operária brasileira, a classe operária nordestina tem nível para isso? Não tem. Ela é chamada, os mais conscientes vão na frente, se arrebetam e não dá outra. A repressão toma conta e, muitas vezes, endurece.

Já a greve econômica é o último estágio da reivindicação social. Antes disso o sindicato tem que usar todos os caminhos de conversação, expor as reivindicações sem ir à greve. Já a greve política é o último passo de uma insurreição. Há que se compreender isso. Mas o operário está esclarecido, ele tem nível? Ele compreendeu bem o problema? Ele sabe por que há uma greve

---

<sup>108</sup> **Telegrama Western.** O Brasil no início da década de 1960 não tinha uma empresa que realizasse a comunicação rápida. Os Correios demoravam muitas horas para o envio de um telegrama nacional. O sistema Western era feito através de cabos submarinos, uma tecnologia de que o país não dispunha.

insurrecional? E por que há uma greve política? É preciso ter muito cuidado, ter muita cautela, inclusive o sindicalismo nacional.

Nesse período que nós estamos atravessando agora, tem muitos sindicatos chamando, fazendo chamamentos para a greve política. Muito bem, o povo está entendendo o processo das eleições diretas, é possível que ela pegue, mas e se não pegar?

### **Rubens, qual o desfecho dessa greve? Foi um fracasso total?**

Não, não foi um fracasso porque, de qualquer maneira, não houve a greve em Alagoas. Houve o chamamento, houve a adesão, mas ela ia acontecer na segunda-feira. Que era quando todo mundo volta para o trabalho. Sábado e domingo são dias por si mortos. A greve pegaria na segunda, mas foi suspensa no domingo às oito horas da noite.

No balanço nacional dessa greve eu tive um *tête-à-tête* muito rígido com o camarada Prestes<sup>109</sup>.

### **Depois da greve?**

Isso, depois da greve, no balanço da greve. Estava também o camarada Pacheco, o camarada Roberto Morena. Eu era moço novo na época e disse: “Olha, camaradas, por esse caminho...” Disse nestes termos: “Por esse caminho, esse partido não está querendo fazer uma revolução, está querendo fazer uma cocada”. Aí o camarada Prestes disse para eu esclarecer mais. “Para mim, camarada, a revolução é um processo vivo, cheio de incidentes. Não pode ser um botão de rádio que você aperta hoje, desaperta amanhã, aperta depois, desaperta no fim da semana”. Eu critiquei porque fomos à luta e houve choque, mas o choque não foi entre policiais e operários, foi entre operários e operários, em face da incompreensão, de não nos terem dado tempo. Em cima da bucha, chamar para uma greve nacional sem explicação, sem um plebiscito, não dá certo. No Sindicato dos Bancários, 50% não sabem o que é plebiscito, quanto mais em sindicato de chofer, de canavieiro e de estivador. A orla marítima parou porque vinha de uma série de greves bem-sucedidas de caráter econômico.

### **E tinha boas direções em Alagoas.**

---

<sup>109</sup> **Luís Carlos Prestes** [1898–1990], capitão do Exército, nasceu em Porto Alegre, comandou com Miguel Costa a Coluna Miguel Costa – Prestes, que ficou conhecida com a Coluna Invicta ou Coluna Prestes; foi senador da República pelo PCB e constituinte em 1946. Durante décadas foi o secretário-geral do PCB. Em 1981 rompeu com o Partido e passou a atuar sem que houvesse se filiado a qualquer partido político. Prestes foi o mais importante comunista do Brasil e uma das grandes referências no movimento comunista internacional. Morreu no Rio de Janeiro.

Tinha boas direções nacionais. A palavra de Pacheco decidia uma greve. Estivesse ele onde estivesse, era só dizer “parar a orla” e a orla parava. O Pacheco podia estar em Brasília, o porto de Santos parava e se encarregava de parar os outros portos na hora. Era automático. O mesmo acontecia com as ferrovias. Mas nas ferrovias não tem patrão. O governo é o dono. Então, não havia aquela repressão imediata do patrão. O patrão chama imediatamente a polícia e manda reprimir.

Essas categorias, de serviços públicos, paravam facilmente, mas nas demais categorias não era assim. O meu sindicato, por exemplo, tinha feito uma greve econômica bem-sucedida, mas uma só, uma grevezinha de 24 horas; não significava que estivesse pronta para uma greve política, a ser decretada imediatamente. Daí o choque entre arrumadores, estivadores e choferes, na Ponta Grossa. O pessoal da estiva quis parar os carros na marra. O trabalhador do sindicato de estiva não se desemprega, mas os choferes se desempregam, vão para a polícia e ninguém dá mais trabalho. Não é que a minha categoria [rodoviários] não estivesse em condição de ir à greve, é que no mesmo domingo veio a desmobilização. Os camaradas diziam: “Nada, você é um jovem, você vem para aqui querer insultar os velhos quadros dirigentes do Partido”. Não é insultar, é chamar a atenção, advertir para que não se cometam erros desta natureza, porque se torna muito mais difícil a luta dos operários nas bases. Quase que me botam de joelhos em cima de caroços de milho. Quando eu cheguei, já tinha chegado a notícia de que eu tinha sido rebelde perante a direção do Partido. A verdade é que fui chamado para fazer autocrítica. Eu disse: “Não faço, vou dar por escrito”. Dei um documento por escrito ao secretariado e fiquei com um, mas parece que foi extraviado. Mas eu dei.

### **O CGT Nacional liderou uma caravana para Brasília, onde entregou o Manifesto pela Reforma Agrária ao João Goulart<sup>110</sup>. Houve participação de Alagoas nessa caravana?**

Houve, nós tínhamos dois delegados: Rubens Colaço e Mário Correia.

### **Como transcorreu essa ida a Brasília?**

A ida a Brasília foi consequência de uma reunião que nós tivemos no Rio com um grupo de dirigentes nacionais do CGT. Quando o economista Celso

---

<sup>110</sup> **João Belchior Marques Goulart** [1919-1976] nasceu em São Borja, Rio Grande do Sul, e morreu na Argentina. Advogado, pecuarista, foi deputado estadual e federal, secretário de Estado do Interior e Justiça do RS, ministro do Trabalho, Indústria e Comércio de Getúlio Vargas. Em 1955 foi eleito vice-presidente de República na chapa de JK e em 1960, reeleito. Com a renúncia do presidente Jânio Quadros, assume a presidência do Brasil e é deposto pelos militares em 1º de abril de 1964. Passa a viver no exílio, na Argentina e no Uruguai, onde morre em 1976.

Furtado<sup>111</sup> fez o primeiro plano trienal do Jango, nos reunimos para discutir. Nesse período, já tínhamos no CGT altas qualificações economistas, porque o que havia de melhor no Banco Central, no Banco do Brasil, eram os técnicos, uma beleza pura. Os meninos encostaram Celso Furtado na parede. Eu não, que eu não tinha nível para participar daquela discussão. Ele terminou por dizer: “Olha, minha gente, esse plano não é o plano para resolver todos os problemas do Brasil imediatamente. Esse plano é um plano que o presidente me pediu, e eu acho que dentro das limitações políticas dele, ele não tem condição de cumprir nem esse, quanto mais esse outro que vocês pretendem”. O presidente tem lá as suas áreas de dificuldade, nós devemos ser muito sensíveis a isso, mas a realidade é que nos reunimos em São Paulo para discutir amplamente o problema, onde estavam representações de todos os estados. Foi discutida a reforma agrária, remessa de lucro etc. Na ocasião também foi redigido um documento.

### **Pelas reformas de base?**

Também. O documento continha uma série de reivindicações bem sensíveis. A comissão de redação foi formada por Dante Pelacani, Rafael Martineli, Osvaldo Pacheco, Roberto Morena e Clovis Mariani. Mas a verdade é que os companheiros mais responsáveis pelo Partido, que era o caso de Osvaldo Pacheco e Roberto Morena, dormiram de touca e Dante Pelacani montou o documento – que era o pelegão mais famoso. O Riani<sup>112</sup> não era tipo de muita clareza e coragem, mas o Dante tinha experiência sindical a toda prova e montou. Então o documento saiu como se fosse o Dante que tivesse redigido.

### **Quem representava o trabalhismo na época? Era o PTB?**

---

<sup>111</sup> **Celso Monteiro Furtado** [1920-2004] nasceu em Pombal, Paraíba. Bacharel em direito, doutor em economia pela Universidade de Paris – Sorbonne, criador da Sudene, ex-ministro do Planejamento no governo João Goulart, e da Cultura, no governo José Sarney, foi diretor de pesquisas da École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris. Anistiado em 1979, filia-se ao PMDB em 1981 sendo eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1997. Autor de importantes e numerosas obras, como: *Formação Econômica do Brasil, Desenvolvimento e subdesenvolvimento, A economia Brasileira*, entre outras.

<sup>112</sup> **Clodesmidt Riani** [1920] nasceu em Rio Casca – MG. Tecelão aos 13 anos, aos 16 ingressa na Companhia Mineira de Eletricidade como aprendiz de eletricitista. Fundador e primeiro presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Energia Elétrica de Juiz de Fora. Em 1950 filia-se ao PTB, sendo eleito deputado estadual por dois mandatos, antes de 1964. Foi eleito presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria – CNTI; é um dos fundadores do CGT e seu vice-presidente. Com o golpe tem seus direitos políticos cassados. Aliado do presidente João Goulart, tenta organizar uma greve logo após o golpe, mas não consegue e é preso e condenado a 17 anos de prisão. Há redução da pena e é solto em 1969. Volta à prisão. Anistiado em 1979, retoma a vida política e sindical, é eleito deputado estadual em 1982 e em 1984 se forma em Direito.



Pois é, mas o trabalhismo reacionário, porque ele (Dante Pelacani) não casava completamente com o Clovis Mariani. Ele se sentia, inclusive, preterido porque Clovis era o mais novo de idade, mais novo de sindicalismo e era o presidente da CNTI. Então o Dante tinha ressaibos de ciúme com referência a Clovis. Hercules Correia<sup>113</sup>, que era presidente do Sindicato dos Têxteis da Guanabara, se não me engano, foi o primeiro a contestar o documento. Em seguida, Rubens Colaço. Depois, não houve mais intervenções e o documento veio abaixo. Foi redigido outro documento e a assembleia aprovou.

Aí Riani botou as mãos na cabeça: “Não façam isso, porque o documento é para publicação imediata. Isso vai constranger muito o presidente e, afinal de contas, nós temos um presidente da República que é a favor e tem ajudado o sindicalismo. Não podemos fazer um documento desses sem consultá-lo”. Riani pediu tempo para se comunicar com a presidência da República. Daí veio um convite. Fomos convidados a ir a Brasília.

O presidente João Goulart mandou o avião da presidência da República nos buscar em São Paulo. Chegando a Brasília, ocorreu um incidente em que Rubens Colaço esteve envolvido. Encontrei Brizola<sup>114</sup>, nessa época deputado federal. Eu tinha saudado Brizola aqui e tinha dado uma pegada no pé dele. Julião me levou até Brizola e ele me perguntou: “O que você está fazendo por aqui, pau de arara?”. Eu respondi: “Estamos numa comissão nacional do CGT para falar com o presidente”. Ele disse: “Quem é essa comissão?”. “É nacional, presidentes de federações, confederações etc.”, e citei os nomes. Brizola falou: “Ah, rapaz, eu quero uma reunião com esse pessoal”. Eu avisei: “Olha, deputado, sou arraia-miúda, não tenho condição de convocar”. Ele insistiu: “Mas eu quero falar com o Pacheco, onde ele está?”. Foi feito o contato, e a reunião ficou marcada para as oito horas da noite, no Hotel Nacional.

Lá estávamos todos, quando o sr. Brizola chegou. Ele leu o documento. “Olha, estou de pleno acordo com este documento. Agora, o presidente não vai

---

<sup>113</sup> **Hercules Correia dos Reis** [1929 -2008] nasceu em Cachoeiro do Itapemirim – ES. Ex-operário têxtil, ex-deputado estadual, ex-dirigente do CGT, membro do Comitê Central e da Comissão Executiva do PCB. O seu nome consta na lista dos 10 primeiros brasileiros que tiveram os direitos políticos cassados pela ditadura militar, em 1964. Ensaísta, publicou vários livros, entre eles: *A classe operária e seu partido* (1980), *Memórias de um stalinista* (1994), *Crise no socialismo*, além de dezenas de artigos publicados na imprensa comunista brasileira e internacional e em jornais e revistas da grande imprensa do Brasil. Em 1964, com o golpe militar, foi caçado como uma fera. Viveu clandestinamente no Brasil durante alguns anos; não sendo mais possível permanecer no país, foi obrigado a sair e se exilou na URSS.

<sup>114</sup> **Leonel de Moura Brizola** [1922 – 2004] nasceu em Carazinho, RS. Engenheiro civil, ex-governador do Rio Grande do Sul, ex-deputado federal pelo estado da Guanabara e duas vezes eleito governador do Rio de Janeiro. Esteve exilado no Uruguai e nos Estados Unidos. Foi membro do PTB, antes de 1964, e ao voltar do exílio fundou o Partido Democrático Trabalhista – PDT.

concordar por uma razão simples: o golpe está pronto”. Isso foi em outubro de 63, final do ano, se não me engano. “O golpe está pronto e esse documento levará à queda do presidente imediatamente. Estão esperando apenas um elemento detonador. Se o presidente botar a assinatura dele nesse documento, ele cai hoje ou amanhã, quando os jornais botarem a cara na rua”.

E em face de o golpe estar pronto e de nós, os sindicatos, estarmos relativamente organizados, ele nos convidou a dar um mergulho. Pacheco perguntou como seria esse mergulho. Ele disse: “No escuro. Porque nós temos duas opções: vamos para o mergulho, ou vamos para a morte, para a cadeia, para o exílio. Se dermos o mergulho, podemos também ir para o poder. Se não dermos o mergulho, iremos para a cadeia, para a morte e para o exílio, sem saber por quê. Isso nós vamos ver em pouco tempo. Vocês são quem sabe”.

O encarregado de responder foi o camarada Pacheco, e respondeu nos seguintes termos: “Nós, a classe operária, não nos metemos em aventuras, muito menos em ‘mergulhos no escuro’. Não conte conosco para tal aventura”. E deu-se por encerrada a reunião. Nesse ínterim, Brizola tinha tanta certeza de que o golpe estava na rua, que disse: “O presidente já não me recebe mais nem como político, nem como parente, nem como cunhado. Está comprando fazenda no Uruguai e transferindo para lá suas vacas e ovelhas, porque sabe que o golpe virá. Não é homem para sustentar a situação”.

Muitos comentários se faziam: que o golpe veio por causa do comício da Central do Brasil, por causa da revolta dos marinheiros, por causa da indisciplina dos sargentos, por causa daquela palavra de ordem lançada por Prestes – de que não estava no poder, mas estava no governo. Mas a verdade é que Brizola sabia e tinha certeza do golpe.

Não foi nenhum desses acontecimentos que botou as tropas na rua. As tropas estavam prontas, em face de toda a Nação saber que Cordeiro de Farias<sup>115</sup> conspirava de quartel em quartel desde 1960. As forças da reação estavam devidamente prontas, sabendo o que queriam e o que iam fazer. Só que surgiu o elemento detonador: o partido dos comunistas. Os rapazes apenas enfeitaram o comício da Central do Brasil com alguns archotes de petróleo, e se fez a propaganda infame que se divulga por aí. Eu me lembro de um fato. Arraes estava fazendo um discurso em Caruaru, onde foi homenageado pelos “trabuqueiros”. Trabuqueiros são grupos folclóricos que existem em toda a área do agreste e sertão de Pernambuco. São atiradores com aquelas velhas

---

<sup>115</sup> **Oswaldo Cordeiro de Farias** [1901-1981] nasceu em Jaguarão – RS. Militar e político, interventor federal do Rio Grande do Sul em 1938, nomeado por Getúlio Vargas. Foi o primeiro-comandante da Escola Superior de Guerra – ESG. Em 1949, foi eleito governador de Pernambuco, com mandato de 1955-1958. De 1922 a 1966, quando deixou as atividades políticas, participou dos mais importantes acontecimentos da história do Brasil. Integrou a Coluna Prestes. Participou do golpe militar que derrubou o governo constitucional de João Goulart em 1964.

espingardas boca de sino. Eles disputam quem é que atira mais, quem atira mais depressa, quem deve carregar pela boca. Então, os trabuqueiros foram homenagear Arraes, e em decorrência disso, o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Estado de São Paulo* publicaram em manchetes de primeira página com fotografias: “Arraes no meio dos guerrilheiros, preparando guerrilha”.

Nisso, os jornais de Londres, dos Estados Unidos, da França, publicaram também em primeira página que Arraes<sup>116</sup> estava levantando o Norte e o Nordeste em revolta, que estava no meio dos guerrilheiros etc. Coisas dessa natureza eram financiadas pelo IBAD<sup>117</sup>, pelo IPES<sup>118</sup> e pela Escola Superior de Guerra.

Desculpe a falta de modéstia, mas no meu livro, no *Cruapé*<sup>119</sup>, está lá o nome das firmas internacionais financiadoras. São quatrocentas e muitas, de grande potência no mundo inteiro: bancos, indústrias de automóvel etc.

Por intermédio do IBAD, do IPES, da ADESG, patrocinaram cursos especiais para as tropas. O próprio Dan Mitrioni<sup>120</sup> foi mandado para cá em 1960, para formar as forças paramilitares, especializar torturadores, interrogadores e outras coisas. Esse tipo trabalhou não só no Brasil, mas na

---

<sup>116</sup> **Miguel Arraes de Alencar** [1916-2005] nasceu em Araripe, Ceará. Advogado, economista, escritor e político, deputado estadual, ex-prefeito do Recife, ex-governador de Pernambuco, por três vezes preso, foi deposto em abril de 1964. Exilado, morou na Argélia. Com a anistia em 1979, voltou a Pernambuco, filiou-se ao PMDB, sendo eleito em duas oportunidades governador de Pernambuco e também deputado federal. Ao deixar o PMDB filia-se ao PSB, partido a que havia pertencido na década de cinquenta. Presidiu nacionalmente o Partido Socialista Brasileiro– PSB.

<sup>117</sup> **IBAD, Instituto Brasileiro de Ação Democrática**, organização anticomunista criada em 1959 por Ivan Hasslocher. Atuou abertamente na formação de bancadas parlamentares no Congresso Nacional e nos estados, financiando candidatos em todos os níveis para, dessa maneira, impedir que o presidente João Goulart realizasse as reformas de base. O IBAD recebia recursos financeiros da Agência Central de Inteligência – CIA. O general insuspeito Hélio Ibiapina revelou, numa entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, em 1998, que o IBAD mantinha relações com a CIA, e que ele foi designado pelo marechal Castelo Branco para confirmar a autenticidade das informações. Os membros do IBAD durante os governos militares participaram dos postos mais importantes da administração estatal. A representação do IBAD, em Alagoas, era composta pelos senhores Ib Gatto Falcão, Everaldo Macedo de Oliveira, Hélio Ramalho Ferreira e Japson Macedo de Almeida. É o que diz a carta datada de 15 de agosto de 1962, publicada no livro 1964: *A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*. Dreifuss, René Armand, Editora Vozes, Petrópolis, 1987, p. 648.

<sup>118</sup> **IPES - Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais** foi criado em 29 de novembro de 1961 pelo minerador Augusto Trajano de Azevedo Antunes, dono da Caemi Mineração, e Antonio Gallotti, empresário vinculado à Light. Essa entidade anticomunista catalizou o ideário contra o governo João Goulart. A militância anticomunista do IPES era voltada para os movimentos sociais de direita, sindicatos, organizações da Igreja Católica. Desta maneira foram criadas as bases da oposição ao governo Jango. O general Golbery do Couto e Silva foi diretor do IPES. As principais empresas que contribuíram financeiramente foram: Renaria União, Cruzeiro do Sul, Light, Listas Telefônicas Brasileiras e Icomi.

<sup>119</sup> **Cruapé**, livro ainda inédito de Rubens Colaço.

<sup>120</sup> **Dan Mitrione** [ ? ], policial norte-americano, esteve no Brasil e em outros países da América do Sul treinando militares na prática de tortura, com o fim de obter informações. Em 1970, foi executado, aos 49 anos, pelo Movimento de Liberación Nacional, conhecido como Tupamaros.

América do Sul inteira, preparando a “fascistização” do Cone Sul, como é chamada.

Quer dizer, a coisa estava pronta não só aqui, mas também no Uruguai, na Argentina, República Dominicana e assim sucessivamente. Não foram as greves, como se diz. As greves não foram as responsáveis. Foram as medidas “nacionalizantes” que Jango vinha tomando. De jeito nenhum essas firmas, que mandam daqui até 450% de lucro para o exterior, iriam aceitar esse comportamento. Então, em nome da indisciplina generalizada no sindicalismo brasileiro, que não tinha nível... E nós não tínhamos nível para acompanhar o sindicalismo argentino.

Em muitas nações na América Latina tem sindicalismo mais organizado que o nosso. A razão eram os interesses econômicos do imperialismo. Temos que ter essa clareza. Jango foi apenas a entrada das tropas armadas na rua fazendo chamamento para que os generais salvassem o Brasil do comunismo; foi financiado também por esses mesmos grupos. Quer dizer, era um distribuidor de propinas e de favores a quem se prestasse a aderir àquele comportamento.

Quando eles viram que não ia haver uma razão maior para darem o golpe, então botaram as tropas armadas na rua. Daí a determinação dos nossos generais para derrubar um governo devidamente eleito e legal, com a constituição legal sendo exercida. Esses foram os senões sindicais que envolveram o período de 60 a 64.

## 4º Capítulo

### **A preparação do comício em defesa das reformas de base e a participação de Brizola e Miguel Arraes**

#### **Rubens, como estava sendo organizado o comício em defesa das reformas de base em Maceió?**

Em 29 de março de 1964, em Alagoas, nós tínhamos convidado Leonel Brizola e Miguel Arraes para participar daquele ato. Mas acontece que a cabeça de Miguel Arraes estava sendo disputada aqui. A disputa era para ver quem atirava na testa, quem atirava na boca, quem atirava no olho direito, quem atirava no olho esquerdo. E nós sabemos muito bem que aqui em Alagoas tem gente altamente qualificada para isso. Leonel Brizola já tinha dito que não vinha por causa de afazeres no Rio Grande do Sul, e nós achamos irresponsabilidade de nossa parte trazer Miguel Arraes, governador de Pernambuco, para correr esse risco. Nós tínhamos a “nossa área” de política de oposição, homens também bons de pistolas e com grupos de bons pistoleiros, que se propunham a dar cobertura total a Arraes, mas a verdade é que o CGT tomou a decisão de ir a Recife para desconvoar Miguel Arraes e explicar a situação. Na reunião conosco, Arraes falou: “Eu não vou passar o resto da minha vida com medo dos pistoleiros de Alagoas. Eu vou ter que ir a Alagoas mais cedo ou mais tarde. Eu sou homem de sertão, também, não sou nenhum bunda-mole. Na minha área tem homem também”. Mas terminamos por convencer Arraes de que ele não deveria ir.

#### **Quem formava a delegação que foi a Recife?**

Eu sei que Nilson Miranda esteve nessa delegação. Eu não fui porque tive de ir a Palmeira dos Índios entregar a carta do sindicato, como já disse antes. Então, a repressão em Alagoas foi anterior ao golpe. Ela começou no dia 29. Nós realizamos o comício, e os operários da fábrica têxtil do distrito de Saúde vieram a pé, para Maceió, com suas faixas enroladas debaixo do braço. Quando menos se esperava, eles estavam na praça. Os trabalhadores da orla marítima tiveram que se dispersar quando chegaram na Praça Sinimbu. Mas marcaram presença firme. A Rua do Comércio ficou intrafegável. Nós realizamos o comício em frente ao sindicato de petróleo, que ficava praticamente na Praça Pedro II, na Rua 2 de Dezembro<sup>121</sup>, que é muito pequena e liga a Rua do Comércio à Praça Pedro II. O segundo delegado da

---

<sup>121</sup> A sede do Sindicatos dos Trabalhadores da Petrobras situava-se na Rua 2 de dezembro. É uma edificação construída nas primeiras décadas do século XX.

capital, Aurino Malta<sup>122</sup>, ainda deu uns tiros, feriu um rapaz da Petrobras que estava na sacada do prédio; esse rapaz não tinha nada a ver com o comício. A repressão foi muito violenta para nós já no começo do dia 29.

No dia 31, então, o Consintra, que era o órgão representativo do sindicalismo de Pernambuco, nos convidou, convidou o CGT de Alagoas, para que fizéssemos uma exposição a respeito do clima político em Maceió e em Alagoas. E o porquê da não aceitação do governador Arraes em Alagoas. A delegação foi composta por Rubens Colaço, Mário Correia e um rapaz da Petrobras que, a meu ver, foi o nosso traidor.

### **Quem?**

Esqueci o nome do danado agora.

### **Rolin<sup>123</sup>?**

Não, não foi o Rolin. Ele era tesoureiro do sindicato. Pois bem. Às duas horas da tarde eu estava no trabalho. Rolin me telefona, me encarrega de capitanear essa delegação. No dia 31, às dez e meia da noite, nós saímos do Consintra, onde havia três deputados estaduais do trabalhismo de Pernambuco: um estivador, um arrumador e parece que um tecelão. Todos os três deputados estaduais estavam nessa reunião e nós saímos às dez e meia da noite. Nós estávamos com fome e fomos jantar. Arraes já estava preso no quartel desde as dez horas da manhã. Quer dizer, se o sindicalismo brasileiro não sabia do movimento, se o sindicalismo pernambucano não sabia da repressão, tamanha era a nossa pureza de acreditar, piamente, no espírito “democraticista” dos nossos generais. Entramos de patinho. Eu fui preso ao entrar em Maceió, às três horas da manhã.

**Rubens, não só esse fato da sua prisão, que é um divisor de águas. Vamos do comício do dia 29 de março, a preparação política e a finalidade do comício, que era apoiar as reformas de base do presidente João Goulart. Por exemplo: no Rio de Janeiro foi realizado o famoso comício da Central do Brasil, no dia 13 de março, isso do lado da esquerda, do governo. A direita organizou a Marcha com Deus e com a Família, pela Democracia e Liberdade, em São Paulo, financiada pelo IBAD, pela**

---

<sup>122</sup> **Aurino Malta** [ ? ], advogado, ex-delegado de polícia e um dos mais atuantes policiais durante o golpe militar em Alagoas; efetuou a prisão dos deputados Sebastião Barbosa de Araújo e Cláudio Albuquerque Lima, entre outros. Foi presidente da seccional da OAB/AL na década de 1970.

<sup>123</sup> **Gerson Rolin** [ ? ], ex-dirigente do Sindicato dos Petroleiros de Alagoas. Preso em abril de 1964, foi destituído da diretoria do sindicato juntamente com os outros diretores.

**CIA<sup>124</sup>; em Maceió, a Igreja e a direita católica também foram às ruas. Fale sobre esses momentos.**

Fizeram semelhante.

**Você recorda desses momentos? Quais atividades ocorreram na Assembleia Legislativa?**

Vou falar uma coisa: eu não entro nesse mérito, porque na realidade eu não me preocupava com política de tribuna; o meu trabalho era constante e diuturno no campo, eu não acompanhava assim, a não ser através das leituras feitas dos jornais etc., mas não posso dar informações minuciosas a esse respeito, só que nós tínhamos quadros assim como Moacir Andrade<sup>125</sup>, como Betinho, como Claudionor<sup>126</sup>, como Cláudio<sup>127</sup>, parece que o próprio Abraão Fidélis<sup>128</sup>, não estou bem lembrado.

**O Abraão já era deputado federal?**

Não estou bem lembrado, mas nós tínhamos uma bancada muito cordata, marchava junto com as pretensões nossas, eram solidários em situações, disso eu tenho certeza porque eu os conheci pessoalmente.

**Rubens, vamos fazer um reparo: o Moacir Andrade foi eleito depois em 1965, em seguida foi cassado; nessa época Moacir Andrade era estudante de medicina. O Cláudio Albuquerque Lima era deputado, e o Betinho era suplente, mas estava assumindo o mandato no lugar do Pedro Timóteo<sup>129</sup>, que havia se licenciado; o Claudionor Albuquerque era deputado estadual e o Abraão Fidélis era deputado federal, mas foi cassado nos primeiros dias de abril de 1964, pois era aliado do presidente João Goulart.**

---

<sup>124</sup> **Agência Central de Inteligência** – CIA, criada em 1947 pelo presidente Harry Truman (1884-1972), é um serviço de inteligência (informações) dos EUA. Tinha o objetivo de suprir a presidência da República de informações estratégicas quando se iniciou a Guerra Fria e o comunismo passou a ser a preocupação central dos EUA.

<sup>125</sup> **Moacir Lopes de Andrade** [ ? ], médico, dentista, advogado, nasceu em Penedo. Em 1966 foi eleito deputado estadual, ainda muito jovem, pelo MDB. Teve o mandato cassado e os direitos políticos suspensos por ato da ditadura militar. Foi novamente eleito deputado estadual em 1983, pelo PMDB, e deputado federal, e em 1986 foi eleito vice-governador na chapa de Fernando Collor.

<sup>126</sup> **Claudionor Albuquerque Lima** [ ? ], advogado, ex-deputado estadual pelo PSP, cassado em 1964, tinha base eleitoral em Arapiraca.

<sup>127</sup> **Cláudio Albuquerque Lima** [1940], ex-deputado estadual, irmão do também deputado estadual Claudionor Albuquerque Lima, foi preso e teve os seus direitos políticos e o mandato parlamentar cassados em 1964.

<sup>128</sup> **Abraão Fidélis de Moura** [ ? ], pecuarista, ex-deputado federal, foi candidato a governador de Alagoas. Perdeu para Luiz Cavalcante; teve os direitos políticos e o mandato parlamentar cassados pelos militares em 1964. Manteve aliança com o PCB em Alagoas e foi também um fiel aliado do presidente João Goulart.

<sup>129</sup> **Pedro Timóteo** [ ? ], deputado estadual, tinha base eleitoral na cidade de Murici.

Sim, por aí, eu não entro muito nessas minúcias porque na realidade minha preocupação era com outra frente de trabalho; agora, em torno do comício do dia 29, nós o convocamos mais como um desagravo, pela passeata das madames, que poderia ter custado à vida de Nilson Miranda se ele tivesse sido pego porque, numa intervenção muito infeliz [eu admito a crítica, recebo diante das questões políticas, mas nunca um insulto pessoal a quem quer que seja], e ele disse, ele chamou as madames de Alagoas que participaram, de prostitutas do *society*, com dez bocas de alto-falantes ali espalhadas pelo comércio, e isso pesou muito contra ele. Eu achei um excesso, um ato de incontinência verbal.

### **Contra ele ou contra o Partido?**

Contra ele, e conseqüentemente contra o Partido, porque a voz dele era a voz dos comunistas. Eu tenho uma fotografia onde Jayme fica assim apavorado, querendo saltar os olhos da cara na hora que o Nilson estava discursando; eu tenho essa fotografia. A expressão do Jayme diz tudo.

### **Isso no comício do dia 29?**

Exato. No comício do dia 29.

**Também ocorreu no mesmo comício do dia 29 um fato, inclusive documentado, que foi o motivo da cassação do Cláudio Albuquerque Lima, que usou o microfone da Rádio Progresso que realizava a transmissão do comício e fez um pronunciamento ao vivo, do prédio do CGT.**

Desconhecia esse fato, mas a verdade é que o Cláudio vivia muito perto de nós, vivia muito perto do CGT, embora fosse um aliado político. Era valente, arrojado nos discursos etc. Eu desconhecia esse fato.

**O radialista era o Castro Filho<sup>130</sup>, que estava transmitindo esse comício. A marcha que as madames fizeram aqui em Maceió não foi na mesma época da de São Paulo, no mesmo dia da de São Paulo?**

Não, não foi, não houve coincidência de datas; não me lembro assim porque eu vivia dois dias em Maceió e quatro no interior.

**Os setores mais reacionários da Igreja participaram dessa marcha, e o arcebispo de Maceió, Dom Adelmo Machado, deu toda a cobertura que se fez necessária. Você sabe sobre a participação do IBAD nessa conjuntura?**

---

<sup>130</sup> Castro Filho [ ? ], radialista, trabalhou na Rádio Progresso e foi diretor-geral da Rádio Difusora de Alagoas.



O IBAD funcionava dentro do Palácio.

**Aqui em Alagoas?**

O Luiz Cavalcante foi o único governador. Nem o Carlos Lacerda teve o desplante de dizer, mas só o Luiz Cavalcante é quem batia nos peitos e dizia que se orgulhava de ser membro do IBAD, e que o IBAD em Maceió deitava e rolava, e realmente deitava e rolava. Se o governador diz isso, é o mesmo que dizer que o IBAD funcionava dentro do Palácio.

## 5º Capítulo

### O golpe militar, os presos políticos e as torturas sofridas em Alagoas

#### **Você foi preso no dia 1º de abril? Como se deu a sua prisão?**

Sim. Foi no dia 1º de abril e foi o Rubens Quintela quem executou a minha prisão. Ele parou o carro em que vínhamos de Pernambuco, no Tabuleiro do Martins, por volta das três horas da madrugada, dizendo:

– Você é Rubens Colaço?

– Às suas ordens.

– Está preso.

– Por quê?

Ele falou grosso:

– Nós fizemos uma revolução e vocês perderam; desça, venha cá.

Foi me escorando numa guarita, ali onde era a Petrobras, Tabuleiro do Martins, e perguntou:

– Onde estão as fardas de guerrilheiros que você foi buscar no Recife, vindas de Cuba?

Falei, sério:

– Devem estar aí no carro. Seus homens já devem ter achado.

Mas eu falei aquilo por pura ironia; aí ele engatilhou a metralhadora e disse:

– Olha, a sua vida está nas minhas mãos. Não tome deboche não, que você morre.

Eu calado estava, calado fiquei.

Ele olhou para mim uns trinta segundos e desengatilhou a metralhadora, botou no ombro e disse:

– Olha, Colaço, vou lhe dar uma oportunidade. Sabendo que se eu estivesse em suas mãos, você não me daria.

Ordenou para os seus esbirros que estavam parados em pé, observando o diálogo:

– Levem o homem.

#### **O que ocorreu em seguida?**

Nos levaram direto para a Secretaria do Interior e Segurança Pública, na Praça dos Martírios; depois, para a penitenciária. Estranhei o fato de o Expedito<sup>131</sup>, o Expedito de..., era um rapaz funcionário da Petrobras, não me

---

<sup>131</sup> **Expedito** [ ? ], funcionário da Petrobras e dirigente do Sindicato dos Petroleiros.

lembro o sobrenome dele; nós ficamos presos e ele foi num carro especial para casa, onde os pais dele moravam, na usina Utinga Leão.

### **E vocês foram levados presos para a penitenciária?**

E nós fomos levados para a penitenciária, já amanhecemos o dia na cela 12. Fomos os primeiros a chegar. Quando foi às oito horas da noite, a cela 12, onde nós estávamos, que só cabia 24 homens deitados marcando cartão <sup>132</sup>um no outro, tinha 28; então 12 ficavam na grade, na porta de entrada, e 12 ficavam na janela, que dava para o sanitário, acordados; aí depois, quando cansavam, iam para lá, fazíamos um revezamento. Havia sempre 4 acordados e 24 marcando cartão um no outro. O mesmo acontecia nas demais celas, na 13, em todas, enfim. No dia 4 de abril representávamos cerca de 151 presos.

### **Os que estavam sendo presos eram todos comunistas?**

Não. Comunistas, quem era comunista, era Renalvo Siqueira, Rubens Colaço, Jayme, meia dúzia de gatos-pingados; o resto eram trabalhadores, gente do povo. Mas eles foram inábeis [isso aqui eu não devia nem dizer], porque em cada cela tinha dois, três comunistas, misturados com as pessoas simples do povo, isso ferroviário, camponês, de tudo quanto é categoria tinha gente lá dentro. Então, qual é a função do comuna nessa situação?: “Minha gente, olha, esse processo corre assim, se faz assim; então, no interrogatório, nos interrogatórios ninguém acuse ninguém, só diga quem você é, não diga que é meu amigo, não; não diga que ouviu falar no meu nome, nem que eu tomo cachaça com você; mostre sua casa, não precisa esclarecer o bicho, e que apenas me conhece, que ouve o povo falar nesse tal de Rubens Colaço, nesse tal de Fulano de Tal dos anzóis.” E assim foi feito, quer dizer, não houve praticamente alcaguetagem ou denúncias, ou não, porque afinal de contas não tinham de que acusar, as acusações eram em cima dessas falsificações de... Cuba, de não sei o quê, de guerrilheiro dessa coisa etc., mas sem a menor prova, ninguém foi pego armado, ninguém... Então não havia razões para maior estardalhaço. No dia, não me lembro bem, no dia 5 ou 6 fui tirado para uma cela solitária; reservaram a cela 25, uma celazinha pequena.

### **Até aí não tinha sofrido maus-tratos?**

Não, até aí não. Só o castigo da minha boia mesmo. Me botaram lá na 25, fecharam por todos os lados etc. e tal; quando foi no dia 14, deu-se um fato interessante também. Apesar de eu ter sido colocado no isolamento, a cela dava para o picadeiro de lenha da penitenciária, que tinha uma portinha.

---

<sup>132</sup> **Gíria usada em Alagoas**, ocorre quando um homem encosta o pênis nas nádegas de uma mulher, numa tentativa de aproveitamento, principalmente em locais apertados; é nesse instante que ocorre o cartão.

Avistava praticamente a cozinha, embora não estivesse vendo ninguém, mas ouvi uma voz: “Camarada”..., quando estava acontecendo a celebração da posse do presidente Castelo Branco, ouvia-se o som de buzina, sino tocando, sirene apitando, aquele estardalhaço. Então aquela pessoa disse: “Olha, camarada, eu conheço esses cidadãos que estão se apossando aí, e esses que estão festejando vão pagar como nós estamos pagando agora; eles vão pagar a fava que o boi comeu, do mesmo jeito ou pior, só que eles não sabem como e nós sabemos. Mas se segure, tenha calma, que o mundo não se acaba por isso”.

Aí eu conheci a voz, era a voz do Júlio Galego. O pobre do Júlio, que já tinha 70 anos de idade e sofria com uma bruta de uma hérnia, dava pena só em olhar aquela situação. O Júlio era calejado em cadeias, já havia sido preso inúmeras vezes.

Logo após os festejos golpistas chegou a comissão para me interrogar. Foram rápidos, me perguntaram sobre a minha atuação, se eu era isso, se eu era aquilo, se o comício de Penedo, o sindicato de Penedo e Palmeira dos Índios. Não havia justificativas maiores, nem eles tinham assunto para interrogar, mas a verdade é que havia outras intenções. O Aurino Malta me fez uma pergunta cretina e terminou caindo no ridículo, na frente dos próprios parceiros.

O Aurino Malta abre a boca e me pergunta qual era a minha posição entre Lin Piao, Ho Chi Min e Mao Tsé Tung? Eu disse: “Olhe delegado, eu não respondo à sua pergunta porque o senhor não sabe formular”. Isso criou um clima de gaiatice entre o Fernando Costa<sup>133</sup> e o Rubens Quintela. O interrogatório não fluiu e passou para os oficiais do Exército. Estava presente o tenente Saldanha, e o capitão Damaso<sup>134</sup> foi quem conduziu o interrogatório, e a certa altura perguntou: “Você assinaria que é comunista?” Prontamente eu disse: “Por que não assinaria? Eu sou comunista”. O capitão Damaso, com ar superior, e creio a título de me deixar numa situação vulnerável, falou: “Você é comunista coisa nenhuma, você é um traidor inclusive do Partido, porque os seus discursos não batem com os discursos de Jayme Miranda; você é agente de Fidel Castro. Você se meteu no meio dos comunistas, mas você é um agente de Fidel e sua trilogia teórica aqui é Teotônio Vilela<sup>135</sup>, José Moura Rocha<sup>136</sup> e Maurício Gondim<sup>137</sup>.”

---

<sup>133</sup> **Fernando Costa** [ ? ], delegado de polícia e um dos que acompanharam as sessões de tortura que Rubens Colaço sofreu.

<sup>134</sup> **Moacir Damaso** [ ? ], capitão do Exército, em abril de 1964 servia no 20º Batalhão de Caçadores em Maceió; hoje é coronel da reserva.

<sup>135</sup> **Teotônio Vilela** [1917 - 1983] nasceu em Viçosa, Alagoas; foi eleito pela primeira vez deputado estadual pela UDN; autodidata, escritor, cronista, membro da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, em 1960 foi eleito vice-governador na chapa do governador Luiz Cavalcante, e em 1966 se elegeu senador da República pela primeira vez. Em 1974 é reeleito senador, nas duas oportunidades pela ARENA. Em 1979 deixa a ARENA e se filia ao MDB. Nesse período já era o principal político a

O interrogatório ficou por aí. Não saiu nada de interessante e depois de algum tempo o capitão foi se concentrando em perguntas voltadas para as minhas atividades políticas e sindicais locais. Essa coisa estúpida de eu ser agente de Fidel Castro era apenas uma cortina de fumaça.

### **E qual era a sua relação com Maurício Gondim, Teotônio Vilela e José Moura Rocha?**

O meu relacionamento com essas personalidades era político e boêmio, os dois eram bons boêmios, Teotônio Vilela e Maurício Gondim. O Moura Rocha não era do time da boemia, não. Aliás, ele é um sujeito correto, sisudo. O Maurício Gondim, por conta de um discurso que eu tinha feito na faculdade de engenharia, onde ele era professor, um professor muito considerado pelos seus colegas e pelos estudantes. Nesse dia o reitor estava presente e presidindo os trabalhos; era posse do Diretório Estudantil, me aparteu a primeira vez, eu respondi, aparteu a segunda vez e foi vaiado pelos estudantes. Foi um vexame, o Maurício Gondim assumiu a presidência dos trabalhos e me garantiu a palavra. Já éramos amigos antes desse acontecimento.

Agora, imagine você um usineiro, professor de engenharia, entrando no clube Fênix, o mais chique da cidade, berço da elite, com um operário casca-grossa, sentar à mesa e pedir ao garçom uma garrafa de uísque escocês. Ficávamos horas conversando sobre poesia, recitando, falando de política ou mesmo de futebol, amenidades. Isso causava certo mal-estar na elite local. Às vezes íamos para o Regente, outro restaurante fino e caro; por mais que eu chiasse, achava uma exorbitância, mas ele queria, e eu ia.

O Teotônio Vilela era vice-governador, mas nós nos conhecíamos de muito tempo, e quando eu fui preso no dia 26 de julho de 1962, num comício na

---

defender a anistia para os presos e perseguidos políticos; é o relator da Comissão de Anistia do Congresso Nacional. Durante a Campanha da Anistia esteve em todos os presídios onde se encontravam os presos políticos. Nesse período, 1979, foi ao ABC mediar os conflitos durante as greves dos metalúrgicos. Antes do golpe militar foi em Alagoas o presidente da Associação dos Amigos de Cuba. Ao ser constatado que estava com câncer, desistiu da candidatura a senador (1982) e continuou a campanha pela redemocratização do Brasil.

<sup>136</sup> **José Moura Rocha** [1932] nasceu em Capela – AL. Advogado, professor universitário e político. Foi advogado de vários sindicatos de trabalhadores. Por conta da sua atuação política e profissional foi preso em 1º de abril de 1964. Atuou como advogado de presos políticos, foi militante da União da Juventude Comunista, depois se filiou ao PSB, na década de 1950; foi candidato a senador em 1978 e 1982 pelo MDB. Nos dois momentos foi derrotado pela fraude eleitoral. Foi dirigente do PDT e hoje é filiado ao PT. Também foi preso em 1964.

<sup>137</sup> **Maurício Pedrosa Gondim** [1923-1998] nasceu em Recife, mas foi criado em Pilar, Alagoas. Engenheiro civil, professor da faculdade de Engenharia de Alagoas, aposentado compulsoriamente pela ditadura militar. Foi um dos fundadores da Companhia Energética de Alagoas – CEAL, trabalhou no BNDE e na Eletrobrás. Empresário vinculado ao pensamento desenvolvimentista, foi dono da usina Uruba. Em 1994 foi candidatado a deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro – PSB. Ajudou a fundar o Partido Democrático Trabalhista – PDT em Alagoas.

Praça Moleque Namorador, na Ponta Grossa. Os companheiros do Partido se mobilizaram e foram até o Teotônio, e ele foi me tirar da delegacia. Ele estava no exercício do governo, o Luiz Cavalcante tinha viajado. Na mesma noite, fui preso às sete horas, antes das dez estava solto. O Jayme Miranda e o Nilson eram também muito amigos do velho Teotônio.

A minha relação com o José Moura Rocha é mais estreita. Ele era advogado do nosso sindicato, Sindicato dos Rodoviários, e ajudou muito na fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Atalaia. Nessa época não tínhamos muitos advogados trabalhistas, não. É nesse contexto que o Moura passa a ter um papel importante. Essa sua atitude ajudou a formar uma imagem ruim para os caras da Secretaria do Interior – era assim que se chamava a Secretaria de Segurança Pública, naquela época. Não me pergunte quais eram as razões dessa pinimba. Numa oportunidade eu estava no Café Central, tomando um cafezinho, me chegou o delegado Albérico Barros, o famoso Barrinhos, e me pediu para ir imediatamente para a Secretaria do Interior.

Eu perguntei: “Agora, delegado?”

Ele respondeu: “Agora”.

“O senhor não quer um cafezinho, delegado?”

De cara fechada, respondeu: “Não.”

Pensei assim: ir à Secretaria do Interior às 5 horas da tarde é cadeia na certa. Pedi à garçonne 5 carteiras de cigarros, enchi os bolsos. O telefone estava perto, telefonei para o Moura Rocha e rapidamente falei do acontecido. Ele pediu para que antes de ir à Secretaria, passasse no escritório dele para ele me acompanhar até a presença do secretário do Interior e Segurança Pública.

A minha situação era complicada. Tinha acabado uma greve dos rodoviários e foi bem-sucedida. O governo publicou uma portaria proibindo a minha entrada no Detran. Viviam-se um clima de pânico, daí a portaria. Tudo que fosse para se tratar no Detran tinha de ser com os advogados Gabriel de Freitas Soares<sup>138</sup> ou Zé Moura.

Tomei o café e fui até a praça de automóveis, em frente à Helvética, e falei com um chofer, meu amigo, para ele deixar o carro a minha disposição, que eu iria ao escritório do Dr. Moura, pertinho, vizinho da igreja do Livramento. Mas quando vou me dirigindo ao escritório, vem novamente o Barrinhos, que estava no Bar do Chope me observando e disse: “O secretário manda lhe

---

<sup>138</sup> **Gabriel de Freitas Soares** [ ? ], advogado de sindicatos de trabalhadores, na década de 1950 foi colunista do semanário comunista *A Voz do Povo*. Foi preso em 1964, era militante do PCB e juiz de Direito. Nos primeiros anos da década de 1980 foi barbaramente assassinado no mercado público de Maceió, em meio ao clima de violência que pairava em Alagoas, com as famílias Calheiros e Omena se consumindo em sangue. Gabriel, atuante advogado, foi vítima desse ambiente infernal.

chamar e você em vez de ir para a Secretaria, vem para a praça de automóvel fazer agitação”.

Retruquei: “Delegado, se você vem me prender, me prenda. Agora não me dê esporro no meio da rua, que eu não sou nenhum moleque”.

Nesse momento vem chegando o Moura e diz:

“Que é que há, delegado?”

“Nada, o secretário manda chamar esse comunista e ele fica tomando deboche.”

O Moura, calmamente, disse que a demora foi em função da espera por ele, que vai acompanhá-lo, mas que já estávamos indo. Acontece que ao chegarmos à Secretaria, passavam 5 minutos das 18 horas, e aí o Tininho, aos berros, diz:

“O delegado vai lhe chamar, e você vem chegando a essa hora e ainda com um advogado debaixo do braço?”

O Moura, de pronto:

“É um direito que assiste a ele, dr. Tininho<sup>139</sup>. O Rubens Colaço é meu constituinte”.

O Tininho, furioso, falou para o Moura:

“E se eu tirá-lo da sua mão e metê-lo na cadeia, dr. Moura, o que é que você faz?”

Moura meteu a mão no bolso, tirou a caneta e disse:

“A minha arma é esta.”

O Tininho, em pé:

“Podem ir embora daqui e voltem amanhã, às oito horas. Estejam aqui ou será caçado em todo o estado, mas não me venha com advogado.”

O Moura deu boa noite e disse:

“Não é preciso, amanhã às 8 horas eu estou aqui.”

No dia seguinte fui com dois advogados, o Moura e Gabriel (risos).

### **E como se deu o seu interrogatório?**

Fui levado à presença do coronel João Mendes de Mendonça<sup>140</sup>, que me botou numa cadeira e passou 25 minutos ao redor de mim, e eu de frente para

---

<sup>139</sup> **Luiz Augusto de Castro e Silva** [ ? ], vulgo Tininho, foi Secretário de Segurança Pública de Alagoas, assassinado em 2/4/1965.

<sup>140</sup> **João Mendes de Mendonça** [ ? ], coronel do Exército e ex-secretário de Segurança Pública de Alagoas, mantinha fortes ligações com os militares que estavam preparando o golpe contra o governo do presidente João Goulart. “Em Alagoas, comerciantes e latifundiários formaram um exército particular de 10.000 homens, sob a supervisão do próprio secretário de Segurança, Coronel João Mendes de Mendonça, todos treinados para a sabotagem e luta de guerrilhas. Dos 28 grupos empresariais organizados no Estado, 22 dispunham de pelo menos 150 homens e 15.000 litros de combustíveis cada um. Para cada metralhadora foram distribuídos 1.000 tiros. A esse Estado-Maior de fazendeiros e comerciantes se somaram 1.800 produtores de açúcar e pequenos proprietários, levando cada um pelo menos cinco homens já armados. O governador Luiz

o relógio. O coronel, furioso, colérico, me apontando o dedo no nariz e ameaçando me capar, matar, esfolar etc., e eu calado estava, calado fiquei. Quando ele terminou, perguntou o que eu tinha a dizer. Eu disse que nada tinha a dizer, tinha a lamentar que a Secretaria de Segurança Pública tivesse um serviço de informações tão irresponsável como aquela Secretaria e perguntei se era possível ele trazer as pessoas que tinham feito aquelas acusações contra mim, para que elas as fizessem na minha presença. Esse foi o meu comportamento, e sem mais nada, perguntei:

“Estou preso, doutor secretário?”

“Ponha-se daqui para fora, passe bem, recomendações à família”.

Acredito que o coronel, em função desse meu comportamento e das minhas respostas, acumulou ódio pessoal contra a pessoa de Rubens Colaço e conseqüentemente dessas pessoas que ele queria prejudicar.

### **Mas onde entra o capitão Damaso?**

O capitão Damaso lá pras tantas falou para que eu o ajudasse, e se isso ocorresse, ele me ajudaria. “Nós conhecemos sua vida pregressa, estão aqui todos os seus discursos que você fez; os mais ostensivos estão aí gravados. Agora, nos ajude”, disse Damaso.

Eu disse que sim, ironicamente, mas ele não entendeu o tom irônico da minha maneira de dizer:

“Tem razão, capitão, eu vou ajudar o senhor.”

“Olhe, para que tanta resistência? Sente, descanse.”

Mas àquela altura eu já estava com a língua pegando, engrossando, senti e tomei água. Ele mesmo me ofereceu um cigarro e eu fumei o cigarro tranquilamente, enquanto preparava a resposta. Apaguei o cigarro no cinzeiro e me levantei. O escrivão era o Pernambuco; colocou papel na máquina, não podia falar sentado, era determinação deles. “Eu vou falar pouco, capitão, prefiro falar em pé mesmo, pois assim fico à vontade.” Aí me virei para ele e disse: “Eu tenho consciência do risco que eu estou correndo aqui, sei que a minha vida está nas mãos dos senhores, agora, talvez eu tenha sido até infeliz na maneira de me conduzir, comportar.” Me portei na frente deles assim: “Minha resposta será sempre a mesma: não sei, não vi e não conheço nenhuma das três pessoas.”

Ele, o capitão, se levantou, empurrou a cadeira, me chamou de canalha.

---

Cavalcante apoiava o empreendimento, que se inseria, sem dúvida, numa estratégia global, pois Alagoas, pela sua situação geográfica, constituía, como Estado-tampão, uma cunha entre Pernambuco e Sergipe, cujos governadores, Miguel Arraes e João Seixas Dória (UDN), se identificavam com o programa de reformas. A organização desse Exército clandestino, com *know-how* da CIA, custou cerca de 100 milhões de cruzeiros. Em todo o Nordeste havia formações do mesmo tipo.” Bandeira, Luiz Alberto Muniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007, p. 624.



“Era assim, seu canalha, que você ia ajudar?”

“Canalha eu seria, capitão, se eu o ajudasse”.

Nesse momento, ele se virou para o Rubens Quintela e falou:

“Delegado, o homem é seu”.

O Rubens Quintela bateu com o dedo rígido no meu ombro e disse: “Olha, Colaço, vou aproveitar a tua sugestão e vou tirar de dedo em dedo”.

Não tive alternativa, já descii as escadas no meio dos esbirros dele e me jogaram num camburão. Por sorte, ou infelicidade, não sei, tem males que vêm para o bem, ali num cruzamento da Rua Boa Vista com a Praça dos Martírios o camburão trombou com outro carro e foi aquela desordem toda. Eu, que estava lá dentro, pensei que o mundo tinha se acabado. Mas a verdade é que a polícia teve que ir buscar um carro aberto para me conduzir ao destino, e como um dos carros estava na contramão, me retiraram pelo meio da rua, de um carro para o outro. Isso ocorreu justamente na hora da rendição da guarda do Palácio dos Martírios, onde era a sede da Guarda Civil, e tinha muitas pessoas no ponto do ônibus, da Praça dos Martírios, e algumas pessoas me identificaram, apesar do estado de miséria em que eu estava sendo levado. Um calção que eu estava com ele há 15 dias, sem fazer barba e sem tomar banho, mas mesmo assim eu fui reconhecido e ouvi as pessoas dizendo: (Detalhe, naquele tempo, a farda da Polinter<sup>141</sup> era uma imitação dos bandidos de Lampião, chapéu de couro, bandoleira, aquela peste.) “É o Colaço.” Maceió era uma cidade pequena, todo mundo se conhecia. Em se tratando de Polinter e de Rubens Quintela, era morte certa. Eu acho que isso deve ter contribuído para que eu escapasse com vida. A verdade é que apesar de eles terem feito com o máximo de sigilo possível, a cidade tomou conhecimento de que tinha sido tirado um preso da penitenciária. Me levaram para o Catolé e daqui para lá foram brincando de par ou ímpar no meu bigode, com a faca escorada na garganta. Eu tinha um bruto bigodão. Quando chegou no Catolé, ali em Satuba, logo na descida um filho da puta me deu uma coronhada na omoplata e eu caí do carro; eu ouvi quando eles comentaram entre si: “Cuidado, senão assim você mata o comuna, e essa peste não vai morrer mesmo, não vai ser presuntado etc. e tal”. O outro respondeu: “Mas ele só vai ser presuntado depois que der o serviço todo, você vai ver o Dr. Rubens avisar”. Nisso, o Rubens Quintela vem chegando:

“Que é que está havendo aqui?”

O cínico disse, todo contente:

“Nada não, dr. Rubens, o comunista vinha dormindo e eu dei uma tapinha nas costas dele para acordar”.

---

<sup>141</sup> **Polinter** – Polícia interestadual.

O Rubens Quintela bradou:

“Bota dentro do poço”.

Meteram-me dentro do poço e sob a ameaça de beber e ter que secar o poço de água. Para encurtar a conversa, não passou daquele “não vi, não sei, não conheço”, mas me estouraram os pulmões. Eu saí do poço no Catolé botando sangue pelo nariz e pela boca, me levaram dali, onde fica aquele posto de abastecimento de gasolina. Ao lado fica um pé de canafístula, se lembra?

**Sim, sei.**

Levaram-me para debaixo do pé de canafístula e trouxeram um enxadeco para que eu cavasse a minha própria sepultura, uma cova. Olhei para eles e disse:

“Cave você, que é funcionário do estado, ganha para isso.”

Nesse instante um meganha mais atrevido disse: “Dr. Rubens, mate essa peste”.

O Rubens Quintela, experiente que é nesse ramo, disse: “Não, ele quer morrer agora para virar herói para os parceiros dele. Ele vai morrer, sim, mas depois que der todo o serviço”.

Partindo daí, eu deduzi que ele não queria me matar, que ele não me mataria, quer dizer, eu denunciaria, eu me dobraria, me afrouxaria, denunciava o Moura Rocha, o Teotônio e o Maurício Gondim, e conseqüentemente eles gravariam ou me trariam para uma acareação com o Teotônio e com essas pessoas, que iriam passar maus bocados, sem dúvida nenhuma, e isso era o que o coronel João Mendes de Mendonça queria. Se eles me matassem não iriam conseguir nada, e o que ele desejavam era uma confissão. Eles não queriam fazer nada contra Rubens Colaço, queriam usar Rubens Colaço como instrumento de provocação e prejudicar essas pessoas. De qualquer maneira, eu sou um homem morto, porque em que condições eu não ia viver em Maceió. Levam uma vida de dedo-duro? Isso jamais. Não serei isso. São pessoas que eu considero honradas, são nomes famosos na sociedade alagoana, ou essas pessoas cobriam de mim o constrangimento que iriam passar e mandariam pregar um tiro bem dado no meio do cocuruto da minha cabeça, ou eu mesmo me encarregaria disso, porque me consideraria uma pústula ambulante, uma pessoa desmoralizada. Então eu deduzi que não falaria, acontecesse o que acontecesse eu não falaria, e me tranquei em copas. Eles cansaram e me levaram para a cadeia de Atalaia. Botaram-me lá num cubículo.

Ainda veio um cretino alcaguete da polícia, só podia ser, ainda me puxou as unhas dos pés com um alicate, mas eu tinha passado muito tempo dentro d'água, as unhas estavam moles, e ele pegava com uma torquês, não era nem um alicate, era um torquês, pegava, puxava, a unha quebrava. Bom, ele cansou

também, viu que não conseguia nada, foi embora e se esqueceram de mim. Mas eu aí vi a barra pesada e tomei uma medida. Fiz uma greve de fome, não comi mais. Eu sabia que eu não tinha condições para fazer greve de fome nenhuma, mas o Rubens Quintela quando me deixou lá, ele disse: “Olha, você vai conhecer as 94 cadeias do estado, mas vai ter que dar o serviço. Eu não sou de brincadeira, eu tiro serviço de ladrão de cavalo, quanto mais de você”.

A alternativa que me restou foi essa, da greve de fome em Atalaia. “Vou parar de comer e daqui a uns 15 dias, se eles quiserem me transportar, têm que me transportar de padiola”. Não me restava mais nada, teria que resistir e quebrar o moral daqueles bandidos. Essa decisão, digamos assim, era uma forma de suicídio, lento, mas suicídio, e também daria uma prova de resistência para eles. Aí no primeiro dia não comi, no segundo dia também não. O carcereiro falou para mim:

“O senhor não vai comer, não?”

“Não quero comer não, meu compadre”.

No terceiro dia eu repeti que não comeria. A situação começou a ficar estranha, e o carcereiro começou a falar pelas ruas de Atalaia que tinha um preso do Exército que não estava comendo. E o zunzunzum se espalhou pela cidade. E por falar em preso do Exército, teve um fato interessante que eu quero deixar registrado. Numa noite, na primeira noite, um grupo de fornecedores de cana foi me massacrar na cadeia.

### **Em Atalaia?**

Em Atalaia. E um soldado que estava de plantão resistiu, empunhou a arma e não deixou ninguém entrar. Disse: “Aqui civil não entra na cadeia, e os senhores se afastem, senão a coisa vai ficar feia”. Tinha até um tal capitão: “Eu sou o capitão Fulano de Tal, da reserva do Exército”, disse. “Nessa distância não conheço ninguém, capitão, e por favor, não se aproximem etc.”, falou o soldado. Eu vi quando ele correu o ferrolho do mosquetão e, afinal de contas, “Soldado, você vai responder por isso etc.” “Eu estou cumprindo o meu dever, estou cumprindo o meu plantão e não quero perturbação”.

Eu disse comigo: “Hoje eu escaparei”.

Aí a coisa já estava sensibilizando, até os ladrões que estavam na cela vizinha pediam: “Ô moço, o senhor coma a comida da gente, nós somos ladrões, mas a boia não foi roubada não”.

“Não compadre, deixe isso para lá.”

No quinto dia, um cidadão de Atalaia mandou um recado por intermédio do carcereiro: “Olha, tem um moço aí que pediu para o senhor mandar buscar a comida que quiser no hotel, não faça cerimônia”.

“Olha, você diz a esse cidadão que em vez disso me mande umas carteiras de cigarro Continental, comida não quero não”.

“Mas rapaz, não faça isso.”

“Não quero comida, é decisão minha.”

O carcereiro trouxe dois maços de cigarro Continental. Os ladrões tiraram um pedaço de tijolo da parede, um pedacinho de tijolo com um cabo de colher, e passaram da cela deles para a minha um canequinho de café e um canequinho de massa de tomate pelo buraquinho, e eu passava cigarros para eles. Pensei comigo: “Cadeia dessa agora é que eu tiro, agora é que é mole, cigarro como a peste, vou tangendo o barco”. Nesse mesmo dia, às 5 horas mais ou menos, chega o Barbosa, um policial mau caráter que tinha aqui, mau caráter como todos eles são, salvo esse soldado.

“Tá vendo, Colaço, tanto conselho que eu lhe dei, tá vendo no que você está se transformando?”

“Olha, rapaz, poupe os meus ouvidos.”

“Eu tenho até pena de algemar um homem como você”.

“Olha, você poupa meus ouvidos e faz o que lhe mandaram fazer. Você não tem autoridade para fazer nem mais nem menos do que lhe autorizaram. Não fique pensando que eu quero favores seus não.”

“Tá vendo como eles são? A gente quer ajudar.”

“Não estou pedindo ajuda ao senhor, não, nem preciso.”

Naquele momento, tinha muita gente na porta da cadeia para ver o monstro. A notícia foi se espalhado pela cidade, todo dia tinha uma versão a meu respeito na cidade, e dessa vez era a presença do Barbosa com as algemas na mão. O Barbosa pediu ao carcereiro para abrir a cela e me algemou.

### **Qual foi a reação do pessoal?**

Nenhuma. Nem podia. Só aquela expectativa. Me trouxeram para a cadeia do Pilar, daí foram tomar cachaça, certamente, voltaram e me levaram para a cadeia de Fernão Velho. Na cadeia de Fernão Velho me botaram num camburão.

### **Isso depois de quantos dias em Atalaia?**

Cinco dias, e era um sábado quando isso ocorreu. Quando o camburão subiu a ladeira, senti que estava indo rumo a Maceió, pelo movimento, porque eu conhecia a estrada. Assim que dobrou à direita, a gente dentro do camburão sente o rumo, a direção em que está indo. Para encurtar a história, às sete horas da noite eu já estava dentro da penitenciária.

**Essa figura que autorizou o hotel a despachar comida e cigarros, quem era?**

É uma pessoa muito conhecida nossa, é o irmão desse rapaz da empresa de ônibus Santa Maria, o George Raposo. Ao chegar à penitenciária, recebi um pão. Botaram-me novamente na cela 25, cela de isolamento. A impressão que tenho é que como eu estava um bocado machucado e ralado, eles não quiseram me deixar numa cela com os outros presos políticos. Essa foi a dedução a que cheguei. Sim, dentro do pão veio um lapizinho daqueles de agenda e uma folhinha de papel, e numa caneca de café estava escrito: “Companheiro, informe como está.” Eu não sabia quem tinha mandado e botei, contente: “Tudo bem”, e mandei de volta. A verdade é que foi um menino da cela 28, não sei quem, nunca identifiquei quem enviou o bilhete. Às 9 horas, depois da missa, chegou um cidadão na porta e falou:.

“Colaço, venha cá”.

Eu fui e ele me perguntou:

“Como é que você está?”

“Eu estou vivo.”

“E você sabe com quem está falando?”

“Não, não sei.”

“Eu sou o coronel Cícero Argolo, sou comandante do presídio.”

“Só não digo que é um prazer porque quem está preso sou eu.”

“Você brinca com a verdade, não é rapaz?”

“Não é tanto assim, coronel.”

“Você quer rever sua família?”

Até aí, eu não tinha notícia de como tinham andado as coisas; aí eu disse:

“Querer eu quero, coronel, com uma condição.”

“E você está em condição de exigir alguma?”

“Eu também não pedi nada ao senhor, coronel.”

“Você é malcriado como uma peste mesmo. Que condições são essas?”

“Fazer uma higiene nessa cela, borrifar ela com creolina, sentar esteiras novas aqui em todo o piso; quero tomar banho, fazer a braba e vestir uma roupa limpa.”

“Só isso?”

“E você não acha que está querendo muito, não?”

“É o mínimo, as reivindicações mínimas que eu faço. Fora disso, quero ver minha família.”

Aí, daí a pouco, os presos não gostaram, porque ele recolheu o presídio todo enquanto eu ia tomar um banho. Aí vieram quatro caifás daqueles do rancho, que é a segurança do presídio, e me botaram no meio, levaram para o banheiro, para eu fazer a barba. Eu até me diverti.

“Oh! Vigia, desencosta daqui, rapaz”, disse.

“Não, é ordem do coronel não afastar um palmo do senhor”.

“Por que isso?”

“Com medo que o senhor faça uma besteira com essa gilete.”

“Você diga ao coronel que eu de burro não tenho nada, rapaz.”

“Ordem é ordem.”

Fiz a barba e, em poucos minutos, me encontrei com a minha companheira. Nesse tempo, meus filhos dava para carregar nos bolsos, eram todos pequenininhos, e em contato com dona Célia<sup>142</sup>, ela me contou que correu pela cidade a notícia que eu tinha sido levado pela Polinter e que seria assassinado. Ela pegou a meninada e tocou lá para o Farol, para o quartel do 20º BC, levou pão, levou bolo, leite, refresco, garrafa de tudo quanto era de coisa e se arranchou embaixo de uma sombrinha de praia.

### **Na porta do quartel?**

Na porta do quartel, mas o quartel estava impedido. Mas Célia sentou e ficou abraçada com as meninas; eu tinha uma paralicazinha, a finada Regina, botou a Regina na grama, em cima duma toalha etc., e ficou por ali. Aquilo foi chamando a atenção do pessoal, o sentinela disse que ela não podia ficar. Célia respondeu que ia ficar, e começa aquele mal-estar, e vem fulano, e vem beltrano, e vem mais esse e vem mais aquele, e vem o oficial do dia, mas tudo isso ficou uma situação ruim especialmente por causa das crianças, e sensibilizou o espírito do pessoal. O militar, oficial, creio, perguntava:

“Diga o que é que a senhora quer falar”.

“Não falo com ninguém, só falo com o comandante. Não tenho conversa a tratar com ninguém, só com ele.” Tanto aporrinhou que levaram a Célia para falar com o comandante, que era o coronel Carlindo Simões. Não conheço esse cidadão, mas foi de um comportamento muito honrado com a Célia. Ao entrar no 20º BC, na sala do comandante, ele perguntou:

“O que é que a senhora deseja?”

“Eu sou a esposa de Rubens Colaço. Soube que ele foi morto, quero o cadáver para enterrar ou quero saber onde ele está enterrado para botar uma cruz, que ele não é religioso, mas a família é.”

“Minha senhora...”

“É o que eu lhe estou dizendo, coronel, o senhor pode parar qualquer ônibus e perguntar pelo presidente do sindicato, todos eles sabem.”

O coronel mandou chamar o capitão Damaso e perguntou:

---

<sup>142</sup> **Célia Sales Colaço** [ ? ], esposa de Rubens Colaço, mãe de Raquel, Rosângela, Rubenita, Regina, Roland e José Francisco Sales, todos filhos do casal.

“Capitão Damaso, essa senhora é a esposa de Rubens Colaço. Onde está o homem?”

“Está respondendo pelas ideias dele.”

Ele disse: “Onde?”

“Ele está numa cadeia do interior.”

“Eu quero o homem na penitenciária hoje à noite, capitão, e tome as devidas providências.”

A atitude corajosa da minha mulher salvou a minha vida. Aquelas figuras iriam me matar ou eu morreria de fome ou de qualquer outra coisa na cadeia.

### **Durante todo o tempo de 1º de abril até quando?**

De 1º de abril até novembro, dezembro, não me lembro bem a data. Da cela 25 eu fui transferido para a 31. Já tinha esvaziado mais o presídio, já tinha sido feita uma triagem. Mas eu fui para a cela 1, depois eu fui para a 31, onde ficamos os últimos seis: Jayme Miranda, Dirceu Lindoso, Rubens Colaço, João Moura, José Alípio<sup>143</sup> e Roland Bitar Benamor.

### **Simularam um fuzilamento para você?**

Tentaram um fuzilamento, mas eu sabia que eles estavam blefando. Nessa altura dos acontecimentos eu tinha certeza que, enquanto eu não falasse, eu não morreria. Eles tinham interesse em prejudicar aquelas pessoas. A razão era só essa, e eu me compenetrei disso.

### **Depois da sua saída da prisão, de Jayme e de todo o mundo, Jayme, imediatamente, foi para a clandestinidade.**

Imediatamente.

### **Dirceu continuou. Outras pessoas continuaram aqui. A partir daí, como se deu a reorganização do Partido? Sílvio Lira saiu de Alagoas?**

---

<sup>143</sup> **José Alípio Vieira Pinto** [ ? ], funcionário federal, colunista do semanário *A Voz do Povo*, militante do PCB desde a década de 1930; casado com Bitá Simplício de Miranda, também militante comunista, ambos falecidos. O casal constituiu uma prole em que todos na juventude se vincularam ao PCB: Vlademir, Clistens, Anivaldo, Vólia e Solimar de Miranda Pinto. Bitá era irmã de Ezequiel Simplício de Miranda, dirigente do PCB, que em 1937 foi preso em Maceió e levado para a Ilha-Presídio de Fernando de Noronha, onde cumpriu pena por cerca de 5 anos. Os sobrinhos Jayme e Nilson Amorim de Miranda foram dirigentes estadual e nacional do PCB, e Edvar e Hélio Amorim de Miranda pertenceram à União da Juventude Comunista. Outra geração, a mais recente, se vinculou ao PCB: Yuri, Olga e Jayme Miranda, filhos de Jayme Amorim de Miranda; Alex, Nilson e Marcus, filhos de Nilson Miranda; Leonilson, Nielze e João, filhos de Wilton Amorim de Miranda (irmão de Jayme, Nilson, Edvar e Hélio); Yumi Tosaka Miranda, filha de Vólia Pinto de Miranda; Wellinson filiou-se ao PCB e é um dos filhos do radialista Haroldo Amorim de Miranda (irmão de Jayme, Nilson, Wilton, Edvar e Hélio).

Não. Sílvio Lira não saiu de Alagoas. Ele estava em Alagoas. Todos nós saímos da prisão celular para a prisão domiciliar. Jayme foi o primeiro e depois fomos saindo.

### **Já era do Comitê Central?**

Já. Os outros foram saindo por conveniência. A minha saída não foi articulada e, de qualquer maneira, nós precisávamos ter um balanço da situação do Partido. Passamos a trabalhar na ilegalidade. Tínhamos quadros que sabiam trabalhar na ilegalidade. Eu chamava à responsabilidade muito para a questão da hora. Se a gente tinha uma reunião convocada, um contato a fazer, e o camarada queimava por cinco ou 10 minutos, podia ser que ele tivesse caído, que não suportasse o massacre, entregasse o serviço. Aí, caíam os outros, que estavam esperando por ele para a reunião. Atrasar dez minutos era desmobilizar a reunião. Ficava difícil trabalhar.

### **Isso da reunião de base à direção estadual?**

Onde ela tivesse de ocorrer. Passamos a trabalhar nessas circunstâncias. Dificuldade terrível com material de imprensa.

### **Todos já tinham saído da cadeia?**

Já, não tinha mais ninguém. Nós fomos os últimos seis.

### **A *Voz do Povo* já tinha sido totalmente destruída?**

Não tinha mais nada. *A Voz do Povo* acabou-se no dia 1º de abril. O Rubens Quintela e o Barrinhos se encarregaram de quebrar tudo. Esculhambaram tudo e o que tinha de útil levaram.

### **O prédio de *A Voz do Povo* era de propriedade do Partido ou alugado?**

Era alugado.

### **Ficava onde?**

Ah, rapaz! Pensa que eu me lembro? Não sou de gravar essas coisas. Era ali, logo depois da Copervil. Era no último trecho. Eu já nem sei mais o que é agora, mas antigamente era a Internacional.

### **O jornal *A Voz do Povo* funcionou na Rua do Comércio, 606<sup>144</sup>.**

---

<sup>144</sup> O semanário *A Voz do Povo* funcionou durante 18 anos na Rua do Comércio, 606, em um pequeno prédio que pertencia à histórica dirigente comunista alagoana Maria Augusta Neves de Miranda, conhecida como Marinete, irmã do também dirigente Péricles de Araújo Neves. Essa informação, obtive recentemente, em 2008, mediante uma das suas sobrinhas, a artista plástica Marta Araújo.



É. Ficava junto da barbearia. Nem sei se existe, hoje. Depois da esquina, o terceiro prédio. Durante esse período, com um rádio japonês *Speak*, daquele que tem o interfone, eu ouvia de noite, quando a penitenciária silenciava, a Rádio Central de Moscou e a BBC de Londres. Deu-se a queda de Kruschov. Eu fiquei meio cabreiro e esperei que amanhecesse. No outro dia, fiz a comunicação. O Jayme Miranda quase me pega, deu um “tei-tei” dos diabos e achou. “Eu tenho um rádio, rapaz, olha aqui. Está envolvido dentro do travesseirinho. Eu ouvi”, disse a ele, mas ele só acreditou quando os jornais chegaram; viu a manchete e disse: “Não é possível que tenham derrubado Kruschov” (risos). Depois ele se desculpou e ficou tudo bem. Uma coisa comovente foi o comportamento do Roland Bitar Benamor, que era o único católico apostólico romano que eu conheci até hoje militante. Roland rezava as Ave-Marias dele às seis horas da manhã, ao meio-dia e às dezoito. Todos nós tínhamos que nos persignar enquanto ele rezava o rosário. Isso era sagrado. João Mendes de Mendonça mandou uma carta para ele, um documento para ele assinar, dizendo que não era comunista, que não era isso, nem aquilo. Roland disse: “Eu não assino”. O sogro dele pediu chorando. “Não assino porque esse canalha sabe que eu não sou comunista. Agora, entre viver homem digno e honrado aqui, entre os comunistas, e viver desmoralizado no meio deles, eu fico aqui, entre os comunistas. Não assino esse documento.” Isso para um cidadão descomprometido politicamente é muita dignidade, é muita honradez. Sinto tanto orgulho de ter convivido com Roland Benamor que tenho um filho com o nome dele, do qual ele é padrinho. Coloquei em homenagem ao comportamento de Roland na cadeia.

### **O trabalho desenvolvido depois das prisões de 1964 foi em função de quê? Restabelecer os contatos do Partido com os sindicatos?**

Refazer tudo. Reorganizar o Partido. Botá-lo pra funcionar. O desastre foi muito grande, especialmente com a saída dos jovens. Começaram as deserções. E era natural. Com as divergências políticas, quadros como Maria Luiza, o pessoal de Medicina, perdemos em todo canto. Dalmo Lins foi embora para o Rio de Janeiro, aquela loucura de PC do B, PCR... Então, isso esvaziou muito o Partido porque essas pessoas foram originárias do Partido Comunista Brasileiro. Tem o fato de um camarada responsável, do qual eu muito me orgulho de ter sido dirigido por ele, Renalvo Siqueira. Mas ele fraquejou a ponto de marcar um encontro no Rio e não ir. Por fim, cansei de procurá-lo. Eu cobreí dele: “Olha, camarada, seja franco, você se defina porque nós não podemos ficar perdendo tempo em torno da paparicação ao seu redor”. Ele disse: “Camarada, vou ser sincero. Pode dizer isto ao Partido: eu estou cansado”. Eu disse a ele: “Então, lugar de cansado é na cama. Faça bom

proveito. Não nos faça perder tempo e também não use mais o nome do Partido em contatos seus. Esqueça. O Partido vai esquecer você e esqueça o Partido também”.

**Mas o Renalvo não traiu o Partido.**

Não o considero um traidor. Ele cansou.

**Renalvo era um militante que já vinha dos anos 40 no Partido.**

Isso.

**Vinha de massacre. A vida inteira de fome, de miséria, de tudo isso...**

É. Não o acusarei jamais.

**Como era a atuação do Renalvo Siqueira como vereador? Ele foi eleito pelo Partido?**

Ele nunca deixou de levar a mensagem do Partido, nunca deixou de fazer as tarefas como representante popular, mas também não era coisa de se levar muito em conta, não. Ele negociou, fez cambalachos em torno de interesses pessoais, condição pela qual ele continuou funcionário da Câmara quando perdeu o mandato. Mas de traidor não o acuso, ele cansou.

**Depois de 58, 60, quando terminou o mandato?**

Depois de 60. O mandato dele terminou em 60, não foi?

**O mandato dele foi de 56 a 60.**

Foi. Mesmo assim ele ficou. Ele saiu candidato por conta dele, mas com a permissão do Partido. Não foi um desafio ao Partido. Ele saiu candidato porque o Partido consentiu que ele saísse. E não se elegeu. Continuou como funcionário da Câmara. Aí foi amolecendo, cansando, cansando. Não acredito que ele tenha traído o Partido em 64, dentro da cadeia, como foi insinuado. Isso aí não. Ele não estava mais disposto a se atirar, a ser um vanguardeiro, mas ficava na retaguarda da tropa cozinhando e carregando água, lavando as feridas dos mais massacrados.

## 6º Capítulo

### O PCB rompe com os aliados por imposição da direção nacional

**Há um fato muito polêmico na vida do Partido em Alagoas. Em 62, o Partido tinha uma aliança, que vinha de 58, com Abraão Fidélis de Moura. Ele era deputado e aliado do Partido. Participava da frente nacional parlamentarista em Brasília. Ao serem lançadas três candidaturas, a de Abraão Fidélis de Moura, Luiz Cavalcante e Silvestre Péricles de Góis Monteiro<sup>145</sup>, o Partido, inicialmente, fechou com a candidatura de Abraão Fidélis. Faltando pouco tempo para as eleições, o Partido rompeu com Abraão e apoiou Silvestre Péricles. Essa mudança repentina possibilitou a vitória de Luiz Cavalcante. O PCB queria a candidatura do general Henrique Cordeiro Oest<sup>146</sup> para vice-governador de Abraão. Fale sobre esse episódio?**

Eu vivi intensamente esse processo. A forma como nos comportamos naquele período, eu considero a mais estúpida, a mais bruta, mais fora do critério marxista-leninista. Apesar de já sermos inovadores e de já estarmos procurando uma maneira diferente de militância, um pouco mais de liberdade e a aplicação do centralismo democrático, as coisas ainda eram feitas de recado. Foi uma imposição do Comitê Central a candidatura de Oest a vice-

---

<sup>145</sup> **Silvestre Péricles de Góis Monteiro** [1896-1972], governador e senador pelo estado de Alagoas. Membro do clã dos Góis Monteiro que dominou Alagoas durante vinte anos. Foi um dos mais violentos políticos que o estado já teve. Ordenou chacinas e assassinatos de adversários políticos, bem como tortura e prisões de deputados. Ficaram célebres nacionalmente as prisões arbitrárias dos deputados comunistas André Papini Góis, José Maria Cavalcante e Moacir Rodrigues de Andrade, e do advogado Aristides Saldanha. A família Góis Monteiro tinha uma diferença essencial em relação às outras famílias que tinham participação política em Alagoas: os seus membros, os que estavam exercendo cargos públicos, possuíam origem trabalhista. Devido a isso os Góis Monteiros se vincularam tão fortemente ao movimento operário local. O ex-governador era desprovido de qualquer sensibilidade política, além de ser um desagregador com forte pendor autoritário. Essas características foram marcantes no seu período governamental.

<sup>146</sup> **Henrique Cordeiro Oest** [1902-1982]. Secretário de Segurança Pública de Alagoas, deputado federal [PSP], general do exército e ex-combatente da FEB, foi comandante do 20º BC em 1956. O fato de o então coronel Oest ser militar e comunista pesou na escolha do seu nome para ocupar um cargo tão importante como a Secretaria de Segurança Pública de Alagoas – SSP. Nesse período o estado vivia um clima terrível de violência política e a ação de um dirigente da Segurança Pública que não fosse alagoano era também relevante. Essa escolha ocorreu em comum acordo entre o governador e a direção do PCB local. A convite do governador Sebastião Marinho Muniz Falcão, volta a Alagoas para assumir a Secretária de Segurança Pública de 1959 a 1961; antes de terminar a gestão do governador Muniz Falcão, deixa a SSP, o Exército o transfere-se para a Circunscrição de Recrutamento de Ilhéus, na Bahia. É candidato a deputado federal pelo estado de Alagoas em 1963; para isso teve de para aqui retornar. A sua candidatura foi inscrita na Coligação Democrática Nacionalista formada por PTB e PSP; não se elege, fica na primeira suplência, mas assume o mandato entre agosto e outubro de 1963. Nesse mesmo ano é promovido a general de divisão, sendo em seguida reformado. O golpe militar de 1964 o atinge logo nos primeiros dias; em 10 de abril o Ato Institucional nº 1 cassa os seus direitos políticos. É exilado no Uruguai, onde fica de 1964 a 1972. Morre no dia 7 de março de 1982, na cidade do Rio de Janeiro.

governador. Firmou-se a candidatura de Oest com Abraão, mas Abraão era um aliado e também tinha seus compromissos. No frigidar dos ovos, surge um cidadão como candidato a vice-governador, do Tribunal de Contas.

### **Jorge Assunção?**

Jorge Assunção. Ele mesmo. Eterno presidente do Tribunal de Contas. Para ser franco, eu não participava dos contatos políticos na época. Isso era feito por Jayme, por Nilson.

### **Pela comissão executiva?**

Sim, pela comissão. Tomou-se a decisão: já que Oest não sai candidato a governador, saí candidato a deputado federal. Isso foi decidido por cima também. Outro erro nosso. O candidato a deputado federal natural seria Jayme Miranda, que teria tido o dobro da votação, sairia na frente, no último voto ou na primeira suplência, na pior das hipóteses.

### **Bem, é interessante que você continue essa análise da eleição de 62, do grande erro que o Partido cometeu nessa eleição.**

A meu ver, foi a falta de respeito pelas determinações das bases, o intervencionismo do Comitê Central que nos levou a cometer aqueles erros. Sem desmerecer os valores políticos, a dedicação, a bravura, a valentia de Henrique Oest, mas ele era um companheiro muito afeito ao militarismo. Ele dizia em praça pública que não acreditava em solução democrática, em solução política, pacífica para os problemas brasileiros. Houve um fato bem interessante, que foi o comício de Penedo. É folclórico também. Nós chegamos a Penedo numa caravana de três pessoas: Rubens Colaço, Jayme Miranda e Henrique Cordeiro Oest. Já havia três caravanas na cidade anunciando um comício para as oito horas. Nós faríamos também o nosso comício. O nosso equipamento de trabalho era um jipe velho, com a boca de som em cima. Normalmente quem dirigia era eu, e o Jayme convocava. Quando Jayme cansava, eu mesmo dirigia e convocava. Encontramos uma caravana de Silvestre Péricles, depois outra de Mendes de Barros<sup>147</sup>, e também uma terceira, de Arnon de Mello<sup>148</sup>. Isso, sete horas da manhã. Quando estávamos chegando do comício de Piaçabuçu, que tinha sido feito com bastante sucesso, Oest mandou que eu desligasse o som, e nos dirigimos

---

<sup>147</sup> **Luiz Gonzaga Mendes de Barros** [1934], advogado, deputado estadual, procurador da Assembleia Legislativa de Alagoas, foi advogado de presos políticos e candidato a senador em 1970 pelo MDB.

<sup>148</sup> **Arnon de Mello** [1911-1983] nasceu em Rio Largo, Alagoas. Jornalista, escritor, empresário do ramo imobiliário e de comunicação, foi deputado federal, governador e senador por Alagoas. Proprietário das Organizações Arnon de Mello, jornal, rádios e televisão Gazeta de Alagoas.

diretamente para a delegacia. Chegamos juntos com um delegado, tenente de polícia, que conhecia demais Oest, já tinha servido sob o comando dele, e foi aquela festa de confraternização, meu general para cá, meu general para lá. “Em que posso lhe ser útil?”, disse o tenente. Oest respondeu: “Eu quero a praça”. O delegado perguntou: “Que praça, meu general?”. “A praça do comício, sua besta.” O tenente fez o recibozinho e entregou. Oest quis pagar, mas ele não aceitou pagamento. A verdade é que nessa altura nós já tínhamos garantida a praça para o comício, e Jayme até criticou: “General, por que você tratou o rapaz assim?” “Esse aí serviu comigo na Itália, seu idiota. Não se meta em problema militar, que você não entende.” Conclusão: a população penedense ficou preocupada com a situação: Silvestre e Arnon, inimigos fígadais, e os comunistas no meio. A concepção do povo de Penedo é que ia haver muito tiro em Penedo. Havia um cidadão na cidade que tinha um palanque com serviço de som e arrendava a qualquer caravana que chegasse lá, indiscriminadamente. Estava tudo prontinho. Quando chegou a hora do comício, não tinha quem anunciasse.

O palanque era para comportar umas sessenta pessoas, e só tínhamos três. Subimos e começamos o comício. Eu, como eterno “saca-rolhas” de comício, comecei a falar. Jayme me preveniu: “Olha, só somos três. Oest não é orador para mais de 15 minutos, e nós temos que segurar este comício até para lá das onze horas da noite”. Eu sou um oradorzinho de pavio curto. A minha experiência anterior era uma média de 20 minutos, no máximo. “Mas você vai falar uma hora”, disse Jayme. “Mas não consigo”. Ele disse: “Eu vou falar com cuidado e você não se entusiasme muito”. Afinal de contas, eu comecei o comício falando para as pedras do calçamento. Tinha muita gente na rua, mas junto ao palanque, zero, por causa da preocupação de confronto. Sempre que eu começava a me entusiasmar, Jayme puxava na minha camisa para eu baixar o volume e eu ia devagarzinho. Acho que foi a primeira e última vez que eu falei uma hora num comício. Às nove horas, passei para o Jayme. Já tinha mais de mil pessoas na frente do palanque quando ele começou a falar.

### **Por que tinha juntado tanta gente em uma hora, se ninguém queria ouvir falar?**

Porque o povo estava todo na rua e ninguém acreditava que houvesse o comício. Depois de cinco minutos que eu comecei a falar, foram começando a chegar as primeiras pessoas. O povo começou a acreditar que o comício ia se realizar e foi chegando. Quando o Jayme começou a falar, já dava para entusiasmar, estava bonito. O velho Jayme com aquela oratória que somente ele privava dela, porque, diga-se de passagem, o maior orador político que eu conheci chamava-se Jayme de Amorim Miranda. Ele falando era uma aula, e

todos tinham que prestar bem atenção. Lá pras tantas, houve um ruge-ruge no meio da multidão. Quando menos se esperava, Arnon de Mello chegou para assistir ao comício. Mendes de Barros já estava e pouco depois veio Silvestre também ouvir as palavras de Jayme Miranda. Coisa bonita de se ver.

Eu acho que dificilmente Penedo verá um comício pobre e tão empolgante como aquele. Da igreja São Gonçalo até a travessa do Banco do Brasil, a praça ficou cheia, não tinha onde botar mais pessoas. Jayme falou duas horas. Quando encerrou, passou a palavra para Henrique Oest e, em 15 minutos, Oest desmanchou tudo o que nós tínhamos feito. “Eu sou um general do Exército. Esse negócio de política é negócio de gente mau caráter. Quem tiver espingarda, escove. Quem tiver garrucha, lubrifique, porque nós vamos ganhar no tiro. Eu sou um general do Exército, não preciso de voto pra coisa nenhuma, voto não vai resolver nada.” O cidadão era candidato a deputado federal e fez assim em todos os comícios de que participamos: Piaçabuçu, Penedo, Arapiraca, Pão de Açúcar, Salomé na época, hoje, São Sebastião.

### **Ele era candidato a deputado federal e se comportou desse jeito? Qual foi a posição do Partido?**

Não adiantava fazer nada. Quem tinha autoridade para dizer: “Oest, não faça isto. Oest, não fale”? Se ele não discursasse, teria tido uma votação maior. Afinal de contas, Oest é um patrimônio do Partido e ele merece respeito de todos nós. Não tinha quem pudesse discipliná-lo. Ele tinha formação militar, era um companheiro fiel, um herói do Partido, de uma bravura e de uma valentia a toda prova. Mas o comportamento eleitoral dele não correspondia às necessidades do Partido, na época. Se a composição tivesse sido feita com Nilson para estadual, Jayme para federal, Dalmo Lins ou Rubens Colaço para vereador, o resultado eleitoral teria sido outro. Nilson e Jayme teriam sido eleitos e teríamos feito um vereador tranquilamente. Nós dependíamos do eleitorado da capital para o cargo de vereador, e por isso continuo criticando o comportamento do Comitê Central. Até hoje, o Comitê Central decide sem consultar as bases, sem saber como as bases reagiriam a determinada orientação. A coisa continua sendo feita de cima para baixo. Eu não sei até quando nós vamos continuar cometendo esses erros. Muita gente é prejudicada com isso, especialmente a classe operária, porque esse Partido é da classe operária.

Quando Marx escreveu o *Manifesto Comunista* junto com Engels, foi criando um partido político para a classe operária, e essa é quem paga o preço mais alto, é quem sofre as consequências, tem a sua programação objetiva preterida por um erro político elementar. Todo e qualquer partido político tem que levar em conta a forma piramidal da base, da base para o ápice. Nós,

comunistas, deveríamos zelar por esse procedimento, mas somos os primeiros a atropelá-lo, especialmente numa nação da extensão territorial do Brasil. Nós somos um continente, uma nação continental. Em face disso, perdemos, deixamos de eleger Abraão, que seria, junto a Arraes, uma força. Não estou dizendo que Abraão fosse um puro, mas afinal de contas, não estamos fazendo uma afirmação política socialista partindo do ponto de vista científico. Temos que trabalhar junto aos aliados, às pessoas mais sensíveis às necessidades do povo, e Abraão era esse tipo de pessoa.

### **Ele tinha comportamento democrático?**

Comportamento democrático, sensível às nossas reivindicações. Não nos discriminava como hoje, apesar de nunca ter nos perdoado por aquele comportamento. Tem que se respeitar o ressentimento dele e o erro histórico que nós cometemos porque, simplesmente, Luiz Cavalcante foi eleito com minoria de votos e as primeiras medidas tomadas foram o massacre aos comunistas e a formação de um governo altamente reacionário. Nenhum governador no Brasil inteiro, nem mesmo Carlos Lacerda, se afirmava membro do IBAD, e Luiz Cavalcante batia nos peitos e dizia que era “ibadiano” com muito orgulho. Acho que já disse isso antes. Em consequência do nosso erro, Alagoas foi um dos Estados mais repressivos, mais até do que a Guanabara, onde quem governava era Carlos Lacerda.

### **Depois da eleição, nos comitês estadual e municipal de Maceió, as bases do Partido discutiram o erro político que tinham cometido?**

Não. Que me conste, nunca. Havia discussão de camarada para camarada, mas uma autocrítica pública, uma análise desse comportamento, não ocorreu. Na realidade, o comitê estadual apenas cumpriu as determinações do Comitê Central, como o fato de Oest ter sido preterido ao cargo de vice-governador. Certamente desceu resolução. De maneira nenhuma podíamos mais formar com Abraão. Outros camaradas podem informar melhor, com mais minúcias a respeito disso, a exemplo do camarada Nilson Miranda, que estava mais próximo e que devia estar muito perto desses contatos. Eu acho que o Comitê Estadual apenas cumpriu ordens, o que não é correto. O Brasil é uma nação continental e cada região tem o seu problema. Eu acho que a base devia ser ouvida. Era a base que devia decidir sobre quem era o candidato a federal, a estadual etc. Afinal de contas, esse problema competia a nós. Éramos nós que íamos lidar com o processo.

### **É a forma mais correta de se proceder?**

É a forma de um partido marxista-leninista se comportar, mas, infelizmente, não foi bem assim.

**Na cadeia, o coletivo que funcionou na prisão, em 64, não conseguiu analisar seriamente esse erro histórico que o Partido cometeu. E depois que saíram da cadeia?**

Eu acho que o Partido em bloco estava de acordo que nós tínhamos cometido um erro. Se tivesse deixado o Comitê Regional decidir, o encaminhamento não seria esse. Mas iríamos criticar quem? Os camaradas do Comitê Central? Prestes? Era impossível, inviável, era impraticável. Com todo o respeito, o carinho, o amor que eu tenho pelo camarada Jayme Miranda, digo que ele era um camarada “prestista”. As determinações, o pensamento de Prestes para o camarada Jayme Miranda, até onde eu conheço, eram coisas sagradas.

**Ambos eram membros do Comitê Central?**

Não é que eu tenha sido “antiprestista”, mas sempre critiquei o comportamento do camarada Prestes em determinadas circunstâncias. Critiquei frente a frente o Comitê Central, e em face desse meu comportamento, às vezes, eu era quase intimado a me ajoelhar em cima de carcos de milho. Mas, afinal de contas, eu tinha convicções. Eu apenas expunha o meu pensamento com honestidade e amor ao Partido. Mas, para o camarada Jayme Miranda, era intocável, e isso se repetiu. Não foi um caso só.

**Em 55, ocorreu a eleição do Muniz Falcão para governador do Estado. O partido marchou com ele, inclusive participou da administração indicando o secretário de Segurança Pública, o general Henrique Cordeiro Oest. O general era um conhecido comunista e já havia passado pelo comando do 20º Batalhão de Caçadores. Os que viveram essa época falam, por exemplo, de hortas e granjas como atividades dos soldados que, entre outras atividades, plantavam e criavam no quartel e a população consumia produtos bons e baratos. O que você tem a falar sobre esse período?**

Como administrador, Oest era impecável, especialmente levando-se em conta a esposa que tinha, a Dona Paula Oest<sup>149</sup>, que era uma criatura de um sentimento humano sem igual. D. Paula era uma criatura dedicada à humanidade. Ela trabalhou na Senec com um sacrifício terrível. O general Oest realmente transformou o 20º BC numa cidade hortigranjeira. Era uma

---

<sup>149</sup> **Paula Oest** [ ? ], educadora e esposa do general Henrique Cordeiro Oest, contribuiu com a campanha de escolas da comunidade em Alagoas. Era militante do PCB.



coisa bonita de ser vista, passar naquele quartel e ver os soldados vendendo couves, alface, coentro, pimentão, tomate... A população fazia fila, porque tudo era fresquinho, trazido na hora e por um preço 50% menor do que o preço do mercado. Isso empolgou e fez história. Está registrado. As pessoas da época se lembram que o quartel era uma cidade hortigranjeira. A teoria dele era esta: em vez de estar marchando, perdendo tempo, estava plantando e aprendendo a cultivar. E quando saíam do quartel, entendiam de hortaliça, de campo, especialmente os homens do interior, que sabiam trabalhar muito bem nisso. Era respeitável a capacidade administrativa de Oest, mas como político eleitoral era de uma inabilidade de dar pena. Nós pedíamos votos para ele e quando ele ia falar, dizia que não queria voto, que isso não ia resolver, que os problemas se resolviam na bala.

**Mas, ainda ontem, eu estava conversando com uma pessoa que me dizia que, no tempo do Muniz Falcão, o problema do sindicato do crime e toda a criminalidade do Estado não baixaram, eram constantes.**

É. A criminalidade não baixou, e nisso aí Muniz foi vítima dos cunhados, do sogro, porque são de uma região onde a questão é decidida mesmo na espingarda. Os rapazes eram mal acostumados e o sogro, idem. Não estou ironizando, porque, infelizmente, Alagoas é isso mesmo, o coronelismo ainda hoje determina. Está aí, bem clara, a questão de Pão de Açúcar e Tapera. Hoje tem Elísio Maia<sup>150</sup>, mas naquela época havia muitos Elísios Maias. Então, é isso que se chama de sindicato do crime, atuando ostensivamente. E por mais que Muniz se esforçasse para contornar, por mais que quisesse pacificar os compromissos familiares da parte da esposa, os rapazes não deixavam. Os membros da família Muniz Falcão que eu conheço são homens pacíficos, homens políticos. Não há nenhuma notícia de que a família Muniz Falcão tenha cometido atos de violência; mas sim os cunhados de Muniz.

### **Robson Mendes<sup>151</sup>?**

Robson, Valter, a própria sogra, o próprio sogro, que foi vítima...

---

<sup>150</sup> **Elísio da Silva Maia** [1914-2001] nasceu em Pão de Açúcar, sertão de Alagoas. Pecuarista, foi quatro vezes deputado estadual. Depois do golpe militar de 1964 teve os direitos políticos suspensos por dez anos e o mandato cassado. Foi eleito duas vezes prefeito de Pão de Açúcar. Morreu aos 87 anos e foi um dos mais destacados e temidos coronéis do sertão alagoano no século XX.

<sup>151</sup> **Robson Mendes** [1934-1969] nasceu em Palmeira dos Índios. Foi o primeiro prefeito de Cacimbinhas e também foi prefeito de Palmeira dos Índios. Eleito deputado estadual, teve o mandato e os direitos políticos cassados em 1964. Membro de uma família de políticos tradicionais, em Alagoas, era filho do deputado Humberto Mendes, que em 1957 foi assassinado defendendo o governo de Sebastião Marinho Muniz Falcão, de quem era sogro, que estava prestes a sofrer um golpe através de um processo de *impeachment*. Robson também foi assassinado anos depois, em disputas políticas locais.

### **E o Roberto Mendes...<sup>152</sup>**

Era um desportista. Foi deputado, mas os militares cassaram o mandato dele. No território da Assembleia eram homens violentos, que usavam de todas as artimanhas, de todas as oportunidades que o sindicato do crime dispunha. Digo e repito, foi a violência a desgraça do governo Muniz Falcão. Ele não era violento, ele queria reprimir a violência, mas só reprimia até aonde chegavam os interesses da família da esposa.

**Era uma contradição. O Muniz, que na capital e em algumas cidades do interior tinha alianças e era apoiado pelo Partido Comunista, no sertão, onde o Partido não tinha base – exceto em poucas cidades onde os militantes não caracterizavam peso eleitoral –, as alianças do Muniz Falcão eram feitas com quem? Com os coronéis do sertão?**

Exatamente.

### **Com Elísio Maia?**

Elísio Maia, em Pão de Açúcar.

### **Claudenor Lima em Arapiraca?**

Claudenor... Essa coisa se repetia muito na área sertaneja<sup>153</sup>. Então sobre o governo Muniz Falcão e sobre os nossos erros, é isso que está aí.

**Já que Oest era comunista e secretário da Segurança num governo que tinha aliança com os comunistas e com os coronéis do sertão, qual era a posição da Secretaria de Segurança Pública nesses fatos?**

Um secretário é um secretário. Onde ele tinha liberdade de ação, ele agia, mas aonde chegavam os interesses do governador, ele tinha que se comportar como um secretário. Eu acho que, no mínimo, era assim: “Fecha os olhos aí,

---

<sup>152</sup> **Roberto Mendes** [1938] nasceu em Palmeira dos Índios. Economista, ex-deputado estadual, cassado pelo militares em outubro de 1969. Na década de sessenta se destacou como jogador de futebol, defendendo as cores do CSA. Fundou e foi presidente da ONG Casa de Alagoas, na cidade do Rio de Janeiro, durante a década de 1970. A finalidade da Casa de Alagoas era prestar assistência aos alagoanos que iam ao Rio de Janeiro ou que lá moravam. Foi subsecretário de Esportes do Estado de Alagoas no governo de Teotônio Vilela Filho.

<sup>153</sup> As alianças políticas realizadas pelo governador Muniz Falcão se baseavam em dois universos distintos da sociedade alagoana: o movimento sindical urbano, que em Maceió era majoritário, mas também influenciava em algumas cidades localizadas no entorno da capital, e em regiões mais distantes, onde estavam situadas as fabricas de tecidos. As outras forças de sustentação eram as lideranças políticas com fortes influências rurais. O movimento sindical e operário era dirigido pelas duas forças políticas que tradicionalmente lhe davam sustentação: os trabalhistas e os comunistas. Essas forças políticas lideradas por Muniz Falcão se opunham aos barões das indústrias têxtil e do açúcar. Entre os industriais têxteis de Alagoas havia pelo menos uma exceção, Hilton Pimentel; e entre os usineiros, José Otavio Moreira, da usina João de Deus, em Capela, e Mauricio Gondim, da usina Uruba, em Atalaia.

Oest, aguenta a barra, vamos parar por aí”. Esse problema todo governo tem. No caso de Oest, ele não podia passar por cima da orientação do governador. Afinal de contas, secretário de Interior é uma figura descartável. Oest tangeu o período dele como pôde. Embora tivesse o delegado João Batista Acioly na capital que, não sei por quê, era a menina dos olhos do Muniz e que, de vez em quando, desencadeava violências terríveis contra a população; um delegado belicoso, que ainda hoje prova que é elemento truculento, o primeiro na capital, descartado depois; a verdade é que nem por isso o governo Muniz Falcão deixou de ser o governo mais popular que Alagoas já teve até hoje.

**Os movimentos de massas, populares, que vinham numa fase de ascensão antes do governo de Muniz, cresceram na gestão dele?**

Nem tanto. Podemos dizer que houve uma preparação para o crescimento. Se tivéssemos sabido usar melhor aquele período, eu acho que teríamos feito um trabalho bem melhor. Desconheço as razões porque, na época, eu ainda era um militante de base, não tinha acesso às determinações, às resoluções da direção. Apenas fazia as tarefas que me competiam. Mas acho que podíamos ter aproveitado bem melhor o período que tivemos tanto o governo Muniz Falcão, como Oest na Secretaria do Interior. Talvez tenha sido pela fragilidade do Partido, que saiu de uma repressão terrível no governo Arnon de Mello e estava ainda se reestruturando.

**Não foi aproveitada a máquina do Estado?**

Não se tirou proveito.

**E quanto à organização?**

O camarada Nilson Miranda é que viveu mais intensamente esse problema. Mas eu acho que houve fragilidade, falta de maturidade, de sensibilidade para aproveitar o período. Acho que foi usado mais para vaidade o fato de termos um secretário de Interior nosso.

**Interior ou de Segurança Pública?**

Interior e de Segurança Pública, era a mesma coisa.

**O governo Muniz transcorreu sem que houvesse qualquer tipo de repressão?**

Foi um dos poucos momentos na história de Alagoas onde houve liberdade de expressão e reunião.

**Então os comunistas conseguiram se estruturar e criaram musculatura?**

Isso mesmo.

**No governo do major Luiz Cavalcante, o PCB estava mais organizado?**

Mais estruturado e com bem mais experiência e influência nos movimento sindical e estudantil. O Partido, mais amadurecido. Em decorrência disso, trabalhamos muito mais conscientes no governo Luiz Cavalcante. Tiramos o proveito que podíamos ter tirado no governo Muniz Falcão, no campo da organização do Partido nas fábricas, no porto, na ferrovia, e também iniciamos o trabalho de fundação dos sindicatos de trabalhadores rurais. Foi um momento de muita efervescência, ampliamos as nossas alianças nas cidades e no campo.

**O fato de o País ser governado por Jango influenciou as determinações no governo Luiz Cavalcante, que conspirava e se armava em Alagoas?**

Mesmo no governo do Jânio, que foi de apenas sete meses, considero que houve fortalecimento dos sindicatos da orla marítima, por exemplo. Nós, comunistas, tínhamos figuras já experientes nesse processo: Mário Correia, Antônio Primo e José Celestino<sup>154</sup>. Em três sindicatos, inclusive, Celestino tinha sido militante de partido. Nunca traiu, apenas se acomodou, não sei como. Teve o fortalecimento na orla, veio também a eleição do camarada Zé Gomes como delegado do Sindicato dos Ferroviários; a sede do sindicato era em Recife e, a partir daí, começamos a fazer um trabalho sindical com maior peso político. Tivemos bons companheiros como o João Araújo<sup>155</sup>, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis do distrito de Saúde, a participação muito forte nos sindicatos de Rio Largo.

**Então, no período pré-64, o partido dá uma sacudida na orla marítima, é isso?**

Esse trabalho foi uma soma de toda essa estruturação. Talvez por conta do amadurecimento sindical, tivemos camaradas na direção de federações, ótimos aliados, embora descomprometidos ideologicamente, mas de senso operário bastante fortalecido. Como estava dizendo: tínhamos bases no sindicato de

---

<sup>154</sup> **José Celestino** [ ? ], portuário, ativo militante sindical e aliado dos comunistas no trabalho de organização dos portuários de Alagoas.

<sup>155</sup> **João Araújo** [ ? ], operário têxtil, foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Saúde. Preso em 1964, foi destituído da direção do sindicato. Ao sair da prisão, respondeu a processo montado pelos militares e com anuência dos patrões, já que era uma liderança importante e mantinha vinculações com os comunistas. O sindicato era assistido juridicamente pelo advogado Rubem Monteiro Figueiredo Ângelo, ex-militante do PCB nessa época, mas que nem por isso deixou de ser preso em abril de 1964.

arrumadores, no sindicato de estiva, no sindicato dos conferentes e na união dos portuários. Tínhamos três no sindicato dos conferentes, cinco no sindicato dos arrumadores, seis na união dos portuários e quatro no sindicato de estiva. Organização de base, com tarefas específicas etc.

**Havia preparação política e ideológica intensa com esses militantes de base? Esse tipo de discussão teórica, naturalmente, se dá mais nas categorias da pequena burguesia, intelectuais, profissionais liberais etc. Naquela época, havia essa preparação ideológica entre os trabalhadores? Havia esta preocupação no Partido?**

Em assistir, sim. Mas as questões tinham que ser colocadas em cima dos problemas imediatos. Não é fácil organizar trabalhadores partindo da educação marxista-leninista imediatamente. Você tem que familiarizar ele, mostrar o que o Partido quer, para onde o Partido pretende ir, ir cultivando homeopaticamente a ideologia. O nível intelectual, o nível escolar do nosso operário, do nosso trabalhador, é baixíssimo, especialmente nessas áreas, onde o analfabetismo predomina. Se você pega um homem analfabeto e bota em cima dele material científico, ele não assimila. Mas se ele está sentindo um problema imediato, no seu setor de trabalho, na sua remuneração, no atendimento de assistência social, você conduz e começa a mostrar a ele as pretensões do Partido e por onde ele começa a vida reivindicatória dele, dos dirigentes etc. Mas, infelizmente, esse período foi muito curto. Tinha companheiros que nós chamamos de pé de boi, camarada constante, fiel, assíduo, tarefeiro, mas sem poder de liderança, sem aquele instinto nato de liderar.

**Mas, mesmo aquele que não tinha o instinto nato de liderar, nem sempre quer dizer que ele não tenha capacidade de intervir dentro no Partido.**

Claro, era por aí.

**O Partido fazia com que essas pessoas aumentassem o seu nível cultural?**

Sim. O Partido trabalhava para melhorar o nível de direção de seus sindicatos. Tivemos ótimos dirigentes.

**A assistência do Partido fazia isso?**

Sim. A gente sempre se perguntava: “Qual é o melhor candidato, qual é o camarada mais constante, mais fiel aos problemas operários? Fulano”. Foi assim que nós elegemos Mário Correia, Antônio Primo, o próprio Celestino,

José Calazans<sup>156</sup>, por causa da influência, da participação dos camaradas. Nós trabalhávamos em torno dessas pessoas, que não eram militantes do Partido, mas eram bons operários, companheiros fiéis – e isso eles provaram no cotidiano, na direção de seus sindicatos. O Partido não errou, apesar da sua fragilidade, e desses camaradas simples que atuavam nesses sindicatos. Conseguimos o aperfeiçoamento entre dirigentes sindicais e o trabalho de Saúde teve o primeiro reflexo.

### **Em Fernão Velho?**

Fernão Velho, Rio Largo, por aí.

### **Alexandria tinha base do Partido?**

Alexandria também. O trabalho simples desses companheiros levava a isso. Por isso que nós éramos, do ponto de vista nacional, respeitados dentro do CGT. Havia uma orientação, uma determinação mais coerente em Alagoas. O nosso CGT, aqui, constitui-se de 25 sindicatos urbanos, industriais, porque quando o CGT foi fundado não havia sindicatos camponeses ainda. Nós chegamos a esse nível. Eu me lembro que quando Brizola veio a Alagoas receber um título de cidadania, Rubens Colaço foi indicado como orador dos operários. Na saudação – foi uma exigência dos companheiros – eu tinha que ler uma papeleta com o nome de cada sindicato e o nome por extenso do seu presidente. Foram 25 sindicatos. Então, nós éramos respeitados no CGT nacional em face da nossa hegemonia.

**Ainda sobre essa questão de preparação dos quadros. Já que o Comitê Central tinha a seção de educação, a seção sindical, a seção juvenil etc., aqui, naquela época, funcionava a seção de formação de quadros teóricos, desde a orla marítima ao campo, a pequena burguesia, em todos os setores do Partido?**

Olha, eu fui um dos poucos beneficiados. Com referência à formação de quadros operários, operários legítimos, autênticos, havia subestimação. Houve subestimação. Eu tive oportunidade, mas crítico.

**Além do curso Stalin, você participou de qual outro curso de formação teórica organizado pelo partido em Alagoas?**

---

<sup>156</sup> **José Calazans** [ ? ], portuário, desportista, exerceu a presidência da Associação dos Portuários de Alagoas. Mantinha relações políticas com os comunistas na área sindical. A paixão pelo futebol e pelo samba lhe rendeu a presidência do Guarani, time sediado no bairro popular do Poço, em Maceió, e que fez história nas décadas de sessenta e setenta do século XX, revelando jogadores para os clubes alagoanos. Foi presidente da Escola de Samba Unidos do Poço, uma das tradicionais do carnaval alagoano.

Sobre o curso Stalin, eu já falei a respeito do incidente ocorrido. Eu li o material do curso.

**Mas não assistiu às aulas?**

Não participei do curso em face daquele incidente a que já nos referimos anteriormente. Posteriormente, eu participei de outros cursos, mas – não é vaidade –, a minha formação política, eu devo muito à minha convivência e ao cuidado, ao zelo, ao carinho do camarada Jayme Miranda, do camarada Sílvio Lira. Do ponto de vista de militância operária mesmo, eu devo à experiência do camarada Júlio Braga, Júlio Galego. Acho que eles fizeram a metade da minha cabeça. A outra metade foi feita pelos camaradas Jayme Miranda, Sílvio Lira, por aí. Mas cursos específicos, aulas, não me ajudaram tanto.

**Para preparar quadros em todos os setores não existia?**

Na região, não existia.

**Você frisou muito que formação nitidamente oriunda da classe operária não existia. Você frisou isso por quê? Já que quem dirigia os quadros, digamos, eram os cérebros pensantes, a intelectualidade do Partido, oriunda da pequena burguesia, estudantes, profissionais liberais, jornalistas.**

Pelo contrário. O Partido em Alagoas sempre se caracterizou pela predominância operária. Na realidade, a preocupação em formar quadros oriundos da classe operária, que eu conheça, foi com Sílvio Lira, que fez curso. Ele era operário, dirigente de Partido, um camarada da maior fidelidade, dedicação e amor ao Partido, indiferentemente do que possa haver ocorrido. No período em que nós convivemos, eu devo muito a ele a experiência que tenho. Era um camarada muito experiente, muito zeloso, muito cuidadoso, militante fiel. Tem o caso do Rubens Colaço, de outros camaradas como Ricardo, que foi vítima da repressão de 64, não teve musculatura para resistir ao sofrimento a que nós todos fomos submetidos, especialmente os camaradas de baixa renda, coisa terrível. Infelizmente foi empurrado para a marginalização. Teve que sair de dirigente comunista para dono de cabaré.

**É uma guinada muito grande.**

É uma guinada muito violenta, mas era a sobrevivência. Terminou sendo assassinado barbaramente num antro de prostituição.

**Isso, nitidamente, por questão de sobrevivência?**

Por questão de sobrevivência, só e só. Não tinha mais como sobreviver. Família grande para criar, e o homem se envolve nesses meios. Não estou aqui fazendo acusações ao camarada. Sobreviver numa situação dessas, quem é que resistiria? Não estou jogando pedras no camarada, absolutamente. O constrangimento dele deve ter sido muito grande. O Partido não tinha condições mínimas de dar assistência a ninguém. Era cada um por si e o Partido por todos. O Partido só tinha mesmo a palavra por todos, não tinha condição. Foi muito difícil aquele período.

### **Havia em Alagoas uma escola de preparação de quadros em todos os setores do Partido?**

Os cursos eram restritos. Fulano fazia uma conferência, sicrano fazia outra; depois, reúnem-se cinco, seis camaradas por semana. Na realidade, a heterogeneidade da plateia não tinha condição de assimilar. Quando se falava em problemas do cotidiano, problemas enfadonhos, do dia a dia, isso cansava os jovens estudantes, os jovens intelectuais etc. Eles achavam aquilo enfadonho. Mas, tratando-se da discussão de um livro, de uma obra, de um material que foi dado para ler, dava-se aquela aula para nível intelectual e os operários não assimilavam. Eu acho um erro, porque o operário tem o seu cotidiano, tem a sua forma de assimilar as coisas. Essa problemática se diferencia de tal maneira que você não pode falar para uma assembleia camponesa da mesma maneira que fala para uma assembleia operária ou para uma assembleia de intelectuais. Se o curso vai ser feito em cima de *O Estado e a Revolução*, por exemplo, então para uma assembleia operária você tem que conduzir de uma maneira. O livro é o mesmo, a obra é a mesma, mas deve ser conduzida de tal maneira que o camponês assimile. Você não pode dar um curso em cima de um trabalho para uma assembleia heterogênea.

### **Tem de ser no mesmo nível?**

No mesmo nível, senão não há aproveitamento, não há rendimento. Era o caso do Manoel Lisboa. Quando se falava com simplicidade, num curso com base em *O Estado e a Revolução* ou qualquer outra das obras do Lênin, ele protestava, dizia que aquilo estava sendo uma enrolada, um infantilismo. Nós sabíamos que ele tinha nível para receber uma palavra de ordem ou discutir uma questão. Mas o camponês que estava perto dele não tinha, o operário não tinha, tanto que houve fragilidade de nossa parte. E para ser sincero, a comissão de educação do Partido Comunista Brasileiro é frágil. Ela não tem ainda sensibilidade para esses problemas.

### **Você acha importante essa comissão ter vida, trabalhos, no Partido?**



Nada mais importante para um partido comunista, especialmente para o nosso. A política de formação de quadros seria a comissão mais responsável, mais zelosa, mais importante. Formar um comunista não é formar um médico. O médico tem lá o *curriculum* dele e em seis anos está pronto. Um comunista, tanto pode ser formado em um ano, como há de passar dez anos para poder ser formado. Porque tem muitas arestas. O camarada quando chega dentro do Partido, pode já vir quase pronto, mas tem outras coisas a aprender. O comunista não pode perder nunca de vista que ele é um conspirador, pela própria política que assumiu. Ele tem que conspirar contra a burguesia.

Quando ele deixar de conspirar contra o patrão, que está na frente dele, ele parte a conspirar contra o governo, contra o imperialismo internacional. É um eterno conspirador. Ele não pode perder nunca esse sentimento. Ele também não pode perder o outro sentimento, que é de ódio. Um comunista não pode deixar de odiar a burguesia, o capitalismo. Nunca. Porque, na realidade, o maior assassino da humanidade é o capitalismo, essa fera contra a qual nós, desde Marx, nos propusemos a lutar. Então, ele só fará bem-feito se fizer com ódio, com raiva. E não se forma esse sentimento num homem imediatamente. Então, a comissão de educação, para mim, é a comissão mais importante dentro do Partido.

**A composição social da direção, desde a época em que houve uma direção instituída em nível de comitê estadual ou regional, era baseada em quê?**

A direção do Partido era, no mínimo, 50% – quando não era mais – composta de operários. Mas tem uma coisa que precisa ser levada em conta: o operário, em face da sua obediência criada em cima da máquina e do patrão, precisa ter uma dosagem de vida vivida, para não se tornar um obediente dentro do Partido.

**Tem sempre o espírito da contestação.**

Tem sempre a predominância, em face da carência de conhecimentos, da humildade, da subserviência nata, pelo fato de ser operário. Subserviência mesmo. Dificilmente ele se levanta para contestar o intelectual da direção. Então, ele é temeroso. Era preciso ser ousado o bastante e ter argumentos – o que também não era fácil para um intelectual argumentar contra outro intelectual.

**Você disse que havia 50% ou mais de participação operária na direção do Partido. Mas, como se dava esta relação de influência entre o**

**intelectual e o operário, se o operário não tinha poder de argumentar, ou temia argumentar. Quem influenciava mais no Partido?**

Claro que eram os quadros intelectuais. Mas quem contestava mais, pela experiência que vivi, era Sílvio Lira e Rubens Colaço.

**Operários?**

Operários. E muitas vezes nós perdíamos uma questão porque Jayme argumentava, Nilson argumentava, Dalmo argumentava.

**Dalmo era direção do Partido?**

Sim, era direção, era secretariado. Normalmente nós dois, eu e Sílvio Lira, éramos votos vencidos, apesar da participação de Graciano.

**O Dirceu Lindoso fazia parte da direção estadual do PCB?**

Era membro da direção estadual, aliás um destacado intelectual. Nós perdíamos sempre em face da argumentação. Não estou querendo dizer que os camaradas fossem subservientes. Era modéstia mesmo, entre Sílvio Lira, entre Jayme Miranda, que era um jornalista, um homem formado, um homem da direção nacional, um intelectual. Eles definiam: “O comício deve se realizar em tal parte”. A verdade é que os camaradas de nível intelectual sempre predominavam.

**Qual era a participação dos trabalhadores rurais, camponeses, na direção?**

Que eu me lembre, na direção estadual, nós tínhamos quatro camaradas do interior.

**Quem eram eles?**

Dois camaradas de Rio Largo, um de Utinga e um de Pindorama.

**Quem era de Pindorama? Baltazar<sup>157</sup>?**

Sim, era ele.

**Baltazar de quê?**

Não me lembro o sobrenome dele.

---

<sup>157</sup> **Baltazar** [?], camponês, morador da Colônia Pindorama, em Coruripe, era militante do PCB. Foi preso em 1964.

**Eles eram de origem camponesa, mas, por exemplo, em Rio Largo tinha o Graciano. Ele era operário têxtil, portanto não é da capital, mas também não é camponês.**

Ricardo também era operário têxtil.

**Ricardo de quê?**

Também não me lembro o sobrenome dele.

**Ele era de onde?**

De Rio Largo, também.

**E o outro era João Moura?**

João Moura trabalhava na usina Utinga Leão.

**Ele era camponês?**

Não, era operário da usina de açúcar, mas trabalhava na estrutura do PCB que organizava os trabalhadores rurais. Esse trabalho acabava englobando os trabalhadores da área industrial.

**Então ele era o único?**

Não, o Baltazar também era camponês.

**João Grosso não foi direção do Partido?**

O João Grosso atuou muito em Penedo e na área de Pindorama, era membro da direção municipal de Penedo.

**Mesmo com o pequeno número de quadros intelectuais capacitados que o Partido tinha em Alagoas, nesse período, qual foi a influência deles, principalmente em Maceió? Qual foi o papel deles?**

Dirceu Lindoso era um intelectual e, claro, a área de trabalho dele tinha de ser entre os intelectuais. Jayme Miranda era um camarada com uma experiência enorme e gostava mesmo de trabalhar com camponeses, com operários, afinal de contas, ele era o coringa, tinha capacidade para isso: um camarada simples, que se sentia bem comendo num prato de barro na casa de um camponês, farinha seca com piaba, com café etc. Era um camarada que se sentia bem em qualquer parte. Não criava problemas porque a comida estava insossa ou salgada, ou porque tinha que dormir num banco de pelar porco, ou mesmo com um tijolo como travesseiro. Jayme era uma criatura única dentro do Partido. Nunca conheci um camarada com desprendimento daquele nível. Já Nilson sempre cultivou muita vaidade. Era um camarada de tratamento,

junto aos companheiros, pouco afetivo. Nessa área não produzia nada. Aliás, eu sempre disse e continuo dizendo: eu desconheço, ainda hoje, um camarada que esteja ou tenha estado dentro do Partido recrutado por Nilson Miranda. Ele era incapaz, ele nunca conseguiu. Que eu saiba, ele mal conseguiu entrar, quanto mais trazer outro. É de uma inabilidade a toda prova.

**Então, influência de intelectual de peso, que discutia na universidade ou no setor de trabalho, que produzia intelectualmente, era Dirceu Lindoso?**

Entre os intelectuais era Nilson, Dirceu, que só sabiam trabalhar nessa área. Jayme era o coringa, porque, afinal de contas, foi um quadro formado para isso, e tinha valores humanos para isso.

**O trabalho do Jayme era mais desenvolvido na organização do Partido?**

A especialidade do camarada Nilson – isso aí também tem que ser levado em conta, ele faz esse trabalho melhor do que ninguém – é finanças. Ele é exímio nessa frente de trabalho, mas para outras questões, nunca disse para que veio.

**Nesse período de 58 a 64, quais eram as cidades em que o Partido tinha realmente base funcionando no interior? Em quais fábricas de Maceió, no distrito, na periferia e cidades circunvizinhas, o Partido realmente existia, não só com militantes, mas como organização?**

Que eu saiba, em Murici. Em Rio Largo também tinha um comitê municipal. Em fábricas de Saúde, Fernão Velho, Alexandria, Pilar, Penedo, Pão de Açúcar, Fleixeiras, tinha base do Partido.

**Fleixeiras, inclusive, tinha o presidente de Câmara.**

É, um camarada vereador.

**Como é o nome dele?**

Já não me lembro.

**Em Atalaia, Arapiraca, Palmeira?**

Não, que eu saiba, não. Na época não tinha.

**E nas fábricas têxteis de Delmiro Gouveia, São Miguel dos Campos?**

Não, não tínhamos.

**Mas nas fábricas têxteis, aqui, da região de Maceió, o Partido tinha influências?**

Sim, tínhamos organização de base. Somente em Rio Largo tinha um comitê municipal, com quatro bases na cidade.

**Um dos primeiros sindicatos que a direção do Partido ganhou depois da reconstrução do governo Arnon foi o Sindicato dos Jornalistas e Radialistas. Antes dele, houve algum outro sindicato em que o Partido tenha chegado à direção?**

Não. Chegamos por igual nos sindicatos dos rodoviários e radialistas.

**Qual foi o papel desempenhado pelo Sindicato dos Radialistas nesse período? Inclusive, para o Partido ir para frente do movimento sindical, que já vinha de uma fase de repressão, esses dois sindicatos foram a dianteira e conseguiram a hegemonia do movimento sindical em Alagoas.**

No Sindicato dos Radialistas havia um camarada dirigente, que era Nilson Miranda; e no Sindicato dos Rodoviários houve uma composição. Tínhamos três camaradas na direção do sindicato. Foi praticamente a base de choferes, a classe de motoristas que ganhou a direção do sindicato. Éramos três camaradas: Colaço, Antônio Omena<sup>158</sup> e José Maurício<sup>159</sup>; este hoje é pentecostes. A nossa atividade cotidiana e o surgimento do CGT nos proporcionaram condições de militarmos, de termos uma boa atividade à frente do sindicalismo em Alagoas. Foi o trabalho desses camaradas dirigentes, do sindicato dos radialistas e rodoviários, que, no trabalho diuturno, tornou possível isso. A maneira de influenciar era aproveitar as oportunidades para se levar as palavras de ordem do Partido, desde que elas fossem assimiláveis.

**Não só as palavras de ordem, como a política do Partido?**

A política e o comportamento. Uma série de posicionamentos que levam o Partido a ser acreditado.

---

<sup>158</sup> **Antonio Omena** [1930] nasceu em Maceió. Motorista de praça, denominação dada aos taxistas até a década de 1970. Foi dirigente do Sindicato dos Rodoviários de Alagoas, dirigente do PCB; em abril de 1964, quando do golpe militar, foi preso e levado para a penitenciária de Maceió. Ao sair da cadeia continuou a sua militância no Partido Comunista; fez parte do grupo de dirigentes que trabalhou na reorganização do Partido. Em 1967 foi um dos responsáveis pela organização da Conferência Estadual que escolheu delegados para o VI Congresso, realizado clandestinamente na zona rural de Maceió.

<sup>159</sup> **José Maurício** [?], motorista de praça, destacado dirigente do Sindicato dos Rodoviários de Alagoas; no biênio 1961-63 foi vice-presidente, e em 1963-64, secretário do sindicato, quando foi preso e afastado da diretoria por ordem dos militares que derrubaram o governo constitucional de João Goulart. Entre os rodoviários era conhecido como “o doutrinador”.

**Você acha que o Sindicato dos Radialistas e o Sindicato dos Rodoviários foram decisivos nesse trabalho de reconstrução sindical em Alagoas?**

Indiscutivelmente.

**Através desses dois sindicatos, principalmente, por um ser de trabalhadores rodoviários e outro de trabalhadores em radiodifusão, uma classe mais intelectualizada, o Partido chegou à orla marítima, aos sindicatos do campo, à formação dos sindicatos rurais, na retomada dos sindicatos pelegos dos têxteis, que eram muito influentes nessa época em Alagoas. Esses dois sindicatos, então, foram fundamentais?**

Fundamentais. Disso não tenho a menor dúvida.

**Uma figura muito polêmica no Partido – e ainda continua sendo – é a do Nilson. Ele foi eleito pelo Partido em 62 para vereador em Maceió. Era o único vereador comunista na capital e o segundo entre 45 a 64, até hoje, porque depois dele se elegeu também Renalvo Siqueira. Como foi a atuação do Nilson, que tipo de trabalho ele fez com um mandato em Alagoas, principalmente em Maceió?**

O trabalho do Nilson como agitador tem seus méritos. Ele fez um bom trabalho. Com o comportamento dele, o Partido marcou presença no Poder Legislativo. Agora, sempre aquela desastrada vaidade e indisciplina. O oposto do que foi Jayme Miranda caracteriza-se em Nilson Miranda. Não se pode desmerecer o valor dele como representante do Partido. Pelo contrário, aquela bravura de tribuna, aquela capacidade de transmitir poder e influência tem que ser reconhecida. Mas a verdade é que ele não soube ganhar aliados na Câmara. Nilson podia ter feito um trabalho bem mais eficiente junto a outros vereadores, mas a vaidade não permitia; a insensibilidade, a falta de modéstia, a capacidade de agredir gratuitamente dele fizeram com que o Partido não influísse sobre os outros vereadores. Ele é inábil para esse tipo de trabalho. O camarada Nilson é muito vaidoso, muito empolgado, muito egocêntrico. Mas quanto à representatividade comunista, ele foi muito correto. Foi inábil por não saber ganhar aliados, por não saber dispensar um tratamento fraterno. A capacidade agressiva dele é muito maior do que a capacidade fraternal. Por essa razão ele pecou, por não ter sabido fazer aliados. Afinal de contas, jamais os comunistas farão a revolução sozinhos, eles precisam de aliados, que podem se tornar perenes ou militantes amanhã, como também podem se tornar inimigos. Mas num período de transição, nós precisamos de aliados e temos de estar convencidos disso. Não significa que o sujeito tenha que abrir mão dos seus princípios ideológicos, mas ele tem que ter habilidade para saber trabalhar com os não comunistas, com aqueles que podem se aproximar de nós. Temos

que ser modestos, ser fraternos, para obtermos a camaradagem, o companheirismo, a solidariedade.

**A atuação às vezes intempestiva do Nilson dava-se em decorrência não só da vaidade pessoal de que você fala – que é um fato –, mas também do reflexo e orientação do período stalinista que o Partido estava começando a romper.**

Não, não é reflexo disso, não. Todos nós, dessa ou daquela maneira, vivemos o período duro, o período do “mandonismo”, do endurecimento. O comportamento do camarada Nilson é uma questão pessoal, é uma questão de sentimento mesmo. O camarada Zé Graciano, o camarada João Moura, o camarada Ricardo, o camarada Jayme Miranda e tantos outros assimilaram o novo comportamento de ser comunista, a nova forma de ser comunista. Já o camarada Nilson, mesmo hoje, não há como modificá-lo. Ele é mais realista do que o rei. Sempre foi o comportamento dele e, se continuar assim, não haverá modificação jamais.

O camarada Nilson me deve uma. Em 1979, quando ele estava chegando do exílio, para nós foi uma alegria muito grande por causa do trabalho difícil, do nome do Partido que nós vínhamos mantendo; foi uma satisfação muito grande recebê-lo, mas no abraço de recepção, quando esperávamos muita euforia e sangue novo injetado, o camarada disse: “Eu vim aqui para cuidar da minha vida, acertar minha vida. Não me convidem para essas reuniõezinhas de casa de taipa, que lá não vou”. Ouvir isso de um camarada experiente, de vivência, como Nilson, para nós foi muito estarrecedor. E, imediatamente, a primeira tarefa que ele nos trouxe foi fazer a mudança dos móveis dele para um apartamento acarpetado. Essa foi a primeira tarefa que o Partido teve que fazer em torno do camarada Nilson.

Nós tínhamos uma programação, um trabalho sindical a fazer. A presença dele poderia ter influenciado nesse trabalho. Não significa que nós estivéssemos com a bola toda, mas não significava também que não pudéssemos fazer um trabalho. Então, perguntamos a ele como devia ser nosso comportamento no Enclat<sup>160</sup>. Ele disse que tinha vindo jogar merda no ventilador. Seja qual for o trabalho sindical, nós, comunistas, temos que nos aproximar dele com a intenção de influenciar esse trabalho. Se somos minoritários, se a nossa capacidade de influência é pouca, é com essa pouca capacidade de influência que nós devemos preparar o nosso espírito. Mas nunca para dizer que veio para esculhambar, que veio para jogar merda no ventilador, como foram as palavras dele. Resultado: nós podíamos ter saído

---

<sup>160</sup> **Enclat**, Encontro da Classe Trabalhadora, embrião do que depois viriam a ser as centrais sindicais CUT e CGT, na década de 1980.

mais bem estruturados dentro do Enclat. Foi uma eterna polêmica, discussões e agressões pessoais.

### **Isso em 1980?**

Em 1980. Consequentemente, já saímos enfraquecidos. Nós saímos do Enclat sem nada. Nesse mesmo Enclat, o camarada Nilson, que foi presidente do sindicato comigo e foi solidário a uma greve dos rodoviários, participou intensamente dos trabalhos de assembleia. No decorrer da greve – que foi somente de 24 horas, mas que abalou a cidade inteira, porque rodoviários quando param é um desastre para todo mundo –, numa das assembleias do Enclat, eu já portador de um crachá representando o meu sindicato, e ainda hoje tenho essa representação, eu tenho autorização da direção do sindicato para falar em nome dos rodoviários em qualquer assembleia; pois bem, eu já com o crachá na lapela, o camarada Nilson Miranda disse publicamente, dentro da assembleia, que não conhecia Rubens Colaço como operário e muito menos como sindicalista, que eu nunca tinha sido sindicalista. As minhas emoções chegaram ao limite. Tirei o crachá da lapela e entreguei a ele. Abandonei o Enclat. Isso aí prova o nível de insensibilidade, da falta de solidariedade dele.

De consciência sindical por pura vaidade pessoal. Quando toda a assembleia me conhece; a própria Polícia, o próprio Exército conhece o passado sindical de Rubens Colaço. E eu ser ignorado em público por um camarada que militou junto comigo no sindicalismo... Quer dizer, não é comportamento que seja louvável em um comunista.

### **Rubens, era comum figuras com origem na classe dominante militarem no Partido?**

Onde eu mais conheço esse fenômeno é em Alagoas. Nós temos o caso do Napoleão<sup>161</sup>.

### **Napoleão Moreira?**

Napoleão Moreira, isso mesmo. Também tem o caso do dono da fazenda Bonsucesso, que fica entre Atalaia e Capela.

### **Ernani Maia Lopes<sup>162</sup>?**

---

<sup>161</sup> **Napoleão Moreira** [1930-1972], bacharel em Direito, era um dos herdeiros da usina João de Deus, de Capela, Alagoas. Desde a época em que era estudante se filiou ao PCB. No final da década de 1950 participou do Festival Mundial da Juventude, realizado em Moscou. Viajou em companhia do dirigente do PCB de Alagoas, jornalista Jayme Miranda, do médico Edler Lins e do comerciante e militante comunista Mozart Verçosa Damasceno, pelo Leste Europeu, onde conheceram vários países do antigo bloco socialista.



Ernani Lopes. Temos dezenas de casos desses, de pessoas que se comportaram como aliadas e, às vezes, se comportaram tão bem como um quadro operário, fiéis, constantes, coerentes, especialmente aqui, na nossa região, em Alagoas. Temos muito isso. Temos dezenas de nomes, se formos citar de um em um... O caso do Mário Calheiros<sup>163</sup>, que é um pequeno-burguês oriundo de uma família latifundiária etc.

---

<sup>162</sup> **Ernani Maia Lopes** [1918-1985], pecuarista, foi candidato a deputado estadual em 1946 pela legenda do PCB, não conseguindo se eleger. Era um dos principais contribuintes financeiros do PCB. Foi preso em 1964. Quando o PCB foi reorganizado em 1980, voltou a contribuir financeiramente com o Partido e com as campanhas eleitorais, destinando cota extra como ajuda aos candidatos apoiados pelos comunistas.

<sup>163</sup> **Mário Calheiros** [ ? ], pequeno empresário, histórico militante comunista. Na década de 1950 e 1960 os seus caminhões serviam de palanques durante as campanhas eleitorais. Numa das visitas do secretário-geral do PCB, Luís Carlos Prestes, foi o motorista do Cavaleiro da Esperança, em Maceió.

## 7º Capítulo

### **A Patrulha Nacional Cristã e os comunistas, ou os entreveros de Dom Vanilo Galvão com Nilson Miranda**

**Rubens, há outro fato também marcante. Uma personalidade, embora seja da reação, marcou época, aqui, em Alagoas, principalmente na perseguição constante e diária aos comunistas: Vanilo Galvão<sup>164</sup>. Nilson quase chega às vias de fato com ele. Como foram esses embates? Qual foi o trabalho que Vanilo Galvão organizou através da Patrulha Nacional Cristã para combater os comunistas?**

Respeitem Vanilo Galvão porque é o fascista mais empedernido que eu conheci durante toda a minha vida. Leva às raias da megalomania, fobia, é um juramentado. Ele só vê terra por onde Hitler andou pisando, um cínico.

#### **Os nomes dos filhos são todos alemães e da alta cúpula do III Reich.**

Era um cínico, muito embora seja um fiel à militância fascista. É cínico porque quando não tinha mais nada para o que apelar, ele mesmo transformou-se em bispo da Igreja Católica Brasileira e botou um solidéu na cabeça para poder melhor servir à indústria do anticomunismo. A única coisa de que eu me arrependo é que quando Nilson quis quebrá-lo de porrada eu não deixei. Eu devia ter deixado. Esse incidente ocorreu na minha presença. Fui eu quem não permitiu que o Nilson saísse com ele nos tapas, mas como ele era, afinal, também uma figura franzina, é o mesmo que dar um cascudo num menino. De qualquer maneira, seria deplorável. Esse comportamento não teria nos ajudado em nada, só teria dado mais armas a ele para fazer a campanha nojenta que ele faz contra o operário, contra o povo e contra o Partido diretamente. É um cão hidrófobo, não adianta perder tempo, gastar vela com um defunto desgraçado daqueles.

**Mas durante todos esses anos, principalmente antes de 64, a Patrulha Nacional Cristã funcionou organizadamente, com militantes. No movimento estudantil, perturbou e muito os comunistas.**

---

<sup>164</sup> **Dom Vanilo Galvão** [ ? ], bispo da Igreja Brasileira, professor de latim, militante integralista e fundador da Patrulha Nacional Cristã, ativa organização de direita dirigida por ele. Assinou durante décadas uma coluna semanal no jornal *Gazeta de Alagoas* e teve um programa de rádio onde difundia as ideias integralistas e fazia do anticomunismo o seu mais prazeroso trabalho ideológico. Foi o mais longo diretorista a atuar abertamente na mídia alagoana. Solicitou aos familiares que fosse enterrado em pé na igreja que construiu no bairro de Jatiúca, em Maceió.

E paramilitar porque, em face do posicionamento dele como anticomunista, ele tinha o patrocínio, o apoio da burguesia, como tem ainda hoje da burguesia altamente reacionária. Homens da burguesia sérios nunca o levaram em conta, mas tem essa burguesia hidrófoba também. Ele tinha patrocinadores, e a Patrulha Nacional Cristã tinha acesso a todos os órgãos de imprensa falada e escrita.

### **Ele tinha programa de rádio?**

Programa de rádio, colunas nos jornais etc. Como tinha os quadros de militância, jovens formados por essa organização nacional, preparados para a repressão, para a agressão; em mais de uma vez ocorreram confrontos entre jovens patrulheiros e jovens estudantes, alguns nem eram comunistas, eram jovens estudantes de esquerda. Era um quebra-pau dos diabos entre os secundaristas, na universidade etc. Quadros militantes como os Camisas Pardas de Hitler, homens prontos para a violência. Inclusive, ele tinha arsenal dentro da Patrulha, tamanha a tolerância que os departamentos, os órgãos de governo tinham com o comportamento dele. No dia 29 de março, ele foi um dos que distribuíram armas e caixas de balas na Praça Sinimbu. A única palavra de ordem era: “Matem um comunista”. Um tipo dessa natureza, dessa formação, não tem como se analisar não. O comportamento já diz tudo.

**Mas, Rubens, você conhece fatos anteriores ao dia 29 de março de 64, que evidenciam militantes da Patrulha Nacional Cristã, por exemplo, querendo se infiltrar no movimento estudantil secundarista. Isso influenciou decisivamente, e o Partido teve que fazer aliança com José Bernardes<sup>165</sup>, com Tobias Granja<sup>166</sup>, com todo esse pessoal, a fim de não perder a direção do movimento estudantil para a Patrulha Nacional Cristã?**

É, mas eles, realmente, nunca tiveram sucesso. O posicionamento deles era de tal maneira antipático, de desamor, “desnacionalizante”, aquela cultura germânica, uma “germanofilia” aguda, que nunca chegaram a ganhar um diretório. Os comunistas, diga-se de passagem, foram sensíveis aos setores

---

<sup>165</sup> **José Bernardes** [?], médico, deputado estadual, secretário de saúde, Conselheiro do Tribunal de Contas de Alagoas, foi presidente da União dos Estudantes Secundaristas de Alagoas – UESA antes de 1964.

<sup>166</sup> **Francisco Guilherme Tobias Granja** [1945-1982], advogado, jornalista, quando era estudante secundarista na década de 1960 destacou-se como líder estudantil. Foi presidente da União dos Estudantes Secundaristas de Alagoas – Uesa. Depois do golpe militar de 1964 foi trabalhar na imprensa do Sudeste, sendo repórter das revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*. Quando voltou a residir em Alagoas, em meados da década de 1970, combateu, como advogado, importantes figuras do sindicato do crime alagoano. Foi candidato a deputado federal em 1974, não se elegendo; continuou a militar na advocacia criminal e no jornalismo em Alagoas. Denunciou inúmeros crimes praticados por policiais militares e civis. Em 1982, quando saía do seu escritório no Centro de Maceió, foi assassinado. Era então candidato a deputado estadual pelo PMDB.

estudantis. Os patrulheiros nunca tiveram vez na universidade e muito menos entre os secundaristas. Eles sempre perdiam as eleições.

**A Patrulha Nacional Cristã não conseguia fazer aliança nem com o setor mais progressista da Igreja Católica.**

Exatamente.

**Os comunistas faziam aliança com esse setor e eles não faziam.**

Exatamente. Quem não assimilasse a orientação da Patrulha, eles chamavam de comunista, mesmo as pessoas que não eram comunistas, como os jovens de esquerda. O próprio Divaldo Suruagy<sup>167</sup>, que foi estudante, militou na área progressista como estudante, e tantas outras figuras, como o Soriano<sup>168</sup>, o Zé Bernardes, centenas de jovens oriundos da burguesia que eram estudantes de esquerda e tiveram bons dirigentes, conduziam muitas lutas, enquanto a Patrulha nunca conseguiu nada durante toda a sua trajetória.

**Na época, havia outros fascistas organizados em Alagoas, além daqueles comandados por Vanilo Galvão – se é que ele comandava algum setor integralista em Alagoas. Quem eram os pensadores, os cérebros da burguesia que conseguiam arregimentar massa em torno do integralismo, durante todo esse período em que você começou a militar na política?**

Nessa época, a partir de 50, o grupo declaradamente fascista era o grupo conduzido por Vanilo Galvão. Claro, ele tinha o respaldo de velhos militantes. Pelo menos, que eu tenha conhecimento, foi ele quem militou mais intensamente e, conseqüentemente, quem dava cobertura, quem orientava, quem insinuava esse comportamento. Eles não precisavam de outro tipo de organização porque também tinha a UDN, que se encarregava de radicalizar contra o povo, contra os comunistas, contra as nossas palavras de ordem. Já

---

<sup>167</sup> **Divaldo Suruagy** [1937] nasceu em São Luiz do Quitunde, Alagoas. Economista, professor, escritor, ex-prefeito de Maceió, deputado estadual e federal, senador e três vezes governador de Alagoas. Em 1997 foi obrigado a renunciar ao cargo de governador em face da grave crise político-financeira e administrativa em que se enrolou a sua administração. Gerou a maior crise que o estado já vivenciou: os funcionários públicos ficaram sem salários durante dez meses. Nesse ambiente de caos, policiais militares e civis e outros funcionários foram às ruas e tentaram invadir a Assembleia Legislativa, que estava reunida, mas não se prestava a votar o afastamento do governador, como pediam os líderes e os milhares de funcionários públicos sem salários. Nesse momento, no dia 17 de julho de 1997, a então prefeita de Maceió, Kátia Born Ribeiro, esteve presente na manifestação dos funcionários e contribuiu para aumentar a tensão na Assembleia Legislativa, que resultou na renúncia do governador.

<sup>168</sup> **Evilásio Soriano de Cerqueira** [1943], economista, professor universitário, nasceu em Capela – Alagoas. Exerceu o cargo de Secretário do Planejamento de Alagoas em dois governos: Guilherme Palmeira [1979-1982] e Teobaldo Barbosa [1982-1983]. Quando era estudante universitário participou ativamente do movimento estudantil e foi membro da União da Juventude Comunista – UJC, organização política vinculada ao Partido Comunista Brasileiro – PCB.

fizemos referência ao comportamento de Luiz Cavalcante, o próprio Arnon de Mello, que foi um dos “empasteladores” do nosso jornal, *A Voz do Povo*, tanto que eles não precisavam de uma organização partidária ilegal.

### **Mas eles tinham assumido essa posição no passado?**

Tinham assumido no passado, mas ante a derrota universal do fascismo, eles já não tinham disposição de vir a público e dizer o que tinham sido ou se continuavam fiéis à causa da sua juventude, da sua mocidade; agora, Vanilo sim, Vanilo continuou.

### **Até hoje?**

Até hoje, não abre. A única coisa que vale respeitar em Vanilo é essa consequência hidrófoba de ser louco. Merece algum respeito, vamos respeitar a loucura do Vanilo Galvão, a estupidez, a boçalidade.

**Há uma particularidade aqui em Alagoas que, eu acho, aconteceu com militantes do Partido em algumas partes do Nordeste também. Eu conheci alguns militantes do Partido que eram dos mais aplicados, dos mais disciplinados, no entanto, eram protestantes, eram católicos, que cumpriam as tarefas do Partido, que se reuniam, que eram comunistas. Principalmente no Nordeste ocorre isso dentro do Partido Comunista. Há um fato que caracteriza bem isso aí: todos eram da classe operária.**

Isso é muito fácil de explicar; e não é um fenômeno raro aqui ou ali. Nós somos um povo, especialmente os nordestinos, altamente místico. Muita gente não é católica, mas é romeiro; não cumpre as determinações da Igreja, mas ai de quem tocar no nome de Cícero Romão<sup>169</sup>. Outros são pentecostais, outros são crentes. Tem aquele fenômeno que foi explicado no princípio da entrevista sobre o João da Mata, que foi uma criatura que me influenciou muito. O caso do João da Mata não é um fato isolado, o caso dele se generaliza. Ser comunista não é tão difícil, mas ser materialista é, porque a desilusão de pós-morte é muito dura de aceitar. Então, num povo com a formação como a nossa, com o nosso nível de alfabetização, você encontra dezenas de comunistas que não acreditam em padre, que não acreditam em religião, mas que acreditam em Deus, que não abriram mão do misticismo, e não é pelo fato de eles acreditarem em Deus que nós vamos dizer: “Ah, camarada, você não tem condições de ser comunista porque acredita em Deus.” Essa exigência não

---

<sup>169</sup> **Padre Cícero Romão Batista** [1844 -1934] nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará. Político cearense, ex-prefeito de Juazeiro do Norte, figura de grande influência social, política e econômica, era proprietário de terras e religioso que se tornou um mito. O Vaticano ainda não o canonizou, mas para os nordestinos é verdadeiramente um santo.

pode ser feita. Tem o fenômeno do Roland Bittar, que conviveu com dignidade dentro da cadeia como o melhor dos comunistas. O comportamento dele foi de muita honra e valentia. Tem outro rapaz, um pentecostal que era ferroviário, foi preso também e se comportou com dignidade e dizendo: “Eu sou do Partido, eu sou comunista”, embora eu nunca tenha encontrado ele em base nenhuma, mas dentro da cadeia, ele dizia que era pentecostal e era comunista. Quer dizer, era uma contradição, mas o fato de ele não assimilar o materialismo não significa que ele não tenha sensibilidade política. Nós não podemos fazer esse tipo de discriminação, nem colocar a condição de que antes de ser comunista, a pessoa tem de ser materialista.

## 8º Capítulo

### **Viagem para a União Soviética, tratamento de saúde e curso de formação política**

**Rubens, logo depois que você saiu da prisão, passou algum tempo aqui, mas, em seguida, teve, por motivo de saúde, que ir fazer um tratamento na União Soviética. Como se deu isso?**

Para ser franco, eu não gostaria de me estender muito nesse assunto. Posso te dizer uma coisa: eu escrevi, escrevi romanticamente, mas para quem sabe ler nas entrelinhas está tudo bem contado. Se a intenção é anexar um fato histórico, eu preferia que fosse anexado a essa parte o *Jacatiá*<sup>170</sup>, ou o que interessasse dele, porque as minhas andanças pela Europa foram consequências de um todo e não estiveram relacionadas à minha situação de saúde. Somente lá se identificou que eu estava doente em decorrência do “estouramento” dos pulmões no Riacho do Catolé, que eu subestimava – eu sempre fui arredo a médico. Foi mera coincidência quando se constatou que eu estava doente. Eu não estive na União Soviética em decorrência da minha doença. O resto da história está escrito no *Jacatiá*. Se interessar, eu preferia que fosse anexado, para não criar maiores comprometimentos.

Então, no pós-64, logo que nós, Jayme Miranda, Rubens Colaço, Dirceu Lindoso, José Alípio, João Moura, Roland Bittar – os seis últimos –, saímos da cadeia para a prisão domiciliar, especialmente os intelectuais tiveram de sair em demanda do Sul. Ficou somente Rubens Colaço em Alagoas, numa condição de sobrevivência terrível, porque os empresários, os meus ex-patrões, mesmo os mais amigos, se negavam a me dar emprego, por recomendação expressa do secretário do Interior, que tinha nas mãos as empresas de ônibus.

Um dos meus ex-patrões, Antônio Rodrigues da Cunha, português velho, figura folclórica também, achava que os dois maiores homens de toda a história da humanidade eram Oliveira Salazar e Joseph Stalin. Ele era uma figura de difícil interpretação e sabia da minha condição de comunista. Eu era para ele uma figura intocável.

Eu comandeí greves dentro da empresa dele, fui ameaçado pela polícia dentro da empresa dele e tive a oportunidade de dizer na cara de um inspetor-geral de trânsito, o Sr. Elói, quando ele me ameaçou de prisão: “Olha, Sr. Elói, o homem não é o que prende, é o que solta. Cadeia não foi feita para bicho, foi feita para homem. A greve é para amanhã, mas se o senhor me prende hoje, para agora”. Claro que eu estava blefando. Nós não tínhamos estrutura para

---

<sup>170</sup> *Jacatiá* é um dos livros que Rubens Colaço escreveu e que ainda não foi publicado.

isso. Eu tinha que segurar a barra. Eu pensei que o Sr. Antônio Rodrigues ia me botar para fora imediatamente, mas ele me elogiou e mandou que eu voltasse para trabalhar, voltasse para o meu carro e, posteriormente, viesse com uma comissão de empresários para discutirmos o problema da greve.

A greve não chegou a se realizar porque eu percebi que ela ia fracassar e fizemos um acordo em 50% das reivindicações. Eu me queixando junto ao Sr. Antônio, ele disse: “Não passe dificuldades, não deixe de fazer feira, venha buscar todo o fim de semana o seu ordenado aqui, como se você fosse um chofer da empresa”. Eu disse: “Sr. Antônio, eu não preciso, eu não quero esmola, quero uma oportunidade para trabalhar e não me foi possível”. Então me dirigi a outro empresário, o Sr. Nelson Rosas, que era proprietário da Bomfim (que operava a linha Maceió-Recife). Ele disse: “Colaço, eu tenho serviço para você, mas no Recife, na garagem. Você é um homem de sete instrumentos e está empregado na Bomfim, mas no Recife, aqui eu não posso”. Eu me dirigi ao capitão, que tomava o meu ponto, e pedi a ele que transferisse a minha prisão domiciliar para o Recife. Eu me apresentaria na Sétima Região. Ele disse que eu devia ter pensado nisso antes de me envolver em política e não me deu a transferência.

Eu estava atravessando uma fase muito difícil quando surgiu a oportunidade de um curso na União Soviética. Os companheiros tomaram as devidas providências e eu, simplesmente, deixei de assinar o famigerado ponto e desapareci.

### **Quando isso aconteceu?**

Em 1966. Eu e outros companheiros vivíamos ainda a fase de prisão domiciliar, uma vez por semana tínhamos que assinar o ponto na 20ª CSM. Anoiteceu, e quando amanheceu o dia, eu estava na estrada; fui para o Rio de Janeiro. Lá o pessoal do Partido tomou as devidas providências, tirei passaporte e saí do Brasil legalmente.

### **Com passaporte legal e com o nome de Rubens Colaço Rodrigues?**

Exato. O meu passaporte era legal, Rubens Colaço Rodrigues. Dessa maneira me mandei pelo mundo. Na URSS, cumprindo as minhas obrigações, foi constatada a minha doença. Passei um período internado num sanatório. Me curei, assim cumpri minhas obrigações num sanatório soviético, precisava me curar das sequelas provenientes das torturas que sofri, depois do tratamento, em face de ter perdido parte dos estudos. Os camaradas soviéticos e a direção do PCB, na Escola de Quadros do PCUS, me propuseram ficar por mais um ano ou então eu me submeteria a uma jornada intensiva de aulas para



que pudesse concluir o período letivo. Concordei, e passei a estudar em horário integral, ou seja, com quatro professores por dia. Isso dava uma carga de quatro disciplinas, algo muito puxado, mas aceitei. Concluí o curso numa maratona de 12 horas diárias de estudos. Todas as disciplinas tinham tradução simultânea ou, em alguns casos, os professores falavam português. Mas deu-se um fato constrangedor. Isso até hoje me constrange. Na volta, nós tínhamos um roteiro, um caminho estabelecido. A saída seria via Itália, Argentina, Uruguai, até chegar ao Brasil. Ocorre que em Roma, quando eu já estava com a passagem comprada, cheguei apenas para carimbar e dar o visto de saída; no balcão da Itália o rapaz disse: “O senhor não pode ir para a Argentina assim, houve um golpe de Estado. Para entrar na Argentina, só com o visto da embaixada”. Seria infantilidade minha ir para a embaixada. “Não, não tem problema, o senhor fica aqui por mais um dia, amanhã o senhor vai à embaixada da Argentina e dá o visto de entrada”. Claro que eu não tinha condições de ir buscar esse visto, então imaginei: “Mas o que é que o senhor vai fazer na Argentina, se o senhor é brasileiro?” “Vou contratar um conjunto musical, porque sou músico.” E realmente eu tinha comprado um trompete em Roma e estava com ele; servia como documentação. Eu disse o seguinte: “Não tem problema. O senhor desembarca no Rio e vai na embaixada argentina no Rio de Janeiro e tudo bem. A sua passagem continua válida. Se o senhor desembarcar no Rio, a sua passagem continua válida para a Argentina, não tem problema”. Raciocinei rápido e mandei carimbar para o Rio.

### **Quando foi isso?**

Em 67. Em 66 eu fui, e em 67 eu estava voltando. No avião, eu comecei a imaginar uma história para contar no Galeão. Para acabar de acertar tudo, eu estava vestido com uma roupa russa e com a passagem carimbada. Durante a viagem, eu criei uma história para contar no Rio de Janeiro, caso fosse necessário. Baseado nessa história eu chamei o meu livro de *Jacatiá*. Vinha um casal de brasileiros, me sentei e puxei conversa. Conte a história para eles. Eles ficaram muito sensibilizados e acreditaram piamente. Eu me despedi e procurei mais um. Até que achei outro brasileiro. Sentei perto dele e contei a história. Ele acreditou também. Aplaudiu, achou muito bonito. Eu pensei: “É possível que a polícia acredite também nesta história, no Galeão”. Depois de acertar tudo, ia pegar o passaporte, o rapaz disse: “Não, o seu passaporte você vai apanhar ali, na DPF”. Eu pensei: “Começou a encrenca”. Lá chegando, eu contei o *Jacatiá* para ele. Ele achou muito interessante e disse: “Espera um instantinho”, e chamou outra figura do SNI. Mandou que eu repetisse a história. Eu repeti a história, eles olharam um para o outro e perguntaram: “E agora?”. Um disse: “Um desgraçado destes, um pau de arara, dana-se pelo

mundo afora, vive uma aventura destas e eu nunca saí do Rio de Janeiro. Quando você cismar de fazer outra aventura dessas, passe por aqui para me levar. Eu mesmo não tenho coragem. Vá-se embora, faça boa viagem”. Mas ainda caí na besteira, na santa besteira de dizer que em Dakar, na África, comprei um pedaço de porcaria, um berçozinho de couro de elefante, daqueles tambores africanos. Então, lá venho eu, cheio de bibelô. Fui para um hotelzinho na Avenida Rio Branco, onde eu sempre me hospedava no Rio. Quando eu cheguei com aquele malote desgraçado, o sujeito é que me deu a ideia: “O camarada está vindo de Bananal?”. Eu respondi: “É, rapaz, comprei esse negócio dos índios”. Ele pediu uma. E eu: “Não, rapaz, comprei isso para levar”. Mas eu terminei dando um tamborzinho a ele, assim como dei um tamborzinho e um berço de couro de elefante aos rapazes do Departamento de Polícia Federal. Deixei os meus patuás lá e fui para o único ponto de chegada que eu conhecia no Rio de Janeiro, que era ali, junto ao quartel de bombeiros.

### **Praça Mauá?**

Não, na Praça da República. Lá tinha um biombo, era uma fábrica de flâmula e era o ponto de chegada do Partido. Quando cheguei lá, só estava mesmo o terreno. Mas tinha um restaurante perto onde eu sempre fazia as refeições. Fui lá e pedi um prato. Estava mesmo na hora do almoço. Comi, tomei a minha aguardente de sempre, uma cerveja e puxei conversa com a garçonete: “Eu vim encomendar umas flâmulas aí e parece que se mudaram. Quando foi isso?”. Ela disse: “Ah! Isso não era fábrica de flâmula não, aquilo era uma célula comunista, só tinha comunista. O Exército derrubou com tudo”. Foi aí que eu tomei consciência. Já tinha visto os jornais. Tomei consciência da situação em que nós estávamos vivendo e fiquei atordoado. Procurei alguns pontos, não consegui. Também fiquei assombrado e vim para Maceió. O fato de eu ter saído praticamente foragido queimou o ponto. Então, vim para Sergipe. Eu tinha uma irmã em Neópolis. Mandei um sobrinho a Maceió contatar com o Partido para que alguém tomasse alguma providência.

O médico e nosso camarada José Albuquerque Rocha foi ao meu encontro e me explicou a situação: “Vamos ver como você vai ficar. Tenha calma que eu vou para Maceió, vou mandar a sua família para cá, para vocês se verem, e quando a sua família chegar vai dizer o que foi que nós resolvemos lá”. Logo na semana seguinte a minha família chegou.

Minha companheira disse qual era a determinação do Partido. Eu vim embora para Maceió, mas ilegalmente. Aqui eu tinha que ficar trancado em

casa. Fiquei trancado no quarto sem poder ir à sala. Era a decisão. Só ia à sala à noite, quando um camarada ia me visitar. Fiquei um, dois, três meses, não aguentava mais; então chamei os camaradas e disse: “Não aguento mais, eu vou enlouquecer, não é possível uma situação dessas. O que é que vocês decidiram?”. Eles falaram: “Nós não decidimos nada até aqui, o Rio não decidiu nada, não está havendo contato com a direção nacional. Qual é a sua sugestão?”. Eu disse: “Preso aqui ou preso na cadeia, vou arriscar. Vocês fiquem ali, pelo Comércio, porque eu vou botar uma roupa e vou à matinê do São Luís. Fiquem por ali porque qualquer coisa vocês tomam conhecimento”. E foi assim que fiz. Um grupo de camaradas foi para lá. Nesse tempo nós tínhamos uma boa juventude por aqui. O Partido ainda estava relativamente bem organizado. Então fui. Botei uma roupa e saltei no meio do Comércio, ostensivamente, às três horas da tarde. Fui ao Café Continental, tomei um cafezinho, comprei cigarros, conversei: “Colaço, onde você andava?”, perguntavam. E eu: “Rapaz, estava por aí, cuidando da boia”. Depois passei no Café Central, tomei outro cafezinho, e fui para o cinema. Então, eu legalizei a minha vinda. Passei para a legalidade ostensivamente.

### **Não houve nenhum problema com a polícia?**

Não. Eu toquei a vida e até hoje o Partido nunca procurou saber o que foi que eu fui fazer na União Soviética. Eu conversei sobre isso apenas com o camarada Jayme Miranda e dei uma satisfação à Comissão de Educação do Partido, que tinha me mandado para lá. Falei sobre o meu rendimento, o meu aproveitamento, umas fofocas que aconteceram por lá. O camarada Jayme Miranda disse: “Esse homem eu conheço e não admito, não admito esse tipo de insinuação sobre ele. Se houve isso, teve sua razão de ser”. Ele disse isso por causa de um mural do Partido que eu rasguei lá para dar uns tapas no baiano safado, e ele se acovardou e não topou. Eu já estava de malas prontas, inclusive, e discuti com os camaradas soviéticos e ainda disse a eles: “É isso, meus camaradas, minhas malas estão arrumadas. Se o Partido quiser, me botam para trabalhar na Sibéria, mas rasguei e está rasgado”. Houve esse aborrecimento, e a comissão nunca me pediu contas disso, nunca tive a quem explicar. Por isso Jayme apenas me disse que tinha chegado essa acusação. Bom, e quanto às minúcias, do que ocorreu ou do que eu falaria sobre os camaradas soviéticos, está escrito no *Jacatiá*. Vou providenciar para vocês lerem. Não deixa de ser interessante para verem como foi aquele assunto no avião, que expliquei à Polícia Federal e eles aceitaram.

## 9º Capítulo

### **Dissidências, luta armada e participação em campanhas eleitorais**

**Depois desse período em que você chegou aqui, houve as conferências preparatórias para o VI Congresso do Partido, não foi?**

Já tinha havido, já tinha se realizado a Conferência.

**Você chegou aqui na época em que a juventude do Partido, as bases mais jovens, principalmente os estudantes e a pequena burguesia, estavam eufóricos com a luta armada?**

Exatamente.

**Como se deram as discussões da luta armada, do grupo do Marighela<sup>171</sup>, do grupo do Apolônio de Carvalho<sup>172</sup>, do Manoel Lisboa?**

Já havia insatisfação após 64. Mesmo antes já havia críticas da parte de Manoel Lisboa, o rompimento dele. Ele liderava uma ala do partido chinês e isso me custou muito caro, porque eu tive que responder na polícia por um material que foi pego nas mãos de Manoel Lisboa, com lindas vistas da China, Cuba, um material de propaganda lindo. Eu passei maus momentos por causa desse material. A polícia queria me responsabilizar pelo grupo orientador daqueles jovens. Claro que eu tinha que dizer que simplesmente não conhecia aqueles jovens, mas paguei por isso, já antes de 64. Então, em 67, 68, a coisa foi se tornando mais intensa, até que eles resolveram passar para a luta armada, inclusive deixaram a minha vaga da direção até a última hora. O

---

<sup>171</sup> **Carlos Marighela** [1911-1969] nasceu em Salvador, Bahia. Poeta, escritor, dirigente político e comandante guerrilheiro, estudou Engenharia Civil. Não concluiu o curso, abandonando os estudos para militar no PCB, e assim se tornou um militante profissional a partir de 1934. Foi preso duas vezes. Em 1939 é levado para a ilha de Fernando de Noronha, onde fica juntamente com outros presos políticos até a anistia, em 1945. Em 1946 é eleito deputado federal na legenda do PCB, representando a Bahia. Viveu muitos anos na clandestinidade como dirigente do PCB. Depois do golpe militar de 1964, rompe com o PCB e funda a Aliança Libertadora Nacional – ALN. Inicia a luta armada contra a ditadura militar no Brasil e é assassinado pelo delegado e torturador Sérgio Paranhos Fleury, em São Paulo, em 1969. Marighela foi um dos grandes líderes da esquerda brasileira e latino-americana.

<sup>172</sup> **Apolônio de Carvalho** [1912 -2005] nasceu em Corumbá. Militar, lutou na Guerra Civil espanhola. Em fevereiro de 1939 vai para a França e é preso em campo de refugiados. Em 1940 foge e ingressa na Resistência francesa em Marselha; em 1942 torna-se comandante da guerrilha dos *partisans*. Ingressa no PCB em 1937, como membro do Comitê Central. Depois do golpe militar de 1964, saiu do PCB e fundou com Mário Alves e Jacob Gorender o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário – PCBR.

último a sair daqui foi Rholine<sup>173</sup>. Ele disse na véspera: “Amanhã, vou para a ilegalidade, e o Moura mandou dizer que sua vaga está aberta na direção e que contamos com você”. Fiz tudo que podia para dissuadi-los disso, pedi para que não envolvessem meu nome nesse posicionamento, mas não era uma posição tomada após a conferência, ela já vinha desde 63, amadurecendo e adquirindo adeptos. E foi aquele desastre que aconteceu.

### **Saíram muitas pessoas, muitos jovens do Partido?**

Que eu saiba e tenha conhecimento, daqui só o Rholine, o Manoel Lisboa e o Odijas. Tem um jovem de Penedo que desapareceu. Ele simpatizava muito com a posição dos meninos. A verdade é que esse rapaz sumiu.

### **Quem era ele?**

Era Moisés. Eu estou esquecido do nome dele. Era filho do presidente do círculo operário de Penedo.

**As pessoas que racharam com o Partido depois da Conferência e que apoiaram os grupos de extrema esquerda, como a ALN, PCBR, PCR, e que, necessariamente, não foram para a luta armada – por exemplo, o Rholine, que caiu e foi para o PCBR, Nogueira<sup>174</sup>, o próprio Odijas, que depois foi assassinado –, continuaram divergindo ou saíram imediatamente do Partido, principalmente as bases estudantis?**

Saíram do Partido. Eu não participei da Conferência, mas os jovens como Nô, Dalmo Lins, Maria Luiza<sup>175</sup>, Amarino<sup>176</sup>, Liraço<sup>177</sup>, Marcus Robson<sup>178</sup>, se

---

<sup>173</sup> **Rholine Sonde Cavalcante Silva** [1945-1995], estudante, militante do PCB, foi preso em 1964, em Maceió. No final da década de 1960, deixa o PCB, entra para o PCBR e participa de ações armadas, sendo preso em Recife. Foi condenado inicialmente a pena de morte, em seguida convertida para prisão perpétua. Durante 10 anos ficou preso em Pernambuco; fez várias greves de fome, algumas de longa duração, ato político que o colocou em risco de morte. Foi libertado apenas meses depois da anistia aos presos políticos e perseguidos, que ocorreu em agosto de 1979. Reintegrou-se à vida cotidiana com o trabalho e constituiu família. Faleceu vítima de desastre de automóvel em Maceió.

<sup>174</sup> **Luiz Nogueira Barros** [1935] nasceu em Pão de Açúcar, Alagoas. Médico, funcionário público federal, servidor do INAMPS, escritor, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e da Academia Alagoana de Letras. Quando era estudante, no final da década de 50 e início da de 60, foi um ativo militante do movimento estudantil, e nesse período chegou a militar na União da Juventude Comunista – UJC, organização do PCB entre os jovens. Em abril de 1964 foi preso pela primeira vez; na década de 70 novamente foi preso, quando teve de responder a processo na Auditoria Militar. Saiu de Alagoas e foi residir no Rio de Janeiro, onde viveu por mais de uma década, retornando depois para o seu estado natal.

<sup>175</sup> **Maria Luiza Araújo** [ ? ], alagoana, médica. No final da década de 60 foi morar no Rio de Janeiro com o seu companheiro Dalmo Lins, dirigente do PCB, mas em 1970 são presos, ela e Dalmo, por agentes do DOI-CODI, e torturados. Foi condenada a um ano de prisão.

<sup>176</sup> **Amarino Marques Neto** [ ? ], portuário, poeta. Na década de 60 foi militante da juventude comunista, organização do PCB. Durante o processo de reorganização do Partido, a partir de 1980, não mais se ligou aos comunistas.

inutilizaram como Partido. O prejuízo maior foi, inclusive, a saída, porque, especialmente os médicos, os engenheiros, foram se formando e tomando o caminho do Sul. Foi o caso do Agrimeron<sup>179</sup>, do Ferreira<sup>180</sup>, do Zé Rocha e assim sucessivamente. Tudo isso foi esvaziando o Partido, ficando somente os velhos pés de boi, e depois houve a saída do camarada Sílvio Lira, por uma questão de segurança, e a saída do camarada Ricardo, posteriormente assassinado, e também a doença do camarada Zé Graciano. Foi uma deterioração constante, e tudo poderia ter começado bem em 69; foi quando outros camaradas jovens começaram a chegar, inclusive o camarada Péricles<sup>181</sup>, você, Majella<sup>182</sup>, tantos outros jovens que foram sendo cooptados.

**Antes de 64, e também depois de 64, no período da Conferência, militou em Alagoas o José Pureza<sup>183</sup>, que já vinha de uma luta intensa na Guanabara. Qual foi a participação do Pureza em Alagoas?**

Tudo terrível, porque nós estávamos numa situação constrangedora e quando menos esperávamos, chegou por aqui o companheiro Pureza. Ele procurou o Partido, mas nós não o conhecíamos. Os nossos contatos eram difíceis. Chegamos numa situação em que íamos buscar *A Voz Operária* na Bahia, deixávamos a quota de Sergipe, deixávamos a quota de Alagoas e íamos levar a quota da Paraíba. Em que situação estivemos, não é? Apesar dos

---

<sup>177</sup> **Sebastião Liraço** [ ? ], funcionário do INSS. Foi, na década de 60, militante da Juventude Comunista, organização do PCB. Deixou o Partido no início da década de 70.

<sup>178</sup> **Marcus Robson** [ ? ] promotor de Justiça aposentado, professor, ex-bancário, militou na Juventude Comunista do PCB no final da década de 60.

<sup>179</sup> **Agrimeron Cavalcante da Costa** [1947] nasceu em Anadia. Médico em Saúde Pública, funcionário da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, foi presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo e secretário-geral da Associação Médica Brasileira. Ingressou no PCB quando era estudante em Alagoas; foi membro da direção estadual do PCB em São Paulo e pertenceu à comissão sindical do Comitê Central do PCB.

<sup>180</sup> **Ferreira** [ ? ], antigo militante de base do PCB, que no processo de reorganização do Partido, a partir de 1980, deste se reaproximou, já em idade bastante avançada.

<sup>181</sup> **Cícero Péricles de Oliveira Carvalho** [ ? ] nasceu em Maceió. Economista, escritor e professor da UFAL, foi dirigente do PCB em Alagoas durante a década de 1980. Com a extinção do PCB e a criação do PPS, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores – PT.

<sup>182</sup> **Geraldo de Majella Fidélis de Moura Marques** [1961] nasceu em Anadia, Alagoas. Historiador, foi dirigente estudantil, presidente do diretório acadêmico da Fafima; dirigente em Alagoas do PCB e do PPS. Em 1998 se filiou ao Partido Socialista Brasileiro – PSB. Hoje é dirigente estadual do PSB.

<sup>183</sup> **José Pureza da Silva** [ ? ], alagoano de Pilar. Trabalhador rural, foi um dos fundadores da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil – Ultab e da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura – Contag. Em 1963, foi militante e dirigente do PCB no Rio de Janeiro, e dirigente da Contag. A sua atuação mais significativa se deu no estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no norte fluminense, onde organizou os trabalhadores e criou sindicatos rurais. Em 1964, com o golpe militar, fugiu e se refugiou na Serra de Magé; depois, veio clandestino para o Nordeste, esteve em Alagoas, também clandestinamente, tentando reorganizar o PCB no meio rural. Em 1973, em Pernambuco, atuou no movimento sindical e na reorganização do Partido; foi condenado a dois anos de prisão, por sentença da Auditoria Militar do Recife.

pesares, o de Alagoas ainda era o Partido mais sólido, porque o da Bahia não tinha condições de trazer, nem o de Aracaju.

### **Nem o de Pernambuco?**

Nem o de Pernambuco. Nós tínhamos que trazer o nosso, deixar o de Sergipe e levar o da Paraíba.

### **Vocês também deixavam em Pernambuco?**

Não. A orientação era essa. Não sabíamos qual era a situação de Pernambuco. Pois bem, foi nessa situação que chegou aqui o camarada Pureza. Com a nossa bela experiência, não era só o camarada chegar e se identificar: “Eu sou do Partido” e já ser colocado dentro do Partido. Então eu disse: “Camarada, agora você vai ficar ligado somente a mim, até que chegue o seu *curriculum*, até que chegue a sua situação. Você sabe que esse é o comportamento correto”. Por aqui, ele ficou costurando com as nossas linhas, e logo que chegou a confirmação da situação do camarada Pureza, ele foi integrado ao Comitê Estadual do Partido. Claro que ele era um camarada experiente e nos ajudou bastante. Nós o ajudamos também, até que se tornou impossível a permanência dele aqui e ele foi levado para Pernambuco.

### **Que tipo de trabalho ele desenvolvia aqui em Alagoas? Ele atuava no campo?**

Não. Fizemos algumas pequenas pichações e distribuição de material. Ele tinha uma quitandazinha de sobrevivência no mercado e distribuía material. Claro que isso com muita segurança, mas trabalho camponês não chegou a fazer, não.

### **Não havia mais trabalho no campo? Já tinha sido desmantelado?**

É. Não havia mais nada.

### **Há um fato marcante em 66, em 65: a extinção dos partidos PTB, PSP, UDN e a criação da ARENA e do MDB; a criação em 65 e a eleição também em 65, com posse dos eleitos em 66. Como o Partido participou? Nessa época talvez você estivesse na cadeia.**

Para ser franco, nós não participamos da estruturação do MDB. O estado de pânico era generalizado e se os patrões eram proibidos de empregar Rubens Colaço, quanto mais as outras forças. Elas também tinham sido massacradas, nossos aliados todos foram massacrados. Por isso nós não participamos de nenhuma atividade política eleitoral em 1965.

**Mas depois de todo o trabalho de estruturação política, de todo esse período até 84, qual foi a situação dos remanescentes do Partido de 64, quando saíram da cadeia?**

Ah! Nós nos engajamos quando tivemos um mínimo de condições.

**Qual foi a atuação em 70?**

Nós trabalhamos intensivamente para alguns candidatos, como o Zé Costa, que foi candidato em 74.

**E na campanha de Mendes de Barros e Aurélio Viana para o Senado?**

Nas campanhas de Aurélio Viana e Mendes de Barros também participamos intensivamente.

**Quem o Partido apoiou para deputado estadual, federal e vereador da capital?**

Para senadores foi Mendes de Barros e Aurélio; para federal, Djalma Falcão<sup>184</sup> em 70.

**Sebastião Teixeira...**<sup>185</sup>

Sebastião Teixeira nós apoiamos para federal.

**E estadual, quem foi?**

Não me lembro quem foi.

**Ou foi Djalma Falcão para federal, Sebastião para estadual e Davino**<sup>186</sup> **para vereador em Maceió?**

O Eduardo Davino foi o candidato a vereador em Maceió, e me lembro bem do Sebastião Teixeira, que se candidatou a deputado federal; agora não me lembro quem foi para estadual...

**Valter Figueiredo**<sup>187</sup>**?**

---

<sup>184</sup> **Djalma Marinho Muniz Falcão** [1933], advogado, ex-deputado federal e ex-conselheiro do Tribunal de Contas de Alagoas, ex-prefeito de Maceió. Durante o governo de Sebastião Marinho Muniz Falcão foi secretário particular do governador e também secretário de Educação.

<sup>185</sup> **Sebastião Teixeira** [1939], advogado, teve participação no movimento estudantil em Alagoas após o golpe militar. Foi candidato a deputado com o apoio do PCB.

<sup>186</sup> **Eduardo Davino** [1939], funcionário da Petrobras, foi dirigente do Sindicato dos Petroleiros e candidato a vereador. A sua candidatura foi indeferida pelos militares quando faltavam poucos dias para as eleições de 1970. Foi dirigente do PMDB e hoje é filiado ao PSDB de Maceió. Foi militante do PCB.

<sup>187</sup> **Valter Figueiredo** [ ? ], advogado, ex-prefeito de Rio Largo – Alagoas, foi deputado estadual em várias legislaturas e líder do MDB na Assembleia Legislativa. A sua base político-eleitoral era constituída por operários da indústria têxtil, trabalhadores rurais e operários das usinas de açúcar da cidade de Rio Largo; no



Valter Figueiredo, exatamente.

**O Partido estava com esse racha da juventude, que tinha ido para a luta armada; alguns jovens tinham saído de Alagoas, outros estavam doentes e já não queriam mais participar da luta de reorganização do Partido, mas continuavam votando, continuavam comunistas. Qual foi o trabalho desempenhado, como se deu a campanha de 70, seis anos depois do golpe?**

Foi muito difícil. Foi tão difícil que o camarada de maior experiência que nós tínhamos, Renalvo Siqueira, disse que estava cansado e que não contassem mais com ele. O único trabalho que fizemos foi o de contatos pelo interior. Natanael, que era candidato a deputado estadual, ficou muito constrangido porque nós, do Partido, não o apoiamos. Ele foi candidato por conta dele, e nós recomendamos que ele não fosse.

**Pelo MDB?**

Pelo MDB.

**Em que cidade?**

Em Junqueiro. A única coisa que eu fiz foi participar de comícios com ele. Claro! Aí também seria muita cretinice minha ir pedir, num comício dele, votos para Valter Figueiredo. Mas o compromisso do Partido foi cumprido em torno de Valter. O fato de meu irmão ter sido candidato e de eu ter participado dos comícios não prejudicou.

**O Partido participou de organização, pichações de comícios, toda essa atividade eleitoral?**

Claro, claro.

**O que restou da participação do Partido?**

Pichações com as palavras de ordem: “Fim da ditadura” etc.

**Houve repressão?**

Não, não houve. Não chegou a haver nenhuma queda na nossa área.

**Entre 70 a 74, nesses quatro anos – que foram o período de Médici e o começo de Geisel – o Partido continuou somente tentando sobreviver?**

Foi o que eu disse ao último camarada que esteve aqui. Avisei: “Olha, camarada, nós vamos, com muito sacrifício, sobreviver vegetativamente,

---

munícipio há duas usinas de açúcar ainda hoje, mas até meados da década de 1970 existiam duas grandes fabricas têxteis onde trabalhavam quase dez mil operários.

porque a situação é essa; vamos manter com muita cautela o que resta do Partido e esperar que o sol nasça, porque a noite está muito escura”. O camarada concordou. Não significa que nós nos estivéssemos esquivado do trabalho político, mas o trabalho político na ilegalidade só quem tem experiência pode conduzir para sobreviver. E isso nós conseguimos.

**Então, na eleição de 74, participaram com bem mais força, com um contingente menor do que em 70, quando você apoiou José Costa<sup>188</sup>. O pessoal do Partido se enganou na campanha do Zé Costa, não foi?**

O Partido se enganou na campanha do Zé Costa.

**Então a participação da formação do MDB e do PMDB é uma formação esporádica? Por exemplo, Agrimeron, João Teixeira<sup>189</sup>, esse pessoal em 74 participou mais ativamente na campanha do Zé Costa, com trabalho mais direto, de pichação, de comício, de atividade intensa no interior.**

Sim, é isso aí. Foi justamente no surgimento do Agrimeron.

**Em 1978 surgem novas pessoas, inclusive Betinho participando no PMDB, em Anadia. Em 74 ele participou, mas sem muita ligação partidária.**

É. Sem aparecer.

**Sem aparecer e sem ter um trabalho de organização efetivo?**

Isso. Não temos por que afirmar o contrário.

**Durante todo esse período, é o que você que tem para relatar? O máximo que se pôde tirar é isso aí?**

---

<sup>188</sup> **José Oliveira Costa** [1935] nasceu em Palmeira dos Índios. Advogado, e deputado federal durante três mandatos, foi candidato a governador de Alagoas em 1982, sendo derrotado pela fraude eleitoral montada pelo candidato dos militares, Divaldo Suruagy. Em 1985 foi eleito vice-prefeito de Maceió. Em 1986 foi eleito deputado federal constituinte. É o primeiro suplente do senador Renan Calheiros [2002-2010]. Logo após o golpe militar de 1º de abril de 1964, atuou como advogado de presos políticos. A ditadura militar durou 21 anos, e em vários momentos José Costa advogou para presos políticos. Quando se elegeu deputado federal pela primeira vez, em 1974, com 40.278 votos, iniciou a sua ação parlamentar combatendo a violência policial em Alagoas. Foi à tribuna da Câmara e fez um discurso em que denunciou a prisão e sequestro, em Brasília, do militante comunista Laudo Leite Braga, fato relatado pela esposa do preso ao deputado. Foi membro da União da Juventude Comunista do PCB, quando era estudante de Direito no Rio de Janeiro, na década de 1950. Também denunciou centenas de desaparecimentos de presos comuns, já sentenciados pela Justiça alagoana no período compreendido entre 1975 e 1980.

<sup>189</sup> **João Teixeira Filho** [1949 ] nasceu em Anadia – AL. Licenciado em matemática, é professor aposentado da rede pública estadual de ensino. Entrou para o PCB quando era estudante secundarista e ficou vinculado ao Partido até a década de 1980.

Acho que não tem mais nada.

**Esse tempo todo de gravação dá umas sete horas de conversa, mais ou menos. Muito obrigado pela atenção, Rubens. Um forte abraço.**

**FIM**

## ANEXOS

### A NOVILHA<sup>190</sup>

Rubens Colaço

Na cidade de Capela  
Dia vinte de janeiro  
Nove horas da manhã  
No leilão do padroeiro  
Que é São Sebastião  
Deu-se o fato um pouco estranho  
Mas porém que é verdadeiro

Festa de padroeiro  
Diferente é fazer versos  
De uma festa tão bonita  
Para falar da desdita  
De um pobre irracional

Trata-se de uma novilha  
De uns dois anos talvez  
Que nunca veio à cidade  
Veio justo desta vez  
Para ali ser leiloada  
Com zabumba e foguetório  
De assombrar até freguês

Para trazer a novilha  
E amarrar no mourão  
Era causa de dar pena  
Ver tanta judiação  
Dois puxavam, outro espetava  
Com um enorme aguilhão

Até que enfim o pobre bicho  
Sem ter como escapar

---

<sup>190</sup> Uma cópia deste poema me foi ofertada por Dário e Lídia Bernardes, numa noite de boemia, em sua casa de Brasília. Sei que há outra cópia no computador de Ezir Colaço, uma das irmãs de Rubens Colaço, bem como muitas anotações feitas por ela sobre a família Colaço.

Chegou a cabeça ao poste  
Mas sem se acovardar  
Dava coice até no vento  
Quanto mais em quem pensasse  
Dela se aproximar

A valentia da rês  
Foi chamando a atenção  
De peões e de vaqueiros  
Também da população  
Transformou-se em festa à parte  
Neste dia de leilão

Ali já estavam presentes  
Ou começando a chegar  
Fazendeiros, promotores  
E autoridades em geral  
Porém foi Ernande Lopes  
Quem deu início ao falar

Vocês que estão presentes  
Vendo esta maravilha  
Eu sei que por estas bandas  
Vaqueiro velho fervilha  
Ofereço cem mil reis  
Para quem quiser pegar  
Nos peitos desta novilha

O silêncio foi geral  
Do delegado ao doutor  
Quem tinha chapéu de couro  
Sobre a cabeça tirou  
Porém veio um preto velho  
Se dirigiu ao Ernande,  
E deste modo falou

Seu Ernande me adiscurpe  
Eu vi o sinhô falar  
Que vai dá centos mil réis  
Para quem quiser pegá

Nos peitinho ainda virge  
Desse infeliz animal?

Vou sim senhor, o dinheiro está aqui  
É só pegar!

Pois saiba vossa mercê  
Vou lhe fazer a vontade  
Mas como tá a bichinha  
Acho isso uma mardade  
Bote ela no fim da corda  
Pra ela ficar quase sorta  
Que eu num sou véio covarde

Houve um solta não solta  
Houve muita objeção  
Mas porém doutor  
Eustáquio Gomes de Melo  
Benquisto na região  
Mais velho ali na ocasião  
Deu o seu consentimento  
Porém com uma condição

Se não chegar na novilha  
Pode desaparecer  
E também de nossas mãos  
Nada venha receber  
Dou mais quinhentos mil réis  
E ainda dou o caixão  
Se acaso você morrer

Estava ali doutor Horácio  
E major Tota também  
Os dois são Gomes de Melo  
E gente de mais além  
Ernesto da Tinguijada  
Entrou Moreira e Toledo  
Todos pessoas de bem

Todo mundo deu dinheiro  
E dinheiro pra valer  
Cem, duzentos, até quinhentos  
Voltou a aparecer  
Todos estavam curiosos  
Pra ver o que o preto velho  
Intencionava fazer

A soma do arrecadado  
Bem uns três contos ou mais  
O povaréu todo tenso  
De já não aguentar mais  
Quando soltaram a novilha  
O velho vaqueiro ria  
Com a aflição dos demais

Quando a novilha sentiu  
A cara fora do tronco  
Partiu para cima do povo  
Como um elefante louco  
Mas levou uma bruta queda  
Pois o cordame era pouco

Inda fez outra partida  
E outro tombo levou  
Nisto já no pé do tronco  
Uma voz forte ecoou:  
– Estrelinha, aqui sou eu,  
Estrelinha, tenha calma,  
O seu pai véio chegou!

O pobre do animal  
Começou logo a tremer  
E o velho sempre falando,  
Estrelinha, eu vim lhe ver  
Estrelinha ,tenha carma  
Tenha carma, minha bichinha  
Inda não é a vez de morrer!  
Foi chegando, foi chegando,

Falando com o animal  
O silêncio era tão grande  
Que se escutava uma mosca  
Que ali passasse a voar.

Até que enfim conseguiu  
Pegar na sua queixada  
Alisou o seu focinho  
Depois lhe alisou o lombo  
E para que todos vissem  
Apalpou os seus peitinhos

Ouviram-se vivas e palmas  
De todos ali presentes  
Até os homens pagantes  
Todos estavam contentes  
O velho deu uma de quebra  
Pra alegrar aquela gente.

Saiu puxando a novilha  
Como quem puxa um carneiro  
Amarrou-a no pé do poste  
E muito tranquilamente  
Tirou o chapéu da cabeça  
E foi buscar seu dinheiro  
Nisto alguém soltou um grito:  
Este velho é mandingueiro!

Que história é essa, caboclo,  
Doutor Eustáquio falou.  
Você faz mandinga a bicho?  
Num faço não, seu doutô  
Mas vou dizer ao sinhô  
Durmo com ele no lixo  
Sou vaqueiro de nascença  
E conheço meu ofiço.

Tá vendo aquela novilha  
Que ali tá amarrada?



Nasceu nesses braço véio  
Em noite de trovoada  
É fia da vaca Estrela  
Do sinhô muito estimada  
Já foi até levada pra Maceió  
Nas festas de vaquejada.

Já que o sinhô num sabia  
Agora vou lhe dizer  
Sou o vaqueiro mais véio  
De toda essa freguesia  
Curo cabrunco e bicheira  
Nos curral e nas fazenda  
De toda a sua famia.

O sinhô não me conhece  
Nem seus parente também  
Mas o gado dos senhores  
Como acabou de ser visto  
Me estima e me quer bem !

Dito isso recebeu  
O dinheiro que ganhou.  
Do povo se despediu  
E dali se afastou  
Sob os aplausos de todos  
A quem o velho agradou.

## CAMBIRIMBA<sup>191</sup>

Rubens Colaço

Era o início da década de quarenta.

A minha condição de advogado impôs-me viajar a Vila Nova, cidade situada à margem do rio São Francisco, para patrocinar uma causa, da qual não recordo mais o resultado.

No entanto, um incidente bobo iria ficar gravado em minha consciência por toda a vida.

A viagem tinha sido péssima, eu e meu automóvel, um Ford trinta e sete, chegamos pubs de poeira.

Dirigi-me para o único hotel onde seria o único hóspede, apesar do recebimento afável da hoteleira. Não obstante, as suas primeiras palavras deixaram-me liquidado, pois, segundo ela, por displicência do seu fornecedor de água eu não iria ter aquilo por que mais ansiava no momento, que era a ninharia de um banho de chuveiro.

Nunca me deixei amofinar por pouca coisa, nem iria fazê-lo desta vez.

Saí para a calçada e por sorte passava um garoto destes que pela aparência se prestam a fazer pequenos serviços. Chamei-o e fiz-lhe a proposta: caso ele conseguisse uma lata de água seria bem pago e eu ficaria agradecido.

O garoto prontificou-se e pediu quinze minutos de prazo.

Já saboreando o prazer do meu banho, sentei em uma cadeira de balanço que ali havia e fumei um cigarro, enquanto a boa dona Maroca botava ordem nas coisas, sob o olhar distraído de um garoto que folheava velhos números da revista Noite Ilustrada.

Olhei o relógio, já iam completar os quinze minutos e o garoto não chegava; entretanto, quando levantei a vista, ali vinha ele, com um pau no ombro e uma lata de querosene pendurada em cada uma das extremidades. Quando ele arriou sua carga na calçada, fui verificar se as latas estavam cheias e fiquei convencido de que o peso era demais para uma compleição física como a dele.

Dona Maroca mandou que ele despejasse a água no tanque do banheiro e recomendou cuidado para não molhar a casa. Dali ele levou sobre a cabeça uma lata de cada vez. Já me dispunha a pagar, quando dona Maroca pediu para quer ele trouxesse mais duas latas, no que o garoto aquiesceu. Já havia tomado o meu banho quando o garoto chegou com a sua carga.

Abri a carteira e a menor cédula que encontrei foi de cinco mil réis. Não é que o trabalho executado valesse a importância, mas a presteza e a disposição

---

<sup>191</sup> Este conto me foi entregue por Ezir Colaço. Ignoro se foi publicado em revistas ou jornais.

do garoto sensibilizaram-me, e depois o dinheiro sobre as suas mãos, pequenas e caledadas. Ele olhou para o dinheiro e depois para mim e perguntou quanto deveria tirar pelo seu trabalho; depois, fez ar de admirado quando eu lhe disse que não queria troco, pois seu trabalho tinha valido os cinco mil réis.

Dona Maroca, que presenciava a conversa, criticou-me dizendo: “Olhe, doutor, isto não se faz; depois estes maloqueiros ficam acostumados e por uma ninharia de serviço querem receber uma fortuna.”

O garoto, que já ia saindo, ouviu o que a hoteleira disse, voltou como uma fera e falou: “Olhe aqui, dona moça, maloqueiro é esse seu filho, ou não?”

– Eu trabalho dez horas por dia, e quanto aos cinco mil réis a senhora pode ficar com eles, para aliviar suas mágoas no inferno.

Dito isto jogou o dinheiro sobre a mesa e foi saindo. Segurei-o pelo braço e enfiei a cédula no bolso de sua calça curta e disse: “Escuta, menino: quem mandou você botar água fui eu e quem disse que lhe pagaria bem também fui eu. Portanto, aceite o dinheiro, pois um garoto como você não deve ser malcriado.” Ele me respondeu com um “obrigado, doutor” entre os dentes e foi embora.

“Qual, doutor, este aí não tem jeito não”, disse dona Maroca, não é à toa que chamam ele de Cambirimba

Jantei, descansei um pouco e fui estudar o processo, pois a noite estava quente demais. Só depois que a luz deu sinal para apagar, o que significa que faltavam quinze minutos para meia-noite, pelo menos esta era a regra nas cidades do interior, é que larguei os papéis e graças a Cambirimba fui tomar outro banho para dormir.

No dia seguinte tive uma surpresa que me agradou bastante, pois quando olhei o carro, notei que tinha sido lavado, e não se via uma mancha em canto nenhum. Perguntei a dona Maroca quem o tinha feito, ela respondeu que só poderia ter sido Cambirimba.

Comecei a interessar-me pelo garoto e até perguntei como poderia encontrá-lo. Fui informado pelo filho da hoteleira que ele trabalhava de servente de pedreiro na construção do mercado público.

Estava mesmo disposto a procurá-lo, não sendo necessário, pois me encontrava conversando com o tabelião, em frente ao cartório, quando passou um garoto com uma folha de zinco na cabeça e pela boina de crochê reconheci ser Cambirimba.

De qualquer maneira já estava da saída, despedi-me do tabelião e o acompanhei. Enquanto isto, chegamos à porta do hotel. Despedi-me de

Cambirimba e disse-lhe que em três meses voltaria à Vila Nova e queria que ele lavasse meu carro novamente.

Noventa dias depois, como havia planejado, voltei à Vila Nova e a primeira notícia que pedi foi sobre Cambirimba.

“Qual, doutor, não sei como um homem do seu valor se preocupa com um traste daquele. Pois não sabe o que fez? Depois de quase matar o pobre do velho do coração, ainda sumiu de casa e da cidade, sem deixar nem rastro. Se o pobre do velho adoecer é capaz de morrer sem ter quem lhe dê um copo d’água.”

“Ora, ora – comentei, que andou fazendo Cambirimba pra arrumar esta confusão toda?” – “Não sei, nem ninguém sabe, só ele e o velho”, respondeu dona Maroca.

Logo que terminei meus afazeres, me informei e consegui localizar a casa do pai de Cambirimba. Bati à porta e fui recebido por um velhão de aparência rústica, mas que me recebeu muito polidamente, mandou-me entrar e desculpou-se por não ter uma cadeira digna para que eu me sentasse, enquanto me indicava um tamborete de quatro pernas e sentava-se em outro. Depois, perguntou em que podia me servir.

“Bem, seu José” –, disse eu, – “vim aqui para o senhor dizer o que houve com Cambirimba.” “O senhor, pelo visto, não é dessas bandas, pois se fosse não fazia semelhante pergunta. Será o senhor o doutor que ele não se cansava de gabar de que agora tinha um amigo de verdade?”

–Exatamente, e por isso estou preocupado com o que aconteceu.

– Bem, doutor, em parte a culpa é minha, isto eu reconheço, pois ensinei coisas demais a ele, transmiti muita coisa que só deveria ter feito quando ele fosse rapaz, com senso de honra, senso de honestidade, soubesse que tipos de amigos escolher, e muitas coisas mais. Consequentemente ele é um menino que raciocina como homem, a ponto de quando ele foi embora ter me dito uma coisa que desde aquele dia me tira o sono.

– E o senhor pode me dizer o que ele lhe disse e por que disse?

– Posso, porque estou convencido de que meu filho é uma criança e me deu a maior lição de moral que já recebi até hoje.

O que ele disse foi que sem eu ser bom pai não tinha o direito de exigir dele que fosse bom filho, e a razão foi este desgraçado deste bote que ele fez e eu quebrei e este rebenque que fiz para dar-lhe uma coça.

Olhei para as mãos do velho e vi um instrumento que nem em cavalo seria recomendável usar, e em um canto da casa, a folha de zinco que fora o bote de Cambirimba, toda furada a golpes de machado.

Sem dúvida nenhuma o velhão estava acabrunhado pela ausência do filho, mas mesmo assim me aventurei a perguntar por que ele ainda guardava o instrumento, se já estava arrependido?

Guardo-o, disse o velho, para no dia em que meu filho voltar para casa ele mesmo jogá-lo no fogo. Depois pediu, rogou: “Doutor, por favor, se souber de alguma coisa me diga, pois mesmo ciente que ele sabe se cuidar, sou obrigado a me lembrar que ele só tem treze anos e é muito pouca idade pra enfrentar sozinho este mundo tão cheio de perversidades.”

“Bem, seu José, pelo visto o senhor está disposto a tudo para reaver seu filho. Se assim for, vou lhe fazer uma proposta.”

“Pode fazer, doutor, pode fazer respondeu o velho, entusiasmado.” A proposta é a seguinte: “O senhor é carpinteiro, não é verdade?” “Sou”, afirmou ele.

“Pois bem, vou lhe dar o dinheiro necessário para a compra do material e quando eu chegar aqui com o Cambirimba, quero encontrar um bote bonito e bem-feito, inclusive com vela, pois isto eu vou prometer a ele no dia em que o encontrar. Ele pode pensar como homem, mas é uma criança.”

O velho se comprometeu a fazer o bote o melhor que pudesse, porém não aceitou nenhum dinheiro. Despedimo-nos, e ao fazê-lo notei que aquele não era o velho acabrunhado que tinha me recebido.

Dali em diante, passei a recomendar em todas as cidades por onde passava que detivesse um garoto com as características que eu ia descrevendo em cada localidade e recomendava para avisá-lo que o doutor Ulisses Salustiano é quem pedia para ele o esperar ali. Naturalmente deixava também o meu endereço por onde passava.

O tempo passou mês após mês, enquanto minhas esperanças iam escasseando. Já haviam passado cinco meses e mais uma vez eu tinha ido a Vila Nova e visitara o velho, que já tinha cumprido a sua parte do nosso trato.

Lá estava um bonito bote, duas vezes maior que o primeiro, uma pequena vela, leme e até estrado, muito diferente mesmo do primeiro, que não passava de um cocho, no entanto o que mais me sensibilizou foi o nome aberto no costado e na popa, em letras de forma – CAMBIRIMBA.

Despedi-me do velho, prometendo que iria duplicar meus esforços, mas a mim mesmo ia prometendo triplicar, pois aquele coração velho do pai talvez não suportasse mais outra decepção.

Naquele sábado saí de Aracaju com um programa traçado, incluindo a visita a uma fazenda localizada em Pacatuba, um encontro político em Japoatã e uma audiência em Propriá, na segunda-feira.

Em Pacatuba deixei o carro no arruado e dirigi-me a cavalo para uma contagem de gado de um constituinte que andava em maus lençóis com o Banco do Brasil.

Quando voltávamos, mesmo de longe notei um tipo sentado no estribo de um carro. Comecei a pensar quem poderia ter a ousadia de sentar ali.

Quando nos aproximamos mais um pouco, suspeitei, e depois de apurar a vista constatei, esporeei o cavalo, deixei para trás meu constituinte e o procurador do Banco, que mesmo sem compreenderem o meu gesto, nada lhes despertou a atenção.

E qual não foi a surpresa de encontrar ali aquela criatura tão desejada. Ao aproximar-me do garoto, sem poder esconder a minha alegria, fui logo lhe dizendo do propósito de recambiá-lo ao seio do velho, ao que Cambirimba rejeitou terminantemente.

“Pois bem, seu moleque” – disse eu firmemente, “você vai voltar comigo e é agora, só que primeiro você vai me contar o porquê desta rusga entre você e seu pai.”

“Ah, doutor, isto não, rusga com meu pai nem ver; eu é que não presto mesmo. Agora, que a culpa é minha, lá isto foi, quer ver? Escute o que vou lhe contar”. E começou.

“O senhor lembra-se da folha de zinco que eu disse que ia fazer um bote? Pois bem, fiz o bote, meu pai não concordou, mas eu só podia brincar com ele aos domingos e sob as vistas dele, isto enquanto durava o banho, e note o senhor que aquele era o meu único brinquedo, e desde que me lembro nunca tive outro.

“Felizmente naqueles dias terminaram a construção do mercado e começaram a construir uma fábrica de arroz ali em Ponta de Areia, que parece mais uma ilha entre a Lagoa do Serrão e a Lagoa do Puchim.

“Logo na primeira semana me lembrei do bote. Ali, fora das vistas do velho, poderia brincar o tempo que quisesse. Comecei a bolar uma maneira de trazê-lo e o único jeito que descobri foi pelo rio mesmo. O problema era o

velho não saber, e eu não tinha coragem de lhe mentir, por isso, deixei o bote duas semanas na casa de um amigo meu e me fiz de enjoado dele. Meu pai parece até ter achado bom o meu desinteresse.”

“Certo domingo, disse ao mestre da construção que iria viajar sozinho, pois era pela fazenda Betume. Ele apenas recomendou que eu chegasse na hora.

“Naquele dia disse ao meu amigo que deixasse o bote na lagoa da Cambraia e assim cumpriria meu plano como pretendia, sem mentir a ninguém.”

“À meia-noite peguei meus picuás, despedi-me do meu pai, que me botou a bênção, desejando-me boa viagem.

“Para falar a verdade, seu doutor, tive vontade de desistir, pois seriam nada menos de quinze quilômetros rio abaixo e mais dezoito do Puchin acima, e eu só conseguiria chegar na hora se pegasse maré de enchente lá na embocadura do riacho, e se também aquele troço não virasse. Mas não desisti; meu pai mesmo dizia que homem que é homem quando decide uma coisa, faz.

“O São Francisco estava à meia enchente e a viagem começou maravilhosa. Vento, praticamente não havia, e logo que meus olhos se acostumaram ao escuro, procurei o meio do rio para evitar os remansos. Olha, doutor, que prazer imenso, eu sozinho no meio daquele rião, em cima da minha folha de zinco, ninguém no mundo naquela hora estava mais feliz que eu!

“Não fosse ter me virado para contemplar o morro do Aracaré, com sua crista de bambus balançando ao vento sob a escassa luz, certamente teria passado da desembocadura do riacho Puchin.

“Outra boa surpresa me aguardava no riacho, o rio enchendo e a maré enchendo, fazia com que o Puchin corresse ao contrário, quase aos borbotões.

“Só depois de muito navegar riacho acima, senti a primeira sensação de medo, pois o quebrar da barra deixou tudo escuro como breu.

“As aningas que margeavam o riacho estavam se transformando em espantalhos monstruosos e, para completar, quando tentei remar, bati em uma pedra. Ora, ali poderia ter tudo, menos pedra; em seguida um abalo no bote me fez acreditar que não fora uma pedra em que o remo topara. Apesar do medo que me possuiu, fui obrigado a botar os remos dentro da água para dar um pouco de estabilidade ao bote.

“Meus pressentimentos maus atingiram profundamente o meu orgulho, pois comecei a tiritar e bater o queixo, mas não era frio e sim medo. Se fosse

um jacaré, poderia me arrancar um braço com uma dentada, o bote virava e ele com seus irmãos, que na certa estariam por ali, fariam uma bruta festa. Se fosse um surubim, poderia em uma rabanada não só virar, como desmanchar o bote e as piranhas, que ali não faltavam, fariam sua festa da mesma maneira. A tremedeira obrigou-me a morder um bolo de pano que fiz com a fralda da camisa. Os olhos, eu os mantinha abertos, embora nem soubesse com que finalidade.

“A sombra de uma árvore provou que mesmo sem remar eu continuava viajando riacho acima em boa velocidade.

“O tempo começou a melhorar, e meu estado de ânimo também. Quando saí da sombra dos aningais o dia clareou de repente. Olhei em frente e vi o pé da serra de Pacatuba, e à direita, aquele gigantesco pé de tambor que nós passávamos em baixo quando íamos para Vila Nova.

“Tive uma vontade enorme de gritar assim: “Cheguei, minha gente!” – mas a boca ainda estava entupida com a camisa. Também não adiantava, pois não tinha quem ouvisse. Somente então olhei para dentro da água e o medo voltou, pois quatro brutos papos-amarelos me faziam companhia e eu não sabia desde quando. Era bem possível que um daqueles tivesse sido a vítima do cascudo lá dentro do aningal.

“Ali já o riacho se confundia com a lagoa, e na primeira oportunidade que eles deram, ficando mais longe, desviei-me rápido para a lagoa, onde eles não gostam de entrar, pois as plantas aquáticas dificultam seus movimentos.

“Quando cheguei ao acampamento ninguém acreditou em minha história, e por incrível que pareça eu tinha chegado primeiro que o mestre Saturnino e seu companheiro de viagem, que conhecia o bote e afirmou que tinha me visto na saída do cinema da Vila.

“Ah, seu doutor, como eu tinha me enganado, pois o mestre se dizia procurador de meu pai e também não me deixou brincar com o bote, alegando que naquela época a lagoa estava infestada de piranhas. Para minha felicidade eu não tinha contado minhas peripécias com os jacarés e arranjei permissão do mestre para voltar com meu bote no sábado seguinte.

“Assim fiz, porém logo de saída pressenti que tudo que me fora favorável na vinda, seria adverso na volta, pois o rio São Francisco continuava enchendo e o riacho correndo para cima.

“Com as mãos estouradas de calos, consegui vencer os dezoito quilômetros do riacho, porém ao chegar à fazenda Betume senti que não conseguiria chegar à Vila Nova remando contra a correnteza do rio. Quando já procurava



a maneira mais honrosa de desistir, observei que a Lisboeta ia largando do porto do Betume, carregada de arroz. Pensei comigo: se o piloto for seu Pedrão, não vai ligar, mas se for o “Papa-Rato”, ele me reboca até a Vila. Pensando nisso, abri um pouco para o meio do rio, onde ele era obrigado a passar por perto de mim. Tal como eu pensei, o piloto era “Papa-Rato”, de quem eu já tinha sido cobrador de prancha em uma festa de Bom Jesus dos Navegantes, e este logo me reconheceu, graças a esta boina que eu sempre uso.

– Ô Cambirimba, gritou ele, que diabo estás fazendo aí, amarelo desgraçado? “Vou para a Vila”, respondi. A esta altura ele já havia ferrado o pano de popa e largado a escota de proa. “Qual nada, infeliz, bota esta porcaria aqui dentro e vamos viajar!”

– Isto, não senhor; se quiser me rebocar, eu aceito; se não, até logo.

– Ô Cambirimba, tu não sabe que este troço não vai aguentar a velocidade dessa canoa?

– Pois bem, se não aguentar, afunda; aí eu pego a beirada a nado e vou embora a pé; porém, se isso não acontecer, chegaremos à Vila, você passa bem dentro do ressaco da banca de peixe e, quando eu mandar, você corta a corda, está certo?

–Está certo, seu teimoso, lá vai a ponta da corda. Vou arriar um traquete de cada vez.

“E lá vamos nós, em um pano só. A coisa até que não ia mal, porém quando caiu o pano de popa... o botinho começou a querer sair da água e eu comecei a me encabular com as risadas do “Papa-Rato” e o proeiro, que chegavam a cair por cima da cana do leme.

“Com um pouco de sacrifício consegui estabilizar o bote mantendo as duas palhetas de remo junto ao costado, feito um par de asas e comecei a viajar tranquilo. Cheguei até a gritar para “Papa-Rato”: “Estão vendo, seus bananas, assim é que se navega!”

“E lá vou eu, feliz da vida, as corredeiras do morro do Aracaré não criaram maiores problemas, e eu já saboreava o prazer de encostar placidamente, de frente à banca do peixe, e depois de mostrar minhas mãos estouradas e inchadas, dizer que estava chegando de Ponta de Areia.

“Quando a Lisboeta cruzou os panos em frente à banca, Papa-Rato gritou: ‘E agora, Cambirimba?’. Ao que respondi: ‘Corte a corda!’

“Em um piscar de olhos eu estava sozinho na flor da água, o bote mergulhou de proa e sumiu como por encanto. Em face da surpresa, ainda engoli três bons goles de água

“Passado o susto, lembrei-me que o bote tinha um cabaço de sinalização para um caso daquele, e a corda que o segurava tinha nada menos de quatorze braças, e ademais... pluft... o cabaço apareceu na tona, bem ali no meu nariz. Passei a corda nos dentes e nadei para a Margem, que não estava longe. Os espectadores riam demais, mesmo assim me ajudaram a resgatar o bote.

“Só fiquei surpreso porque todos sabiam que eu vinha de Ponta de Areia e bem assim que eu tinha ido de bote. Se todos sabiam, lógico que meu pai também tomara conhecimento e certamente eu estava metido em camisa de onze varas.

“Botei o bote na cabeça e rumei para casa. Ao me aproximar, Zé Viola, bêbedo, veio ao meu encontro e falou: “Escuta, Cambirimba, se tu for para tua casa, teu pai vai te matar de uma surra.” Respondi que ele podia, pois era meu pai. Fui em frente sem dar atenção a ninguém, porém já tinha resolvido não apanhar mais de meu pai, nem de ninguém, e se o senhor conversou com meu pai, sabe o resto da história.

“Sei sim”, afirmei, “mas seu pai prometeu a mim e eu prometo a você, seu pai não vai mais lhe bater, nem agora nem nunca. Mas que você mereceu, lá isso mereceu. Então, vai ou não vai?” “Vou sim senhor”, respondeu Cambirimba, “se o meu pai disse que não bate, não vai mesmo bater, pois ele é homem de uma palavra só”.

Dei última forma nos demais compromissos, despedi-me do pessoal e fui levar Cambirimba em casa.

Fiz questão de deixar o carro no hotel e saí conversando com Cambirimba pelo meio da rua. A verdade é que eu estava querendo sair exibindo o meu troféu. Era uma tarde de domingo e havia muita gente na praça, e todos ficaram curiosos pela confiança que eu dava ao moleque. Cambirimba tomou a minha frente e se dirigiu à porta que estava aberta e eu pensei que ele fosse entrar correndo, à procura do pai; enganei-me, pois ele chegou, tirou a boina de crochê, bateu na porta com os nós dos dedos. Eu estava estupefato. O velho apareceu, olhou para mim e depois para o filho, que pronunciara firmemente: “A bênção, meu pai.” O velho abençoou e logo mostrou o bote que tinha feito e disse: “Este, meu filho, fui eu que fiz para você.”

Novamente fui surpreendido, pois esperei que Cambirimba ia esquecer o pai e a mim e se dedicar ao bote. Não ocorreu; ele apenas olhou-o ligeiramente e disse que não o queria.

Olhou para mim e para o pai e disse: “Meu pai, vou lhe fazer um pedido e o doutor vai ser testemunha. Do senhor só quero uma coisa: por favor, faça de mim um bom filho.”

“Em suma, meu filho”, disse o velho, “você está dizendo que eu seja para você um bom pai e eu o serei, e também tomo o doutor como testemunha.” Disse e se abraçou ao filho.

Esperei que o abraço se desfizesse, o que não aconteceu. Ouvi um soluço, depois outro, notei que partia do menino, e mais, o velho me virou as costas, certamente para que eu não visse suas lágrimas. Pressenti que duas almas gêmeas tinham se reencontrado, e pelo visto, depois de uma longa separação. Logo me considerei um intruso naquela humilde vivenda.

Estava satisfeito comigo, não me lembrava se alguma vez eu fizera uma boa ação despida de interesse, porém daquela eu me lembraria sempre.

Saí pensando: feliz o pai que consegue se transmitir tão completamente ao filho, pois a prova estava ali. O velho José havia conseguido este milagre, havia se transmitido completamente ao seu filho caçula, corpo e alma estavam ali para provar.

Só então me recordei de que não sabia o nome do garoto. Mesmo assim, disse com meus botões, certamente algum dia serei pai de um menino, e como gostaria que fôssemos tão pai e filho como velho José e o seu...é isto mesmo. Pode parecer estapafúrdio o filho de um advogado com este nome, mas quando ele nascer seu nome será CAMBIRIMBA.

## LIGEIRA<sup>192</sup>

Rubens Colaço

Aquele já era o terceiro ano consecutivo em que não chovia uma gota d'água no sertão pernambucano.

Nunca consegui compreender o agarradio de meu pai com aquela terra. No fim do segundo ano de seca já poucos vizinhos nos restavam. Vizinho é maneira de dizer, pois lá se trata assim aquele que mora em nossa periferia, que vai de um a seis quilômetros.

O velho tinha fama de aguerrido, mas as poucas palavras que dizia, ou melhor, os resmungos, davam para entender que ele não estava disposto a aturar por muito tempo aquela miséria em que estávamos vivendo.

Para ele deveria ser penoso, pois tenho certeza, compadecia-se de mim, nos meus miseráveis onze anos. Eu também me penalizava dele nos seus cansados setenta anos.

Nossa sobrevivência era precaríssima, pois como alimentação tínhamos um pires de angu de caroço pela manhã e um cuscuz de duzentos gramas ao anoitecer. Aquilo já vinha assim há quase um ano, pois o que ganhávamos só chegava para comprar aqueles dez litros de milho em caroço.

Sempre que o velho arrancava um broto de macambira e olhava as raízes, eu ficava esperando que ele dissesse que era para arrumarmos os malotes e irmos embora, o que não acontecia. Por fim minhas esperanças se desvaneceram e a culpa foi daquele tipo que meteu na cabeça do velho que ele devia fazer carvão, pois pagaria dois mil réis por saco posto na estrada, tantos nós fizéssemos.

Foi o bastante. Meu pai se comprometeu a entregar cem sacos nas próximas três semanas, se o tipo lhe adiantasse quarenta mil réis, e assim foi.

Daquilo eu gostei. Naquele dia fomos a Santa Cruz na jumenta preta e, depois de comprar as ferramentas, bastante milho e feijão de corda, ainda comprou meio quilo de charque. Depois me deu uma tapinha nas costas e disse: “Está vendo, filho, isso é só para você.” A minha boca encheu-se de água, pois fazia mais de um ano eu não comia uma felpa de carne.

O carinho do velho certamente me deixou dengoso. Aí puxei na fralda da sua camisa e mostrei a grade de rapadura e o saco de farinha de mandioca. O

---

<sup>192</sup> Não tenho certeza se este conto foi publicado. Também me foi dado por Ezir Colaço.

velho levantou o chapéu de palha da minha cabeça e perguntou: “O que tu quer, Corumba?” Não respondi, mas ele compreendeu, tanto assim que comprou dois litros de farinha e pediu duas rapaduras das grandes e depois comentou com o dono da bodega.

“Está vendo? Isto é o que acontece com sertanejo que casa com moça Corumba: os meninos já nascem gostando de farinha e rapadura.” Corumba era como o velho tratava todo aquele que não fosse sertanejo. Eu, no entanto nascera ali na trempe, Serrote da Cauã, Serra velha e Serra das Barracas. Mas pelo ato de gostar de rapadura e farinha de mandioca, vez por outra o velho me chamava de corumba.

Lá íamos nós. Meu pai me botou no meio da carga, mas logo que saímos de Santa Cruz eu pedi para ele me descer, queria ir a pé, pois no dia seguinte a pretinha ia trabalhar muito e ainda tínhamos cinco léguas para andar. O velho concordou. “Olha, filho, fica sabendo que jegue é sertanejo e nunca morreu de magro.”

Não levei em conta o comentário do velho e saltei do meio da carga. Já tinha anoitecido e meu pai, ao que tudo indicava, estava feliz da vida. Prova disso era aquela loa que ele gostava de cantar; aquilo não tinha pé nem cabeça, não tinha música fixa nem ritmo e era assim: “Eu ia para o Noé, encontrei um bodão mocho, com um chocalhão no pescoço, no meio do caminho em pé, eu lhe fiz um rapapé para ver se o bodão corria, ele abriu uma dentaria com o quem queria me morder, – eu corri pra me valer da Conceição de Maria.”

A estrada fazia curvas que se desmanchavam logo após, para outras aparecerem. O velho, para variar, parava de cantar e assoviava para começar tudo novamente.

Quando meu pai estava assim, eu o achava bonito, sim, ele era um velho bonito quando estava alegre, e eu sentia orgulho quando ele passava a mão na minha cabeça e me chamava de “meu maxixe de ponta de rama.”

O que eu ia pensando logo que cheguei fui cuidando de executar, pois eu tinha que comer uma farofa de charque naquela noite. Quando descobri que o pote estava seco, o velho fez aquele ar de consentimento, pois notou que eu queria ir buscar água. Sem mais conversa saí correndo pela porta com o pote na mão. Tinha que andar uns quinhentos metros até o leito do rio Capibaribe, isto eu fiz num minuto, no entanto fiquei triste quando notei que a cacimba estava a zero; para adquirir meu potinho de água ia ter que esperar uma hora. Sentei-me na beira da cacimba e fiquei esperando, afinal de contas eu já estava habituado.

De repente ouvi um gemido; meus cabelos se arrepiaram, porém não corri; depois, outro que pareceu um ganido, depois outro e mais outro. Ali perto tinha uma moita de jaramataia e os ganidos vinham de lá.

Com todo medo de que estava possuído me aproximei; a princípio temi que pudesse ser um cachorro doido, mas depois me lembrei que o velho dizia que cachorro doido não faz zoadas, só faz correr e morder, e se aquele estivesse doido podia ter me mordido, pois eu já havia passado ali.

O resto de claridade da lua que já procurava o ocaso permitiu-me ver aqueles dois grandes olhos sobre aquela cabaça que parecia enorme. O resto do corpo não consegui enxergar. Aqueles olhos e aquele gemido pareciam dizer-me: Dê-me o que comer!... Dê-me o que comer!...

Voltei para a cacimba, deixando ali aquele bicho asqueroso com a sua fome; no entanto, não consegui fugir de meus sentimentos de menino, eu tinha que dar comida àquele animal. O problema ia ser o velho meu pai, pois ele nunca me deixou criar um cachorro, nem tomar estima por bicho nenhum, pois, segundo ele, bicho que a gente estima, quando morre de fome leva um pedaço da gente.

Enchi o meu potinho de água e fui embora ouvindo o ganido daquele bicho nojento, que veio me tirar da boca o gosto do charque com farofa que eu vinha remoendo desde Santa Cruz.

Quando cheguei em casa meu pai cochilava ao pé do fogo que ele havia acendido, até perguntou se eu tinha encontrado a cacimba cheia, tão ligeiro eu tinha voltado. Certamente meu pai dormira sem pressentir, pois os tições de baraúna estavam cheios de cinza e já fora das trempes.

Não respondi e tratei de preparar a comida. Botei o charque para escaldar. Não é que fôssemos luxentos, mas com a água do charque eu ia fazer um pirão para aquele bicho, só estava querendo que meu pai não notasse e viesse me fazer perguntas.

Tudo correu como eu tinha calculado: o pobre velho estava cansado demais, terminamos a refeição e ele logo caiu na sua rede, antes mesmo de terminar seu cigarro de palha. Era isto que eu estava esperando. Levantei-me, botei farinha na água em que havia escaldado a carne, botei tudo em uma banda de um pote e saí correndo para o Capibaribe.

Logo que descí a ribanceira ouvi o gemido e para lá me dirigi. Botei a banda do pote bem no focinho do bicho e não senti medo quando ele veio se arrastando tirar a primeira bocanhada.

Na verdade eu não esperava que o bicho comesse nem a metade daquele pirão, pois eu tinha posto quase um litro de farinha. Como me enganei! O bicho comeu, comeu, até lambeu a vasilha. Fui na cacimba trouxe água e ele bebeu, depois olhou para mim, que também o olhava, e virou a cabeça de um lado para outro.

Na realidade eu não compreendi, mas disse comigo mesmo: “Bem, cachorro, se você morrer, eu não tenho culpa, pois o que eu tinha lhe dei.” Ele não ganiu nem gemeu mais. Eu fui embora, já com um bruto sono e tive medo que meu pai se acordasse e desse pela minha falta na rede.

O velho não acordou nem uma vez, pois não se mexeu; do jeito que se deitou, ali estava. Eu que também estava com muito sono, logo deitei e dormi, pensando em acordar cedo e ir no rio olhar de perto aquele coitado.

Qual não foi a minha surpresa ao acordar de manhã com os latidos de um cão em nosso terreiro! O meu espanto só foi superado pelo do velho, que se levantou igual comigo e quando viu do que se tratava apenas perguntou: de onde inferno poderia ter vindo semelhante traste? A sua surpresa aumentou quando eu saí ao terreiro e o bicho me lambeu dos pés à cabeça, e ele que não precisava que ninguém lhe ensinasse nada sobre bichos do sertão, simplesmente me botou para dentro e exigiu que eu lhe contasse tudo.

Contei tudo tal como o velho exigia e, como notei que ele estava com pena de mim e da cadela, antes de terminar pedi-lhe que me deixasse ficar com ela. O velho olhou para mim, depois para a cadela e falou. –Vou deixar porque ela é uma cadela sertaneja e se está nesta situação é porque os sem-vergonha dos retirantes que eram donos dela comeram tudo o que ela caçava, pois cachorro sertanejo não se deixa morrer de fome.

Num piscar de olhos eu já tinha tudo pronto para subirmos a serra, pois segundo meu pai era lá que íamos fazer carvão, e era exatamente ali que havia mais abundância de madeira e chão fofo para cavar a caieira.

Logo que chegamos metemos mão à obra. A madeira era boa, muita catingueira, catinga branca e muita aroeira morta. Segundo o velho ali faríamos bom carvão. A cachorra, coitada, de carne só tinha a língua, mas não parava, ia em cima e em baixo numa rapidez que era de se ver, e ali mesmo ganhou o seu nome – LIGEIRA.

Quando o sol começou a alumiar os dois lados da Serra Velha, dava gosto se ver o trabalho que já tínhamos feito. A área onde seria a caieira já estava limpa e demarcada e já começávamos a cortar madeira. A barriga do velho

ferveu primeiro que a minha e foi ele quem foi buscar o bode na mochila que estava pendurada lá no pé de imburana.

Meu pai foi quem deu pela falta da cadela. Só então me recordei que já perdera um cachorro deixando ele ir embora bestamente. Chamei-a umas duas ou três vezes. Meu pai chamou a minha atenção que ela não atenderia por aquele nome, pois ninguém a tinha chamado assim ainda. Se entendeu o nome, lá isso eu não sei, mas o que posso afirmar é que minutos depois ela chegou arquejando o esqueleto e soltou nos meus pés um bruto preá que trazia na boca. Com aquela ação Ligeira consolidou o seu nome e seu prestígio, e foi meu pai quem mandou tratar o preá e dar logo à cadela as tripas e a cabeça do bicho, e assim fiz.

Os dias foram passando sem maiores novidades, até o dia de ascender a caieira, mas por infelicidade, meu pai mal conseguiu terminar de cobrar, pois a poeira fez com que ele tivesse um ataque de asma tão forte como nunca tinha visto ainda.

A pretensão do velho era ficar ali tomando conta da queira da caieira, mas logo viu que não iria poder, ensinou-me o que fazer, era só ter cuidado para, sempre que aparecesse fumaça ali em cima, tapar ligeiro, pois se assim não fizesse, quando abrisse a cova, em vez de carvão, só encontraria cinzas. Eu ia ter que descer com ele até em casa e voltar, para vigiar a caieira durante a noite.

O velho chegou em casa já a vela e a remos, como ele dizia, pois mais de uma vez teve que sentar nos lajeiros ou encostar-se no meu ombro. Felizmente nunca nos faltavam as milagrosas flores de trombeta das azuis, de que ele se servia como defumador, para que depois de aspirar algumas baforadas de fumaça já conseguira dizer algumas palavras. Recomendou-me muito cuidado para que eu não me afastasse da caieira, nem deixasse o lume do facheiro se apagar.

Depois de tantas recomendações criei coragem e pedi para que ele consentisse em que eu levasse a minha espingarda de cano de guarda chuva e prometi de antemão que não botaria nem mais um grão de pólvora que a casca de bala de trezentos e oitenta e que também não apertaria muito a bucha do chumbo. O velho vacilou um pouco antes de fazê-lo, fez com que eu promettesse que não iria atrás de Ligeira, caso ela acuasse algum bicho.

Prometi o que meu pai pediu e fui logo buscar a espingarda com o cano bem enrolado com arame fino, o que era meu orgulho e a inveja dos meninos da minha idade. Acendi uma longa vara de facheiro, pedi a bênção a meu pai e botei os pés no caminho.



A noite já havia tomado conta do vale do Capibaribe, um resto de claridade só conseguia atingir a crista da Serra Velha, e eu teria de ir até o outro lado, o que daria uma légua bem medida.

Embora aquela fosse a primeira vez que eu ia enfrentar a serra à noite e sozinho, não senti nenhum medo, pelo contrário, até senti orgulho quando, logo de saída do terreiro, Ligeira tomou a minha frente e meteu-se mato adentro.

Meti-me serra acima sem titubear. Ligeira, por sua vez, aparecia logo mais, e assim chegamos à caieira, que soltava um grosso rolo de fumaça pelo suspiro. No resto tudo ia normal, pois meus olhos de entendido assim constataram.

Acendi uma fogueira como meu pai havia recomendado, pois aquilo afastaria cobra ou outros intrusos que por acaso houvesse; depois improvisei uma cama com ramos de pereira e me recostei, embora não tivesse intenção de dormir. Não sei quanto tempo consegui ficar acordado. Sobressaltei-me com minha falta de vigilância: e se a caieira tivesse incendiado ou se meu pai chegasse ali e me encontrasse dormindo?

Fui ligeiro dar uma olhada na caieira, que felizmente estava tão bem como no princípio da noite, e só então notei que havia lua no céu, aliás uma bonita lua de quarto minguante.

De repente um latido longo rompeu o silêncio da noite, depois outro e mais outro. Depois as sequências naturais de latidos como quando um cachorro acua algum bicho e àquela altura já não havia dúvida que era Ligeira que estava acuando.

A princípio pensei na promessa que fiz a meu pai, depois fiquei com pena de Ligeira, que continuava latindo, afinal não estava tão longe assim e eu conhecia bem aquele lado da serra.

Aquilo com certeza era um tamanduá ou um tatu-bola e não era eu quem ia deixar fugir aquela oportunidade de ter aquele molho para tapear o angu no dia seguinte. Seria até traição à Ligeira, que tinha trabalhado tanto naquela noite.

Aticei o fogo para melhorar a claridade, escovei o ouvido da espingarda de cano de guarda-chuva, substituí a banda de espoleta de papel por uma inteira e rumei para onde Ligeira estava latindo. Depois de muito andar, notei que Ligeira não estava tão perto como pareceu no começo; mesmo assim continuei andando. O latido ia ficando cada vez mais próximo.

De repente, ao contornar um pé de quixabeira, tomei um susto enorme, quase tropeçando na cadela, que olhava como que hipnotizada para a copa do pé de cumaru do qual ela e eu estávamos debaixo. Se não corri foi porque as pernas me faltaram, pois aquela cauda ali balançando não era de outro bicho senão de uma onça- pintada. Passado o primeiro momento, comecei a pensar: e se eu matasse aquela bicha?...

Certo que iria ficar famoso como o seu Bojegas, o matador de onças da Serra das Barracas. O couro seria vendido em Santa Cruz e eu iria ficar muito orgulhoso quando meu pai apontasse para mim e dissesse que eu a tinha matado! A esta altura já havia me escondido por trás de uma das galhas do cumaru, de cuja posição eu via o sovaco da bicha completamente desocupado.

Certa vez eu tinha ouvido falar que não sei quem havia matado uma onça com uma espingarda daquelas e que para tanto botara a vareta da espingarda dentro do cano com o sacatrapos virado para cima, e a mim não custaria fazer o mesmo, foi o que pensei. Ligeira continuou na sua azáfama, a bicha parece que não ligava para a cadela nem pra mim. Escorei a espingarda no galho da imburana de cheiro e cochilei a mira, respirei fundo e puxei no gatilho.

Cheguei a tomar um susto, pois não saía nada, nem poderia sair, pois eu tinha esquecido de armar o martelete, espécie de cano próprio de espingardas de espoleta de papel.

Rápido corrigi aquela falha e fiz nova pontaria quando me considerei possuidor do sovaco da bicha. Apertei o gatilho, saiu o estampido e não esperei pelo resto. Larguei a espingarda e saí em desabalada carreira e, se não corri mais, foi porque fiquei enganchado nos ramos de quixabeira. Só aí é que notei que não tinha corrido sozinho, pois Ligeira estava aos meus pés.

No curto período de silêncio que se sucedeu, ouvi um barulho como de galinhas ciscando em folhas secas. Em ponta de pés fui me aproximando do pé de cumaru e vi com satisfação que o barulho de galinha ciscando era o estrebuchado da bicha sobre as folhas secas da imburana de cheiro; a vareta da espingarda tinha traspassado a bicha de um lado a outro e a cada esforço uma seringada de sangue escapava pelo pé da vareta, tendo me atingido, fazendo-me sentir uma sensação gostosa com aquele banho de sangue quente. Depois o estrebuchado foi diminuindo até ficar reduzido a um simples bater de cauda, para logo parar definitivamente.

Meu orgulho naquele momento era indescritível, apesar do mau cheiro do bicho. Sim, era um macho, não vacilei e com um pouco de sacrifício, coloquei-o no cangote e tomei o rumo da caieira. Embora carregado, gastei

menos tempo do que na vinda, acho que levado pela necessidade que eu tinha sentido de exibir o meu troféu o mais depressa possível.

Na caieira só dei uma olhada rápida e ao constatar que tudo ia bem, logo comecei o caminho de casa, aonde cheguei com os primeiros raios da alvorada.

Larguei minha carga no terreiro e fui acordar o valho aos gritos: “Pai, vem ver a onça que eu matei! Vai pai, acorda! Vem ver a onça que eu matei.” O velho levantou-se meio atordado e antes mesmo que ele enfiasse as calças, eu o puxei ainda em cueções para o meio do terreiro. Ligeira estava lá vigiando o bicho, tão orgulhosa quanto eu. O velho olhou, esfregou os olhos, olhou novamente e comentou:

– É meu filho, isto não é uma onça não, mas é um bruto cachaco de maracajá-açu.

O comentário do velho me deu uma raiva tremenda, que se transformou em tristeza logo depois e eu senti uma enorme vontade de chorar, o que não fiz porque meu pai, ao notar meu abatimento, completou: “É, mas foi um deste que matou um tirador de caroá, e se você tivesse errado o tiro ele certamente teria matado você também.” O segundo comentário do velho restituiu um pouco o meu orgulho. Ligeira, que mantinha o seu orgulho intacto, se meteu a rosnar quando meu pai foi examinar o bicho; ganhou um pontapé e veio com o rabo entre as pernas chorar suas lamúrias em meus pés.

E este foi o fim humilhante de um menino que se pretendia caçador de onças e de uma cadela chamada LIGEIRA.

## MESTRE DA BARCA<sup>193</sup>

Rubens Colaço

Ao apagar das luzes da década de vinte deste século, chamado das Luzes, elas começaram a modificar o panorama da cidade, que por sua vez já andava cheia de fricotes com o nome novo que havia recebido de seus filhos mais ilustrados.

Embora o nome não fosse tão novo assim, as camadas incultas da população a ele resistiam, uns por tradicionalismo, outros por hábito linguístico, e este tipo que autocognominou-se “Mestre da Barca”, este sim, resistia por pura pirraça e, quando alguém o observava, ele respondia:

– Comigo não adianta não, meu avô chamava Massaió, meu pai também, eu chamo Massaió, e quando Mestre da Barca diz, tá dito.

Ninguém jamais soube explicar o porquê da insistência dele com aquele nome; não era barqueiro e sim chofer profissional, mas a verdade é que ninguém o conhecia por outro. Por falar em luzes, na modificação para melhor, em consequência surgiram também os primeiros automóveis equipados com faróis elétricos em substituição aos românticos e deficientes faróis a carbureto (Emerentino ou Biu Poeira que o digam).

Foi por esta época que o Mestre da Barca surpreendeu seus colegas rodando em Maceió, rua acima rua abaixo, com um caminhão de rodas duplas na traseira, faróis elétricos, corujas sobre os para-lamas e outras bossas. A turma toda queria saber a história do carrão, ao que Mestre da Barca não se fazia de rogado e ia esmiuçando: – Bom, gente, isso aí é um federá pra pouca tonelada, foi comprado pelo *Seu* João Camelo a *Seu* Cutrim Monte; só quem pode mexê nele é seu João Dezenove Dedos, e quem manobra é o Mestre da Barca.

Os dias se passaram e de repente chega o federal com uma carga acima do gigante, dois ajudantes em cima da carga e o Mestre da Barca se despedindo dos amigos e comunicando que iria levar aquela carga a Penedo.

Fazer tal trajeto naquela época era aventura igual a que alguém hoje se propusesse a fazer de Porto Velho a Bagé no mesmo veículo e com a mesma carga, tanto assim que ficou estipulado entre *Seu* João Camelo e Mestre da Barca que este passaria um telegrama de cada cidade por onde passasse, e lá se foi Mestre da Barca no seu federal. Três dias depois *Seu* Camelo recebeu um

---

<sup>193</sup> **Mestre da Barca** foi publicado na *Coletânea Caeté do Conto Alagoano*, Edicult, em 1998.

telegrama, originário de São Miguel dos Campos, vazado nos seguintes termos:

“*Seu Camelo, federá fedeu  
tupete “U” subida  
Sumaúma ladera Varrela segue  
viagem Mestre  
Da Barca manobra”*.

Dois dias depois, *Seu João Camelo* recebe outro telegrama, também transmitido de São Miguel dos Campos, assim redigido:

“*Seu Camelo, federá fedeu-se pra frente rá pra  
Trás rá ajudantes comendo farinha seca com  
Pimenta Mestre da Barca manobrando sempre”*

*Seu João Camelo* nada tinha entendido do primeiro telegrama, ficou mais embaraçado ainda com o segundo. Por fim deduziu que aquilo fosse linguagem de motorista e só quem convivesse com eles poderia interpretá-los. Daí começaram as andanças de *Seu Camelo* com seus telegramas. O primeiro a ser ouvido foi o Cavalcante Moura. Depois Oscar Andrade e Júlio Galego, que começavam a circular pelas praças de automóveis, até que alguém sugeriu que fosse ouvido o João Dezenove. E lá se foi João Camelo, desta feita já com um bom número de acompanhantes, todos sedentos para conhecer a interpretação dos telegramas.

Para felicidade de *Seu Camelo*, Dezenove estava em uma tarde inspirada; leu os telegramas e comentou: “Bem, se o carro fedeu três vezes e depois se fedeu, foi porque fedeu e quebrou-se, e o Mestre da Barca quis economizar dinheiro com o telegrama, explicando tudo com uma só palavra. Como todas as fedidas ocorreram em ladeiras agudas, eu estou sentindo fedor de disco de embreagem queimando e vou mandar o mecânico socorrê-lo.”

Houve até aplausos, tão clara foi a tradução do mestre João Dezenove, e tão correta que uma semana depois o federal voltava a desfilar em Maceió já tendo entregado a sua carga em Penedo.

O que ficou proibido foi que alguém pronunciasse a palavra “RA” estando por perto o Mestre da Barca, e quando alguns incautos o faziam eram sempre a dois.

Um de lá gritava, pra frente rá, o de cá respondia, pra trás rá... e bastava; sebo nas canelas daquele que não quisesse tomar uma bala da sua currupaché

380, que não saía da sua cintura. Mesmo assim, por quinze minutos, aquele local tomava-se infrequentável para mulheres, crianças e sacerdotes.

## COMENTÁRIO<sup>194</sup>

Para ser franco, tenho um certo constrangimento ao dar por escrito esta minha opinião sobre o trabalho literário do cidadão José Henrique da Silva. Constrangimento próprio de quem lavra em seara alheia. A minha pouca afinidade com as letras não me permite um aprofundamento maior na qualidade literária do livro de Henrique, e até acho, nem mesmo ele se preocupou com isso.

Se Henrique tivesse enveredado no campo da ficção policial, eu o aconselharia a não enveredar em tal profissão. Desgraçadamente não é ficção, repito, desgraçadamente trata-se de um dossiê libelo, escrito com muito sangue e muitas lágrimas de muitas famílias, inclusive a do próprio formulador do dossiê.

É deveras constrangedor quando, já no entardecer do século vinte, uma nação que se pretende civilizada tenha de conviver com asquerosidades desta natureza, especialmente quando tal estado de coisas é criado e cultivado por um homem altamente qualificado e egresso da alta oficialidade do Exército, último bastão da dignidade nacional e da segurança de seus cidadãos.

O livro de Henrique, escrito ao calor das fortes emoções que justificadamente o têm envolvido nos últimos tempos, não lhe permitiu uma visão mais ampla da causa maior que proporcionou o clima que deu origem e desenvolvimento a semelhantes aberrações. E aqui peço permissão a Henrique e a quantos vão ler este livro para emitir minha opinião sobre as causas que trouxeram como efeito os acontecimentos escabrosos citados neste volume.

Seria inverossímil a mais modesta inteligência humana admitir que uma ratazana viesse a parir um gato, como inverossímil seria esperar comportamento legítimo de um governo ilegítimo. Consequentemente, os Armandos Falcões dão crias, ou parem os Erasmos Dias e Amarais da vida. Estes, por sua vez, se reproduzem parindo Fleurys e Ernestos desta vida, e em escala decrescente vão se reproduzindo em monstros de menor envergadura, mas não menos prejudiciais à dignidade humana.

Não poderia aqui deixar de reconhecer a sensibilidade de Henrique, quando lá pela metade do seu livro separa o joio do trigo, reconhecendo que a enorme maioria da família Calheiros é composta de homens dinâmicos e pacatos que nunca concordaram com o procedimento atrabiliário destas pessoas que desgraçadamente se envolveram em tão terríveis acontecimentos.

---

<sup>194</sup> Este texto foi publicado como um Comentário, no livro *Por Amor ao Nosso Pai*, de José Henrique da Silva, cabo Henrique, como ficou conhecido em Alagoas.

E aqui faço um chamamento a todas as pessoas desta vida, sejam Calheiros ou Henriques: lutemos contra o mal maior, que é o arbítrio e a posse indevida do poder. Lutemos para que todo poder emane do povo e em seu nome seja exercido.

O livro de Henrique merece ser lido. Todos sairão ganhando, apesar do impacto emocional que irá causar em cada um.

Maceió, 28 de setembro de 1981

Rubens Colaço Rodrigues



## A MORTE DO VULCÃO

Luiz Nogueira<sup>195</sup>

– Colaço morreu!...

Ouvi, perplexo, da voz de Rubem Jambo. Quase não respondi. Depois lhe afirmei:

– Estarei no cemitério!

Desliguei o telefone. Colaço me parecia uma coisa eterna. Não aquele homúnculo por vezes desajeitado. Mas o vigor que havia na força do seu olhar, e a fé em suas convicções. E pensei:

– Tolice. Foi só a casca...

Colaço foi um animal pré-histórico. E será pós-histórico. Pertence à raça dos sonhadores. Dos utopistas, estranha raça que jamais se extinguirá. Que resiste aos dilúvios.

Podia até ser ingênuo. Mas era indomável. Jamais seria o rei dos Liliputianos: aquele que usava um par de sapatos, um com o salto alto e o outro com o salto baixo, para agradar aos dois partidos políticos do seu Reino, o do "salto alto" e o do "salto baixo". Colaço podia dar uma "mancada", mas não mancava como o rei dos Liliputianos. Tinha, era verdade, um andar feio e desengonçado. Mas erecto, sem oscilações.

Colaço morreu como um vulcão. As suas larvas ficarão sobre a terra, quentes como ele era, indiferentemente à frieza dos insensatos e dos tempos futuros. E talvez se cumpra o poema de Cecília Meireles, "Motivo da Rosa", que nos diz: "Eu deixo aroma até nos meus espinhos, e ao longe o vento vai falando em mim". Não que Colaço possa ser imaginado tal uma rosa. Que absurdo! Isso nunca! Mas, quem sabe, uma "flor de cactus", bissexta, selvagem, de difícil desabrochar e rodeada de espinhos? Espinhos que machucavam, porque predestinados a ferir o conformismo. Espinhos predestinados a criar sonhos e horizontes que muitos não conseguiam ver. Espinhos visionários. Espinhos que continuarão falando por ele ao longo dos tempos, enquanto o vulcão em repouso ressoará, em seu interior, cantigas de menino travesso e de homem precocemente envelhecido, sazonado nas lutas sociais.

---

<sup>195</sup> **Luiz Nogueira Barros** [1935], médico, escritor e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGA e da Academia Alagoana de Letras. A pedido do autor, autorizou a publicação deste artigo, que já foi publicado no jornal *Diário*, em 19 de outubro de 1991, e no livro *Do Sertão ao Litoral*, editado pela Fundação Casa do Penedo.

Venceu-se o dia. A tarde. Uma tarde habitual de transeuntes silenciosos, carros alucinados e um velho sol deitando no horizonte. Veio à noite. E Colaço não chegava. O que chegou a provocar de um amigo:

– Ele chega já, sozinho, afobado como era!

Depois, o mal iluminado cemitério recebia Colaço. Não os restos mortais geradores de piedades e lágrimas incontornáveis. Mas o Colaço irrequieto, capaz de despertar discursos de inflamada oratória. Um Colaço capaz de ser "inventariado" e transformado em patrimônio político – privilégio somente reservado aos notáveis.

Pequeno e quase esquálido, Colaço seria figura impúblicável, afotogênica. Mas isso se a História fosse escrita apenas pelos gigantes físicos. E ele não fosse um universo de sonhos indomáveis que transcendiam à sua condição física.

## O ENTERRO DO COLAÇO

Carlito Lima<sup>196</sup>

No final dos anos 70 dei uma entrevista nos jornais de enorme repercussão em todo o Brasil. Até nos *States*. Desabafei que estava na hora de os militares voltarem para os quartéis, que a Revolução de 64 já havia terminado e o Brasil precisava voltar à normalidade democrática, com anistia geral e irrestrita.

Por conta disso, e por eu ser capitão do Exército, reformado, naquela época, foi nitroglicerina pura. A imprensa brasileira telefonou-me de todos os lugares. Todos queriam entrevistas. Foram meus 15 minutos de fama.

Tive apoio de muitos políticos que militavam na esquerda, entre eles Nilson Miranda, Eduardo Bomfim, Cleto Falcão, Geraldo Majella Marques, Teotônio Vilela. Fui convidado a entrar no MDB para ser candidato a vereador. Nilson levou-me a uma reunião das esquerdas na casa de Rubens Colaço. Havia em torno de 30 militantes. Nunca me senti tão vexado. Fui recebido com um gelo glacial. Poucos falaram comigo, senti-me hostilizado por aquele mutismo. Pensavam que eu estava me infiltrando nas hostes comunistas, que eu era o novo Cabo Anselmo.

Ao sair da casa do Colaço, me prometi nunca mais comparecer a esse tipo de reunião. Desisti de entrar no partido e da candidatura. Maceió perdeu um valoroso vereador, mas ganhei um amigo, o dono da casa.

Colaço percebeu meu constrangimento e me apresentava aos outros como o Capitão corajoso, lembrando que Luís Carlos Prestes e Lamarca eram capitães do Exército. Mesmo com essa exagerada comparação, o mal-estar foi enorme. Comecei a enxergar as esquerdas com outros olhos.

Pensava encontrar mais generosidade e desprendimento entre os comunistas, os socialistas. Uma figura bastante conhecida participava daquela reunião, mal falou comigo. Hoje é um grande empresário, está rico, e não quer ouvir falar de esquerda ou socialismo.

Dias depois chega a Maceió Paulo Cavalcante, deputado pernambucano, ex-preso político no quartel onde eu servia como tenente, a 2ª Companhia de Guardas no Recife.

O pessoal do PCBão recepcionou Paulo. Ele pediu aos companheiros de partido para ter algum contato com seu ex-carcereiro, o tenente Lima. Rubens Colaço logo me telefonou. Passamos um fim de semana mostrando as belezas de Maceió a Paulo, junto com Geraldo de Majella e Alberto Jambo.

---

<sup>196</sup> **Carlito Lima**[1940] capitão do Exército, na reserva, engenheiro civil, escritor e membro da Academia Alagoana de Letras, era amigo de Rubens Colaço e gentilmente autorizou que publicássemos no presente livro este artigo.

Assim consolidei minha amizade com Colaço. Nos bares da cidade encontrava-me com o velho guerreiro; sempre um bom papo e excelente copo. Certa vez um lavador de carro encontrou no meu carro uma dentadura; como eu tinha farreado com Rubens no dia anterior, fui até sua casa. Encontrei-o banguela. Vibrou quando avistou sua amada dentadura. Voltou a ter aquele sorriso maroto.

Colaço morreu, houve uma comoção entre os moradores de Jaraguá, do Poço, Ponta da Terra e adjacências. Os estivadores do cais do porto pararam de trabalhar para homenagear o grande líder. Os pobres, os descamisados, os sem-culote, sem-teto, perdiam seu pai, seu irmão, seu farol, seu guru.

O enterro saiu de sua casa repleta de estivadores, catraieiros, gente do povo que chorava a morte de um homem que viveu dedicado às causas populares. Em pouco tempo a cachaça e a cerveja rolavam. O choro e a emoção aumentavam com a branquinha. Intelectuais, políticos, desocupados, até um padre, uma cafetina e duas prostitutas se apinhavam na casa. Seus amigos de copo e de luta prestavam a última e dolorosa homenagem.

Passava da hora de sair o enterro. Ninguém disposto a fechar o caixão. Até que Seu Gilberto (pai de Edberto Ticianelli) advertiu que era o momento; a família acatou.

Ao segurar na tampa do caixão, um dos chorosos amigos, cheio de cachaça na cabeça, pediu para adiar o enterro, queria ficar mais um pouco com Colaço.

Formou-se uma calorosa discussão. Fizeram uma reunião na sala ao lado. Depois de muito discutir, Seu Gilberto, irritado com os companheiros bêbados e insistentes, saiu da sala e desabafou num rompante:

– Tudo bem, façam o que quiserem. Peguem o defunto com caixão e tudo e enfiem no cu.

Deu-se um mal-estar. A família do morto resolveu levá-lo naquela hora. Tamparam o caixão, foram em direção ao cemitério de Jaraguá. O féretro seguiu a pé; alguém orientava o percurso.

Ao chegar a certa esquina, mandaram entrar à direita. Nesse momento, um fiel amigo, cheio da cachaça, gritou:

– Parem o enterro! O companheiro Rubens nunca entrou à direita quando vivo, sempre foi coerente com seus princípios e não será agora, depois de morto, que ele irá entrar à direita. Rubens Colaço só entra à esquerda!!!

Nessa altura os acompanhantes, alguns com a branquinha na mão, começaram a aplaudir. Os companheiros inflamados gritavam: **“Muito bem! Viva Rubens Colaço! Ninguém entra à direita!”**

Não houve jeito ou argumento. Fizeram um enorme e complicado itinerário, dando arroteios pelos quarteirões do bairro.

Assim, com a ajuda dos companheiros, o grande Colaço continuou coerente mesmo dentro de um caixão, entrando de esquina em esquina, sempre às esquerdas. Chegou finalmente à sua última morada, o cemitério de Jaraguá.

Hoje deve estar sentado à esquerda de Deus pai todo-poderoso.